



# GOVERNO DO ESTADO DE SANTA CATARINA

**Contratante: SECRETARIA DE ESTADO DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO SUSTENTÁVEL**  
**Supervisão: SECRETARIA DE ESTADO DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO SUSTENTÁVEL**

## PLANO MUNICIPAL DE SANEAMENTO BÁSICO



### RIO DOS CEDROS

#### VOLUME III

**Diagnóstico da situação do saneamento e de seus impactos nas condições de vida da população**

Consórcio:



**DEZEMBRO  
2011**

**REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL**  
**GOVERNO DO ESTADO DE SANTA CATARINA**

**SECRETARIA DE ESTADO DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO  
SUSTENTÁVEL**

Elaboração dos Planos Municipais de Saneamento Básico – Edital  
0012/2009

**Plano Municipal de Saneamento Básico de Rio dos  
Cedros**

**VOLUME III**

**Diagnóstico da situação do saneamento e de seus  
impactos nas condições de vida da população**

**Dezembro de 2011**

**GOVERNO DO ESTADO DE SANTA CATARINA**

**João Raimundo Colombo**

Governador

**SECRETARIA DE ESTADO DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO  
SUSTENTÁVEL**

**Paulo Roberto Barreto Bornhausen**

Secretário de Estado

**DIRETORIA DE SANEAMENTO E MEIO AMBIENTE - DSMA**

**Luiz Antônio Garcia Corrêa**

Diretor

**COORDENAÇÃO DE PROJETOS ESPECIAIS**

**Daniel Casarin Ribeiro**

Coordenador de Projetos Especiais

**GERÊNCIA DE DRENAGEM URBANA, ÁGUA E ESGOTO – GEDRA**

**Thays Saretta Sulzbach**

Gerente de Drenagem Urbana, Água e Esgoto

**COMISSÃO TÉCNICA DE ANÁLISE E ACOMPANHAMENTO DO  
PROJETO**

Bruno Henrique Beilfuss - Eng.º Florestal

Catiusia Gabriel – Bióloga

Cláudio Caneschi - Eng.º Civil

Cleiton Prestes Guedes – Eng.º Civil

Daniel Casarin Ribeiro - Eng.º Agrônomo

Eduardo Sartori Scangarelli – Geólogo

Frederico Gross - Eng.º Ambiental

Livia Ceretta – Geógrafa

Lúcia Andrea de Oliveira Lobato – Eng.ª Agrônoma

Maureen Albina Gonçalves – Pedagoga

Milton Aurelio Uba de Andrade Junior. – Eng.º Ambiental

Robson Ávila Wolff - Eng.º Sanitarista

Solano Andreis - Eng.º Agrônomo

Stevens Spagnollo – Eng.º Sanitarista e Ambiental

Thays Saretta Sulzbach – Bióloga

Victor Speck – Eng.º Ambiental



## **EQUIPE TÉCNICA E DE APOIO DA CONSULTORA**

### **EQUIPE GERENCIAL DO CONSÓRCIO**

Paulo José Aragão - Diretor Presidente

Adriano Augusto Ribeiro – Diretor de Meio Ambiente

Tamara Teixeira Aragão - Coordenador Administrativo

### **EQUIPE PRINCIPAL**

Paulo José Aragão - Eng<sup>o</sup>. Sanitarista e Ambiental

Bertoldo Silva Costa - Eng<sup>a</sup>. Sanitarista e Ambiental

Adriano Augusto Ribeiro - Eng<sup>o</sup>. Sanitarista e Ambiental

Flavia Andréia da Silva Cabral - Eng<sup>a</sup>. Sanitarista e Ambiental

Euclides Ademir Spíndola - Eng<sup>o</sup>. Sanitarista e Ambiental

Maurício Sens - Eng<sup>o</sup>. Sanitarista e Ambiental

Guilherme Garbeloto Bis - Eng<sup>o</sup>. Sanitarista e Ambiental

Rafael Meira Salvador - Eng<sup>o</sup>. Sanitarista e Ambiental

Pablo Rodrigues Cunha - Eng<sup>o</sup>. Sanitarista e Ambiental

Juliano Roberto Cunha - Eng<sup>o</sup>. Sanitarista e Ambiental

Luiz Gonzaga Lamego Neto - Eng<sup>o</sup>. Sanitarista e Ambiental

Carlos Senger Junior - Eng<sup>o</sup>. Sanitarista

Max Demonti - Eng<sup>o</sup>. Civil

Bogodar Szpak - Eng<sup>o</sup>. Civil

Pedro Sirzanink - Eng<sup>o</sup>. Civil

Valmir Antunes da Silva - Eng°. Civil

Andre Labanowski - Eng°. Civil

Fábio Luiz Vicieli - Eng°. Civil

Nicolau Leopoldo Obladen - Eng° Civil e Sanitarista

Mário F.F. Meyer - Eng°. Civil e Sanitarista

Everton Vieira - Geógrafo

Joyce Fogaça Aguiar - Advogada

Soledad Urrutia de Sousa - Jornalista/Assist. Comunicação

### **EQUIPE DE APOIO TÉCNICO E ADMINISTRATIVO**

Claudia O. Martins Batista Gomes - Eng<sup>a</sup>. Sanitarista e Ambiental

Clarissa Soares Cunha - Eng<sup>a</sup>. Sanitarista e Ambiental

Thiago Gallina Delatorre - Eng° Sanitarista e Ambiental

Sérgio Mosele Bertaso - Eng° Sanitarista e Ambiental

Daniel Meira Salvador - Eng° Civil

Pedro Paulo Raupp - Eng° Civil

Guilherme Raupp - Eng° Civil

Júlio Cesar Palma - Eng° Civil

Lidiane Freire de Sá - Eng<sup>a</sup>. Sanitarista

Diego Araújo - Técnico em Saneamento.

José Olímpio Muricy - Eng° Mecânico

Gustavo Costa - Advogado

Gabriela Vieira - Acad. de Engenharia Sanitária e Ambiental

Fábio Zavala Pauletto - Acad. de Engenharia Sanitária e Ambiental

Moreno Barros Arruda - Acad. de Engenharia Sanitária e Ambiental

Lucas Broilo - Acad. de Engenharia Ambiental



---

**Luiz Gonzaga Lamego Neto**

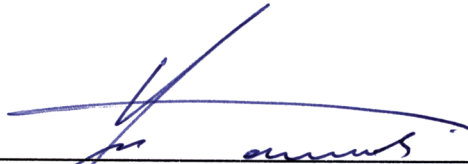
Engenheiro Especialista em Serviços de Limpeza Urbana e Manejo de  
Resíduos Sólidos



---

**André Labanowski**

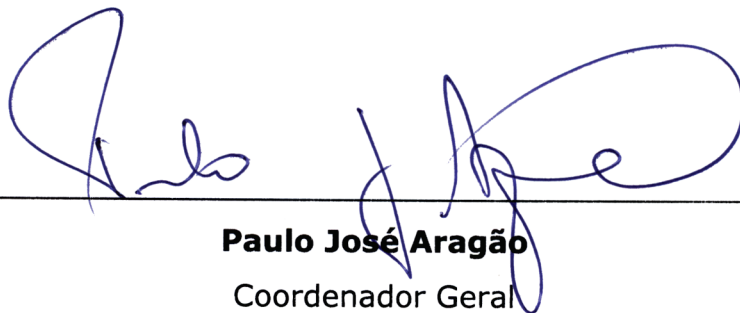
Engenheiro Especialista em Drenagem Pluvial



---

**Max Demonti**

Coordenador de Equipe Especialista em Abastecimento de Água e  
Esgotamento Sanitário



---

**Paulo José Aragão**

Coordenador Geral

## SUMÁRIO

<b>1.</b>	<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>18</b>
<b>2.</b>	<b>PRINCÍPIOS E CONSIDERAÇÕES GERAIS .....</b>	<b>20</b>
<b>3.</b>	<b>GLOSSÁRIO .....</b>	<b>21</b>
<b>4.</b>	<b>DIAGNÓSTICO SÓCIO-ECONÔMICO E AMBIENTAL .....</b>	<b>29</b>
<b>4.1.</b>	<b>DADOS GERAIS DO MUNICÍPIO .....</b>	<b>29</b>
<b>4.2.</b>	<b>DECRETO DE CRIAÇÃO DO MUNICÍPIO .....</b>	<b>30</b>
<b>4.3.</b>	<b>OCUPAÇÃO E FORMAÇÃO HISTÓRICA .....</b>	<b>30</b>
<b>4.4.</b>	<b>FORMAÇÃO ADMINISTRATIVA .....</b>	<b>31</b>
<b>4.5.</b>	<b>DEMOGRAFIA.....</b>	<b>32</b>
4.5.1.	Evolução da População Rural, Urbana e Total .....	32
4.5.2.	Taxas de Crescimento Populacional.....	32
4.5.3.	Ocupação Urbana e Densidade Demográfica .....	33
<b>4.6.</b>	<b>ATIVIDADE PRODUTIVA.....</b>	<b>33</b>
4.6.1.	Agricultura .....	33
4.6.2.	Pecuária .....	34
4.6.3.	Silvicultura .....	35
4.6.4.	Indústria, Comércio e Serviços .....	35
<b>4.7.</b>	<b>INFRAESTRUTURA .....</b>	<b>36</b>
4.7.1.	Energia .....	36
4.7.2.	Transportes .....	37
4.7.3.	Comunicação .....	38
4.7.4.	Saúde.....	39
4.7.4.1.	<i>Unidades de Saúde.....</i>	<i>39</i>
4.7.4.2.	<i>Mortalidade Infantil.....</i>	<i>40</i>
4.7.4.3.	<i>Esperança de Vida ao Nascer .....</i>	<i>41</i>
4.7.4.4.	<i>Causas de Morbidade .....</i>	<i>41</i>
4.7.5.	Educação .....	43
4.7.5.1.	<i>Unidades Educacionais.....</i>	<i>43</i>
4.7.5.2.	<i>Analfabetismo .....</i>	<i>44</i>
4.7.5.3.	<i>Evasão Escolar .....</i>	<i>44</i>
4.7.5.4.	<i>Índice de Desenvolvimento Escolar .....</i>	<i>45</i>
4.7.5.5.	<i>Programas de Educação Ambiental.....</i>	<i>46</i>

4.7.6.	Saneamento.....	47
4.7.6.1.	<i>Abastecimento de Água</i> .....	47
4.7.6.2.	<i>Esgotamento Sanitário</i> .....	47
4.7.6.3.	<i>Destinação dos Resíduos Sólidos</i> .....	47
4.7.6.4.	<i>Drenagem e Manejo de Águas Pluviais</i> .....	47
<b>4.8.</b>	<b>LEVANTAMENTO DA LEGISLAÇÃO E ANÁLISE DOS INSTRUMENTOS LEGAIS DE SANEAMENTO AMBIENTAL.....</b>	<b>48</b>
4.8.1.	Legislação no Âmbito Federal.....	48
4.8.2.	Legislação no Âmbito Estadual.....	50
4.8.3.	Legislação no Âmbito Municipal.....	55
4.8.4.	Instrumentos Legais de Saneamento Básico.....	56
<b>4.9.</b>	<b>DIAGNÓSTICO DA DINÂMICA SOCIAL DO MUNICÍPIO.....</b>	<b>57</b>
4.9.1.	Identificação de Atores Sociais Atuantes no Município: Grupos Sociais e Econômicos Organizados.....	58
4.9.1.1.	<i>Sindicatos</i> .....	59
4.9.1.2.	<i>Cooperativas</i> .....	59
4.9.2.	Caracterização das Instituições relacionadas com o Gerenciamento de Recursos Hídricos.....	59
4.9.2.1.	<i>Instituições de âmbito municipal e intermunicipal</i> .....	59
4.9.2.2.	<i>Instituições de Âmbito Estadual</i> .....	61
4.9.2.3.	<i>Instituições de Âmbito Federal</i> .....	68
4.9.2.4.	<i>Comitê de Gerenciamento da Bacia Hidrográfica do Rio Itajaí</i> .....	71
4.9.3.	Identificação dos Usuários de Água.....	72
4.9.4.	Identificação dos Atores Sociais com Atuação no Saneamento.....	73
<b>4.10.</b>	<b>ESTRUTURA INSTITUCIONAL E LEGAL.....</b>	<b>74</b>
4.10.1.	Quadro Institucional, Organizacional e de Gestão.....	75
<b>4.11.</b>	<b>CARACTERIZAÇÃO AMBIENTAL.....</b>	<b>76</b>
4.11.1.	Clima.....	76
4.11.2.	Geologia e Pedologia.....	76
4.11.3.	Geomorfologia e Relevo.....	77
4.11.4.	Hidrografia.....	77
4.11.5.	Vegetação.....	77
4.11.6.	Unidades de Conservação.....	78
<b>5.</b>	<b>DIAGNÓSTICO DOS SERVIÇOS DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA.....</b>	<b>79</b>
<b>5.1.</b>	<b>ANÁLISE CRÍTICA DO PLANO DIRETOR DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA DO MUNICÍPIO.....</b>	<b>79</b>

<b>5.2.</b>	<b>DESCRIÇÃO DO SISTEMA DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA DO MUNICÍPIO</b>	<b>79</b>
5.2.1.	Considerações Iniciais	79
5.2.2.	Sistema Rio dos Cedros	79
5.2.2.1.	<i>Manancial Utilizado</i>	79
5.2.2.2.	<i>Captação</i>	81
5.2.2.3.	<i>Adução de Água Bruta</i>	83
5.2.2.4.	<i>Estação de Tratamento de Água (ETA)</i>	83
5.2.2.5.	<i>Reservação</i>	85
5.2.2.6.	<i>Adução e Recalque de Água Tratada</i>	86
5.2.2.7.	<i>Freqüência e Tipos de Análises de Água</i>	86
5.2.2.8.	<i>Rede de Distribuição</i>	88
5.2.3.	Sistema Alto Rio dos Cedros	88
5.2.3.1.	<i>Manancial Utilizado</i>	88
5.2.3.2.	<i>Captação</i>	88
5.2.3.3.	<i>Recalque de Água Bruta</i>	89
5.2.3.4.	<i>Estação de Tratamento de Água (ETA)</i>	89
5.2.3.5.	<i>Reservação</i>	90
5.2.3.6.	<i>Freqüência e Tipos de Análises de Água</i>	90
5.2.3.7.	<i>Rede de Distribuição</i>	92
<b>5.3.</b>	<b>AVALIAÇÃO DA SITUAÇÃO ATUAL DO SISTEMA DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA DO MUNICÍPIO</b>	<b>92</b>
<b>5.4.</b>	<b>AVALIAÇÃO DOS CONSUMOS POR SETORES: HUMANO, ANIMAL, INDUSTRIAL, TURISMO E IRRIGAÇÃO</b>	<b>93</b>
5.4.1.	Captação Superficial	93
5.4.2.	Captação Subterrânea	94
<b>5.5.</b>	<b>BALANÇO CONSUMOS VERSUS DEMANDAS DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA PELO MUNICÍPIO</b>	<b>95</b>
<b>5.6.</b>	<b>ANÁLISE CRÍTICA DA SITUAÇÃO ATUAL DOS SERVIÇOS DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA</b>	<b>96</b>
<b>5.7.</b>	<b>LEVANTAMENTO DOS CASOS DE DOENÇAS RELACIONADAS COM A ÁGUA OCORRIDOS NO MUNICÍPIO</b>	<b>97</b>
<b>5.8.</b>	<b>LEVANTAMENTO DO POTENCIAL DE FONTES HÍDRICAS (SUPERFICIAIS E SUBTERRÂNEAS) PARA ABASTECIMENTO DE ÁGUA</b>	<b>98</b>
<b>5.9.</b>	<b>CARACTERIZAÇÃO E DIAGNÓSTICO DO PRESTADOR DE SERVIÇOS</b>	<b>99</b>
5.9.1.	O Prestador de Serviços	99
5.9.2.	Tarifas Praticadas	99
5.9.3.	Ligações Prediais e Economias	100
5.9.4.	Volumes de Água Tratada	101

5.9.5.	Faturamento.....	101
5.9.6.	Perdas Físicas de Água.....	101
5.9.7.	Perdas de Faturamento.....	101
5.9.8.	Arrecadação.....	101
5.9.9.	Despesas.....	102
5.9.10.	Informações Adicionais do Prestador de Serviço.....	102
5.9.11.	Planejamento do Serviço de Água no Município.....	102
<b>5.10.</b>	<b>CARACTERIZAÇÃO DA COBERTURA DOS SERVIÇOS COM A IDENTIFICAÇÃO DAS POPULAÇÕES NÃO ATENDIDAS OU SUJEITAS A FALTA DE ÁGUA.....</b>	<b>103</b>
<b>6.</b>	<b>DIAGNÓSTICO DOS SERVIÇOS DE ESGOTAMENTO SANITÁRIO.....</b>	<b>104</b>
6.1.	ESTUDOS E PROJETOS EXISTENTES.....	105
<b>7.</b>	<b>DIAGNÓSTICO DOS SERVIÇOS DE LIMPEZA URBANA E MANEJO DE RESÍDUOS SÓLIDOS.....</b>	<b>106</b>
7.1.	AVALIAÇÃO DA QUANTIDADE E QUALIDADE DOS RESÍDUOS SÓLIDOS DO MUNICÍPIO.....	107
7.2.	DESCRIÇÃO DO ACONDICIONAMENTO, COLETA, TRANSPORTE, SERVIÇO PÚBLICO DE LIMPEZA URBANA E DISPOSIÇÃO FINAL DOS RESÍDUOS SÓLIDOS DO MUNICÍPIO.....	109
7.2.1.	Segregação.....	111
7.2.2.	Acondicionamento.....	111
7.2.3.	Coleta.....	112
7.2.3.1.	<i>Coleta Convencional dos Resíduos Sólidos Urbanos.....</i>	<i>112</i>
7.2.3.2.	<i>Coleta Seletiva de Materiais Recicláveis.....</i>	<i>113</i>
7.2.3.3.	<i>Coleta dos Resíduos de Serviços de Saúde Sépticos.....</i>	<i>113</i>
7.2.4.	Serviço Público de Limpeza Urbana.....	113
7.2.5.	Destinação Final.....	114
7.2.5.1.	<i>Resíduos Sólidos Urbanos.....</i>	<i>114</i>
7.2.5.2.	<i>Resíduos de Serviços de Saúde Sépticos.....</i>	<i>116</i>
7.2.6.	Pessoal Ocupado no Manejo de Resíduos Sólidos.....	116
7.2.7.	Cobrança pelo Serviço de Manejo de Resíduos Sólidos.....	117
<b>7.3.</b>	<b>IDENTIFICAÇÃO DE ÁREAS ALTERADAS, COM RISCO DE POLUIÇÃO E/OU CONTAMINAÇÃO POR RESÍDUOS SÓLIDOS.....</b>	<b>117</b>
<b>7.4.</b>	<b>IDENTIFICAÇÃO DE LACUNAS NO ATENDIMENTO NO SISTEMA DE MANEJO DE RESÍDUOS SÓLIDOS E LIMPEZA URBANA.....</b>	<b>118</b>
<b>7.5.</b>	<b>ANÁLISE CRÍTICA DOS SISTEMAS DE MANEJO DOS RESÍDUOS SÓLIDOS E LIMPEZA URBANA EXISTENTES.....</b>	<b>119</b>



<b>7.6.</b>	<b>IDENTIFICAÇÃO E QUALIFICAÇÃO DO LOCAL DE DESTINAÇÃO FINAL DOS RESÍDUOS SÓLIDOS DO MUNICÍPIO .....</b>	<b>121</b>
<b>7.7.</b>	<b>CARACTERIZAÇÃO DO LIXO PARA FINS DE RECICLAGEM .....</b>	<b>125</b>
<b>7.8.</b>	<b>IDENTIFICAÇÃO DA FORMA DA COLETA SELETIVA .....</b>	<b>126</b>
<b>7.9.</b>	<b>AVALIAÇÃO DA INTERAÇÃO, COMPLEMENTARIDADE OU COMPARTILHAMENTO DE CADA UM DOS SERVIÇOS COM OS SERVIÇOS DOS MUNICÍPIOS VIZINHOS .....</b>	<b>128</b>
<b>8.</b>	<b>DIAGNÓSTICO DOS SERVIÇOS DE DRENAGEM E MANEJO DE ÁGUAS PLUVIAIS .....</b>	<b>131</b>
<b>8.1.</b>	<b>ESTUDOS HIDROLÓGICOS PARA ESTIMATIVA DE CHEIAS NOS CORPOS D'ÁGUA PRINCIPAIS NO MUNICÍPIO .....</b>	<b>131</b>
8.1.1.	Estudos das Características Morfológicas da Bacia Hidrográfica e Determinação de Índices Físicos para a Bacia.....	131
8.1.2.	Elaboração de cartas temáticas de cada bacia: hidrografia, topografia, características de solos em termos de permeabilidade, uso atual das terras, índices de impermeabilização, cobertura vegetal.....	142
8.1.3.	Projeção, para vinte e cinco anos, dos coeficientes de escoamento superficial a serem adotados para simulação das cheias para o desenvolvimento urbano e regional.....	144
8.1.4.	Estudo de chuvas intensas para as bacias com a finalidade de determinar as equações de chuvas a serem adotadas nas estimativas dos hidrogramas de cheias .....	145
8.1.5.	Determinação dos Hidrogramas de Cheias para os Cursos D'Água Principais, em Seções Estratégicas, para Períodos de Retorno de 5, 10, 20, 25, 50 e 100 Anos.....	160
8.1.6.	Estimativa de enchentes para diversos períodos de retorno e das áreas afetadas pelas cheias .....	161
8.1.7.	Estimativas de Coeficientes de Escoamento Superficial que Possam Ser Adotados para Microdrenagem de Pequenas Áreas .....	161
<b>8.2.</b>	<b>DESCRIÇÃO DOS SISTEMAS DE MACRO E MICRODRENAGEM EXISTENTES NO MUNICÍPIO .....</b>	<b>162</b>
8.2.1.	Identificação das áreas problemas .....	162
8.2.1.1.	<i>Área Problema 1: Laço do Rio dos Cedros.....</i>	<i>163</i>
<b>8.3.</b>	<b>IDENTIFICAÇÃO DE ÁREAS COM RISCO DE POLUIÇÃO E/OU CONTAMINAÇÃO.....</b>	<b>167</b>
<b>8.4.</b>	<b>IDENTIFICAÇÃO DE LACUNAS NO ATENDIMENTO DO SERVIÇO DE DRENAGEM.....</b>	<b>167</b>
<b>8.5.</b>	<b>AVALIAÇÃO DOS PROCESSOS EROSIVOS E SEDIMENTOLÓGICOS E SUA INFLUÊNCIA NA DEGRADAÇÃO DAS BACIAS E OCORRÊNCIA DE CHEIAS .....</b>	<b>168</b>
<b>8.6.</b>	<b>ANÁLISE CRÍTICA DOS SISTEMAS DE MANEJO DE ÁGUAS PLUVIAIS .....</b>	<b>170</b>

8.7.	AVALIAÇÃO DA INTERAÇÃO, COMPLEMENTARIEDADE OU COMPARTILHAMENTO DE CADA UM DOS SERVIÇOS DOS MUNICÍPIOS VIZINHOS .....	171
8.8.	EVOLUÇÃO DA DENSIDADE DEMOGRÁFICA NA ÁREA URBANA .	171
8.9.	AVALIAÇÃO DE PLANOS E PROJETOS EXISTENTES OU EM EXECUÇÃO .....	173
9.	APLICAÇÃO DO MÉTODO CONDICIONANTES, DEFICIÊNCIAS E POTENCIALIDADES (CDP).....	174
9.1.	CONCEITUAÇÃO.....	174
9.2.	PLANILHA CDP .....	175
9.3.	REPRESENTAÇÃO TEMÁTICA.....	175
10.	INDICADORES DE SANEAMENTO BÁSICO .....	176
11.	CONCLUSÃO .....	179
12.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	180
13.	ANEXOS .....	188

## ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1– População urbana, rural e total.....	32
Quadro 2- Taxa geométrica de crescimento anual da população urbana, rural e total	33
Quadro 3 - Taxa de urbanização e densidade demográfica.....	33
Quadro 4 – Quantidade produzida, área plantada e rendimento dos produtos agrícolas da lavoura temporária.....	34
Quadro 5 – Quantidade produzida, área plantada e rendimento dos produtos agrícolas da lavoura permanente.....	34
Quadro 6 - Efetivo dos rebanhos, em cabeças .....	35
Quadro 7 - Quantidade produzida na silvicultura, por tipo de produto .....	35
Quadro 8 - Número de unidades locais e número de pessoas ocupadas segundo a seção de atividades .....	36
Quadro 9 - Número de consumidores e consumo (Kw) de energia elétrica em Rio dos Cedros .....	37
Quadro 10 – Frota de veículos por tipo .....	38
Quadro 11 - Estabelecimentos de saúde cadastrados do Município de Rio dos Cedros .....	39
Quadro 12 - Número de hospitais e leitos hospitalares SUS no Município de Rio dos Cedros .....	40
Quadro 13 - Esperança de vida ao nascer no Município de Rio dos Cedros.....	41
Quadro 14 – Distribuição percentual de internações por grupo de causas e faixa etária – (por locais de residência) – 2005.....	42
Quadro 15 – Número de escolas, matrículas e docentes no município de acordo com o nível de ensino e a unidade educacional.....	43
Quadro 16 – Taxa de analfabetismo por faixa etária.....	44
Quadro 17 – Taxa de freqüência à escola por faixa etária.....	45
Quadro 18 – IDEB observado no ano de 2007.....	46
Quadro 19 – Associação de Municípios atuante .....	60
Quadro 20 – Abrangência da CASAN no município.....	66
Quadro 21 – Estrutura Institucional .....	74
Quadro 22 - Curva de permanência .....	81
Quadro 23 – Características das linhas de adução Sistema Principal .....	83
Quadro 24 – Características dos reservatórios do Sistema Principal .....	85
Quadro 25 - – Características da linha de adução Sistema Principal .....	86
Quadro 26 – Freqüência e tipos de análises do Sistema Rio dos Cedros .....	86
Quadro 27 – Rede de distribuição de água do Sistema Principal .....	88
Quadro 28 - Características das linhas de adução Sistema Núcleo Alto Rio dos Cedros .....	89
Quadro 29 – Freqüência e tipos de análises do Sistema Alto Rio dos Cedros.....	91
Quadro 30 – Rede de distribuição de água do Sistema Alto Rio dos Cedros.....	92

Quadro 31 - Número de pontos de captação e vazão de água captada superficialmente na área do Município de Rio dos Cedros em função do setor.....	93
Quadro 32 - Número de pontos de captação de água subterrânea e vazão captada na área do Município de Rio dos Cedros em função do setor.....	94
Quadro 33 - Doenças de Notificação Compulsória de Veiculação Hídrica – Rio dos Cedros .....	98
Quadro 34 - Estrutura tarifária atual aplicada pela CASAN – vigência: 10/12/2010 ..	100
Quadro 35 – Número de economias e ligações – referência Março/2010 .....	100
Quadro 36 – Quantidade de resíduos gerada no Município.....	108
Quadro 37 – Abrangência do serviço de coleta convencional dos RSU .....	112
Quadro 38 – Pessoal ocupado no manejo de resíduos sólidos .....	117
Quadro 39 – Indicador de Avaliação e Desempenho de Aterros de Resíduos Sólidos Urbanos .....	122
Quadro 40 - Notas e respectivos enquadramentos da avaliação de aterros.....	124
Quadro 41 - Índices físicos da Bacia do Ribeirão São Bernardo .....	141
Quadro 42 – Estimativa do CN atual e futuro .....	145
Quadro 43 - Coeficientes de ajustamento específico para a localidade.....	147
Quadro 44 - Intensidades de Chuva para os diferentes Tempo de Recorrência (anos) e Tempo de concentração (min).....	148
Quadro 45 - Valores de CN para diferentes tipos de condições de umidade do solo.	151
Quadro 46 - Valores de CN para bacias urbanas e rurais.....	153
Quadro 47 - Frações de Vazão de Pico e de Tempo de Ascensão da .....	160
Quadro 48– População urbana, rural e total.....	171
Quadro 49- Taxa geométrica de crescimento anual da população urbana, rural e total .....	172
Quadro 50 – Indicadores de Água.....	176
Quadro 51 – Indicadores de Resíduos Sólidos Urbanos – Gerais .....	177
Quadro 52 – Indicadores sobre Coleta de Resíduos Sólidos Domiciliares e Públicos .....	177
Quadro 53 – Indicadores sobre Coleta Seletiva e Triagem.....	177
Quadro 54 – Indicadores sobre Coleta de Resíduos Sólidos de Serviços de Saúde.	178
Quadro 55 – Indicadores sobre Serviços de Varrição .....	178
Quadro 56 – Indicadores sobre Serviços de Capina .....	178

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Localização do Município de Rio dos Cedros .....	29
Figura 2 – Acesso ao Município de Rio dos Cedros.....	30
Figura 3 – Organograma da Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico Sustentável .....	62
Figura 4 - Manancial do Sistema Principal .....	80
Figura 5 – Captação Principal Sistema Rio dos Cedros.....	82
Figura 6 – Captação Sistema Rio dos Cedros (nascente) .....	82
Figura 7 – Captação Sistema Rio dos Cedros (Paliativa) .....	83
Figura 8 – Fluxograma da ETA.....	84
Figura 9 – Vista da ETA Compacta .....	85
Figura 10 – Vista dos Reservatórios.....	86
Figura 11 – Captação Sistema Alto Rio dos Cedros .....	89
Figura 12 – Fluxograma da ETA.....	90
Figura 13 – Vista dos Reservatórios Sistema Alto Rio dos Cedros.....	90
Figura 14 - Distribuição da vazão de água captada superficialmente por setor.....	94
Figura 15 - Distribuição da vazão de água por setor proveniente de captação subterrânea.....	95
Figura 16 - Fluxograma do manejo de resíduos sólidos do Município de Rio dos Cedros .....	110
Figura 17 – Aterro sanitário de Timbó .....	115
Figura 18 – Tratamento biológico com lagoas.....	116
Figura 19 – Componentes mais comuns da composição gravimétrica .....	125
Figura 20 – Galpão de triagem de materiais recicláveis.....	127
Figura 21 – Sacos com materiais recicláveis .....	128
Figura 22 – Vista geral do aterro sanitário.....	129
Figura 23 – Localização e composição do Consórcio Intermunicipal do Médio Vale do Itajaí - CIMVI.....	130
Figura 24 - Hidrograma triangular utilizando o Método SCS (1975).....	156
Figura 25- Representação gráfica da metodologia de cálculo do hidrograma unitário por convolução discreta.....	159
Figura 26 – Hidrogramas de cheias – Bacia do Ribeirão São Bernardo .....	161
Figura 27 – Localização das áreas problemas .....	163
Figura 28 – Residências as margens do Ribeirão São Bernardo.....	164
Figura 29 – Rua 7 de Setembro .....	165
Figura 30 – Rua Dom Pedro II.....	165
Figura 31 – Cruzamento da Av.Tiradentes com Nereu Ramos.....	166
Figura 32 – Rua 1° de Maio.....	166
Figura 33 – Rua 1° de Maio próximo a Rua Rondônia.....	167

Figura 34 – Densidades demográficas atuais do município ..... 172

# 1. APRESENTAÇÃO

Conforme exigência prevista no Artigo 9º, Parágrafo I, da Lei Federal nº11.445 de 05 de janeiro de 2007, que “estabelece diretrizes nacionais para o saneamento básico”, fica o município obrigado a elaborar o Plano Municipal de Saneamento Básico. Tal Plano será um requisito prévio para que o município possa ter acesso aos recursos públicos não onerosos e onerosos para aplicação em ações de saneamento básico.

O Plano abrange os serviços relativos a abastecimento de água, esgotamento sanitário, limpeza urbana e manejo de resíduos sólidos, como também, drenagem e manejo de águas pluviais.

Em atendimento as atividades contratuais previstas no Termo de Referência do Edital de **Concorrência Pública N°0012/2009** da Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico Sustentável (SDS), cujo objeto é a elaboração dos Planos Municipais de Saneamento Básico nos municípios do Estado de Santa Catarina, o **Consórcio MPB/SANETAL** apresenta neste trabalho o Relatório da seguinte fase:

- **FASE IX: Versão Final do Plano Municipal de Saneamento Básico e Documento do Projeto de Lei do Plano Municipal de Saneamento Básico.**

A Fase IX é apresentada em seis volumes:

- Volume I - Consolidação do Plano Municipal de Saneamento Básico;
- Volume II – Processo de participação da sociedade na elaboração do plano;
- Volume III – Diagnóstico da situação do saneamento e de seus impactos nas condições de vida da população;
- Volume IV - Prognóstico, objetivos, metas de curto, médio e longo prazo para a universalização dos serviços de saneamento; Programas, projetos e ações necessárias para atingir os objetivos e as metas; e Ações para emergências e contingências;
- Volume V - Mecanismos e procedimentos para a avaliação sistemática

da eficiência e eficácia das ações programadas e participação social;

- Volume VI – Elaboração do Sistema de Informações do Plano de Saneamento.

O presente documento tem por objetivo apresentar o Volume III - Diagnóstico da situação do saneamento e de seus impactos nas condições de vida da população.



## **2. PRINCÍPIOS E CONSIDERAÇÕES GERAIS**

Saneamento Básico pode ser entendido como o conjunto de medidas que visam preservar ou modificar condições do meio ambiente com a finalidade de prevenir doenças e promover a saúde.

O sistema de saneamento básico de um município possui estreita relação com a comunidade a qual atende, sendo fundamental para a salubridade ambiental do município e para a qualidade de vida da população.

Sendo assim, um planejamento e uma gestão adequada desse serviço concorrem para a valorização, proteção e gestão equilibrada dos recursos ambientais e tornam-se essenciais para garantir a eficiência desse sistema, em busca da universalização do atendimento, em harmonia com o desenvolvimento local.

Neste relatório serão apresentadas as condições que nortearão o processo de planejamento, objeto do estudo. Porém, o escopo de planejamento do PMSB extrapola questões de natureza técnica, relacionadas exclusivamente à infraestrutura dos sistemas e se propõe a definir um plano diretor de gestão. Assim, considera aspectos relacionados à modalidade institucional de prestação do serviço, o relacionamento com o usuário, o controle operacional dos setores (água, esgoto, drenagem e resíduos sólidos) e outros que serão objeto de detalhamento neste relatório.

Os estudos para o diagnóstico da situação de cada um dos serviços de saneamento básico serão elaborados a partir de dados secundários e primários, contendo a área de abrangência, inspeções de campo e coletas de dados. O diagnóstico contemplará, ainda, a apresentação de indicadores sanitários, epidemiológicos, ambientais e socioeconômicos, apontando as causas das deficiências detectadas para os serviços de saneamento básico.

### 3. GLOSSÁRIO

**Adutora** – são os condutos destinados a ligar as fontes de abastecimento de água bruta às estações de tratamento de água, situadas além das imediações dessas fontes, ou os condutos ligando estações de tratamento, situadas nas proximidades dessas fontes, a reservatórios distantes que alimentam as redes de distribuição.

**Água bruta** – água de uma fonte de abastecimento, antes de receber qualquer tratamento.

**Alagamento** – água acumulada no leito das ruas e no perímetro urbano por fortes precipitações pluviométricas, em localidades com sistemas de drenagem deficiente ou inexistente.

**Assoreamento da rede de drenagem** – processo de depósito de sedimentos carregados pelas águas das chuvas nas redes de drenagem pluviais e tem como principal consequência a redução da seção transversal das tubulações e consequentemente da capacidade de transporte de vazão.

**Aterro controlado** – local utilizado para despejo do lixo coletado, em bruto, com cuidado de, após a jornada de trabalho, cobri-lo com uma camada de terra, sem causar danos ou riscos à saúde pública e a segurança, minimizando os impactos ambientais.

**Aterro sanitário** – disposição final dos resíduos sólidos urbanos através de sua adequada disposição no solo, sob controle técnico e operacional permanente, de modo a que nem os resíduos, nem seus efluentes líquidos e gasosos, venham a causar danos à saúde pública e/ou ao meio ambiente.

**Autarquia** – entidade com personalidade jurídica de direito público, criada por lei específica, com patrimônio próprio, atribuições públicas específicas e capacidade de se auto-administrar, sob controle federal, estadual ou municipal.

**Bacia hidrográfica** – é uma área definida topograficamente (divisor com outra bacia hidrográfica), onde toda a chuva que cai no seu interior é drenada por um curso d'água (rio principal) ou um sistema conectado de cursos d'água (afluentes ao rio principal). Toda a vazão efluente é descarregada através de uma simples saída (“boca” do rio) no ponto mais baixo da área.

**Boca-de-lobo** – dispositivo localizado em ponto conveniente, em geral nas faixas de vias públicas paralelas e vizinhas ao meio-fio, para captação de águas pluviais.

**Caixa com grelha na sarjeta** – dispositivo localizado em ponto conveniente, em geral em calçadas, próximas ao meio-fio e ligado diretamente na rede coletora, não havendo tubulações de interligações.

**Captação de água** - é o local de tomada de água do manancial (superficial ou subterrâneo) e compreende a primeira unidade do sistema de abastecimento.

**Coleta seletiva de materiais recicláveis** – quando a entidade se responsabiliza pela coleta diferenciada de materiais recicláveis, tais como papéis, vidros, plásticos e metais (ou resíduos orgânicos compostáveis), previamente separados do restante do lixo nas suas próprias fontes geradoras.

**Compostagem** - técnica de transformação de resíduos orgânicos, presentes no lixo, em fertilizante para uso agrícola.

**Corpo receptor** – corpo d'água destinado a receber o esgoto tratado e as águas pluviais coletadas pelos sistemas de drenagem urbana.

**Desmatamento** – retirada da cobertura vegetal de determinada área ou região. Ocorre basicamente por fatores econômicos, acarretando desequilíbrios dos ecossistemas, empobrecimento do solo, assoreamento dos rios, etc.

**Dispositivo de retenção ou amortecimento de vazão de águas pluviais** – bacia destinada ao armazenamento temporário de água e amortecimento das vazões nos picos de chuvas.

**Dragagem e limpeza de canais** – ato ou trabalho de uma máquina (draga) com a finalidade de limpar o fundo dos canais, retirando depósitos de areia, lama, objetos, etc., permitindo assim a recuperação das dimensões da seção (espaço) de escoamento do canal.

**Drenagem subterrânea** – constituída por dispositivos de captação tais como boca-de-lobo ou boca-de-leão, ralos, caixas com grelhas, etc., encaminhando as águas aos poços de visita e daí às galerias/ tubulações que têm como deságüe corpos receptores tais como rios, córregos, etc.

**Drenagem superficial** – constituída por guias, sarjetas, calhas, etc., que

interceptam as águas provenientes das chuvas e que tem como deságüe corpos receptores tais como rios, córregos, etc., e podem, também, estarem ligados às galerias/tubulações de um sistema de drenagem subterrâneo.

**Economia** – imóvel de uma única ocupação, ou subdivisão de imóvel com ocupação independente das demais, perfeitamente identificável ou comprovável em função da finalidade de sua ocupação legal, dotado de instalação privativa ou comum para o uso dos serviços de abastecimento de água ou de coleta de esgoto.

**Emissário** – tubulação destinada ao lançamento do esgoto em alto mar ou em rios de grande vazão. Assim, os emissários podem ser oceânicos ou fluviais.

**Erosão** – processo que se traduz na desagregação, transporte e deposição do solo e rocha em decomposição, pelas águas, ventos ou geleiras. Como consequência das erosões pode haver formação de ravinas, voçorocas, etc.

**Estação elevatória** – unidade destinada a transportar água/esgoto de uma parte mais baixa para uma parte mais elevada por meio de utilização de conjuntos motor-bomba.

**ETA (Estação de Tratamento de Água)** – representa o conjunto de instalações e equipamentos destinados a realizar o tratamento da água bruta.

**ETE (Estação de Tratamento de Esgoto)** – conjunto de instalações, dispositivos e equipamentos destinados ao tratamento de esgotos produzidos.

**Fossa séptica** – dispositivo tipo câmara, enterrado, revestido e sem possibilidade de infiltração no solo, destinado a receber o esgoto para separação e sedimentação do material sólido, transformando-o em material inerte.

**Hidrômetro** – é o aparelho destinado a medir e indicar o volume de água que o atravessa, ou seja, o consumo de água, popularmente conhecido como contador de água em ligações domiciliares ou prediais.

**Índice de perdas na distribuição** – percentual que relaciona o volume de água disponibilizado para consumo com o volume utilizado.

**Índice de perdas de faturamento** – percentual que relaciona a diferença entre o volume disponibilizado para consumo e o volume faturado, com o volume

disponibilizado para consumo.

**Ligação predial** – ramal conectado à rede de distribuição de água.

**Lixão** - disposição final do lixo pelo seu lançamento, em bruto, sobre o terreno sem qualquer cuidado ou técnica especial; falta de medidas de proteção ao meio ambiente ou à saúde pública.

**Lodo** – material orgânico e mineral sedimentado, em processo de digestão.

**Macrodrenagem** – conjunto de obras que visam melhorar as condições de escoamento de forma a atenuar os problemas de erosões, assoreamento e inundações ao longo dos principais talvegues (fundo de vale).

**Macromedidores** – equipamentos utilizados para medir grandes vazões.

**Manancial** – fonte de água, superficial ou subterrânea, utilizada para abastecimento humano e manutenção de atividades econômicas.

**Manejo de águas pluviais** – consiste no controle do escoamento das águas de chuva, para se evitar os seus efeitos adversos que podem representar sérios prejuízos à saúde, segurança e bem estar da sociedade.

**Manejo de resíduos sólidos** – consiste nos seguintes serviços: a coleta, o transbordo e transporte, a triagem para fins de reuso ou reciclagem, o tratamento, inclusive por compostagem, e a disposição final de resíduos sólidos domiciliares, assemelhados e provenientes da limpeza pública. A varrição, a capina e a poda de árvores em vias e logradouros públicos e outros eventuais serviços pertinentes à limpeza pública fazem parte, também, do manejo de resíduos sólidos.

**Mata ciliar** – é a vegetação que margeia os cursos d'água, ou que contorna os lagos, nascentes e açudes, situando-se em solos úmidos ou até mesmo encharcados e sujeitos às inundações periódicas. São consideradas áreas de preservação permanente, permitindo a conservação da flora e fauna típicas e atuam na regularização dos fluxos de água e de sedimentos, na manutenção da qualidade da água e, através do sistema radicular e da copa do conjunto das plantas, constituem a proteção mais eficiente dos solos que revestem.

**Microdrenagem** – sistema de condutos pluviais em nível de loteamento ou de rede primária urbana, que propicia a ocupação do espaço urbano ou

periurbano por uma forma artificial de assentamento, adaptando-se ao sistema de circulação viária.

**Outorga** – é um dos instrumentos de gestão de recursos hídricos, em que o usuário recebe uma autorização para fazer uso da água, através da utilização de uma determinada vazão, de uma fonte hídrica, específica em um local definido, para um determinado uso, durante um determinado período de tempo e que pode lhe assegurar um direito, o direito de uso da água.

**Pontos de estrangulamento** – pontos do sistema de drenagem em que as tubulações não são suficientes para escoar as águas de chuva que neles aportam.

**Racionamento de água** – interrupção do fornecimento de água em decorrência de problemas na reservação, capacidade de tratamento insuficiente, população flutuante, problemas de seca/estiagem.

**Rede coletora de esgotamento sanitário** – conjunto de canalizações que operam por gravidade e que tem a finalidade de coletar os despejos domésticos e especiais da comunidade a partir de ligações prediais ou de outros trechos de redes, encaminhando-os a interceptores, local de tratamento ou lançamento final.

**Rede de distribuição** - consiste na última etapa de um sistema de abastecimento de água, constituindo-se de um conjunto de condutos assentados nas vias públicas ou nos passeios, aos quais se conectam os ramais domiciliares.

**Reservatório** – lugar onde a água é acumulada para servir às múltiplas necessidades humanas, em geral formadas pela construção de barragens nos rios ou pela diversão da água para depressões no terreno ou construído como parte de sistemas de abastecimento de água, antes ou depois de estações de tratamento.

**Resíduo comercial** - são os resíduos gerados em estabelecimentos comerciais, cujas características dependem da atividade ali desenvolvida.

**Resíduos de serviços de saúde sépticos** – entende-se por resíduos sólidos de serviços de saúde, propriamente ditos, o conjunto dos resíduos

contaminantes ou suspeitos de contaminação e materiais biológicos (sangue, animais usados em experimentação, excreções, secreções, meios de cultura, órgãos, cateteres e curativos usados, etc.); dos resíduos perfuro-cortantes (escalpos, agulhas e seringas descartados); dos restos de medicamentos de quaisquer naturezas, vencidos ou não; do lixo recolhido em sanitários de unidades de internação e enfermarias; e dos demais resíduos análogos gerados em estabelecimentos de atenção à saúde humana e animal, tais como hospitais, clínicas, unidades de atendimento ambulatorial, postos de saúde, laboratórios de pesquisa clínica e/ou de análises clínicas, consultórios médicos e odontológicos, farmácias, etc.

**Resíduo domiciliar especial** - grupo que compreende os entulhos de obras, pilhas e baterias, lâmpadas fluorescentes e pneus.

**Resíduo domiciliar ou residencial** - são os resíduos gerados nas atividades diárias em casas, apartamentos, condomínios e demais edificações residenciais.

**Resíduo público** - são os resíduos presentes nos logradouros públicos, em geral resultantes da natureza, tais como folhas, galhadas, poeira, terra e areia, e também aqueles descartados irregular e indevidamente pela população, como entulho, bens considerados inservíveis, papéis, restos de embalagens e alimentos.

**Resíduos sólidos urbanos** – Segundo ABNT, são os “gerados num aglomerado urbano, excetuados os resíduos industriais, perigosos, hospitalares sépticos e de aeroportos e portos.” Ou seja, os resíduos sólidos domiciliares, comerciais, públicos, de serviços de saúde assépticos e industriais comuns. De acordo com a resolução CONAMA Nº 308/02, em seu artigo 2.º, “resíduos sólidos urbanos são os provenientes de residências ou qualquer outra atividade que gere resíduos com características domiciliares, bem como os resíduos de limpeza pública urbana”.

**Rua pavimentada** – considera-se como rua pavimentada aquela que possui algum tipo de revestimento sobre a terra, tais como cimento, concreto, pedra, tijolo, asfalto, etc.

**Sistema de abastecimento de água** – é o conjunto de obras, instalações e

serviços, destinados a produzir e distribuir água potável a uma comunidade, em quantidade e qualidade compatíveis com as necessidades da população, para fins de consumo doméstico, serviços públicos, consumo industrial e outros usos.

**Sistema de esgotamento sanitário** - é o conjunto de obras, instalações e serviços, destinados a coleta, tratamento e destinação final de águas servidas.

**Sumidouro** – dispositivo enterrado, normalmente cilíndrico, destinado a promover a absorção da parte líquida do esgoto pelo solo. Pode ser revestido com material que permite a infiltração no solo.

**Tarifa** – preço público unitário preestabelecido, cobrado pela prestação de serviço de caráter individualizado e facultativo. Não tem natureza tributária, estando relacionada à quantidade do serviço efetivamente prestado e à possibilidade de rescisão.

**Tarifa mínima no consumo de água** – valor fixado para efeito de cobrança da cota mínima colocada à disposição de cada categoria de consumo/economia, decorrente dos serviços de abastecimento de água.

**Tratamento de esgoto** – o tratamento de esgoto é feito visando à preservação da vida nos corpos d'água e redução de risco à saúde humana, consistindo na combinação de processos físicos, químicos e biológicos, com o objetivo de reduzir a carga orgânica existente no esgoto sanitário, antes de seu lançamento final.

**Triagem de materiais recicláveis** - separação, por tipos, dos materiais considerados recicláveis; por seu adequado acondicionamento e estocagem; bem como por sua periódica comercialização, operação esta que pode ou não ser precedida de algum tipo de reprocessamento de natureza industrial, destinado a agregar valor aos resíduos recuperados.

**Vazão** – é o volume de água que passa por uma determinada seção de um conduto por uma unidade de tempo. Usualmente é dado em litros por segundo (l/s), em metros cúbicos por segundo (m<sup>3</sup>/s) ou em metros cúbicos por hora (m<sup>3</sup>/h).

**Vias e logradouros públicos** – caracterizam-se como vias e logradouros



públicos as ruas, avenidas e alamedas da zona urbana "formal", bem como suas calçadas e eventuais canteiros centrais, as ladeiras, vielas e/ou escadarias de uso público das favelas e vilas "informais" assim como as praças, os parques, os bosques e as áreas livres (não-edificadas) de uso coletivo e pertencentes ao patrimônio público (municipal, estadual ou federal).

## 4. DIAGNÓSTICO SÓCIO-ECONÔMICO E AMBIENTAL

### 4.1. DADOS GERAIS DO MUNICÍPIO

O Município de Rio dos Cedros está localizado na microregião de Blumenau, na mesoregião do Vale do Itajaí, dentro da vertente do litoral do Estado de Santa Catarina, a uma latitude de 26°44' 18" Sul e longitude de 49° 16' 27" Oeste.

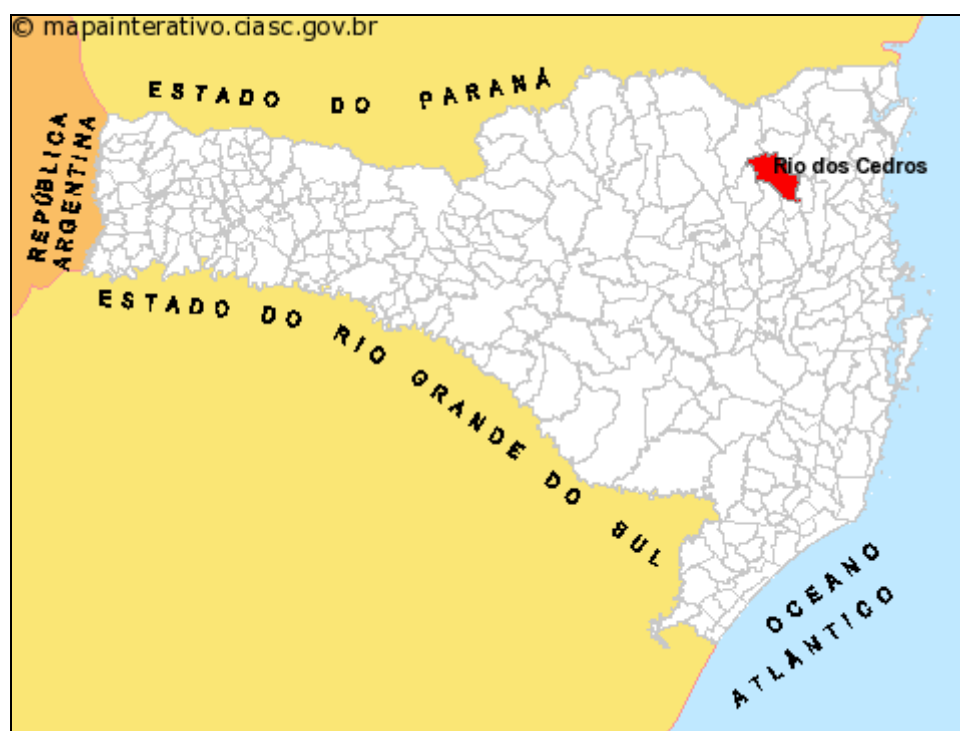


Figura 1 – Localização do Município de Rio dos Cedros

Fonte: SANTA CATARINA / CIASC, 2010.

Com área de aproximadamente 556,5 Km<sup>2</sup> (BRASIL / IBGE, 2010), o município encontra-se a uma altitude média de 850 metros acima do nível do mar, distante 168 Km da capital Florianópolis. O principal acesso se dá pela BR-477/SC-417, passando por Timbó, ou SC-416, passando por Jaraguá do Sul e Pomerode.

Os municípios limítrofes são: Benedito Novo, Corupá, Doutor Pedrinho, Jaraguá do Sul, Pomerode, Rio Negrinho e Timbó.



**Figura 2 – Acesso ao Município de Rio dos Cedros**

Fonte: SANTA CATARINA / CIASC, 2010.

#### **4.2. DECRETO DE CRIAÇÃO DO MUNICÍPIO**

A criação do município deu-se a partir da Lei N° 793, de 19 de Dezembro de 1961, que desmembrava o mesmo do Município de Rodeio (PREFEITURA MUNICIPAL DE RIO DOS CEDROS, 2010). Rio dos Cedros é ligado a Secretaria de Desenvolvimento Regional de Timbó, pertencendo também a Associação dos Municípios do Médio Vale do Itajaí – AMMVI.

#### **4.3. OCUPAÇÃO E FORMAÇÃO HISTÓRICA**

Rio dos Cedros, antes do início da colonização trentina de 1875 e 1876, era uma vasta floresta inexplorada, recortada por um grande número de córregos, afluentes do mesmo rio (PREFEITURA MUNICIPAL DE RIO DOS CEDROS, 2010).

O nome desse rio aparece desde 1863, quando um grupo de desbravadores dos sertões de Blumenau, chefiados por August Wunderwald, indivíduo estudado e verdadeiro bandeirante de toda a região, subia pelo Rio Itajaí-Açu, de canoa, entrando em seguida pelos rios Cedros e Benedito.

Devido a grande quantidade de cedros, madeira preciosa de lei existente na barra dos dois rios, deu a um deles esse nome. O outro rio recebe o nome de Benedito, provavelmente por existir um morador, chamado Benedito, que teria chego antes da imigração (PREFEITURA MUNICIPAL DE RIO DOS CEDROS, 2010).

A primeira exploração do Rio dos Cedros, desde a barra com o rio Benedito foi realizada, portanto, numa viagem de canoa por aqueles destemidos homens, que penetraram com dificuldade rio acima, num percurso de 15 Km. Depois voltaram para trás, na impossibilidade de avançar, por causa do rio se tornar impraticável a canoa e pela escassez de alimentos. O grupo descobriu, entretanto, que a região vista do alto de um morro era muito extensa e fértil, e perceberam também que, para além das montanhas que circulavam o vale, poderia existir um grande planalto, o que realmente se verificou mais tarde.

Hoje Rio dos Cedros é um lugar habitado por gente ordeira e progressiva. Suas colônias praticamente são as mesmas traçadas nos tempos da imigração, com 200 metros de largura por 1.000 metros de fundo (PREFEITURA MUNICIPAL DE RIO DOS CEDROS, 2010).

#### **4.4. FORMAÇÃO ADMINISTRATIVA**

Rio dos Cedros, desde o início da imigração até o ano de 1916, dependia praticamente em tudo de Blumenau. Lá estava Prefeitura Municipal, o Fórum, o Cartório, a Delegacia de Polícia e toda a máquina administrativa do Médio e Alto Vale do Itajaí (PREFEITURA MUNICIPAL DE RIO DOS CEDROS, 2010).

Em 1916 Rio dos Cedros foi elevado a distrito, com o nome de Encruzilhada e Germano Bona nomeado seu primeiro Intendente. O novo distrito funcionou provisoriamente na casa particular do próprio Intendente até 1921. Nesse mesmo ano, o então Prefeito de Blumenau, Kurt Hering, construiu o prédio da Intendência no terreno doado por João Longo.

Pelo decreto Estadual de 28 de Fevereiro de 1934 foi criado o Município de Timbó, passando então Encruzilhada a denominar-se Arrozeira, devido a inauguração do canal que traz água do rio para irrigação dos arrozais.

Finalmente, pela lei Estadual Nº 793 de 19 de Dezembro de 1961, foi criado o Município de Rio dos Cedros, desmembrado de Timbó, voltando novamente ao primitivo nome, sendo instalado no dia 28 de Dezembro de 1961 (PREFEITURA MUNICIPAL DE RIO DOS CEDROS, 2010).

#### **4.5. DEMOGRAFIA**

##### **4.5.1. Evolução da População Rural, Urbana e Total**

O quadro a seguir apresenta a evolução populacional da área atual do Município de Rio dos Cedros (áreas urbana e rural) de 1970 a 2007, de acordo com os censos e contagens populacionais efetuados pelo IBGE.

<b>ANO</b>	<b>POPULAÇÃO (HABITANTES)</b>		
	<b>URBANA</b>	<b>RURAL</b>	<b>TOTAL</b>
1970	1.544	8.174	9.718
1980	1.869	6.597	8.466
1991	2.504	6.138	8.642
1996	3.615	5.197	8.812
2000	3.758	5.181	8.939
2007	4.536	5.149	9.685

Fonte: BRASIL / IBGE.

Pelos dados do Quadro 1 verifica-se que a população urbana do município cresceu significativamente ao longo dos anos, ao passo que a zona rural vem registrando um êxodo populacional, principalmente entre o período compreendido entre os anos de 1970 e 1996.

##### **4.5.2. Taxas de Crescimento Populacional**

A evolução das taxas de crescimento anual da população urbana, rural e total do Município de Rio dos Cedros entre os anos de 1970 e 2007 é mostrada no Quadro 2, com base nos dados do IBGE.

**Quadro 2- Taxa geométrica de crescimento anual da população urbana, rural e total**

PERÍODO	TAXA DE CRESCIMENTO ANUAL DA POPULAÇÃO (%)		
	URBANA	RURAL	TOTAL
1970 / 1980	1,93	-2,12	-1,37
1980 / 1991	2,69	-0,65	0,19
1991 / 1996	7,62	-3,27	0,39
1996 / 2000	0,97	-0,08	0,36
2000 / 2007	2,72	-0,09	1,15

Fonte: BRASIL / IBGE.

Observa-se que as taxas de crescimento da população urbana são bem superiores as taxas de crescimento populacional total do município. No que refere-se à área rural, as taxas indicam um decréscimo populacional, ocorrido em maior escala no período 1991 / 1996.

#### **4.5.3. Ocupação Urbana e Densidade Demográfica**

Segundo a última contagem feita pelo IBGE, a população de Rio dos Cedros contava em 2007 com 9.685 habitantes, sendo 4.536 residentes na área urbana e 5.149 residentes na área rural do município. Esses números apontam uma taxa de urbanização de 47%, superior a taxa de urbanização registrada no ano de 2000 (42%).

No tocante a densidade demográfica, observa-se um pequeno acréscimo entre o período 2000 / 2007. O Quadro 3 exhibe a taxa de urbanização do município e a densidade demográfica para os anos de 2000 e 2007.

**Quadro 3 - Taxa de urbanização e densidade demográfica**

ANO	TAXA DE URBANIZAÇÃO (%)	DENSIDADE DEMOGRÁFICA (HAB/Km <sup>2</sup> )
2000	42%	16,08
2007	47%	17,42

Fonte: BRASIL / IBGE.

#### **4.6. ATIVIDADE PRODUTIVA**

##### **4.6.1. Agricultura**

Nas propriedades rurais do município desenvolvem-se predominantemente cultivos agrícolas temporários, destacando-se o plantio de arroz, com

aproximadamente 1.100 hectares da área plantada. No âmbito das culturas permanentes, sobressai o cultivo da banana, desenvolvidos principalmente sob regime familiar.

No Quadro 4 apresenta-se a área plantada com lavouras temporárias, segundo o tipo de produto cultivado e, no Quadro 5, a área plantada com lavouras permanentes.

**Quadro 4 – Quantidade produzida, área plantada e rendimento dos produtos agrícolas da lavoura temporária**

Produto*	Área Plantada (ha)	Quantidade (Toneladas)	Rendimento (Kg/ha)
Arroz (em casca)	1100	7150	6500
Cana-de-açúcar	42	840	20000
Feijão (em grão)	40	40	1000
Fumo (em folha)	11	25	2272
Mandioca	130	2600	20000
Milho (em grão)	500	1650	3300
Tomate	2	80	40000
Trigo (em grão)	30	81	2700

Fonte: BRASIL / IBGE / SIDRA – Produção Agrícola Municipal 2008. ( \* ) Produtos com quantidade produzida igual ou superior a 1 Tonelada.

**Quadro 5 – Quantidade produzida, área plantada e rendimento dos produtos agrícolas da lavoura permanente**

Produto*	Área Plantada (ha)	Quantidade (Toneladas)	Rendimento (Kg/ha)
Banana (cacho)	272	4323	15893
Laranja	3	36	12000
Maracujá	2	24	12000
Palmito	12	9	750
Tangerina	2	7	3500

Fonte: BRASIL / IBGE / SIDRA – Produção Agrícola Municipal 2008. ( \* ) Produtos com quantidade produzida igual ou superior a 1 Tonelada.

#### 4.6.2. Pecuária

Quanto à pecuária, os dados apresentados no Quadro 6 indicam que o maior efetivo na área do município é o galos, frangos, frangas e pintos, com uma produção de 147.870 cabeças. Outros efetivos de grande relevância são os de galinhas com 44.890 cabeças e de bovinos com 9.422 cabeças.

**Quadro 6 - Efetivo dos rebanhos, em cabeças**

Rebanho	Produção (cabeças)
Bovino	9422
Equino	447
Bubalino	86
Asinino	3
Muar	6
Suíno	6649
Caprino	143
Ovino	1718
Galos, frangas, frangos e pintos	147870
Galinhas	44890
Codornas	3300
Coelhos	332

Fonte: BRASIL / IBGE / SIDRA – Pesquisa Pecuária Municipal 2008.

#### 4.6.3. Silvicultura

A produção silvícola encontra-se apresentada no Quadro 7. Conforme se pode observar, a madeira em tora foi o produto de maior produção no ano de 2008.

**Quadro 7 - Quantidade produzida na silvicultura, por tipo de produto**

Produto	Quantidade Produzida	Unidades
Lenha	13948	m <sup>3</sup>
Madeira em tora	103742	m <sup>3</sup>

Fonte: BRASIL / IBGE / SIDRA – Produção da Silvicultura 2008. ( \* ) Produto com quantidade produzida igual ou superior a 1 Tonelada.

#### 4.6.4. Indústria, Comércio e Serviços

O Quadro 8 mostra o número de unidades locais e o número de pessoas ocupadas conforme cada seção de atividade no Município de Rio dos Cedros.

Verifica-se que os maiores números de unidades locais encontram-se associados às atividades de indústria de transformação e comércio, reparação de veículos automotores, objetos pessoais e domésticos representando respectivamente 36,3% e 29,4% em relação ao total.

As atividades associadas à indústrias de transformação e à comércio; reparação de veículos automotores, objetos pessoais e domésticos, foram as que apresentaram maior número de pessoas ocupadas, respectivamente, 2.262 e 435.



**Quadro 8 - Número de unidades locais e número de pessoas ocupadas segundo a seção de atividades**

<b>Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE)</b>	<b>Número de unidades locais (Unidades)</b>	<b>%</b>	<b>Pessoal ocupado total (Pessoas)</b>	<b>%</b>
Agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal	12	2,18	37	1,14
Pesca	2	0,36	X	-
Indústrias de transformação	200	36,3	2262	69,6
Produção e distribuição de eletricidade, gás e água	2	0,36	X	-
Comércio; reparação de veículos automotores, objetos pessoais e domésticos	162	29,4	435	13,4
Alojamento e alimentação	47	8,53	69	2,12
Transporte, armazenagem e comunicações	16	2,9	66	2,03
Intermediação financeira, seguros, previdência complementar e serviços relacionados	5	0,91	26	0,8
Atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados às empresas	27	4,9	53	1,63
Administração pública, defesa e seguridade social	1	0,18	X	-
Educação	13	2,36	15	0,46
Saúde e serviços sociais	7	1,27	25	0,77
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	57	10,3	39	1,2
<b>Total</b>	<b>551</b>	<b>100</b>	<b>3250</b>	<b>100</b>

Fonte: BRASIL / IBGE / SIDRA – Cadastro Central de Empresas 2006.

## **4.7. INFRAESTRUTURA**

### **4.7.1. Energia**

O fornecimento de energia elétrica na área central e em outras localidades do Município de Rio dos Cedros é de responsabilidade das Centrais Elétricas de Santa Catarina SA – CELESC, empresa de economia mista do Estado de Santa Catarina.

O quadro a seguir apresenta o número de consumidores e o consumo de energia elétrica (em kw) no Município de Rio dos Cedros em 2008.

**Quadro 9 - Número de consumidores e consumo (Kw) de energia elétrica em Rio dos Cedros**

<b>Classe de Consumidores</b>	<b>Número de Consumidores</b>	<b>Consumo (Kw)</b>
Residencial	2.439	4.641.944
Industrial	182	14.735.372
Comercial	208	2.393.910
Rural	1.382	3.954.457
Poderes Públicos	51	242.158
Iluminação Pública	1	866.808
Serviço Público	3	13.858
Consumo Próprio	1	1.616
<b>Consumidores Total</b>	<b>4.267</b>	<b>26.850.123</b>

Fonte: SANTA CATARINA / CELESC, 2008.

De acordo com o Quadro 9, a classe industrial é a que apresenta o maior consumo de energia elétrica gerada pela CELESC, seguido do setor residencial.

#### **4.7.2. Transportes**

Nos municípios catarinenses, o sistema viário assume vital importância para a economia local, uma vez que, através das estradas é que se escoam a produção tanto agrícola como pecuária. Neste sentido, uma política de conservação permanente das vias e a melhoria da trafegabilidade se constituem em base importante para o desenvolvimento e o progresso do município, facilitando inclusive a atração e a implantação de novas empresas no território municipal.

Conforme informação do Departamento Nacional de Trânsito (DENATRAN) existem, em Rio dos Cedros, 15 tipos de veículos, resultando em uma quantidade total de 5.261 unidades. O Quadro 10 apresenta a frota de veículos no Município e sua respectiva quantidade.

**Quadro 10 – Frota de veículos por tipo**

<b>Tipo de Frota de Veículo</b>	<b>Quantidade</b>
Automóvel	2.772
Caminhão	204
Caminhão Trator	11
Caminhonete	393
Camioneta	117
Ciclomotor	7
Microônibus	17
Motocicleta	1461
Motoneta	172
Ônibus	24
Reboque	63
Semi-Reboque	23
Outros	1
Trator Rodas	5
Utilitário	11
<b>Total</b>	<b>5.281</b>

Fonte: BRASIL / DENATRAN, 2008.

O transporte interurbano de passageiros é realizado pelas empresas Expresso Presidente e Reunidas, que colocam à disposição dos usuários linhas diárias, incluindo finais de semana. O Município de Rio dos Cedros dispõe de transporte coletivo municipal, com horários de saída e chegada pré-estabelecidos pela prefeitura, tendo como base de fluxo, a rodoviária municipal. O município dispõe ainda de transporte escolar.

No que concerne ao transporte aéreo, um aeroporto próximo a essa cidade localiza-se no Município de Navegantes, a uma distância aproximada, por vias pavimentadas, de 86 Km. O Aeroporto Internacional de Navegantes conta com um terminal de passageiros de 4.170 m<sup>2</sup> com capacidade para 600.000 pessoas por ano. Já a distância de Rio dos Cedros até o aeroporto Internacional Hercílio Luz em Florianópolis é de aproximadamente 168 Km (SANTA CATARINA / CIASC, 2010).

#### **4.7.3. Comunicação**

O Município de Rio dos Cedros, no que diz respeito à estrutura de comunicação, possui 618 linhas telefônicas instaladas, representando 24,9%

do total de domicílios existentes no município. Cita-se ainda que não existem emissoras de rádio e TV no município (SANTA CATARINA / SDR, 2003).

#### 4.7.4. Saúde

##### 4.7.4.1. Unidades de Saúde

O Município de Rio dos Cedros possui dez estabelecimentos de saúde cadastrados, sendo quatro deles postos de saúde, conforme quadro abaixo.

**Quadro 11 - Estabelecimentos de saúde cadastrados do Município de Rio dos Cedros**

<b>Estabelecimento de Saúde</b>	<b>Natureza da Organização</b>
Clínica Médica Rio dos Cedros Ltda	Empresa Privada
Consultório Odontológico Sr. Nei Pastore	Empresa Privada
Posto de Saúde Centro	Administração Direta da Saúde
Posto de Saúde Rio Ada	Administração Direta da Saúde
Posto de Saúde Rio Rosina	Administração Direta da Saúde
Posto de Saúde Santo Antônio	Administração Direta da Saúde
Hospital Dom Bosco	Entidade Beneficente sem Fins Lucrativos
Labcedro Análises Clínicas	Empresa Privada
Renato Kazuo Fujii	Empresa Privada
Riabilitare Clínica de Fisioterapia	Empresa Privada
Secretaria Municipal de Saúde de Rio dos Cedros	Administração Direta da Saúde
Unidade Sanitária de Rio dos Cedros	Administração Direta da Saúde

Fonte: BRASIL / MINISTÉRIO DA SAÚDE / CNES, 2009.

A Rede Hospitalar do SUS do Município de Rio dos Cedros conta com apenas um hospital, que é composto por Leitos Cirúrgicos, Leitos Obstétricos, Leitos de Clínica Médica, Leitos de Cuidados Prolongados, Leito Psiquiátrico e Leitos de Pediatria conforme o Quadro 12.

**Quadro 12 - Número de hospitais e leitos hospitalares SUS no Município de Rio dos Cedros**

<b>Rede Hospitalar de Rio dos Cedros – SUS</b>	
<b>Hospitais</b>	<b>1</b>
Leitos Cirúrgicos	2
Leitos Obstétricos	4
Leitos Clínica Médica	28
Leitos de Cuidados Prolongados	2
Leito Psiquiátrico	1
Leitos Pediátricos	5
Leitos de UTI	0
<b>Total de Leitos Hospitalares:</b>	<b>42</b>

Fonte: SANTA CATARINA / SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE, 2003.

De acordo com a Prefeitura de Rio dos Cedros, o Município possui programas de promoção da saúde, como o Programa de Saúde da Família, Programa de Prevenção da Saúde Bucal e Programas de Vacinação, etc.

#### **4.7.4.2. Mortalidade Infantil**

Definição: distribuição percentual dos óbitos de crianças menores de um ano de idade, por faixa etária, na população residente em determinado espaço geográfico, no ano considerado (BRASIL / MINISTÉRIO DA SAÚDE / RIPS, 2008).

Indica a participação dos óbitos de cada grupo etário selecionado, em relação aos óbitos de menores de um ano de idade.

Método de cálculo:

$$MI = \frac{\text{número de óbitos de residentes menores de um ano de idade, por faixa etária}}{\text{número de óbitos de residentes menores de um ano de idade, excluídos os de idade ignorada}^*} \times 100$$

\* A exclusão dos óbitos de idade ignorada resulta em que o indicador seja referido ao total de óbitos infantis com idade conhecida.

De acordo com a Secretaria de Estado da Saúde, 2008, a taxa de Mortalidade Infantil para menores de um ano, no ano de 2006, no Município rio dos Cedros, foi de 11,49 por mil nascidos vivos.

Porém, vale ressaltar que os dados de mortalidade infantil devem ser utilizados com cuidado em casos em que o quantitativo populacional é pequeno, uma vez que a ocorrência de um único óbito representa uma significativa alteração, quando o número de óbitos de menores de um ano sobre total de nascidos vivos no ano é multiplicado por 1000.

#### **4.7.4.3. Esperança de Vida ao Nascer**

A esperança de vida ao nascer é o indicador que mostra o número de anos que se espera que uma pessoa nascida num determinado ano viva, em média, se as condições de mortalidade existentes permanecerem constantes. Quanto menor for à mortalidade, maior será a esperança de vida ao nascer (MOÇAMBIQUE / INE, 2010).

**Quadro 13 - Esperança de vida ao nascer no Município de Rio dos Cedros**

Esperança de Vida ao Nascer	
Ano 2000	75,7 anos

Fonte: SANTA CATARINA / SDM, 2003.

#### **4.7.4.4. Causas de Morbidade**

O coeficiente de morbidade é a relação entre o número de casos de uma doença e a população exposta a adoecer. Indicador muito útil para o objetivo de controle de doenças ou de agravos, bem como para estudos de análise do tipo causa/efeito (PEREIRA, 2004).

Método de cálculo:

$$Morbidade = \frac{N^{\circ} \text{ de casos de uma doença}}{\text{População}} \times 10^n$$

O Quadro 14 mostra o percentual de internações por grupo de causas e faixa etária no Município de Rio dos Cedros no ano de 2005.

**Quadro 14 – Distribuição percentual de internações por grupo de causas e faixa etária – (por locais de residência) – 2005**

Grupos de Causas	Rio dos Cedros								
	Faixa Etária								
	Menor 1	1 a 4	5 a 9	10 a 14	15 a 19	20 a 49	50 a 64	60 +	Total
I. Algumas doenças infecciosas e parasitárias	4.3	9.7	10.3	-	4.3	3.0	1.1	1.7	3.1
II. Neoplasias (tumores)	-	3.2	31.0	-	19.1	9.0	17.6	1.1	8.9
III. Doenças sangue órgãos hemat. E transt. imunitária	-	3.2	-	-	-	0.5	2.2	1.7	1.1
IV. Doenças endócrinas nutricionais e metabólicas	4.3	6.5	6.9	-	-	3.0	6.6	9.4	5.5
V. Transtornos mentais e comportamentais	-	-	-	-	-	0.5	4.4	1.1	1.1
VI. Doenças do sistema nervoso	-	-	-	-	-	1.0	1.1	1.7	1.0
VII. Doenças do olho e anexos	-	-	-	-	-	-	-	-	-
VIII. Doenças do ouvido e da apófise mastóide	-	-	-	-	-	-	-	-	-
IX. Doenças do aparelho circulatório	4.3	-	-	-	-	5.5	19.8	38.3	16.1
X. Doenças do aparelho respiratório	26.1	58.1	24.1	43.8	14.9	17.6	23.1	27.8	24.5
XI. Doenças do aparelho digestivo	-	3.2	-	18.8	2.1	13.6	9.9	5.6	8.3
XII. Doenças da pele e do tecido subcutâneo	8.7	6.5	-	-	-	1.5	1.1	1.1	1.6
XIII. Doenças sist. osteomuscular e tecido conjuntivo	-	3.2	-	-	2.1	4.0	-	2.2	2.3
XIV. Doenças do aparelho geniturinário	21.7	-	3.4	12.5	14.9	7.0	5.5	5.0	7.0
XV. Gravidez, parto e puerpério	-	-	-	-	34.0	23.6	-	-	10.2
XVI. Algumas afec. originadas no período perinatal	26.1	3.2	-	-	-	-	-	-	1.1
XVII. Malformação cong. deformidades e anomalias cromossômicas	4.3	-	-	6.3	-	1.0	-	-	0.6
XVIII. Sint sinais e achad anorm ex clínica e laboratorial	-	-	-	-	-	0.5	-	1.7	0.6
XIX. Lesões enven e alg out conseq causas externas	-	3.2	24.1	18.8	6.4	8.0	6.6	1.7	6.3
XX. Causas externas de morbidade e mortalidade	-	-	-	-	-	-	-	-	-
XXI. Contatos com serviços de saúde	-	-	-	-	2.1	0.5	1.1	-	0.5
<b>Total</b>	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0

Fonte: BRASIL / MINISTÉRIO DA SAÚDE / DATASUS, 2005.

## 4.7.5. Educação

### 4.7.5.1. Unidades Educacionais

O quadro a seguir demonstra o número de escolas, matrículas e docentes no Município de Rio dos Cedros no ano de 2008, em função do nível e da unidade educacional.

**Quadro 15 – Número de escolas, matrículas e docentes no município de acordo com o nível de ensino e a unidade educacional**

ENSINO	UNIDADE EDUCACIONAL	ESCOLAS	MATRÍCULAS	DOCENTES
<b>Ensino Fundamental</b>	<b>Total</b>	<b>6</b>	<b>1180</b>	<b>63</b>
Ensino Fundamental	Escola Estadual	1	557	22
Ensino Fundamental	Escola Federal	0	0	0
Ensino Fundamental	Escola Municipal	5	623	41
Ensino Fundamental	Escola Privada	0	0	0
<b>Ensino Médio</b>	<b>Total</b>	<b>1</b>	<b>346</b>	<b>25</b>
Ensino Médio	Escola Estadual	1	346	25
Ensino Médio	Escola Federal	0	0	0
Ensino Médio	Escola Municipal	0	0	0
Ensino Médio	Escola Privada	0	0	0
<b>Ensino Pré-Escolar</b>	<b>Total</b>	<b>5</b>	<b>197</b>	<b>13</b>
Ensino Pré-Escolar	Escola Estadual	0	0	0
Ensino Pré-Escolar	Escola Federal	0	0	0
Ensino Pré-Escolar	Escola Municipal	5	197	13
Ensino Pré-Escolar	Escola Privada	0	0	0
<b>Total</b>		<b>12</b>	<b>1.723</b>	<b>101</b>

Fonte: BRASIL / IBGE, 2008.

O Município de Rio dos Cedros possui um total de 12 unidades educacionais, sendo pouco mais da metade das escolas destinadas ao ensino fundamental e apenas 1 está destinada ao ensino médio.

Observa-se também que não há unidades educacionais de rede privada ou federal no município.



#### **4.7.5.2. Analfabetismo**

O Quadro 16 mostra a taxa de analfabetismo no Brasil, em Santa Catarina e no Município de Rio dos Cedros referente ao ano de 2000. Os dados estão exibidos por faixa etária.

**Quadro 16 – Taxa de analfabetismo por faixa etária**

<b>Faixa Etária</b>	<b>Taxa de Analfabetismo no Brasil (%)</b>	<b>Taxa de Analfabetismo em Santa Catarina (%)</b>	<b>Taxa de Analfabetismo no município (%)</b>
10 a 14 anos	7,3	1,4	1,2
15 anos e mais	13,6	6,3	3,9

Fonte: BRASIL / MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO / INEP, 2000.

Dos dados pertinentes ao Quadro 16, constata-se que a taxa de analfabetismo no município referente ao grupo de pessoas com idade superior ou igual a 15 anos (5,2%) é menor que a taxa observada tanto no território brasileiro (13,6%) quanto no território estadual (6,3%).

Já na faixa etária que compreende os indivíduos de 10 a 14 anos de idade, a taxa de analfabetismo no município é menor que a taxa do país, porém ligeiramente superior a taxa do estado.

#### **4.7.5.3. Evasão Escolar**

A evasão escolar é a situação em que o estudante previamente matriculado deixa de comparecer a escola.

O índice de evasão escolar pode ser medido através do índice de freqüência à escola, publicado pelo IBGE no ano de 2000. O Quadro 17 apresenta a taxa de freqüência escolar no Brasil, em Santa Catarina e no Município de Rio dos Cedros, de acordo com as faixas etárias estabelecidas.

**Quadro 17 – Taxa de frequência à escola por faixa etária**

Faixa Etária	Taxa de frequência escolar no Brasil (%)	Taxa de frequência escolar em Santa Catarina (%)	Taxa de frequência escolar no município (%)
0 a 3 anos	9,43	12,89	9,74
4 a 6 anos	61,36	63,00	54,29
7 a 14 anos	94,50	96,60	98,95
15 a 17 anos	77,71	75,23	72,07
18 a 22 anos	37,77	33,41	25,99
Mais de 22 anos	5,93	5,89	2,43

Fonte: BRASIL / MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO / INEP, 2000.

Na faixa etária que vai de 7 a 14 anos de idade, o índice de frequência escolar no município é de cerca de 99%, superior ao encontrado no país e no estado. Por outro lado, a evasão escolar no município registrada para os indivíduos com idade acima dos 15 anos é maior que à observada no Brasil e em Santa Catarina.

Observa-se também que, para o grupo de pessoas com idade de 0 a 3 anos, a frequência escolar no município é menor que à encontrada no estado.

#### **4.7.5.4. Índice de Desenvolvimento Escolar**

O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) tem como objetivo o monitoramento da qualidade dos sistemas a partir da combinação entre fluxo e aprendizagem escolar. Este índice foi lançado no ano de 2005, relacionando informações de rendimento escolar (aprovação) e desempenho (proficiências) em exames padronizados (BRASIL / MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO / INEP, 2007).

A combinação entre fluxo e aprendizagem do IDEB expressa em valores de 0 a 10 o andamento dos sistemas de ensino, em âmbito nacional, nas unidades da Federação e municípios.

Método de cálculo:

$$\text{IDEB} = N * P$$

onde:

*N = média de proficiência em língua portuguesa e matemática, padronizada para um valor entre 0 e 10, dos alunos de uma unidade, obtida em determinada*

edição do exame realizado ao final da etapa de ensino;

$P$  = indicador de rendimento baseado na taxa de aprovação da etapa de ensino dos alunos da unidade.

O IDEB é o indicador objetivo para a verificação do cumprimento das metas fixadas no Termo de Adesão ao Compromisso “Todos pela Educação”, eixo do Plano de Desenvolvimento da Educação, do Ministério da Educação, que trata da educação básica. Nesse âmbito que se enquadra a idéia das metas intermediárias para o IDEB. A lógica é a de que para que o Brasil chegue à média 6,0 em 2021, período estipulado tendo como base a simbologia do bicentenário da Independência em 2022, cada sistema deve evoluir segundo pontos de partida distintos, e com esforço maior daqueles que partem em pior situação, com um objetivo implícito de redução da desigualdade educacional.

O Quadro 18 exibe o IDEB no ano de 2007 para as diferentes unidades territoriais.

**Quadro 18 – IDEB observado no ano de 2007**

Unidade Territorial	IDEB Observado no ano de 2007		
	Anos iniciais do Ensino Fundamental	Anos finais do Ensino Fundamental	Ensino Médio
Brasil	4,2	3,8	3,5
Santa Catarina	4,7	4,1	3,8
Rio dos Cedros	5,1	-	-

Fonte: BRASIL / MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO / INEP, 2007.

O IDEB observado no ano de 2007 em Santa Catarina foi superior ao verificado no Brasil nos três níveis considerados: início do Ensino Fundamental, final do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

As informações para cálculo do IDEB no Município de Rio dos Cedros foram disponibilizadas apenas para os anos iniciais do ensino fundamental. O IDEB observado neste item foi superior aos observados para o Brasil e para Santa Catarina.

#### **4.7.5.5. Programas de Educação Ambiental**

A prefeitura de Rio dos Cedros promove nas escolas da rede municipal palestras de educação ambiental voltadas à preservação e à conservação dos

recursos naturais.

#### **4.7.6. Saneamento**

##### **4.7.6.1. Abastecimento de Água**

O sistema de abastecimento de água do município de Rio dos Cedros é atualmente operado pela CASAN, que detém a concessão dos serviços de água e esgoto no município.

O SAA de Rio dos Cedros conta com dois sistemas independentes, sendo um para atender o centro e quatro localidades da área rural, cuja captação é o Rio São Bernardo e um segundo que atende somente o Loteamento Vivendas do Paraíso, cuja captação é através de um poço profundo.

Os sistemas de abastecimento de água do município serão melhor detalhados no Capítulo 4 deste documento.

##### **4.7.6.2. Esgotamento Sanitário**

O município não conta com um sistema coletivo de esgotamento sanitário, sendo utilizados os sistemas individuais de fossa/sumidouro.

##### **4.7.6.3. Destinação dos Resíduos Sólidos**

Os resíduos sólidos gerados no município são coletados e dispostos no Aterro Sanitário do Consórcio Intermunicipal do Médio Vale do Itajaí –CIMVI, localizado em Timbó(SC).

##### **4.7.6.4. Drenagem e Manejo de Águas Pluviais**

O sistema de drenagem urbana do município é composto por drenagem subterrânea do tipo separadora numa extensão total de 15 km, captados através de bocas de lobo e caixas com grelhas na sarjeta, que encaminham as águas ora para cursos d'água naturais permanentes, ora para cursos d'água intermitentes e ora para áreas livres ou particulares.

## **4.8. LEVANTAMENTO DA LEGISLAÇÃO E ANÁLISE DOS INSTRUMENTOS LEGAIS DE SANEAMENTO AMBIENTAL**

### **4.8.1. Legislação no Âmbito Federal**

A Constituição Federal promulgada em 1988 estabelece:

No art. 21, inciso XIX, prevê a instituição do sistema nacional de gerenciamento de recursos hídricos e no inciso XX estabelece as diretrizes para o desenvolvimento urbano, inclusive habitação, saneamento básico e transportes.

No Art. 23, compete a União, Estados, Distrito Federal e Municípios proteger o meio ambiente e combater a poluição em qualquer de suas formas, conforme inciso VI e preservar as florestas, a fauna e a flora, de acordo com o inciso VII.

No Art. 200, compete ao sistema único de saúde participar da formulação da política e da execução das ações de saneamento básico (inciso IV) e conforme inciso VI, fiscalizar e inspecionar alimentos, compreendido o controle de seu teor nutricional, bem como bebidas e águas para consumo humano.

No art. 225, estabelece as diretrizes gerais quanto ao meio ambiente ou seja “todos tem o direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações”.

No capítulo III da Constituição Federal encontram-se as disposições constitucionais relativas aos Estados.

No Art. 25, preceitua a CF que “Os Estados organizam-se e regem-se pelas Constituições e leis que adotarem, observados os princípios desta Constituição” e nos parágrafos abaixo diz:

§ 1º - São reservadas aos Estados às competências que não lhes sejam vedadas por esta Constituição.

§ 3º - Os Estados poderão, mediante lei complementar, instituir regiões metropolitanas, aglomerações urbanas e microrregiões, constituídas por agrupamentos de municípios limítrofes, para integrar a organização, o planejamento e a execução de funções públicas de interesse comum.

No Art. 26, trata dos bens dos Estados, onde se destaca no inciso II, que estabelece como bens do Estado “as águas superficiais ou subterrâneas, fluentes, emergentes e em depósito, ressalvadas, neste caso, na forma da lei, as decorrentes de obras da União.

No Art. 30, preceitua a C F, as competências municipais, onde se destacam os seguintes incisos:

I - legislar sobre assuntos de interesse local;

II - suplementar a legislação federal e a estadual no que couber;

V - organizar e prestar, diretamente ou sob regime de concessão ou permissão, os serviços públicos de interesse local, incluído o de transporte coletivo, que tem caráter essencial;

VII - prestar, com a cooperação técnica e financeira da União e do Estado, serviços de atendimento à saúde da população;

- Lei Federal Nº 11.445 de 5 de Janeiro de 2007 – Estabelece diretrizes nacionais para o saneamento básico e princípios como o da universalização do acesso, da integralidade e intersetorialidade das ações e da participação social.

OBS: O Plano Municipal de Saneamento Básico (PMSB) é uma determinação da Lei Federal 11.445. Os municípios, titulares dos serviços, deverão estabelecer a Política Pública de Saneamento Básico e elaborar os respectivos Planos Municipais e/ou regionais de saneamento básico que objetiva ser o principal instrumento de planejamento e para gestão do saneamento básico municipal. Ressalta-se que Constituição do Plano (PMSB) é condição de validade dos contratos que tenham como objeto a prestação de serviços públicos de Saneamento básico (art. 8 e 11 da Lei 11.445).

- Lei Federal Nº 6.938 de 31 de Agosto de 1981 - Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências.

- Lei Federal Nº 9.790 de 23 de Março de 1999 - Dispõe Sobre a Qualificação de Pessoas Jurídicas de Direito Privado, Sem Fins Lucrativos como Organizações de Soc. Civil de Interesse Público, Institui e Disciplina o Termo de Parceria e Dá Outras Providências.
- Decreto Federal Nº 2.612 de 3 de Junho de 1998 - Regulamenta o Conselho Nacional de Recursos Hídricos.
- Lei Federal Nº 9.433 de 8 de Janeiro de 1997 - Institui a Política Nacional de Recursos Hídricos, cria o Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos, regulamenta o inciso XIX do art. 21 da Constituição Federal.
- Lei Federal Nº 9.984 de 17 de Julho de 2000 – Dispõe sobre a criação da Agência Nacional de Águas - ANA, entidade federal de implementação da Política Nacional de Recursos Hídricos e de coordenação do Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos, e dá outras providências.
- Resolução CONAMA Nº 357 de 17 de Março de 2005 - Dispõe sobre a classificação dos corpos de água e diretrizes ambientais para o seu enquadramento, bem como estabelece as condições e padrões de lançamento de efluentes, e dá outras providências.

#### **4.8.2. Legislação no Âmbito Estadual**

Em uma análise de carácter geral, destaca-se na Constituição Estadual de 1989, aqueles aspectos que envolvem direta ou indiretamente as questões relativas ao saneamento. No capítulo das competências do Estado, encontra-se no Art. 8, que ao Estado cabe exercer, em seu território, todas as competências que não lhe sejam vedadas pela Constituição Federal, com destaque para os seguintes incisos:

IV - instituir e arrecadar tributos, tarifas e preços públicos;

V - elaborar e executar planos metropolitanos, regionais e microrregionais de desenvolvimento;

VII - explorar, em articulação com a União e com a colaboração do setor privado, mediante autorização, concessão ou permissão, serviços e instalações

de energia elétrica e aproveitamento energético de cursos d'água, bem como o carvão mineral;

VIII - explorar, diretamente ou mediante concessão ou permissão, os recursos hídricos de seu domínio. Com base neste preceito da constituição estadual é que será estabelecido o instrumento da outorga e da cobrança pelo uso de recursos hídricos de domínio do Estado. Tem uma implicação diretamente com as questões de abastecimento público e esgotamento sanitário, pois através destes instrumentos serão regularizadas as derivações, lançamentos de efluentes e demais usos da água.

IX - celebrar e firmar ajustes, convênios e acordos com a União, outros Estados, Distrito Federal e Municípios, para a execução de suas leis, serviços ou decisões, por servidores federais, estaduais, distritais ou municipais;

Parágrafo único - A lei disporá sobre as formas de apoio e as garantias asseguradas ao setor privado, nos casos da colaboração prevista no inciso VII.

No Art. 9º, trata das competências que Estado exerce, com a União e os Municípios, onde destaca-se as seguintes:

I - zelar pela guarda da Constituição Federal e desta Constituição, das leis e das instituições democráticas e conservar o patrimônio público;

II - cuidar da saúde e assistência pública e da proteção e garantia das pessoas portadoras de deficiência;

VI - proteger o meio ambiente e combater a poluição em qualquer de suas formas;

VII - preservar as florestas, a fauna e a flora;

IX - promover programas de construção de moradias e a melhoria das condições habitacionais e de saneamento básico;

X - combater as causas da pobreza e os fatores de marginalização, promovendo a integração social dos setores desfavorecidos;

XI - registrar, acompanhar e fiscalizar as concessões de direitos de pesquisa e exploração de recursos hídricos e minerais em seu território;

Na seção V, a Constituição Estadual, trata das regiões metropolitanas,



aglomerações urbanas e microrregiões e no art. Art. 114, preceitua que o Estado, para integrar a organização, o planejamento e a execução das funções públicas de seu interesse de Municípios limítrofes do mesmo complexo geoeconômico e social, poderá, mediante lei complementar, instituir:

I - regiões metropolitanas;

II - aglomerações urbanas;

III – microrregiões.

§ 1º - A instituição de região metropolitana se fará com base em avaliação do conjunto dos seguintes dados ou fatores, entre outros objetivamente apurados:

I - população, crescimento demográfico, grau de concentração e fluxos migratórios;

II - atividade econômica e perspectivas de desenvolvimento;

III - fatores de polarização;

IV - deficiência dos recursos públicos, em um ou mais municípios, com implicação no desenvolvimento da região.

§ 2º - Não será criada microrregião integrada por menos de quatro por cento dos Municípios do Estado.

§ 3º - Os Municípios poderão criar associações, consórcios e entidades intermunicipais para a realização de ações, obras e serviços de interesse comum.

Na seção II, a Constituição Estadual, trata da Política de Desenvolvimento Urbano, onde no Art. 140, preceitua que a política municipal de desenvolvimento urbano atenderá ao pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade e ao bem-estar de seus habitantes, na forma da lei. Estabelece no parágrafo único que o Plano Diretor, aprovado pela Câmara Municipal, é obrigatório para cidades com mais de vinte mil habitantes, sendo o instrumento básico da política de desenvolvimento e de expansão urbanas.

No Art.141, onde estão estabelecidas as normas e diretrizes relativas ao desenvolvimento urbano, o Estado e o Município com especial destaque para os seguintes incisos e itens:

I - política de uso e ocupação do solo que garanta:

- a) controle da expansão urbana;
- b) controle dos vazios urbanos;
- d) manutenção de características do ambiente natural;

III- participação de entidades comunitárias na elaboração e implementação de planos, programas e projetos e no encaminhamento de soluções para os problemas urbanos;

V- atendimento aos problemas decorrentes de áreas ocupadas por população de baixa renda.

Na seção III, a Constituição Estadual, trata do desenvolvimento Rural, onde no art. 144, preceitua que a política de desenvolvimento rural será planejada, executada e avaliada na forma da lei, observada a legislação federal, com a participação efetiva das classes produtoras, trabalhadores rurais, técnicos e profissionais da área e dos setores de comercialização, armazenamento e transportes. Aqui destaca-se apenas os incisos e itens relacionados com água e saneamento, tais como:

IV - a habitação, educação e saúde para o produtor rural;

V - a execução de programas de recuperação e conservação do solo, de reflorestamento e aproveitamento dos recursos naturais;

VI - a proteção do meio ambiente;

IX - o incentivo ao cooperativismo, ao sindicalismo e ao associativismo;

XIII - a prestação de serviços públicos e fornecimento de insumos;

§ 2º - A preservação e a recuperação ambiental no meio rural atenderão ao seguinte:

I - realização de zoneamento agroecológico que permita estabelecer critérios para o disciplinamento e ordenamento da ocupação espacial pelas diversas atividades produtivas, quando da instalação de hidrelétricas e processos de urbanização;

II- as bacias hidrográficas constituem unidades básicas de planejamento do uso, conservação e recuperação dos recursos naturais;

IV- disciplinamento da produção, manipulação, armazenamento e uso de agrotóxicos, biocidas e afins e seus componentes.

Na seção II, a Constituição Estadual, trata da Saúde, onde no art. 153, preceitua que a saúde é direito de todos e dever do Estado, garantida mediante políticas sociais e econômicas que visem a redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário as ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação.

Parágrafo único - O direito a saúde implica os seguintes princípios fundamentais:

I - trabalho digno, educação, alimentação, saneamento, moradia, meio ambiente saudável, transporte e lazer;

II - informação sobre o risco de doença e morte, bem como a promoção e recuperação da saúde.

Nos aspectos relacionados ao Meio Ambiente, no Art. 181, preceitua que todos tem direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, impondo-se ao Poder Público e a coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações.

No Art. 182 , trata da incumbência ao Estado, na forma da lei para:

I - preservar e restaurar os processos ecológicos essenciais e prover o manejo ecológico das espécies e ecossistemas;

III - proteger a fauna e a flora, vedadas as práticas que coloquem em risco sua função ecológica, provoquem extinção de espécie ou submetam animais a tratamento cruel;

V - exigir, para instalação de obra ou atividade potencialmente causadora de significativa degradação do meio ambiente, estudos prévios de impacto ambiental, a que se dará publicidade;

VI- controlar a produção, a comercialização e o emprego de técnicas, métodos e substâncias que comportem risco para a vida, a qualidade de vida e o meio ambiente;

VIII - informar sistematicamente a população sobre os níveis de poluição, a

qualidade do meio ambiente, a situação de riscos de acidentes e a presença de substâncias potencialmente danosas a saúde na água, no ar, no solo e nos alimentos;

IX- proteger os animais domésticos, relacionados historicamente com o homem, que sofram as conseqüências do urbanismo e da modernidade.

- Lei Estadual Nº 13.517 de 4 de Outubro de 2005 - Dispõe sobre a Política Estadual de Saneamento e estabelece outras providências.

OBS: Em relação ao marco legal e institucional do Estado de Santa Catarina, cabe destacar a lei 13.517 de 04/10/2005, que instituí a Política Estadual de Saneamento onde em seu art. 2º, define os seguintes conceitos fundamentais:

I - Saneamento ou Saneamento Ambiental: o conjunto de ações com o objetivo de alcançar níveis crescentes de salubridade ambiental, compreendendo o abastecimento de água; a coleta, o tratamento e a disposição dos esgotos e dos resíduos sólidos e gasosos e os demais serviços de limpeza; o manejo das águas; o controle ambiental de vetores e reservatórios de doenças e a disciplina da ocupação e uso do solo, nas condições que maximizem a promoção e a melhoria de vida nos meios urbanos e rural; e

II - Salubridade Ambiental: qualidade das condições em que vivem populações urbanas e rurais no que diz respeito à sua capacidade de inibir, prevenir ou impedir a ocorrência de doenças veiculadas pelo meio ambiente, bem como de favorecer o pleno gozo da saúde e o bem estar.

- . PORTARIA Nº 024 de 1979 - Enquadra os cursos d'água do Estado de Santa Catarina na classificação estabelecida pela Portaria GM Nº 0013, de 15 de Janeiro de 1976, do Ministério do Interior.

#### **4.8.3. Legislação no Âmbito Municipal**

A Constituição Estadual, na SEÇÃO III, trata das competências municipais, onde no Art. Art. 112, preceitua que compete ao Município:

I - legislar sobre assuntos de interesse local;

II - suplementar a legislação federal e a estadual, no que couber;

III - instituir e arrecadar os tributos, tarifas e preços públicos de sua competência, bem como aplicar suas rendas, sem prejuízo da obrigatoriedade de prestar contas e publicar balancetes nos prazos fixados em lei;

V - organizar e prestar, diretamente ou sob regime de concessão ou permissão, os serviços públicos de interesse local;

VII - prestar, com a cooperação técnica e financeira da União e do Estado, serviços de atendimento a saúde da população;

No momento o Município de Rio dos Cedros não possui Plano Diretor.

#### **4.8.4. Instrumentos Legais de Saneamento Básico**

- **Plano Nacional de Saneamento** – exigência da Lei Federal Nº 11.445 de 5 de Janeiro de 2007, constituirá o principal mecanismo da política federal para implementar as diretrizes legais de saneamento. Será instrumento fundamental à retomada da capacidade orientadora do Estado na condução da política pública de saneamento básico e, conseqüentemente, da definição das metas e estratégias de governo para o setor no horizonte dos próximos vinte anos, com vistas à universalização do acesso aos serviços de saneamento básico como um direito social.
- **Plano Estadual de Saneamento** - Lei Nº 13.517 de 04 de Outubro de 2005 define como o conjunto de elementos de informação, diagnóstico, definição de objetivos, metas e instrumentos, programas, execução, avaliação e controle que consubstanciam, organizam e integram o planejamento e a execução das ações de saneamento no Estado de Santa Catarina. Este Plano deverá ser elaborado com base em Planos Regionais de Saneamento, deverá estar articulado com o Plano Estadual de Recursos Hídricos e com as políticas estaduais de saúde pública e de meio ambiente. Deverá ser aprovado por decreto do Poder Executivo, após ouvido o Conselho Estadual de Saneamento.
- **Fundo Estadual de Saneamento** – caracterizado como o instrumento institucional para dar suporte financeiro destinado à Política Estadual de

Saneamento, regulado pela lei estadual Nº 13.517.

- **Plano Municipal de Saneamento Básico** – é o principal instrumento de gestão para o setor de saneamento no âmbito municipal, assim, este busca a efetividade dos princípios da Lei Federal Nº 11.445 que segue a seguinte essência: o atendimento a todos com serviços eficientes de modo a dispor corretamente seus resíduos sólidos e líquidos e promover o saneamento do ambiente garantindo a salubridade ambiental e a garantia da utilização dos recursos pelas gerações futuras.
- **Comitês de Bacias Hidrográficas** – Regulamentado pela Lei Federal Nº 9.443 de 8 de Janeiro de 1997, o Comitê de Bacias Hidrográficas, é um órgão colegiado onde são discutidas as questões referentes à gestão das águas. Provocar debates das questões relacionadas aos recursos hídricos da bacia; articular a atuação das entidades que trabalham com este tema; arbitrar, em primeira instância, os conflitos relacionados a recursos hídricos; aprovar e acompanhar a execução do Plano de Recursos Hídricos da Bacia; estabelecer os mecanismos de cobrança pelo uso de recursos hídricos e sugerir os valores a serem cobrados; estabelecer critérios e promover o rateio de custo das obras de uso múltiplo, de interesse comum ou coletivo são as atribuições dos comitês.

#### **4.9. DIAGNÓSTICO DA DINÂMICA SOCIAL DO MUNICÍPIO**

O Diagnóstico da Dinâmica Social do Município tem como objetivo “articular o envolvimento da sociedade na elaboração dos Estudos” que conduzirão ao Plano Municipal de Saneamento Básico. Ou seja, para a construção do Plano é previsto um processo participativo de forma que este tenha em conta não somente aspectos do olhar técnico e ambiental, mas, também do olhar social. E, por outra parte, enriquecer e legitimar o Plano incorporando nele o conhecimento empírico e a memória viva dos moradores da região. Fundamental para este processo é que a sociedade esteja permanentemente informada a respeito dos objetivos dos estudos, dos correspondentes avanços e das possibilidades de participar.

Por tratar-se de um Plano, deverão ser analisadas todas as potencialidades

identificadas no processo de participação social, visando aproveitá-las seja na formulação, seja na etapa posterior da implementação do plano. E, ao mesmo tempo, é através do processo de participação social que deverão ser identificadas as carências e as eventuais forças de resistência ou não cooperativas, aspectos estes que deverão ser adequadamente tratados visando atenuá-los ou, se possível, eliminá-los.

Neste sentido, o Diagnóstico da Dinâmica Social do Município, com a identificação dos principais atores sociais e das instituições relacionadas com o uso e proteção dos recursos hídricos, constitui-se num elemento básico para a elaboração do Plano Municipal de Saneamento Básico.

No que se refere à identificação de atores sociais e institucionais intervenientes na área do município, foi realizada uma ampla pesquisa procurando-se destacar aqueles com atuação relevante e que possam ser elementos multiplicadores do processo de envolvimento da sociedade na construção do Plano.

Inicialmente, para fins de realização das primeiras reuniões previstas no Plano, foi necessário um levantamento preliminar dos principais atores sociais e institucionais atuantes na região de estudo aproveitando, basicamente, as informações existentes e disponíveis na SDS ou internet. Este levantamento foi posteriormente enriquecido com o auxílio dos participantes nas primeiras reuniões regionais e com pesquisas complementares da Contratada com base em fontes secundárias. Os resultados são apresentados nos itens que seguem.

#### **4.9.1. Identificação de Atores Sociais Atuantes no Município: Grupos Sociais e Econômicos Organizados**

Foram identificados atores sociais, com enfoque sobre os usuários de água, caracterizando formas de atuação, capacidade de liderança, abrangência espacial e tipos de atuação, com destaque aos usos e proteção dos recursos hídricos. Trata-se de atores sociais que, adequadamente organizados, tem grande potencial de parceria para a construção do Plano Municipal de Saneamento Básico.

Com a sistematização destas informações, na sequência, é apresentada a relação dos atores atuantes no município ou região, conforme sua

categorização social. No Anexo 1, é apresentado uma lista com os contatos (endereços, telefones e e-mails) dos atores sociais atuantes no município. É parte integrante deste Anexo a relação: de grupos sociais e econômicos (Sindicatos, Associações e Cooperativas); de instituições relacionadas com o gerenciamento de recursos hídricos (instituições de âmbito municipal, intermunicipal, estadual e federal); das Organizações Não-Governamentais; dos representantes do Comitê de Gerenciamento das Bacias Hidrográficas; e, das instituições de ensino de nível superior.

#### **4.9.1.1. Sindicatos**

##### Sindicatos dos Trabalhadores Rurais

A partir de consulta ao sítio da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Santa Catarina (FETAESC) foram identificados os sindicatos dos trabalhadores rurais (Anexo 1) existentes no município (FETAESC, 2010).

##### Sindicatos Rurais

A partir de consulta ao sítio da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Santa Catarina (FAESC) foram identificados os sindicatos rurais (Anexo 1) existentes no município (FAESC, 2010).

#### **4.9.1.2. Cooperativas**

Dentre os atores sociais atuantes na área do município encontra-se a Cooperativa Regional Agropecuária Alto Vale do Itajaí Ltda – CRAVIL

#### **4.9.2. Caracterização das Instituições relacionadas com o Gerenciamento de Recursos Hídricos**

Neste item são apresentadas as Instituições com ações relevantes para a Gestão dos Recursos Hídricos na área do município, em virtude do seu potencial de agente apoiador e multiplicador das ações de planejamento. Descrevem-se brevemente as atribuições e correspondente participação no processo de gestão de recursos hídricos.

#### **4.9.2.1. Instituições de âmbito municipal e intermunicipal**

##### Município

O Anexo 1 apresenta endereço, telefone e e-mail de representantes da



prefeitura municipal.

### Associação de Municípios

As associações de municípios, dentro do processo de gestão de recursos hídricos, assumem um papel de significativa importância, pois são articuladores potenciais para a preservação e conservação deste recurso natural. A capacidade de articulação e ação efetiva dos municípios participantes representa uma potencialidade que deve ser direcionada para ações conjuntas, programas e projetos para proteção dos mananciais hídricos, bem como para a promoção de campanhas de educação ambiental e estabelecimento de parcerias entre as organizações locais como forma de promover e fortalecer a participação da população no processo.

A Associação de Municípios atuante é apresentada no Quadro 19 e no Anexo 1.

**Quadro 19 – Associação de Municípios atuante**

<b>Associação de Municípios</b>	<b>Município Sede</b>	<b>Municípios atuantes</b>
AMMVI - Associação dos Municípios do Médio Vale do Itajaí	Blumenau	Apiúna, Ascurra, Benedito Novo, Blumenau, Botuverá, Brusque, Doutor Pedrinho, Gaspar, Guabiruba, Indaial, Pomerode, Rio dos Cedros, Rodeio e Timbó

### Consórcio Intermunicipal

Na região do município tem sido desenvolvida uma interessante experiência de gestão ambiental através do Consórcio Intermunicipal do Medio Vale do Itajaí - CIMVI. O Consórcio CIMVI une municípios catarinenses em torno de um objetivo comum: promover a gestão consorciada de atividades potencialmentepoluidoras ou utilizadoras de recursos ambientais.

Municípios Consorciados: Apiúna, Ascurra, Benedito Novo, Doutor Pedrinho, Indaial, Pomerode, Rio dos Cedros, Rodeio e Timbó. O Anexo 1 mostra endereço, telefone e e-mail do Consórcio CIMVI.

#### **4.9.2.2. Instituições de Âmbito Estadual**

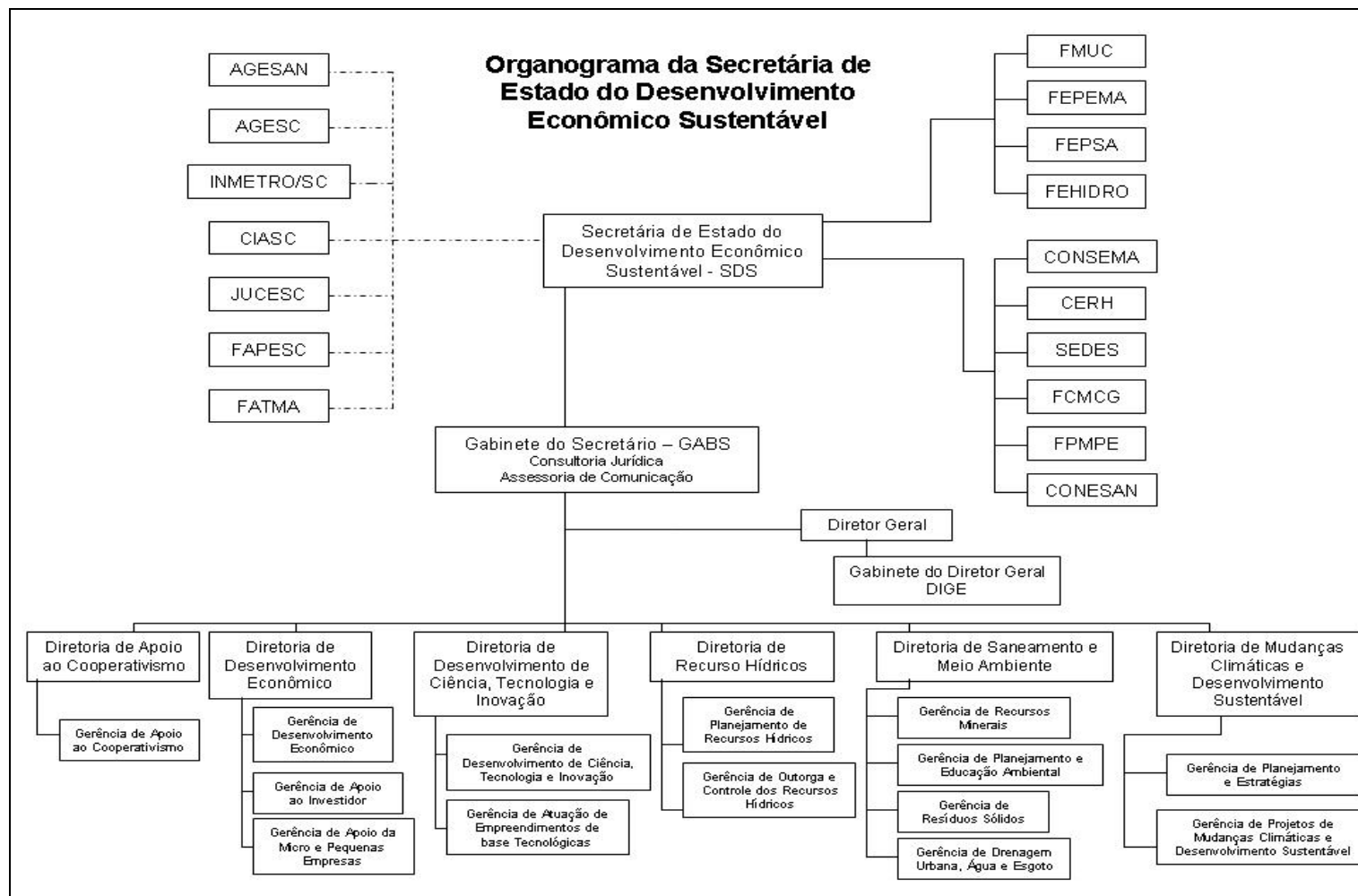
##### Secretaria de Estado Desenvolvimento Econômico Sustentável – SDS

No ano de 2003, foi feita a integração da antiga Secretaria da Família com a Secretaria do Meio Ambiente, formando a então denominada Secretaria de Estado do Desenvolvimento Social, Urbano e Meio Ambiente – SDS.

Com a reforma administrativa ocorrida em 2005, através da Lei Complementar Nº 284 de 28 de Fevereiro de 2005, a Secretaria de Estado do Desenvolvimento Social, Urbano e Meio Ambiente foi transformada em Secretaria de Estado do Desenvolvimento Sustentável, permanecendo a sigla SDS.

Na terceira reforma administrativa através da Lei Complementar Nº 381 de 7 de Maio de 2007, é alterada a competência e o nome da SDS, transformando-a em Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico Sustentável, mantendo a sigla SDS (SANTA CATARINA / SDS, 2010).

Na Figura 3 encontra-se o Organograma da SDS.



**Figura 3 – Organograma da Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico Sustentável**  
 Fonte: SANTA CATARINA / SDS, 2010.

### Conselho Estadual de Recursos Hídricos – CERH

O Conselho Estadual de Recursos Hídricos – CERH, foi estabelecido através da Lei Nº 6.739 de 1985 com as funções de órgão de deliberação coletiva no Estado de Santa Catarina.

O Conselho Estadual de Recursos Hídricos é o órgão superior do Sistema Estadual de Gerenciamento de Recursos Hídricos, responsável pelo estabelecimento de diretrizes da Política Estadual de Recursos Hídricos, proposição de diretrizes para o Plano Estadual de Recursos Hídricos e normas sobre o uso das águas e, ainda, estabelecimento de normas para a instituição de Comitês de Bacia. O órgão central, representado pela Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico Sustentável (SDS), responsável pelo Meio Ambiente, é responsável pela execução da Política Estadual de Recursos Hídricos e coordenação a implantação dos Planos de Recursos Hídricos (SANTA CATARINA / SDS, 2010).

### Secretaria de Estado de Desenvolvimento Regional – SDR

As Secretarias de Estado de Desenvolvimento Regional objetivam a democratização das ações e a transparência e visam ao amplo engajamento e a participação das comunidades de cada microrregião, com a regionalização do orçamento, do planejamento, da fiscalização e das ações.

As Secretarias atuam como agências oficiais de desenvolvimento. Os Conselhos - compostos pelo Secretário de Estado do Desenvolvimento Regional, os Prefeitos e Presidentes das Câmaras de Vereadores da região de abrangência e dois representantes, por município, membros da sociedade civil, que representem os segmentos culturais, políticos, ambientais, econômicos e sociais – constituem um Fórum permanente de debates sobre a aplicação do orçamento regionalizado, a escala de prioridade das ações e a integração Estado/Município/Universidade/Comunidade no planejamento e execução de metas.

Fazem parte, da organização estrutural das Secretarias, as gerências regionais: da Educação; da Saúde; da Assistência Social; do Desenvolvimento Econômico Sustentável e Agricultura; da Infra-estrutura; da Cultura, Turismo e Esporte; e, a Gerência de Projetos Especiais (SANTA CATARINA / SDR,

2010).

A Secretaria de Estado de Desenvolvimento Regional atuante na área do município é a SDR de Timbó, cuja sede localiza-se no Município de Timbó. O Anexo 1 mostra endereço, telefone e e-mail da referida SDR.

#### Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina S/A – EPAGRI

Com o objetivo de promover a preservação, recuperação, conservação e utilização sustentável dos recursos naturais, a Epagri (Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina S/A, vinculada a Secretaria de Estado do Desenvolvimento Rural e da Agricultura) busca a competitividade da agricultura catarinense frente a mercados globalizados, adequando os produtos às exigências dos consumidores. É também objetivo da empresa promover a melhoria da qualidade de vida do meio rural e pesqueiro.

A estrutura organizacional da Epagri compreende, no nível político-estratégico, a sede administrativa, integrada pelos órgãos deliberativos e de fiscalização, a diretoria executiva, as gerências estaduais e as assessorias, competindo-lhes a formulação de políticas, diretrizes, estratégias e o estabelecimento de prioridades; análise da gestão econômico-financeira; coordenação, avaliação, suporte institucional e articulação interinstitucional. No nível tático-operacional compete às Gerências Regionais – compostas por unidades de pesquisa, centros de treinamento, campos experimentais e escritórios municipais – o cumprimento das políticas, diretrizes, estratégias e prioridades; formulação e execução de projetos; administração dos recursos humanos, materiais e financeiros; articulação e suporte intra-regional; participação nos planos municipais de desenvolvimento rural e na articulação local (SANTA CATARINA / EPAGRI, 2010).

A Epagri possui um escritório no município, pertencente à Gerência Regional de Blumenau. No Anexo 1 estão listados o endereço, o telefone e o e-mail da Gerência Regional e do escritório localizado no município.

#### Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina – CIDASC

Empresa de economia mista, criada em 28 de Fevereiro de 1979 pela Lei N°

5.516 e fundada em 27 de Novembro de 1979, transformada em empresa pública em 06 de Setembro de 2005 tem como missão melhorar a qualidade de vida da sociedade catarinense, promovendo a saúde pública e o desenvolvimento integrado e sustentável dos setores agropecuário, florestal e pesqueiro, através de ações voltadas ao apoio da produção e comercialização, controle de qualidade e saneamento ambiental.

Serviços prestados: Saúde animal, fomento da produção animal, classificação de produtos de origem vegetal, armazenagem, engenharia rural e inspeção de produtos de origem animal (SANTA CATARINA / CIDASC, 2010).

Está organizada em Administrações Regionais, das quais, a que atua no município está localizada em Blumenau. No Anexo 1 estão listados o endereço, o telefone e o e-mail da Administração Regional na área do município.

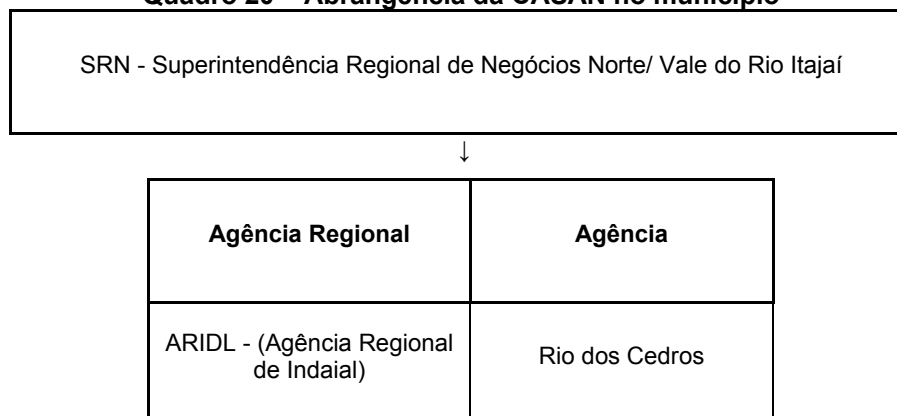
#### Companhia Catarinense de Águas e Saneamento – CASAN

A Companhia Catarinense de Águas e Saneamento - CASAN é uma empresa de capital misto, criada em 1970 e que tem como missão abastecer de água para consumo humano e prover o estado de sistemas de saneamento básico. A empresa está presente em 205 municípios catarinenses e 01 paranaense, atuando diretamente nesses dois setores.

A empresa atende uma população de 2,3 milhões de habitantes com distribuição de água tratada e 319 mil com coleta, tratamento destino final de esgoto sanitário (SANTA CATARINA / CASAN, 2010).

A CASAN atende o município através da Agência de Rio dos Cedros, vinculada à Agência Regional de Indaial, que por sua vez está vinculada à SRN - Superintendência Regional de Negócios Norte/Vale do Rio Itajaí.

#### Quadro 20 – Abrangência da CASAN no município



No Anexo 1 está listado o contato (endereço, telefone e e-mail) da superintendência regional, da agência regional e da agência da CASAN com abrangência no município.

#### FATMA – Fundação do Meio Ambiente

A FATMA é o órgão ambiental da esfera estadual do Governo do Estado de Santa Catarina. Atua com uma sede administrativa, localizada em Florianópolis, e 14 coordenadorias regionais, e um Posto Avançado de controle Ambiental (PACAM), no Estado. Criada em 1975, a FATMA tem como missão maior garantir a preservação dos recursos naturais do Estado. Isto é buscado através: da gestão de oito Unidades de Conservação Estaduais, da Fiscalização Ambiental, do Licenciamento Ambiental, do Programa de Prevenção e Atendimento a Acidentes com Cargas Perigosas e de Estudos e Pesquisas Ambientais e da pesquisa da Balneabilidade.

A ação da FATMA na área correspondente ao município compete à Coordenadoria de Desenvolvimento Ambiental (CODAM) com sede em Blumenau.

Para viabilizar projetos especiais, de grande amplitude e efeitos diretos sobre as comunidades e economias envolvidas, e que também requerem tecnologia de ponta, a FATMA mantém convênio com entidades internacionais (SANTA CATARINA / FATMA, 2010), tais como:

- GTZ - Agência Alemã de Cooperação Técnica: Cooperação Técnica para o Gerenciamento dos Recursos Hídricos em Santa Catarina;

- KfW - Kreditanstalt für Wiederaufbau: Cooperação Financeira Alemã. Proteção da Mata Atlântica em Santa Catarina - Consolidar e fortalecer as Unidades de Conservação - UC's;
- GEF - Fundo para o Meio Ambiente: Conservação da biodiversidade e restauração dos ecossistemas de importância global do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, com a participação de atores sociais locais. Este Projeto prevê atividades de fiscalização, educação ambiental e elaboração do Plano de Manejo, entre outras;
- PNMA II - Programa Nacional de Meio Ambiente: Ativo ambiental - desenvolver atividades de recuperação ambiental decorrentes dos despejos de dejetos suínos, nas Bacias do Fragosos e Coruja/Bonito, com a realização do Licenciamento e do Monitoramento Ambiental; e,
- Microbacias II – Corredores Ecológicos: Este Projeto objetiva a implantação de corredores ecológicos em áreas de florestas de araucária, a regulamentação de leis de conservação e gestão ambiental (SEUC e ICMS - Ecológico), e a consolidação do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro com ações de educação ambiental e de fiscalização.

### Vigilância Sanitária

A Vigilância Sanitária (VISA) é responsável por promover e proteger a saúde e prevenir a doença por meio de estratégias e ações de educação e fiscalização. Tem como missão promover e proteger a saúde da população por meio de ações integradas e articuladas de coordenação, normatização, capacitação, educação, informação apoio técnico, fiscalização, supervisão e avaliação em Vigilância Sanitária.

O serviço de Vigilância Sanitária está vinculado ao serviço de saúde. No caso do Brasil, é o SUS – Sistema Único de Saúde. O SUS foi criado pela Lei Federal Nº 8.080 de 19 de Setembro de 1990. No artigo 7 dessa Lei estão descritos os princípios e as diretrizes do SUS, que são os mesmos que regem o trabalho da Vigilância Sanitária.

Cabe aos municípios a execução de todas as atividades de Vigilância Sanitária, desde que assegurados nas leis federais (Portaria Nº 2.473, de 29 de Dezembro de 2003) e estaduais. Esse é o processo chamado de



municipalização das ações da VISA. O Estado e a União podem atuar em caráter complementar quando houver risco epidemiológico, necessidade profissional e tecnológica (SANTA CATARINA / VISA, 2010).

Regional Estadual da Vigilância Sanitária atuante no município: Timbó (35ª Regional).

No Anexo 1 está listado o contato da Regional da Vigilância Sanitária atuante na área do município.

#### **4.9.2.3. Instituições de Âmbito Federal**

##### Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – IBAMA

O Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) é uma autarquia federal, criado pela Lei Nº 7735 de 22 de Fevereiro de 1989. Ele está vinculado ao Ministério do Meio Ambiente (MMA), sendo o responsável pela execução da Política Nacional do Meio Ambiente. Desenvolve diversas atividades para a preservação e conservação do patrimônio natural, exercendo o controle e a fiscalização sobre o uso dos recursos naturais. (BRASIL / IBAMA, 2010).

O IBAMA atua no município através do Escritório Regional localizado no Município de Rio do Sul.

##### ***Outras Instituições Federais***

As instituições federais relacionadas a seguir são de grande relevância tanto no potencial de contribuição para a formulação do Plano, como na construção e implementação do próprio Plano.

##### Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa

Vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, a Embrapa foi criada em 26 de Abril de 1973. Sua missão é viabilizar soluções para o desenvolvimento sustentável do espaço rural, com foco no agronegócio, por meio da geração, adaptação e transferência de conhecimentos e tecnologias (BRASIL / EMBRAPA, 2010).

### Agência Nacional de Águas (ANA)

É o órgão gestor dos recursos hídricos de domínio da União, justificando sua inclusão dentre as instituições relevantes para o gerenciamento dos recursos hídricos da área do município (BRASIL / ANA, 2010).

### Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL)

Embora não tenha competência direta sobre o gerenciamento dos recursos hídricos, compete a ela a concessão dos direitos de exploração dos potenciais hidrelétricos em qualquer curso de água, mesmo nos de domínio estadual, com prévia consulta de disponibilidade hídrica ao correspondente órgão gestor. A mesma necessidade de articulação e integração de ações entre entidades federais e regionais justifica a inclusão desta instituição (BRASIL / ANEEL, 2010).

### Ministério do Meio Ambiente (MMA) / Secretaria de Recursos Hídricos e Ambiente Urbano (SRHU)

A SRHU do MMA compete, dentre outras funções, propor políticas, planos e normas e definir estratégias nos temas relacionados com a gestão integrada do uso múltiplo sustentável dos recursos hídricos. Compete, também, desenvolver ações de apoio aos Estados na implementação do Sistema Estadual de Gerenciamento de Recursos Hídricos; desenvolver ações de apoio à constituição dos Comitês de Gerenciamento de Bacias Hidrográficas; promover, em articulação com órgãos e entidades estaduais, os estudos técnicos relacionados aos recursos hídricos e propor o encaminhamento de soluções (BRASIL / MMA, 2010).

### Companhia de Pesquisas de Recursos Minerais (CPRM)

É o atual Serviço Geológico Nacional, mais conhecido pela sua antiga sigla CPRM, correspondente à empresa de economia mista de sua criação em 1969, vinculada ao Ministério de Minas e Energia. Em 1994 foi transformada em empresa pública. É responsável pelo Programa Geologia do Brasil, do Governo Federal, inserido no Plano Plurianual 2004-2007. Executa levantamentos geológicos, geofísicos, hidrogeológicos, avaliação dos recursos minerais do Brasil, gestão da informação geológica e análises químicas e minerais. Monitora, também, redes hidrológicas de responsabilidade da Agência Nacional

de Águas – ANA (BRASIL / CPRM, 2010).

### ***Conselhos Profissionais***

#### Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia do Estado de Santa Catarina - CREA

O CREA/SC, assim como todos os outros CREAs distribuídos pelo Brasil, está vinculado ao CONFEA – Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia, que é a instância superior de regulamentação das profissões abrangidas. Cabe ao CONFEA garantir a unidade de ação e a normatização de todos os CREAs, exercendo funções de supervisão financeira e administrativa sobre eles. Forma-se assim, o Sistema CONFEA/CREAs. Dentro desse contexto, o CREA-SC oferece suporte para que engenheiros, arquitetos, agrônomos, geólogos, geógrafos, meteorologistas, técnicos industriais, técnicos agrícolas e tecnólogos absorvam rapidamente as evoluções no setor da tecnologia. Para atender Santa Catarina, o CREA possui 20 Inspetorias Regionais, 8 Escritórios de Representação Regional e 4 Postos de Atendimento (CREA, 2010).

A Inspetoria Regional do CREA-SC atuante no município encontra-se situada no município de Blumenau.

#### Conselho Regional de Química - CRQ

O Conselho Regional de Química – CRQ tem atuação em todo Brasil e é composto por 20 conselhos regionais. Dentro desse contexto, o CRQ-13ª Região, Jurisdição Santa Catarina, com sede no município de Florianópolis, tem por objetivo oferecer apoio técnico aos químicos (CRQ, 2010).

O CRQ atuante no município é atendido pela Delegacia Regional Norte, localizada na cidade de Joinville.

#### Conselho Regional de Biologia - CRBio

A Lei Nº 6.684, de 3 de Setembro de 1979, regulamentou as profissões e atividades do biólogo e biomédico, criando os Conselhos Federal e Regionais de Biologia e Biomedicina, com a finalidade de fiscalizar o exercício das profissões definidas pela lei. Em 30 de Agosto de 1982, através da Lei Nº 7.017, foram desmembrados os Conselhos Federal e Regionais de

Biomedicina e Biologia. O Decreto Nº 88.438, de 1983, dispôs e referendou a regulamentação do exercício da profissão de biólogo, especificando as atribuições dos Conselhos Regionais.

Em Santa Catarina é atendida pela Delegacia de Santa Catarina do Conselho Regional de Biologia 3ª Região (CRBio3). A Delegacia de Santa Catarina do CRBio3 tem atuação no município, com sede no município de Florianópolis (CRBio, 2010).

No Anexo 1 constam dados complementares sobre os conselhos profissionais citados.

#### **4.9.2.4. Comitê de Gerenciamento da Bacia Hidrográfica do Rio Itajaí**

Os Comitês de Gerenciamento de Bacia Hidrográfica do Estado de Santa Catarina são órgãos colegiados para a gestão de recursos hídricos com atribuições normativas, consultivas e deliberativas de atuação na bacia ou sub-bacia hidrográfica de sua abrangência, integrados por 40% de representantes dos usuários da água; 40% de representantes da população da bacia, através dos poderes executivo e legislativo municipais, de parlamentares da região e de organizações e entidades da sociedade civil; e 20% para representantes dos diversos órgãos da administração estadual e federal atuantes na bacia. São destinados a atuar como “parlamento das águas”, posto que são os fóruns de decisão no âmbito de cada Bacia Hidrográfica.

Nos Regimentos Internos dos Comitês Catarinenses de Gerenciamento de Bacias Hidrográficas, aprovados mediante Decretos do Poder Executivo Estadual, destacam-se os seguintes objetivos:

I - promover o gerenciamento descentralizado, participativo e integrado da Bacia Hidrográfica, sem dissociação dos aspectos quantitativos e qualitativos, dos recursos hídricos em sua área de atuação;

II - promover a integração de ações na defesa contra eventos hidrológicos críticos, que ofereçam riscos à saúde e à segurança públicas, assim como prejuízos econômicos e sociais;

III - adotar a Bacia Hidrográfica como unidade físico-territorial de planejamento e gerenciamento;

IV - reconhecer o recurso hídrico como um bem público, de valor econômico, cuja utilização deve ser cobrada, observados os aspectos de quantidade, qualidade e as peculiaridades da Bacia hidrográfica;

V - combater e prevenir as causas e efeitos adversos da poluição, das inundações, das estiagens, da erosão do solo e do assoreamento dos corpos de água nas áreas urbanas e rurais;

VI - compatibilizar o gerenciamento dos recursos hídricos com o desenvolvimento regional e com a proteção do meio ambiente;

VII - promover a maximização dos benefícios econômicos e sociais resultantes do aproveitamento múltiplo dos recursos hídricos superficiais e subterrâneos assegurando o uso prioritário para o abastecimento das populações;

VIII - estimular a proteção das águas contra ações que possam comprometer o uso atual e futuro.

O município em estudo participa do “Comitê de Gerenciamento da Bacia Hidrográfica do Rio Itajaí – Comitê Itajaí”, criado através do Decreto Estadual Nº 2109, de 05 de Agosto de 1997.

O regimento interno do Comitê Itajaí foi formalizado junto ao CERH através do Decreto Nº 3426, de 4 de Dezembro de 1998.

#### **4.9.3. Identificação dos Usuários de Água**

Através do Cadastro de Usuários de Água do Estado de Santa Catarina, de responsabilidade da Secretaria de Estado do Desenvolvimento Sustentável (SDS), foram identificadas as pessoas físicas ou jurídicas, de direito público ou privado, que fazem uso de recursos hídricos em quaisquer atividades, empreendimentos ou intervenções que alteram o regime, a quantidade ou a qualidade dos corpos de água no município. A consulta ao Cadastro foi realizada durante o mês de Março de 2010.

No Anexo 1 está listado o contato (endereço, telefone e e-mail) de cada usuário de água identificado na área do município, bem como a finalidade do uso.

#### **4.9.4. Identificação dos Atores Sociais com Atuação no Saneamento**

Dentre todos os atores sociais identificados anteriormente, destacam-se os seguintes por sua atuação nas questões relacionadas ao saneamento básico municipal:

- Prefeitura Municipal
- SDR de Timbó
- EPAGRI
- CASAN
- AMMVI - Associação dos Municípios do Médio Vale do Itajaí
- Consórcio Intermunicipal do Médio Vale do Itajaí - CIMVI
- Comitê de Gerenciamento da Bacia Hidrográfica do Rio Itajaí

#### 4.10. ESTRUTURA INSTITUCIONAL E LEGAL

Quadro 21 – Estrutura Institucional

<b>INSTITUCIONAL FEDERAL</b>	Constituição Federal Ministério do Meio Ambiente IBAMA – Lei 6938/81 e Resolução CONAMA 357/05 ANA – Lei 9433 Lei 9.984 Ministério das Cidades Secretaria Nacional de Saneamento Política Nacional do Saneamento Lei 11.445
<b>INSTITUCIONAL ESTADUAL</b>	Constituição Estadual Secretaria de Estado do Desenvolvimento Sustentável -SDS Agência Reguladora Dos Serviços Públicos de Santa Catarina- AGESC Política Estadual de Saneamento Básico– Lei 13.517 Fundo Estadual de Saneamento –Lei 13.517 Diretoria de Recursos Hídricos – Lei 9022 e Lei 9748 FATMA – Lei 6938/81. Portaria 0024/79 e Resolução do CONAMA 357/05.
<b>INSTITUCIONAL MUNICIPAL</b>	Secretarias Municipais Plano Municipal de Saneamento Básico - Lei 11.445 Agência Reguladora de Saneamento Básico - Lei 11.445

#### **4.10.1. Quadro Institucional, Organizacional e de Gestão**

A administração municipal é dirigida pelo Chefe do Poder Executivo, Prefeito, que comanda, supervisiona e coordena os serviços de interesse local, auxiliado por Secretários Municipais, Coordenadores ou Diretores de Departamento, de acordo com a estruturação da Prefeitura.

Os órgãos que compõem a Administração Municipal podem ser divididos em órgãos meio, que oferecem às Secretarias condições para suas operações, além de planejar, instrumentar e definir as ações a serem realizadas e órgãos considerados fim, que executam as ações propriamente ditas.

No Município de Rio dos Cedros competem planejar, instrumentar e definir ações para os serviços públicos de saneamento básico:

- A Secretaria de Obras e Serviços Urbanos é responsável pelos serviços de esgotamento sanitário, limpeza urbana e manejo de resíduos sólidos e manejo das águas pluviais e drenagem urbana.



## **4.11. CARACTERIZAÇÃO AMBIENTAL**

### **4.11.1. Clima**

Segundo dados da Prefeitura Municipal de Rio dos Cedros, o clima do município, conforme Köppen, classifica-se como mesotérmico úmido com verões quentes. A temperatura média anual é de 22° Celsius, com uma precipitação média anual de 1.800 mm (PREFEITURA MUNICIPAL DE RIO DOS CEDROS, 2010).

### **4.11.2. Geologia e Pedologia**

A Bacia Hidrográfica do Rio Itajaí é geologicamente formada por litologias de embasamento catarinense (Escudo Catarinense), que incluem rochas magmáticas e metamórficas mais antigas, rochas sedimentares e vulcânicas da Bacia Sedimentar do Paraná e sedimentos mais recentes ainda não consolidados. Especificamente dentro desta região ocorrem rochas do Complexo Granulítico, Complexo Tabuleiro, Complexo Brusque, Grupo Itajaí e Grupo Itararé. A maior extensão do território compõe parte do arcabouço geológico mais antigo e é formado por rochas metamórficas gnaíssicas granulíticas. Parte considerável do Município de Rio dos Cedros, onde afloram os granulitos, a morfologia é suavizada e os vales assumem a forma de “U” aberto formando planícies com centenas de metros de largura (AUMOND, 2005).

Dentre as formações rochosas, está o Grupo Itararé, presente no Município de Rio dos Cedros, formado por argilitos, ritmitos, diamictitos, arenitos e conglomerados, rochas ocorrentes nas nascentes do Rio Benedito e do Rio dos Cedros. Neste local, a estrutura planar das rochas, característica do planalto sedimentar, modelou a paisagem construindo grandes planos inexistentes no embasamento cristalino (AUMOND, 2005).

A alteração dessas rochas gerou regionalmente solos Podzólicos Vermelho-Amarelo (Argissolos) e Cambissolos com horizonte B incipiente. Os primeiros se caracterizam por serem solos profundos (1 a 2 m), são bem drenados com marcante diferenciação entre o horizonte A, mais arenoso, e o horizonte B mais argiloso. Os Cambissolos são de menor espessura (0,5 a 1,5m) consistindo de

solos jovens, que ainda estão trocando suas características. São solos susceptíveis a erosão, principalmente quando o relevo é acidentado. Nas planícies aluvionares altas se formam com frequência solos da ordem Glei Húmico, apresentando excesso de umidade, elevado teor de matéria orgânica e por isso apresentam cores acinzentadas.

Os argissolos mais profundos, ocorrentes nos altos campos de Rio dos Cedros, representam excelente fonte de matéria-prima para uso na indústria cerâmica de revestimento regional (pisos e azulejos) e cerâmica estrutural local (tijolos, telhas e lajes) (AUMOND, 2005).

#### **4.11.3. Geomorfologia e Relevo**

No município há áreas planas resultantes de acumulação fluvial, sujeita a inundações periódicas, correspondente às planícies e terraços de várzea. Outra parte do território faz parte da Unidade Geomorfológica Serras do Tabuleiro/Itajaí.

A geomorfologia desta unidade caracteriza-se por encostas íngremes e vales profundos, que favorecem a atuação de processos erosivos, principalmente nas encostas desmatadas.

A altitude em grande parte do município varia entre 600 e 1045 metros (SANTA CATARINA / GAPLAN, 1986).

#### **4.11.4. Hidrografia**

De acordo com a prefeitura, o município é banhado pelo Rio dos Cedros e seus afluentes: os rios Ada, Milanês, Esperança, Palmeiras, Bonito, São Bernardo e Cunha (PREFEITURA MUNICIPAL DE RIO DOS CEDROS, 2010).

#### **4.11.5. Vegetação**

A vegetação é formada por Floresta Ombrófila Densa, que ocorre em sua grande maioria nos vales e bordas das serras. No entanto, em virtude da altitude no município, que alcança 1045 metros, há porções de Floresta Ombrófila Mista (SANTA CATARINA / GAPLAN, 1986).

#### **4.11.6. Unidades de Conservação**

De acordo com o Cadastro Nacional de Unidades de Conservação, não há no território de Rio dos Cedros Unidades de Conservação.

## **5. DIAGNÓSTICO DOS SERVIÇOS DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA**

### **5.1. ANÁLISE CRÍTICA DO PLANO DIRETOR DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA DO MUNICÍPIO**

Conforme a Prefeitura de Rio dos Cedros, o município não dispõe de Plano Diretor de Abastecimento de Água.

### **5.2. DESCRIÇÃO DO SISTEMA DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA DO MUNICÍPIO**

#### **5.2.1. Considerações Iniciais**

O Município de Rio dos Cedros conta com dois sistemas de abastecimento, para suprir as demandas de água para consumo humano, operados pela CASAN. O Sistema Rio dos Cedros que atende todo o centro e quatro localidades da área rural: Alto Pomeranos (20 famílias), Cedrinhos (20 famílias), Pomeranos Santo Antônio (40 famílias) e Pomeranos Central (50 famílias) e o Sistema Alto Rio dos Cedros que atende somente o Loteamento Vivendas do Paraíso (aproximadamente 40 ligações).

No Sistema Rio dos Cedros a água é captada na Bacia Hidrográfica do Rio São Bernardo que possui três captações. A água bruta segue por gravidade para uma estação de tratamento de água (ETA) e após passar pelo tratamento segue para os reservatórios com capacidades de 250 m<sup>3</sup> e 500 m<sup>3</sup>, chegando à rede de distribuição também por gravidade.

No Sistema Alto Rio dos Cedros a água é captada através de poço profundo, segue para dois reservatórios de 20m<sup>3</sup> cada, estes funcionam também como tanque de contato para desinfecção com Hipoclorito de cálcio.

#### **5.2.2. Sistema Rio dos Cedros**

##### **5.2.2.1. Manancial Utilizado**

O Rio São Bernardo é o manancial que abastece o município aqui citado, através da captação superficial por barragens. A água do manancial é considerada de boa qualidade, principalmente no ponto de captação mais próximo da nascente do rio.



**Figura 4 - Manancial do Sistema Principal**

Para verificar a disponibilidade hídrica da Bacia do Rio São Bernardo, realizou-se um estudo prévio, considerando o critério de referência previamente definido pela Secretaria de Desenvolvimento Sustentável, do Decreto n° 4.778 de 11 de outubro de 2006, regulamentado através da Portaria n° 36 de 29 de julho de 2008, que apresenta o seguinte texto:

**Art. 2º** - *Para a análise de disponibilidade hídrica para captações ou derivação de cursos d'água de domínio do Estado de Santa Catarina, será adotada, como vazão de referência, a Q98 (vazão de permanência por 98% do tempo).*

§ 1º - *A vazão outorgável será equivalente a 50% da vazão de referência. (Alterado pela Portaria SDS 051/2008, de 02.10.2008)*

§ 2º - *Enquanto o limite máximo de derivações consuntivas em todas as seções de controle de uma bacia hidrográfica for igual ou inferior a 50% da vazão de referência Q98, as outorgas poderão ser emitidas pela SDS, baseadas na inexistência de conflito quantitativo para uso consuntivo da água. (Alterado pela Portaria SDS 051/2008, de 02.10.2008)*

§ 3º - *O limite máximo individual para usos consuntivos a ser outorgado na porção da bacia hidrográfica limitada por cada seção fluvial considerada é fixado em 20% da vazão outorgável, podendo ser excedido até o limite de 80%*

da vazão outorgável quando a finalidade do uso for para consumo humano, desde que seu uso seja considerado racional". (Incluído pela Portaria SDS 051/2008, de 02.10.2008)

De acordo com a referida Portaria, a vazão outorgável para o abastecimento público do Rio São Bernardo poderá ser no máximo de 40% da Q98. Portanto, conforme quadro apresentado abaixo, a vazão máxima outorgável é de 81,72 l/s.

**Quadro 22 - Curva de permanência**

Permanência (%)	Vazão (l/s)
5	1500,603
10	1225,844
15	1063,807
20	951,0861
25	873,5902
30	810,1845
35	753,8238
40	697,4632
45	655,1927
50	612,9222
55	570,6517
60	528,3812
65	493,1558
70	464,9754
75	422,705
80	387,4795
85	345,209
90	302,9386
95	253,623
98	204,3074
100	98,63116

Fonte: Elaboração Própria.- MPB Engenharia

#### **5.2.2.2. Captação**

A captação do Sistema Rio dos Cedros (Principal) é realizada por meio de 3 barragens de nível em áreas cercadas e com vegetação preservada, localizadas no manancial do Rio São Bernardo, sendo que uma delas é usada somente de forma paliativa. (Principal = coordenadas UTM 669378,865 E e 7042113,667 N, Nascente = coordenadas UTM 669149,935 E e 7042210,772 N e Paliativa = coordenadas UTM 668240,264 E e 7042554,719 N).



A vazão captada atualmente pela CASAN é de 900 m<sup>3</sup>/dia (10,41 l/s) (conforme BADOP fev./2010).



**Figura 5 – Captação Principal Sistema Rio dos Cedros**



**Figura 6 – Captação Sistema Rio dos Cedros (nascente)**



**Figura 7 – Captação Sistema Rio dos Cedros (Paliativa)**

Observa-se que a CASAN possui a outorga para captar 9,34 l/s, portanto atualmente a companhia capta um volume superior ao outorgado.

### **5.2.2.3. Adução de Água Bruta**

No Sistema Rio dos Cedros, a água bruta é captada em três diferentes pontos e aduzida por gravidade até a ETA por três linhas adutoras. Nas duas captações principais as linhas adutoras possuem o trecho inicial de ferro fundido e o restante em PVC-FoFo, já na adução da captação paliativa toda a linha é de PVC. Os principais dados sobre o sistema de adução são discriminados no Quadro 23.

**Quadro 23 – Características das linhas de adução Sistema Principal**

<b>Adutora</b>	<b>Díâmetro (mm)</b>	<b>Extensão (m)</b>	<b>Material</b>
Capt. Principal	100	3800	Ferro Fundido (250m iniciais) e PVC FoFo
Capt. Nascente	150	4000	Ferro Fundido (250m iniciais) e PVC FoFo
Capt. Paliativa	100	1700	PVC

Fonte: SANTA CATARINA / CASAN.

### **5.2.2.4. Estação de Tratamento de Água (ETA)**

A Estação de Tratamento de Água do Sistema é do tipo Tratamento

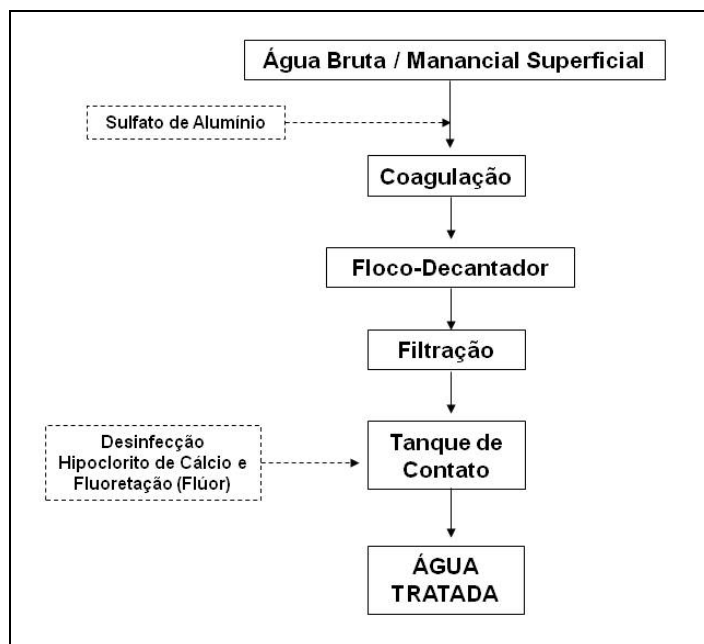


Convencional Metálica e está localizada na Rua Leandro Longo, bairro Centro (coordenadas UTM 671478,28 E e 7041491 N). Segundo informação da Companhia, a estação possui licença de operação junto ao órgão ambiental competente (FATMA), porém esta não foi disponibilizada para a consultora.

A vazão de projeto da ETA é de 780 m<sup>3</sup>/dia (9,02 l/s), porém atualmente a vazão anual média de produção (2009) segundo BADOP é de 810,51 m<sup>3</sup>/dia 9,38 l/s). Já o volume mensal de processo no ano de 2009, que é o volume de água utilizado no processo de tratamento, foi de 32,90 m<sup>3</sup>/dia (0,38l/s).

A seqüência do tratamento de água dá-se da seguinte forma: coagulação, floculação, decantação, filtração e desinfecção.

Com relação ao lodo gerado na estação observa-se que este é lançado diretamente no rio, sem que antes passe por qualquer tipo de tratamento.



**Figura 8 – Fluxograma da ETA**  
Fonte: Elaboração Própria.- MPB Engenharia



Figura 9 – Vista da ETA Compacta

#### 5.2.2.5. Reservação

O volume total do sistema de reservação é de 750 m<sup>3</sup>, sendo constituído de 02 reservatórios, conforme discriminado no Quadro 24. Os reservatórios estão localizados próximo à ETA (coordenadas UTM 671479,61 E e 7041465,134 N). Estes atendem com folga a recomendação de que um sistema de abastecimento de água deve possuir capacidade reservação, de no mínimo 1/3 da vazão máxima diária (11,17 l/s), que para o Sistema de Rio dos Cedros é de 321,57 m<sup>3</sup>.

Quadro 24 – Características dos reservatórios do Sistema Principal

Reservatório	Volume (m <sup>3</sup> )	Material	Forma	Tipo
R1	250	Concreto	Circular	Apoiado
R2	500	Concreto	Circular	Apoiado

Fonte: SANTA CATARINA / CASAN.



**Figura 10 – Vista dos Reservatórios**

### **5.2.2.6. Adução e Recalque de Água Tratada**

Após reservação a água tratada é aduzida, para posterior distribuição. O Quadro 25 apresenta as características da linha de adução.

O recalque da água é feito por gravidade.

**Quadro 25 - – Características da linha de adução Sistema Principal**

Adutora	Diâmetro (mm)	Extensão (m)	Material
1	150	320	PVC FoFo

Fonte: SANTA CATARINA / CASAN.

### **5.2.2.7. Freqüência e Tipos de Análises de Água**

O Quadro 26 apresenta a freqüência e os tipos de análises de água realizados no Sistema Rio dos Cedros. A qualidade da água distribuída é monitorada pelas Secretarias Estadual e Municipal.

**Quadro 26 – Freqüência e tipos de análises do Sistema Rio dos Cedros**

Tipo de Análise	Freqüência das Análises		
	Água Bruta	Estação de Tratamento	Rede de Distribuição
<b>Bacteriológica</b>	Semanal	Semanal	Semanal
<b>Físico-química</b>	Semanal	-	Semanal
<b>Substâncias químicas orgânicas</b>	Semestral	-	Semanal
<b>Substâncias químicas inorgânicas</b>	Semestral	-	Semanal
<b>Indicadores de poluição</b>	Anual	-	-
<b>Teor de flúor*</b>	Semanal	Diária	-
<b>Cianotoxina</b>	Anual	-	-
<b>Cloro residual</b>	-	Diária	Semanal

Fonte: SANTA CATARINA / CASAN.

\* Teor médio de flúor das análises: 0,6 a 0,8 mg/l

A Portaria N° 518, de 25 de março de 2004 do Ministério da Saúde, estabelece os procedimentos e responsabilidades relativos ao controle e vigilância da qualidade da água para consumo humano e seu padrão de potabilidade, e dá outras providências. De acordo com a referida Portaria, a frequência das análises depende do tipo do parâmetro analisado.

- para os parâmetros físicos-químicos (cor, turbidez, pH e fluoreto), captados em manancial superficial, a frequência se dá a cada duas horas na saída do tratamento. Já nos reservatórios e rede de distribuição, a frequência deverá ser mensal.
- para o parâmetro cloro residual livre, a frequência se dá a cada duas horas na saída do tratamento. Nos reservatórios e rede, deverão ser realizadas análises em todas as amostras coletadas para análises microbiológicas.
- as Cianotoxinas devem ser analisadas semanalmente na saída do tratamento.
- já para as substâncias químicas orgânicas, denominada na referida Portaria como Trihalometanos, deverá ser realizada trimestralmente na saída do tratamento, nos reservatórios e rede de distribuição.
- para fins de análises microbiológicas, na saída de cada unidade de tratamento devem ser coletadas, no mínimo, 2 (duas) amostras semanais, recomendando-se a coleta de, pelo menos, 4 (quatro) amostras semanais.

A respeito da frequência das análises o artigo 30 e 31 da Portaria supramencionada determinam:

Art. 30. O responsável pela operação do sistema ou solução alternativa de abastecimento de água pode solicitar à autoridade de saúde pública a alteração na frequência mínima de amostragem de determinados parâmetros estabelecidos nesta Norma.

Art. 31. Em função de características não conformes com o padrão de potabilidade da água ou de outros fatores de risco, a autoridade de saúde pública competente, com fundamento em relatório técnico, determinará ao

responsável pela operação do sistema ou solução alternativa de abastecimento de água que amplie o número mínimo de amostras, aumente a frequência de amostragem ou realize análises laboratoriais de parâmetros adicionais ao estabelecido na presente Norma.

#### **5.2.2.8. Rede de Distribuição**

A rede de distribuição do Sistema Principal possui uma extensão total de 54.000 metros (54 Km). O Quadro 27 apresenta a extensão e o respectivo diâmetro das linhas de distribuição de água tratada do Sistema.

<b>Tipo</b>	<b>Diâmetro (mm)</b>	<b>Extensão (m)</b>
Linha de distribuição	150	100
Linha de distribuição	100	1000
Linha de distribuição	75	5000
Linha de distribuição	60	47900

Fonte: SANTA CATARINA / CASAN.

Não foram disponibilizados mais elementos da rede tais como: setorização, localização de registros de manobras e cadastro da rede.

#### **5.2.3. Sistema Alto Rio dos Cedros**

##### **5.2.3.1. Manancial Utilizado**

O Aqüífero Guarani é o manancial subterrâneo utilizado para o suprimento de água potável no Sistema Alto Rio dos Cedros

##### **5.2.3.2. Captação**

A captação é realizada por meio de um poço profundo (coordenadas UTM 655105,813 E e 7055501,665 N), fornecendo assim uma água de excelente qualidade. O que justifica o tratamento da água para distribuição somente por meio de desinfecção.

A vazão captada atualmente segundo a CASAN é de 200m<sup>3</sup>/dia (2,31 l/s).



Figura 11 – Captação Sistema Alto Rio dos Cedros

#### 5.2.3.3. *Recalque de Água Bruta*

O Sistema Alto Rio dos Cedros possui estação de recalque, que está equipada com uma bomba de 3,5 CV, operando 6 horas/dia.

No Sistema Alto Rio dos Cedros a água bruta é aduzida em uma linha única, conforme o Quadro 28.

Quadro 28 - Características das linhas de adução Sistema Núcleo Alto Rio dos Cedros

Adutora	Diâmetro (mm)	Extensão (m)
1	40	1000

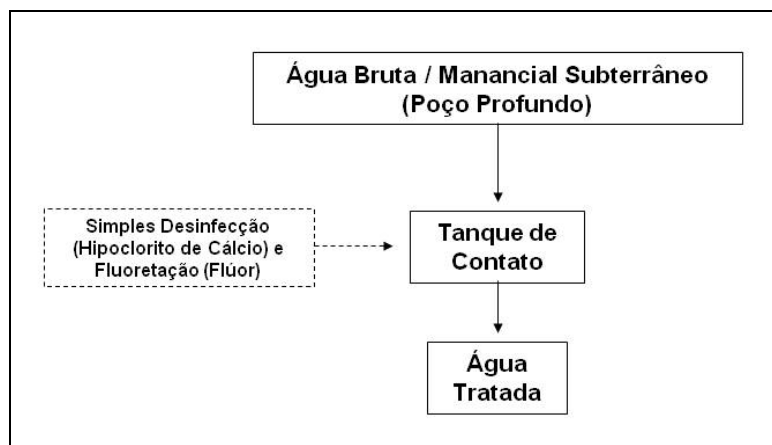
Fonte: SANTA CATARINA / CASAN.

#### 5.2.3.4. *Estação de Tratamento de Água (ETA)*

A Estação de Tratamento de Água do Sistema Alto Rio dos Cedros utiliza-se apenas de simples desinfecção (cal) e flúor para o tratamento da água distribuída. A vazão média de produção da estação é de 2,31 l/s, sendo esta também sua capacidade de produção.

Segundo informação da Companhia, a estação possui licença de operação junto ao órgão ambiental competente (FATMA), porém esta não foi disponibilizada para a consultora.





**Figura 12 – Fluxograma da ETA**

Fonte: Elaboração Própria.- MPB Engenharia

### 5.2.3.5. Reservação

O volume total do sistema de reservação é de 40 m<sup>3</sup>, sendo constituído de 02 reservatórios (coordenadas UTM 655232,63 E e 7055563,85 N), elevados de fibra de vidros com 20m<sup>3</sup> cada como pode ser visto na Figura 13. Estes atendem com folga a recomendação de que um sistema de abastecimento de água deve possuir capacidade de reservação, de no mínimo 1/3 da vazão máxima diária (0,30 l/s), que para o Sistema de Rio dos Cedros é de 8,50m<sup>3</sup>.



**Figura 13 – Vista dos Reservatórios Sistema Alto Rio dos Cedros**

### 5.2.3.6. Frequência e Tipos de Análises de Água

O Quadro 29 apresenta a frequência e os tipos de análises de água realizados no Sistema Alto Rio dos Cedros. A qualidade da água distribuída é monitorada pelas Secretarias Estadual e Municipal.

**Quadro 29 – Freqüência e tipos de análises do Sistema Alto Rio dos Cedros**

Tipo de Análise	Freqüência das Análises		
	Água Bruta	Estação de Tratamento	Rede de Distribuição
<b>Bacteriológica</b>	Semanal	Semanal	Semanal
<b>Físico-química</b>	Semanal	-	Semanal
<b>Substâncias químicas orgânicas</b>	Semestral	-	Semanal
<b>Substâncias químicas inorgânicas</b>	Semestral	-	Semanal
<b>Indicadores de poluição</b>	Anual	-	-
<b>Teor de flúor*</b>	Semanal	Diária	-
<b>Cianotoxina</b>	Anual	-	-
<b>Cloro residual</b>	-	Diária	Semanal

Fonte: SANTA CATARINA / CASAN.

\* Teor médio de flúor das análises: 0,6 a 0,8 mg/l

A Portaria N° 518, de 25 de março de 2004 do Ministério da Saúde, estabelece os procedimentos e responsabilidades relativos ao controle e vigilância da qualidade da água para consumo humano e seu padrão de potabilidade, e dá outras providências. De acordo com a referida Portaria, a freqüência das análises depende do tipo do parâmetro analisado:

- para os parâmetros físicos-químicos (cor, turbidez, pH e fluoreto), captados em manancial subterrâneo, a freqüência deverá ser diária na saída do tratamento. Já nos reservatórios e rede de distribuição, a freqüência deverá ser mensal.
- para o parâmetro cloro residual livre, a freqüência deverá ser diária na saída do tratamento. Nos reservatórios e rede, deverão ser realizadas análises em todas as amostras coletadas para análises microbiológicas.
- já para as substâncias químicas orgânicas, denominada na referida Portaria como Trihalometanos, deverá ser realizada anualmente para reservatórios e rede de distribuição
- para fins de análises microbiológicas, na saída de cada unidade de tratamento devem ser coletadas, no mínimo, 2 (duas) amostras semanais, recomendando-se a coleta de, pelo menos, 4 (quatro) amostras semanais.

A respeito da freqüência das análises o artigo 30 e 31 determinam:



Art. 30. O responsável pela operação do sistema ou solução alternativa de abastecimento de água pode solicitar à autoridade de saúde pública a alteração na frequência mínima de amostragem de determinados parâmetros estabelecidos nesta Norma.

Art. 31. Em função de características não conformes com o padrão de potabilidade da água ou de outros fatores de risco, a autoridade de saúde pública competente, com fundamento em relatório técnico, determinará ao responsável pela operação do sistema ou solução alternativa de abastecimento de água que amplie o número mínimo de amostras, aumente a frequência de amostragem ou realize análises laboratoriais de parâmetros adicionais ao estabelecido na presente Norma.

#### **5.2.3.7. Rede de Distribuição**

A rede de distribuição do Sistema Alto do Rio dos Cedros possui uma extensão total de 2800 metros (2,8 Km). O Quadro 30 apresenta a extensão e o respectivo diâmetro das linhas de distribuição de água tratada do Sistema.

**Quadro 30 – Rede de distribuição de água do Sistema Alto Rio dos Cedros**

<b>Tipo</b>	<b>Diâmetro (mm)</b>	<b>Extensão (m)</b>
<b>Linha de distribuição</b>	50	2000
<b>Linha de distribuição</b>	40	800

Fonte: SANTA CATARINA / CASAN.

Não foram disponibilizados mais elementos da rede tais como: setorização, localização de registros de manobras e cadastro da rede.

### **5.3. AVALIAÇÃO DA SITUAÇÃO ATUAL DO SISTEMA DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA DO MUNICÍPIO**

#### **- Sistema Rio dos Cedros**

Através das visitas técnicas foi possível verificar que as adutoras, a rede de distribuição e os reservatórios se encontram em bom estado, porém a necessidade de manutenção na Estação de Tratamento (parte metálica) e na captação onde a necessidade de uma limpeza no fundo da barragem.

#### **- Sistema Rio da Prata**

Através das visitas técnicas foi possível verificar que a captação, as adutoras, a rede de distribuição, a ETA e reservatórios se encontram em bom estado..

Observa-se que o percentual de volume macromedido e micromedido é de 100%.

#### **5.4. AVALIAÇÃO DOS CONSUMOS POR SETORES: HUMANO, ANIMAL, INDUSTRIAL, TURISMO E IRRIGAÇÃO**

Neste item é apresentada a avaliação do consumo hídrico por setor na área do Município de Rio dos Cedros, abrangendo captações superficiais e captações subterrâneas. Os dados utilizados foram obtidos do Cadastro Estadual de Usuários de Recursos Hídricos de Santa Catarina (CEURH-SC), de responsabilidade da SDS/DRHI.

Para esta avaliação, a referência dos dados cadastrados no CEURH-SC data de 2 de Março de 2010.

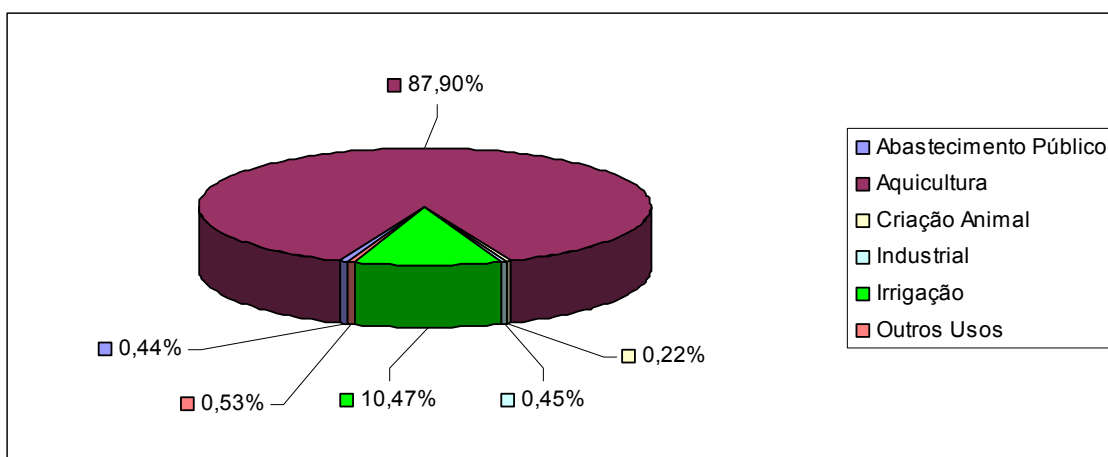
##### **5.4.1. Captação Superficial**

Na seqüência, o Quadro 31 e a Figura 14 apresentam a distribuição por setor dos pontos de captação superficial e da vazão de água captada na área do Município de Rio dos Cedros.

**Quadro 31 - Número de pontos de captação e vazão de água captada superficialmente na área do Município de Rio dos Cedros em função do setor**

<b>Setor</b>	<b>Nº de Pontos de Captação Superficial</b>	<b>Vazão Captada (l/s)</b>
Abastecimento Público	1	9,34
Aquicultura	202	1880,8
Criação Animal	266	4,79
Industrial	3	9,57
Irrigação	171	223,99
Mineração	2	0,03
Outros Usos	277	11,31
<b>TOTAL</b>	<b>922</b>	<b>2139,83</b>

Fonte: Elaboração própria – MPB Engenharia. (Referência cadastral: 03/03/2010).



**Figura 14 - Distribuição da vazão de água captada superficialmente por setor.**

Fonte: Elaboração própria – MPB Engenharia. (Referência cadastral: 03/03/2010).

Pode-se observar que cerca de 89% da vazão de água captada superficialmente tem como única finalidade o uso na aquicultura (1880,8 l/s). No entanto, cerca de 78% dos pontos de captação superficial existentes no Município de Rio dos Cedros estão destinados a criação de animais, a irrigação e à outros usos. O Município de Rio dos Cedros apresenta 922 pontos de captação superficial de água.

#### 5.4.2. Captação Subterrânea

A distribuição por setor dos pontos de captação de água subterrânea e da vazão captada na área do Município de Rio dos Cedros é mostrada no quadro e na figura a seguir.

**Quadro 32 - Número de pontos de captação de água subterrânea e vazão captada na área do Município de Rio dos Cedros em função do setor**

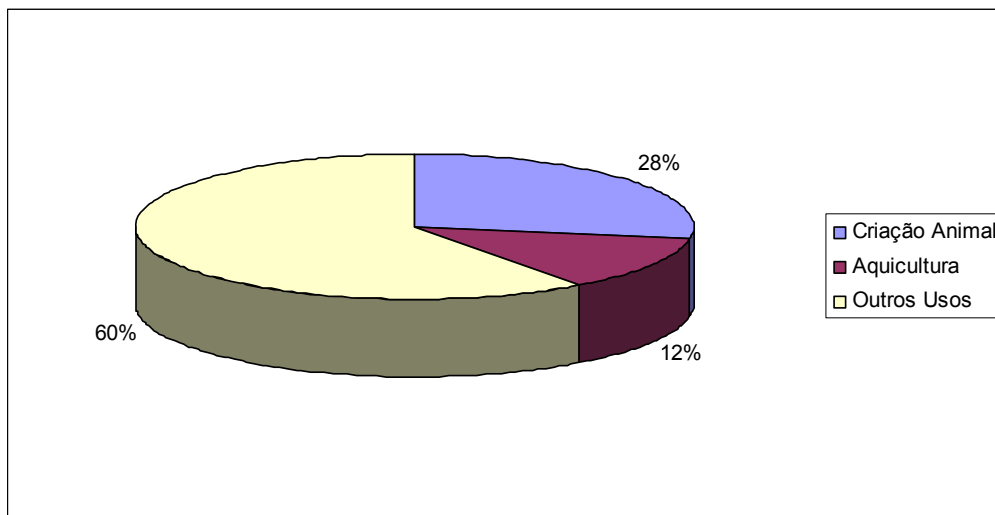
Setor	Nº de Pontos de Captação Subterrânea	Vazão Captada (l/s)
Criação Animal	30	0,62
Aquicultura	2	0,27
Outros Usos	256	1,34
<b>TOTAL</b>	<b>288</b>	<b>2,23</b>

Fonte: Elaboração própria – MPB Engenharia. (Referência cadastral: 03/03/2010).

A demanda hídrica subterrânea na área do Município de Rio dos Cedros tem como principal finalidade usos diferenciados aos que estão apresentados no

Quadro 32. A vazão captada para este setor (1,34 l/s) corresponde a 60% da água subterrânea captada no município.

Dos 288 pontos de captação de água subterrânea existentes no município, 2 são para a aqüicultura, 30 para a criação de animais e 256 para outros usos, (ver Quadro 32).



**Figura 15 - Distribuição da vazão de água por setor proveniente de captação subterrânea**  
Fonte: Elaboração própria – MPB Engenharia. (Referência cadastral: 03/03/2010).

## 5.5. BALANÇO CONSUMOS VERSUS DEMANDAS DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA PELO MUNICÍPIO

### **Sistema Rio dos Cedros**

Atualmente a vazão média de produção da estação de tratamento do Sistema Rio dos Cedros é de 9,38 l/s (BADOP 2009), sendo que sua capacidade máxima de produção é de 9,02 l/s.

A demanda máxima diária de água é calculada utilizando a seguinte fórmula:

$$Q = (P.K1.q) / 86400, \text{ onde:}$$

Q = demanda máxima diária de água (l/s);

P = população atendida pelo sistema de abastecimento de água = 5.209;

K1 = coeficiente do dia de maior consumo = 1,20;

q = consumo médio per capita de água = 154,35 l/hab.dia;

A demanda máxima diária é de 11,17 l/s, se considerarmos as perdas totais no

sistema, que chegam a 22,80%, a vazão necessária de produção para o sistema de abastecimento do Sistema Rio dos Cedros é de 14,46 l/s, portanto atualmente a estação de tratamento de água não atende a demanda. Como não há problemas de falta de água esta defasagem na produção pode estar sendo suprida pelo alto volume de reservação existente no sistema.

### ***Sistema Alto Rio dos Cedros***

A capacidade de produção do Sistema Alto Rio dos Cedros conforme a CASAN é de 2,31 l/s

Considerando a população atendida pelo sistema igual a 138 habitantes e o consumo per capita do município de 154,35 l/hab dia, tem-se a vazão máxima diária do Sistema Alto Rio dos Cedros igual a 0,30 l/s. Se avaliarmos ainda que existem as perdas no sistema, e que estas chegam a 22,80% a vazão necessária de produção será de 0,38 l/s, sendo assim a capacidade de produção da ETA atende com sobra o volume necessário de produção.

## **5.6. ANÁLISE CRÍTICA DA SITUAÇÃO ATUAL DOS SERVIÇOS DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA**

Com base na Constituição Federal do Brasil de 1988, compete aos municípios a responsabilidade de organizar e prestar, diretamente ou sob regime de concessão ou permissão os serviços públicos de interesse local o que inclui a prestação dos serviços relativos ao saneamento ambiental e, dentre esses o abastecimento de água para a comunidade. Neste contexto o sistema de abastecimento de água do município é administrado e operado pela Companhia Catarinense de Águas e Saneamento – CASAN, através de contrato de concessão municipal, com validade até 06 de dezembro de 2012.

A CASAN, mantém no município um escritório onde a partir do qual o sistema é administrado, com um efetivo de 5 colaboradores, sendo um na parte administrativa e 4 atuando na operação/manutenção do sistema.

As perdas físicas de água, segundo Banco de Dados Operacionais da CASAN referência 2009, foram de 22,80%, este índice pode ser considerado baixo em comparação com outros municípios servidos pela companhia, isto, deve-se a ações sistemáticas de combate e controle de perdas implantadas.

A partir das campanhas em campo, verificou-se que a companhia vem cumprindo sua missão com bom grau de adequabilidade e eficácia, no entanto muito pode ser melhorado no que diz respeito aos registros de dados, atualização cadastral, nas rotinas de operação administrativa e técnica, além de uma ação proativa nos aspectos da educação ambiental visando à minimização doméstica do desperdício de água e da energia e do reuso da água.

Como área crítica do abastecimento podemos citar que a regularidade e eficiência em alguns pontos podem estar sendo prejudicados pelo subdimensionamento da rede de distribuição causando assim problemas de pressão nos pontos mais distantes.

Cabe aqui observar a dificuldade de obtenção de algumas informações junto à concessionária, que porventura não constem no presente relatório.

#### **5.7. LEVANTAMENTO DOS CASOS DE DOENÇAS RELACIONADAS COM A ÁGUA OCORRIDOS NO MUNICÍPIO**

O contato do homem com a água seja através da ingestão direta, da preparação e ingestão de alimentos, nos processos industriais e atividades de cultivo, nas áreas de lazer ou na higiene pessoal, pode gerar riscos a sua saúde, em função da qualidade da mesma.

As doenças de veiculação hídrica estão divididas em dois grupos: de Transmissão Hídrica, em que a água atua como veículo de agentes infecciosos, sejam eles fungos, bactérias, vírus, protozoários e helmintos; e de Origem Hídrica, causadas por determinadas substâncias químicas presentes na água.

As doenças relacionadas com o abastecimento de água são divididas de acordo com a forma de contágio: pela transmissão direta pela água, pela falta de limpeza e higienização com a água, por vetores que se relacionam com a água e pelas doenças associadas à água.

Em Santa Catarina, as doenças de notificação compulsória, cuja manifestação está associada com a água, são:

- a) Pela água: Cólera, Difteria, Febre Tifóide e Hepatites Virais.

b) Por vetores que se relacionam com a água: Dengue, Febre Amarela, Malária e Filariose.

c) Associadas à água: Leptospirose e Esquistossomose.

Em Rio dos Cedros, foram notificadas 13 doenças de veiculação hídrica no ano de 2009, Hepatite Viral e Leptospirose, com três casos notificados de Hepatite Viral e dez casos notificados, de Leptospirose. Ver Quadro 33.

**Quadro 33 - Doenças de Notificação Compulsória de Veiculação Hídrica – Rio dos Cedros**

<b>Doenças</b>	<b>Notificadas</b>
Cólera	0
Dengue	0
Difteria	0
Esquistossomose (em área não endêmica)	0
Febre Amarela	0
Febre Tifóide	0
Filariose	0
Hepatites Virais	3
Leptospirose	8
Malária	0

Fonte: BRASIL / MINISTÉRIO DA SAÚDE / SINAN.  
Consulta: 09/09/2010.

## **5.8. LEVANTAMENTO DO POTENCIAL DE FONTES HÍDRICAS (SUPERFICIAIS E SUBTERRÂNEAS) PARA ABASTECIMENTO DE ÁGUA**

Mananciais são todas as fontes utilizadas para abastecimento doméstico, comercial, industrial e outros fins. De modo geral, de acordo com sua origem, os mananciais são classificados como superficiais e subterrâneos.

No Município de Rio dos Cedros, pôde-se identificar alguns corpos hídricos superficiais que podem vir a servir como fonte de abastecimento de água futuramente: Rio dos Cedros e Rio Ada.

Entretanto, para a escolha desses mananciais, alguns critérios devem ser analisados, a saber:

- realização de análises de componentes orgânicos, inorgânicos e bacteriológicos das águas dos manancial;
- determinação da vazão mínima do manancial, necessária para atender a demanda por um determinado período de anos; e
- identificação do tipo de tratamento a ser implantado em decorrência da qualidade da água encontrada.

Existe, ainda, a possibilidade de construção de poços mediante estudo prévio de disponibilidade e qualidade da água.

## **5.9. CARACTERIZAÇÃO E DIAGNÓSTICO DO PRESTADOR DE SERVIÇOS**

### **5.9.1. O Prestador de Serviços**

A Companhia Catarinense de Águas e Saneamento - CASAN é a atual prestadora do serviço de abastecimento de água no Município de Rio dos Cedros.

A CASAN é uma empresa de capital misto, criada em 1970 e que tem como missão o abastecimento de água para consumo humano e prover o Estado de sistemas de saneamento básico. A empresa atende uma população de 2,3 milhões de habitantes com distribuição de água tratada e 319 mil com coleta, tratamento e destino final de esgoto sanitário.

### **5.9.2. Tarifas Praticadas**

Os serviços de abastecimento de água prestados pela CASAN no município são remunerados sob a forma de tarifa, reajustáveis periodicamente. A tabela tarifária da CASAN é válida para todo o Estado, independente do tipo e complexidade da estação de tratamento de água e do manancial de abastecimento. O Quadro 34 apresenta a estrutura tarifária de acordo com as categorias de consumidores e suas respectivas faixas de consumo.



**Quadro 34 - Estrutura tarifária atual aplicada pela CASAN – vigência: 10/12/2010**

<b>Categoria</b>	<b>Faixa</b>	<b>Consumo (m³)</b>	<b>Valor Água (R\$)</b>
Residencial "A" – Social	1	Até 10	4,58/mês
	2	11 a 25	1,2849/m³
	3	26 a 50	6,1771/m³
	4	> 50	7,5392/m³
Residencial "B" – Normal	1	Até 10	24,47/mês
	2	11 a 25	4,4844/m³
	3	26 a 50	6,2915/m³
	4	> 50	7,5392/m³
	5	Tarifa Sazonal <sup>(1)</sup>	9,4240/m³
Comercial	1	Até 10	36,12/mês
	2	11 a 50	5,9935/m³
	3	> 50	7,5392/m³
Micro e Pequeno	1	Até 10	25,52/mês
Comércio	2	> 10	5,9935/m³
Industrial	1	Até 10	36,12/mês
	2	> 10	5,9935/m³
Especial > 5.000 m³/mês	1	> 5.000 m³	Contrato Especial
Pública	1	> 10	36,12/mês
	2	Até 10	5,9935/m³
Pública Especial	1	Até 10	7,47/mês
	2	> 10	1,1720/m³

Fonte: SANTA CATARINA / CASAN, 2010a.

<sup>(1)</sup> Aplicada em imóveis existentes nas áreas balneárias durante o período de verão.

Conforme se observa na tabela anterior, a Companhia estabelece tarifa mínima no consumo de água (até 10 m³) tanto para a categoria residencial, como também, para as demais categorias.

Ressalta-se, ainda, que a CASAN disponibiliza uma tarifa diferenciada denominada "Tarifa Social", cobrada com valor especial, aplicada a todos os clientes que, comprovadamente, possuem ou residem em imóvel de até 70m² (setenta metros quadrados) de área construída para fins residenciais, que possuem rendimento familiar igual ou inferior a 2 (dois) salários mínimos e que não possuem veículo automotor e linha telefônica fixa. No Município de Rio dos Cedros são beneficiadas 9 economias pela tarifa social.

### 5.9.3. Ligações Prediais e Economias

O quadro a seguir apresenta o número de ligações prediais e economias em Rio dos Cedros, sendo que todas as ligações prediais existentes possuem hidrômetro.

**Quadro 35 – Número de economias e ligações – referência Março/2010**

<b>Sistema</b>	<b>Tipo</b>	<b>Residencial</b>	<b>Comercial</b>	<b>Industrial</b>	<b>Poder Público</b>	<b>Total</b>
<b>Rio dos Cedros</b>	Economias	1.553	120	51	36	1.760
	Ligações	1.553	120	51	36	1.760

Fonte: SANTA CATARINA / CASAN.

#### **5.9.4. Volumes de Água Tratada**

O Sistema BADOP da CASAN, em seu Relatório Operacional apresenta as médias mensais do ano de 2009, com os seguintes volumes de água tratada para o Município de Rio dos Cedros:

- Volume de Água Tratada Produzido: 24.315,33 m<sup>3</sup>/mês
- Volume de Água Consumido no Processo de Tratamento: 987,16 m<sup>3</sup>/mês
- Volume de Água Disponibilizado: 24.295,66 m<sup>3</sup>/mês
- Volume de Água Consumido: 18.678,41 m<sup>3</sup>/mês
- Volume de Água Faturado: 18.678,41 m<sup>3</sup>/mês

#### **5.9.5. Faturamento**

**Observação:** Os valores de faturamento foram solicitados junto à CASAN, entretanto tal informação não foi repassada até a data de encerramento do presente relatório.

#### **5.9.6. Perdas Físicas de Água**

Segundo informações do Banco de Dados Operacionais (BADOP) da CASAN, referência de 2009, o índice de perdas de distribuição de água (IPD), nos Sistemas Rio dos Cedros e Alto Alto Rio dos Cedros, foi de 22,80%.

A Companhia também informou que existem ações sistemáticas de combate e controle de perdas físicas de água em seus sistemas.

#### **5.9.7. Perdas de Faturamento**

De acordo com o Sistema BADOP da CASAN, em seu Relatório Operacional Mensal de referência 2009, o índice de perdas de faturamento no Município de Rio dos Cedros foi de 4,90%.

#### **5.9.8. Arrecadação**

**Observação:** Os valores de faturamento foram solicitados junto à CASAN, entretanto tal informação não foi repassada até a data de encerramento do presente relatório.

Para conhecimento, o índice médio de inadimplência na cobrança do serviço

nos últimos 12 meses (Janeiro/2009 à Janeiro/2010) ficou na faixa de 3%.

#### **5.9.9. Despesas**

**Observação:** Os valores de despesas foram solicitados junto à CASAN, entretanto tal informação não foi repassada até a data de encerramento do presente relatório.

O consumo de energia elétrica no sistema de abastecimento de água de Rio dos Cedros, de acordo com o Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento – SNIS (2008), é de aproximadamente 16.000 Kw/ano.

#### **5.9.10. Informações Adicionais do Prestador de Serviço**

A CASAN de Rio dos Cedros, além das informações já contempladas, informou que foram realizadas, nos últimos 5 anos (2005 – 2009), algumas melhorias e ampliações nas unidades de ligações prediais, captação, adução, e na rede de distribuição, como forma de otimizar o sistema de abastecimento de água para melhor atender a população. Também foi informado pela CASAN que existe uma ampliação prevista para o ano de 2010 para atender a localidade de Pomeranos de Santo Antônio (aproximadamente 25 ligações)

Do mesmo grau de importância, é relevante ressaltar que não há, atualmente, necessidade de racionamento de água no município.

Quanto à relação entre a entidade e a comunidade no município, a CASAN possui serviço organizado para atendimento ao público. O número de reclamações sobre a qualidade da água e vazamentos de água é de 2/mês. O número de reclamações pelo valor cobrado é de 5/mês.

#### **5.9.11. Planejamento do Serviço de Água no Município**

A Vigilância Sanitária Municipal é o setor responsável pela fiscalização do sistema de abastecimento de água no município.

Além do órgão supracitado, a Prefeitura conta somente com o zoneamento quanto à ocupação do solo e de um Plano de Recursos Hídricos e é integrante do Comitê de Gerenciamento da Bacia do Rio Itajaí para gestão dos recursos hídricos.

**Observação:** Apesar do Sistema Nacional de Informações Sobre o

Saneamento (SNIS) apresentar as informações comerciais e/ou financeiras faltantes referentes ao item 5.9 do relatório, decidiu-se não utilizar estas para que não haja qualquer tipo de discrepância com as informações repassadas pela atual concessionária. Contudo, salienta-se que tal decisão não prejudicará as ações referentes ao prognóstico do município.

#### **5.10. CARACTERIZAÇÃO DA COBERTURA DOS SERVIÇOS COM A IDENTIFICAÇÃO DAS POPULAÇÕES NÃO ATENDIDAS OU SUJEITAS A FALTA DE ÁGUA**

Em relação à cobertura dos serviços com a identificação das populações não atendidas (BADOP fev/2010), a seguinte situação é encontrada:

- Área Urbana: população 100% atendida;
- Área rural: 9,47% da população atendida.

Dentro do exposto, pode-se concluir que o índice de cobertura de água no município é de 51,83%

A CASAN, responsável pelo fornecimento de água do município, informou que atualmente não há problema de falta de água em Rio dos Cedros.

## 6. DIAGNÓSTICO DOS SERVIÇOS DE ESGOTAMENTO SANITÁRIO

A Cidade de Rio dos Cedros, não possui sistema de coleta e tratamento de esgotos, sendo que os esgotos domésticos do município são via de regra lançados atualmente em sistemas individuais constituídos por fossa séptica e sumidouros, e na ausência destes, encaminhados sem qualquer tratamento às galerias de águas pluviais ou diretamente aos corpos de água da região.

A Companhia Catarinense de Águas e Saneamento – CASAN é a responsável pelos serviços de abastecimento de água e esgotamento sanitário em Rio dos Cedros. Entretanto, a Companhia não realizou, até o ano de 2010, qualquer investimento no que se refere à implantação de rede coletora e tratamento coletivo de esgoto no município.

A ausência de um sistema de coleta e tratamento adequado dos esgotos domésticos gerados na Cidade de Rio dos Cedros tem sido um dos fatores responsáveis pela poluição do Rio dos Cedros e do Rio São Bernardo.

No intuito de estimar a carga orgânica (DBO) diária de esgoto lançada no meio ambiente ( $\text{Carga} = \text{Vazão de Esgotamento} \times \text{Concentração}$ ), procedeu-se da seguinte forma:

1) Cálculo da vazão média de esgotamento na área urbana e na área rural:

$$Q_{\text{med}} = (P.C.q) \text{ (l/dia), onde:}$$

- $P = 4.536$  habitantes na área urbana e  $5.149$  na área rural (População IBGE, 2007)
- $C = 0,80$  (coeficiente de retorno);
- $q = 154,35$  litros/hab.dia (consumo de água per capita médio – média anual de 2009, conforme BADOP da CASAN).

Como resultado, obteve-se:

- Na área urbana:  $Q_{\text{med}} = 560.105,28$  l/dia;
- Na área rural:  $Q_{\text{med}} = 635.798,52$  l/dia

2) Adotou-se uma concentração de DBO para o esgoto doméstico igual a 300 mg/l (Von Sperling, 1996).

3) Para avaliação do tratamento de esgoto no Município de Rio dos Cedros, considerou-se os dados do IBGE (2000), a saber: 94,7% dos domicílios da área urbana possuem fossa séptica, contra 5,3% de domicílios que não possuem qualquer tipo de tratamento. Na área rural 69,3% dos domicílios possuem fossa séptica, sendo o restante (30,7%) desprovido de qualquer tratamento. Considerando que o percentual de domicílios com fossa séptica manteve-se constante nos últimos anos e adotando-se uma eficiência média de 40% na remoção da DBO para a fossa séptica (Manual de Saneamento da FUNASA, 2006), estimou-se que a carga orgânica (DBO) diária lançada no meio ambiente no Município de Rio dos Cedros é da ordem de 242,25 Kg/dia.

Se todos os domicílios do município fossem equipados com o conjunto fossa séptica, filtro anaeróbio e sumidouro (75% de remoção de DBO, conforme Von Sperling, 1996), a carga orgânica diária lançada no meio ambiente seria de 89,69 Kg/dia, o que revela que a carga hoje excede em 2,7 vezes ao tratamento básico apresentado.

Conforme informação da Prefeitura, o município de Rio do Cedros não possui Plano Diretor de Esgotamento Sanitário.

#### **6.1. ESTUDOS E PROJETOS EXISTENTES**

O município cadastrou junto à FUNASA um pré-projeto, com objetivo de obter recursos financeiros para implantação de um sistema de coleta e tratamento de esgotamento sanitário, contemplando estação de tratamento, rede coletora, coletor tronco, estações elevatórias e ligações domiciliares.

## **7. DIAGNÓSTICO DOS SERVIÇOS DE LIMPEZA URBANA E MANEJO DE RESÍDUOS SÓLIDOS**

A gestão dos resíduos sólidos urbanos em Santa Catarina passou nos últimos dez anos por uma verdadeira transformação. No final do ano 2000, o Ministério Público Estadual, ao definir as suas políticas e prioridades para o ano 2001 na área de meio ambiente, considerou a necessidade urgente de um programa especial de recuperação das áreas degradadas pela disposição irregular de resíduos sólidos urbanos no Estado, pois de acordo com o MP de Santa Catarina, em dezembro de 2000, somente 22 municípios depositavam os resíduos sólidos de forma adequada, ou seja, 92% dos municípios catarinenses depositavam os resíduos sólidos urbanos de forma inadequada.

Assim, em 2001, o Ministério Público Estadual, através da Coordenadoria de Defesa do Meio Ambiente, implantou o Programa Lixo Nosso de Cada Dia, que possuía como principal objetivo dar destinação adequada aos resíduos sólidos domiciliares gerados nos 293 municípios catarinenses. Neste sentido, os Promotores de Justiça das Comarcas instauraram procedimentos administrativos que resultaram na assinatura de 193 termos de compromisso de ajustamento de conduta, nos quais os Prefeitos comprometeram-se a regularizar a situação do lixo urbano, recuperar áreas degradadas onde havia lixões a céu aberto e implementar ações de conscientização ambiental junto à população.

Em 2004, passados quatro anos da implantação do Programa, o Estado de Santa Catarina encontrava-se em uma situação privilegiada com relação ao restante do Brasil, pois 279 municípios catarinenses já destinavam adequadamente seus resíduos sólidos, o que representava a 95,22% dos municípios.

Além disso, resultados secundários decorrentes da implantação do Programa podem ser hoje percebidos, quais sejam: a divulgação das questões relacionadas com os resíduos sólidos na mídia, trazendo para o cotidiano das pessoas problemas e conceitos até então pouco conhecidos; a formação de consórcios intermunicipais e a criação de empresas especializadas no ramo de resíduos sólidos.

O presente diagnóstico contempla o manejo de resíduos sólidos do Município de Rio dos Cedros sob o ponto de vista global e sob a ótica das etapas de coleta até a destinação final, buscando destacar os dados que caracterizam cada atividade, de forma a possibilitar uma análise adequada das demandas do município.

Atualmente, a prefeitura responsabiliza-se diretamente pela execução dos serviços de coleta e transporte dos resíduos sólidos urbanos<sup>1</sup> (RSU) até a disposição final, que é feita em aterro sanitário, sob responsabilidade do Consórcio Intermunicipal do Médio Vale do Itajaí (CIMVI), localizado no Município de Timbó, a aproximadamente 13 km da sede municipal de Rio dos Cedros. Cabe ainda ressaltar que a prefeitura realiza coleta seletiva de materiais recicláveis em toda a área urbana do município.

#### **7.1. AVALIAÇÃO DA QUANTIDADE E QUALIDADE DOS RESÍDUOS SÓLIDOS DO MUNICÍPIO**

Existem diferentes maneiras de se classificar os resíduos sólidos. Uma das maneiras mais comuns é quanto à natureza ou origem, sendo esta considerada o principal elemento para a caracterização dos resíduos sólidos. Segundo este critério (conforme Manual de Gerenciamento Integrado de Resíduos Sólidos, elaborado pelo Instituto Brasileiro de Administração Municipal – IBAM –, sob o patrocínio da Secretaria Especial de Desenvolvimento Urbano da Presidência da República – SEDU/PR no ano de 2001), os diferentes tipos de resíduos gerados no Município de Rio dos Cedros podem ser agrupados em cinco classes, a saber:

- Resíduo domiciliar ou residencial;
- Resíduo comercial;
- Resíduo público;

---

<sup>1</sup> Resíduos sólidos urbanos são os “gerados no município, excetuados os resíduos industriais perigosos, hospitalares sépticos e de aeroportos e portos.” Ou seja, os resíduos sólidos domiciliares, comerciais, públicos, de serviços de saúde assépticos e industriais comuns. De acordo com a resolução CONAMA n.º308/02, em seu artigo 2.º, “resíduos sólidos urbanos são os provenientes de residências ou qualquer outra atividade que gere resíduos com características domiciliares, bem como os resíduos de limpeza pública urbana”.



- Resíduo domiciliar especial:
  - Entulho de obras (resíduos de construção e demolição);
  - Pilhas e baterias;
  - Lâmpadas fluorescentes;
  - Pneus.
- Resíduo de fontes especiais:
  - Resíduo industrial (comum e perigoso);
  - Resíduo de atividade rural (embalagens de agrotóxicos);
  - Resíduos de serviços de saúde (assépticos e sépticos).

Entretanto, dos resíduos supracitados, a Prefeitura é responsável somente pelo gerenciamento dos seguintes tipos de resíduos:

- Resíduo domiciliar ou residencial;
- Resíduo comercial;
- Resíduo público;
- Resíduo de fontes especiais:
  - Resíduo comum gerado na indústria (não perigoso);
  - Resíduos de serviços de saúde (assépticos e sépticos), sendo os resíduos sépticos coletados somente nos estabelecimentos administrados pela prefeitura.

A avaliação quantitativa dos resíduos gerados no município foi realizada, por meio de entrevista qualificada. O Quadro 36 mostra a quantidade total de resíduos gerados por mês em Rio dos Cedros.

**Quadro 36 – Quantidade de resíduos gerada no Município**

<b>Tipo de Resíduo</b>	<b>Quantidade (ton/mês)</b>
<b>Resíduos sólidos urbanos</b>	100,65 (*)
<b>Resíduos de serviços de saúde - sépticos</b>	0,12

Fonte: Prefeitura Municipal de Rio dos Cedros (2010)  
 (\*) Média do ano de 2009.

A geração per capita de resíduos em Rio dos Cedros, que é um indicador obtido pelo quociente entre a quantidade de resíduos coletada diariamente e o número de habitantes atendidos por coleta no município, é de aproximadamente 0,35 Kg/hab.dia. Esse valor inclui os resíduos sólidos

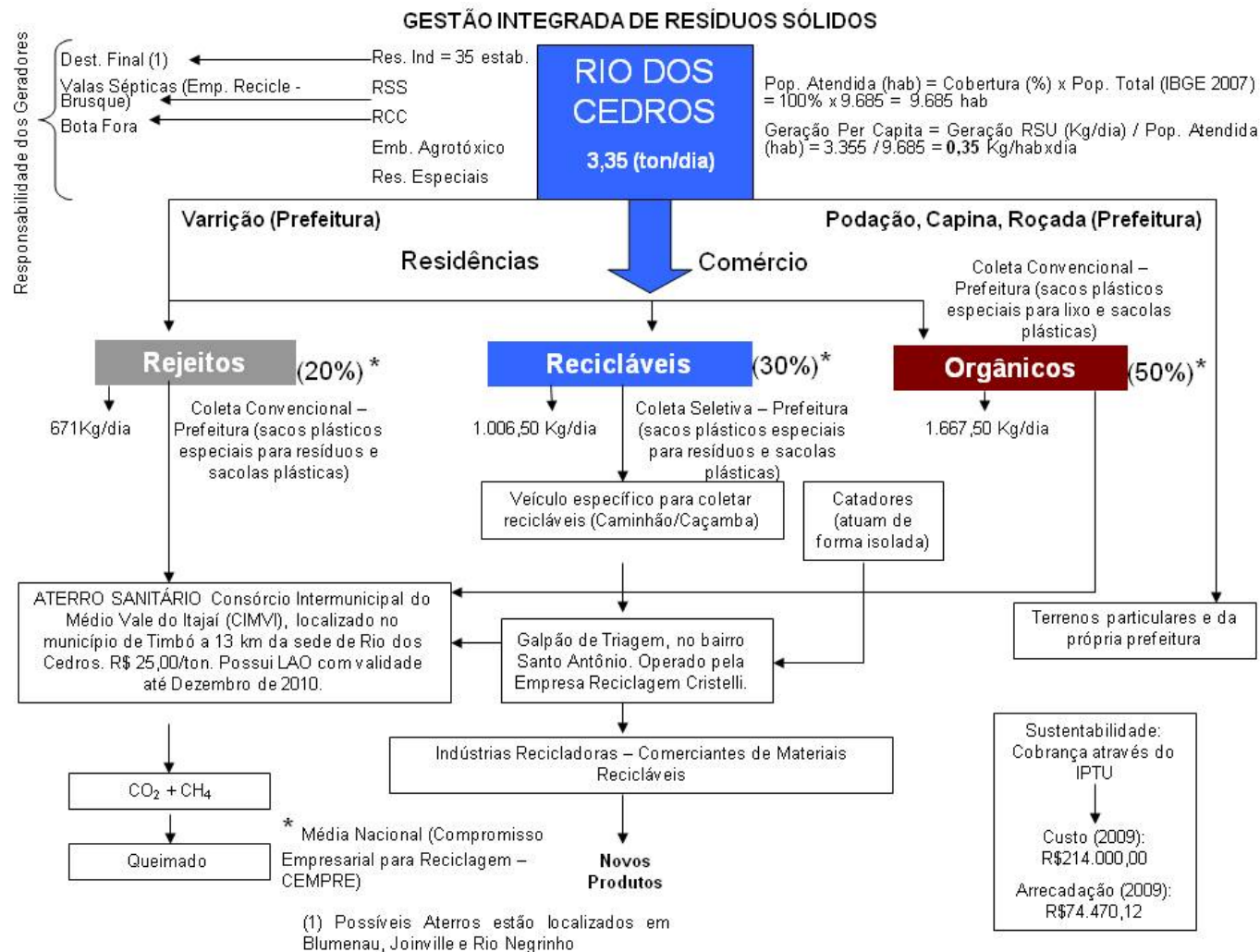
urbanos (inclusive os materiais recicláveis) e os resíduos de serviços de saúde sépticos.

De acordo com o Manual de Gerenciamento Integrado de Resíduos Sólidos, elaborado pelo Instituto Brasileiro de Administração Municipal – IBAM –, sob o patrocínio da Secretaria Especial de Desenvolvimento Urbano da Presidência da República – SEDU/PR no ano de 2001, a geração média per capita de resíduos sólidos (resíduos sólidos urbanos + resíduos de serviços de saúde sépticos) nos municípios brasileiros de até 30.000 habitantes é de aproximadamente 0,5 Kg/hab.dia.

Dessa forma, pode-se constatar que a geração per capita dos resíduos em Rio dos Cedros é inferior a média nacional. Tal fato explica-se por boa parte da população do município (53%) residir em área rural, sendo que os resíduos orgânicos gerados nesta área são reaproveitados como adubo.

## **7.2. DESCRIÇÃO DO ACONDICIONAMENTO, COLETA, TRANSPORTE, SERVIÇO PÚBLICO DE LIMPEZA URBANA E DISPOSIÇÃO FINAL DOS RESÍDUOS SÓLIDOS DO MUNICÍPIO**

O gerenciamento dos resíduos sólidos é composto basicamente pelas atividades relacionadas às etapas de geração/segregação, acondicionamento, coleta e transporte, reaproveitamento (em alguns casos), tratamento e destinação final. A Figura 16 apresenta o de fluxograma das etapas referentes ao Município de Rio dos Cedros.



**Figura 16 - Fluxograma do manejo de resíduos sólidos do Município de Rio dos Cedros**

Os itens a seguir contemplam as etapas de gerenciamento dos resíduos sólidos gerados em Rio dos Cedros que são de responsabilidade da prefeitura municipal.

### **7.2.1. Segregação**

A segregação consiste na separação ou seleção apropriada dos resíduos sólidos no momento e local de sua geração, de acordo com as suas características físicas, origem e estado físico (ANVISA, 2006).

A ação de segregar os resíduos com base em suas características possibilitará a valorização dos resíduos e maior eficiência das demais etapas subsequentes de gerenciamento por evitar a contaminação de quantidades significativas de materiais reaproveitáveis em decorrência da mistura de resíduos (ABES, 2006).

Atualmente, conforme informação da prefeitura, somente os resíduos sólidos urbanos gerados na área urbana de Rio dos Cedros estão sendo separados na fonte. Todo o material reciclável está sendo acondicionado separadamente dos resíduos orgânicos e dos rejeitos.

Na mesma linha, pode-se afirmar que todos os resíduos de serviços de saúde sépticos gerados nos estabelecimentos de saúde do município estão sendo segregados na fonte, de modo a serem destinados, em seguida, a tratamento específico e adequado.

### **7.2.2. Acondicionamento**

Acondicionar os resíduos sólidos significa prepará-los para a coleta de forma sanitariamente adequada, como ainda compatível com o tipo e a quantidade de resíduos (ABES, 2006).

De acordo com a prefeitura, os resíduos sólidos urbanos gerados no Município de Rio dos Cedros são acondicionados em sacos plásticos de supermercados ou especiais para lixo. Já os resíduos de serviços de saúde sépticos gerados nos estabelecimentos de responsabilidade da prefeitura estão sendo acondicionados diretamente em sacos plásticos (infectantes) e em recipientes de material rígido (perfurocortantes).

### 7.2.3. Coleta

O principal objetivo da remoção regular do lixo gerado no município é evitar a proliferação de vetores causadores de doenças (ABES, 2006).

Entretanto, se o lixo não é coletado regularmente os efeitos sobre a saúde pública só aparecem tardiamente e, quando as doenças ocorrem, a população nem sempre associa à falta dos serviços (ABES, 2006).

O serviço de coleta na sede do município de Rio dos Cedros é descrito a seguir.

#### 7.2.3.1. **Coleta Convencional dos Resíduos Sólidos Urbanos**

Envolvem os resíduos domésticos, comerciais, públicos (resíduos de vias e logradouros públicos), industriais comuns e de serviços de saúde assépticos, atendendo um percentual de 100% do total da população do município. O Quadro 37 apresenta a abrangência do serviço da coleta convencional desses resíduos no município.

**Quadro 37 – Abrangência do serviço de coleta convencional dos RSU**

População	% da População Atendida
Urbana	100%
Rural	100%
Total	100%

Fonte: Prefeitura Municipal de Rio dos Cedros (2010)

A coleta do resíduo público e a coleta do resíduo domiciliar efetuada nos bairros (fora do Centro) ocorrem com frequência semanal. Já a coleta do resíduo domiciliar gerado no Centro e a dos resíduos comerciais, industriais comuns e de serviços de saúde assépticos ocorrem com frequência de 2 vezes por semana.

A frota disponível para a coleta constitui-se de um caminhão coletor com caçamba compactadora com capacidade para transportar 7 m<sup>3</sup>.

### **7.2.3.2. Coleta Seletiva de Materiais Recicláveis**

A prefeitura realiza a coleta seletiva de materiais recicláveis em toda a área urbana, sendo esta de frequência quinzenal, utilizando-se para tal serviço um caminhão caçamba.

### **7.2.3.3. Coleta dos Resíduos de Serviços de Saúde Sépticos**

A coleta dos resíduos de serviços de saúde sépticos é realizada, atualmente, pela Empresa Getal, que possui contrato com a Prefeitura de Rio dos Cedros para prestação de serviço de coleta nos estabelecimentos administrados pela municipalidade.

A coleta é realizada, com frequência mensal (1 vez por mês), em veículo destinado a coletar exclusivamente esse tipo de resíduo.

### **7.2.4. Serviço Público de Limpeza Urbana**

O serviço público de limpeza urbana compreende as atividades de varrição, de capina e roçada.

Varrição ou varredura é a principal atividade de limpeza de logradouros públicos. O conjunto de resíduos como areia, folhas carregadas pelo vento, papéis, pontas de cigarro, por exemplo, constitui o chamado lixo público, cuja composição, em cada local, depende da arborização existente, da intensidade de trânsito de veículos, entre outros (ABES, 2006).

Para os serviços de capina e roçada são considerados: os jardins, canteiros centrais e laterais das vias públicas, margens dos córregos, taludes, áreas municipais próximas às rodovias, terrenos municipais, áreas não edificadas das escolas, unidades de saúde, além de terrenos particulares (ABES, 2006).

Os serviços de varrição, capina e roçada de Rio dos Cedros são realizados pela prefeitura conjuntamente, ou seja, com a mesma equipe para o desenvolvimento de todas as atividades. A varrição é realizada, de forma manual, com frequência diária no Centro e mensal no restante da cidade. Já os serviços de capina e roçada são realizados em toda a cidade, de forma manual e química (capina), a cada 45 dias.

Além dos serviços supracitados, a prefeitura realiza, ainda, alguns serviços

adicionais, a saber: poda de árvore, limpeza de bocas-de-lobo e remoção de animais mortos.

Os resíduos de poda, capina e roçada, segundo informação da prefeitura, são encaminhados terrenos particulares e da prefeitura.

#### **7.2.5. Destinação Final**

##### **7.2.5.1. Resíduos Sólidos Urbanos**

A disposição final dos resíduos sólidos urbanos coletados em Rio dos Cedros ocorre no Aterro Sanitário de Timbó - SC, através do Consórcio Intermunicipal do Médio Vale do Itajaí – CIMVI.

O município de Rio dos Cedros compõe o Consórcio Intermunicipal do Médio Vale do Itajaí – CIMVI, Consórcio Público – Associação pública com natureza jurídica de direito público e natureza autárquica interfederativa, composta por nove municípios (Apiúna, Ascurra, Benedito Novo, Doutor Pedrinho, Indaial, Pomerode, Rio dos Cedros, Rodeio e Timbó).

A unidade de tratamento e destinação final do CIMVI situa-se na Rua Tupiniquim, localidade de Araponguinhas, zona urbana do município de Timbó a 12 km do centro gerador dos resíduos, próxima a divisa com o município de Indaial.

A área total de 17 hectares é servida por rede de energia elétrica e por acesso não pavimentado em boas condições de trafegabilidade em dias chuvosos. Possui menos de 12% de declividade com o aterro sendo implantado em sua parte mais elevada. Possui jazidas para cobertura do aterro e a área lindeira de aproximadamente 14 hectares, foi adquirida pelo SAMAE prevendo uma ampliação futura para o aumento da vida útil do aterro. Ver Figura 17.



**Figura 17 – Aterro sanitário de Timbó**

A área também possui cerca de arame em todo o seu perímetro, além de contar com um cinturão verde projetado com faixa de 5m de largura. As ruas internas de são de chão batido recobertos com saibro.

A área é provida de:

- Balança rodoviária com capacidade de 30 toneladas;
- Edificação para o setor administrativo, guarnecida com sala para escritório com banheiro, refeitório, banheiros masculino e feminino, sala equipada para realizações de palestras e galpão para triagem de recicláveis do município de Timbó;
- Aterro sanitário, projetado pelo método de rampa com vida útil de 15 anos;
- Sistema de drenagem de águas pluviais do aterro;
- Sistema de drenagem do percolado;
- Sistema de tratamento do percolado;
- Área de lançamento do efluente tratado.

O tratamento de efluentes do aterro é realizado através de sistemas de lagoas de estabilização (anaeróbia + facultativa + maturação), seguidas de zona de



raízes cultivadas com junco. As lagoas são impermeabilizadas com geomembranas de PEAD (e = 1,0mm), com eficiência total da ordem de 98%. Ver Figura 18.

A prefeitura de Rio dos Cedros paga para o Consórcio Intermunicipal do Médio Vale do Itajaí – CIMVI um valor de R\$25/tonelada para o serviço de disposição final do lixo no Aterro Sanitário de Timbó.



**Figura 18 – Tratamento biológico com lagoas**

#### **7.2.5.2. Resíduos de Serviços de Saúde Sépticos**

Estes resíduos têm destinação final no Aterro Sanitário da RECICLE localizado em Brusque-SC, onde são dispostos em valas sépticas com adição de cal virgem.

#### **7.2.6. Pessoal Ocupado no Manejo de Resíduos Sólidos**

O Quadro 38 apresenta a situação do pessoal ocupado nos serviços de manejo dos resíduos sólidos, de forma permanente (funcionários da prefeitura) ou de forma temporária (terceirizado/comissionado).

**Quadro 38 – Pessoal ocupado no manejo de resíduos sólidos**

ESPECIFICAÇÃO	PESSOAL PERMANENTE	PESSOAL CONTRATADO TERCEIRIZADO OU SOMENTE COMISSIONADO
Varrição / Capina / Roçada	05	-
Coleta convencional	03	-
Coleta seletiva	03	-
Motoristas	02	-
Na administração	01	-
Total	14	-

Fonte: Prefeitura Municipal de Rio dos Cedros (2010)

### **7.2.7. Cobrança pelo Serviço de Manejo de Resíduos Sólidos**

A Prefeitura de Rio dos Cedros realiza a cobrança pelo serviço de manejo de resíduos sólidos junto à população através do carnê do IPTU, sendo esta cobrança autorizada pelo Código Tributário Municipal – Lei Complementar 027/2002.

Conforme informação da prefeitura, a municipalidade arrecadou no ano de 2009 um valor de R\$74.470,12 e gastou no mesmo ano um valor de R\$214.000,00 para a realização de todo o manejo.

### **7.3. IDENTIFICAÇÃO DE ÁREAS ALTERADAS, COM RISCO DE POLUIÇÃO E/OU CONTAMINAÇÃO POR RESÍDUOS SÓLIDOS**

O lixo urbano contém vários produtos com características de inflamabilidade, oxidação ou toxicidade e contém metais pesados como cromo, cobre, chumbo, mercúrio, zinco e outras substâncias que podem contaminar o meio ambiente. Pode-se dizer que o lixo produzido pelas atividades humanas cresce proporcionalmente ao aumento da população e ao crescimento industrial. Relacionado a esses fatores está o aumento da poluição do solo e a queda da qualidade de vida do ser humano (JARDIM, 1995).

Na sociedade moderna, tem-se tornado um sério problema encontrar local para a deposição final de resíduos, além do impacto ambiental ocasionado por estes. A maioria dos municípios do Brasil deposita o lixo em local totalmente inadequado, ou o joga em beiras de estradas e de cursos de água, terrenos baldios, a céu aberto e sem nenhum cuidado específico. Ressalta-se que o lixo

jogado sobre o solo interage com microrganismos ocasionando odores fétidos (devido à decomposição de matéria orgânica), infiltração do líquido percolado para o subsolo, contaminação do lençol freático, do ar, havendo a total degradação do ambiente e a desvalorização dos terrenos adjacentes (JARDIM, 1995).

No município de Rio dos Cedros, segundo informação da Prefeitura Municipal, uma área localizada na Localidade 1º de Maio (Área Rural), serviu até o ano de 2004, como um verdadeiro depósito do lixo gerado no município. A deposição dos resíduos nesta área foi interrompida mediante a assinatura do Termo de Convênio para tratamento e destinação final dos resíduos sólidos no aterro sanitário do Consórcio Intermunicipal do Médio Vale do Itajaí – CIMVI em Timbó.

Atualmente, a área encontra-se coberta com vegetação nativa. Porém, nenhum programa de recuperação ambiental foi realizado para amenizar o impacto causado pela disposição dos resíduos ao longo dos anos.

#### **7.4. IDENTIFICAÇÃO DE LACUNAS NO ATENDIMENTO NO SISTEMA DE MANEJO DE RESÍDUOS SÓLIDOS E LIMPEZA URBANA**

O principal objetivo da remoção regular do lixo gerado pela comunidade é evitar a proliferação de vetores causadores de doenças. Ratos, baratas e moscas encontram nos resíduos gerados as condições ideais para se desenvolverem (ABES, 2006).

Entretanto, se o lixo não é coletado regularmente os efeitos sobre a saúde pública só aparecem um pouco mais tarde e, quando as doenças ocorrem às comunidades nem sempre associam à sujeira (ABES, 2006).

Como existe coleta convencional dos resíduos sólidos urbanos em todo o município e dos resíduos de serviços de saúde sépticos nos estabelecimentos de responsabilidade da Prefeitura, e como também, há a realização dos serviços de limpeza urbana nas áreas urbana (varrição, capina e roçada) e rural (roçada), pode-se constatar que não existem lacunas no atendimento no que diz respeito ao manejo de resíduos sólidos do município. Porém, as ausências de coleta seletiva de recicláveis na área rural e de orgânicos em todo o município podem ser consideradas pontos a serem trabalhados pela

municipalidade.

## **7.5. ANÁLISE CRÍTICA DOS SISTEMAS DE MANEJO DOS RESÍDUOS SÓLIDOS E LIMPEZA URBANA EXISTENTES**

A Agenda 21<sup>2</sup>, no que se refere à gestão de resíduos sólidos urbanos, recomenda o manejo da seguinte forma:

*“O manejo ambientalmente saudável desses resíduos deve ir além do simples depósito ou aproveitamento por métodos seguros dos resíduos gerados e buscar resolver a causa fundamental do problema, procurando mudar os padrões não sustentáveis de produção e consumo. Isso implica na utilização do conceito de manejo integrado do ciclo vital, o qual apresenta oportunidade única de conciliar o desenvolvimento com a proteção do meio ambiente (UNCED (a), p.280, 1992)”.*

A Agenda 21 também define objetivos hierárquicos a serem alcançados pelos processos de gestão de resíduos sólidos urbanos:

*“A estrutura da ação necessária deve apoiar-se em uma hierarquia de objetivos e centrar-se nas quatro principais áreas de programas relacionadas com os resíduos, a saber:*

- *Redução ao mínimo dos resíduos;*
- *Aumento ao máximo da reutilização e reciclagem ambientalmente saudáveis aos resíduos;*
- *Promoção do depósito e tratamento ambientalmente saudáveis dos resíduos; e*
- *Ampliação “do alcance dos serviços que se ocupam dos resíduos (UNCED (a), p.280, 1992).”*

Tendo como referência o conteúdo da Agenda 21, principalmente no que tange aos objetivos apresentados, pode-se elencar alguns pontos quanto ao gerenciamento dos resíduos sólidos de responsabilidade da Prefeitura de Rio dos Cedros, qualificando-os como negativo ou positivo:

---

<sup>2</sup> A Agenda 21 foi um dos principais resultados da conferência Eco-92 ou Rio-92, ocorrida no Rio de Janeiro, Brasil, em 1992. É um documento que estabeleceu a importância de cada país a se comprometer a refletir, global e localmente, sobre a forma pela qual governos, empresas, organizações não-governamentais e todos os setores da sociedade poderiam cooperar no estudo de soluções para os problemas sócio-ambientais. Cada país desenvolve a sua Agenda 21 e no Brasil as discussões são coordenadas pela Comissão de Políticas de Desenvolvimento Sustentável e da Agenda 21 Nacional (CPDS). A Agenda 21 se constitui num poderoso instrumento de reconversão da sociedade industrial rumo a um novo paradigma, que exige a reinterpretação do conceito de progresso, contemplando maior harmonia e equilíbrio holístico entre o todo e as partes, promovendo a qualidade, não apenas a quantidade do crescimento.

- Pontos Negativos:
  - Não realização, por parte da municipalidade, de campanhas de sensibilização/mobilização social e de programas de educação ambiental e/ou sanitária para o manejo de resíduos sólidos domiciliares, visando à redução da geração dos mesmos;
  - Ausência de um Plano de Gerenciamento de Resíduos Sólidos no âmbito municipal;
  - Falta de sustentabilidade financeira do sistema;
  - Inexistência de treinamentos e capacitação do pessoal administrativo e de operação/manutenção da prefeitura no que se refere ao manejo dos resíduos sólidos;
  - Ausência de coleta seletiva de materiais recicláveis na área rural do município;
  - Ausência de coleta seletiva de orgânicos em todo o município;
  - Ausência de um serviço organizado de atendimento ao público para solicitações e reclamações referentes à coleta domiciliar e limpeza urbana.
- Pontos Positivos:
  - Coleta dos resíduos de serviços de saúde em veículo adequado, licenciado e exclusivo para esse tipo de resíduo (Empresa Getal);
  - Cobertura de coleta convencional dos resíduos sólidos urbanos em todo município;
  - Disposição dos resíduos de serviços de saúde em local adequado e licenciado ambientalmente (Valas Sépticas – Aterro da Empresa Recycle – Brusque/SC);
  - Disposição dos resíduos sólidos urbanos em local adequado e licenciado ambientalmente (Aterro Sanitário do CIMVI – Timbó/SC).

Diante do exposto, pode-se constatar que as principais deficiências no manejo de resíduos sólidos em Rio dos Cedros são a ausência de coleta seletiva de materiais recicláveis na área rural e a ausência de coleta seletiva de orgânicos

em todo o município .

#### **7.6. IDENTIFICAÇÃO E QUALIFICAÇÃO DO LOCAL DE DESTINAÇÃO FINAL DOS RESÍDUOS SÓLIDOS DO MUNICÍPIO**

Conforme descrito anteriormente, a disposição final dos resíduos sólidos urbanos coletados em Rio dos Cedros ocorre no Aterro Sanitário de Timbó - SC, através do Consórcio Intermunicipal do Médio Vale do Itajaí – CIMVI.

Para a operação do aterro sanitário, o Consórcio mantém a seguinte equipe de trabalho:

- o 2 operadores de máquinas;
- o 1 técnico em saneamento;
- o 1 chefe de divisão;
- o 1 balanceiro;
- o 2 guardas;
- o 1 motorista;
- o 2 funcionários para operação; e
- o 1 engenheiro.

Durante a visita ao local de disposição final, no dia 29/03/2010, aplicou-se o Indicador de Avaliação de Desempenho de Aterros de Resíduos Sólidos Urbanos<sup>3</sup>, de modo a classificar a respectiva disposição em: “Lixão”, “Aterro Controlado” ou “Aterro Sanitário”. O Quadro 39 apresenta o Indicador utilizado.

---

<sup>3</sup> Desenvolvimento de um Indicador para Avaliação de Desempenho de Aterros de Resíduos Sólidos Urbanos. Dissertação de Mestrado. Adriano Vítor Rodrigues Pina Pereira. 2005.

**Quadro 39 – Indicador de Avaliação e Desempenho de Aterros de Resíduos Sólidos Urbanos**

<b>CARACTERÍSTICAS DA ÁREA</b>		
<b>Crítérios</b>	<b>Parâmetros de avaliação</b>	<b>Class.</b>
Capacidade de suporte do solo	$C_u > 1,0 \text{ kg/m}^2$	X
	$0,5 < C_u < 1,0 \text{ kg/m}^2$	
	$C_u < 0,5 \text{ kg/m}^2$	
Distância de núcleos habitacionais	$D > 500 \text{ m}$ de núcleos habitacionais	X
	$D < 500 \text{ m}$ de residências isoladas	
	$D < 500 \text{ m}$ de núcleos habitacionais	
Distância de recursos hídricos	$D >$ ou igual a $200 \text{ m}$ p/ cursos d'água e $D >$ ou igual a $50 \text{ m}$ p/ nascentes e olhos d'água	X
	$100 <$ ou igual $D < 200 \text{ m}$ para cursos d'água	
	$D <$ ou igual a $100 \text{ m}$ para cursos d'água e/ou $< 50 \text{ m}$ para nascentes e olhos d'água	
Profundidade do lençol freático	$> 3 \text{ m}$	X
	de $1,5$ a $3,0 \text{ m}$	
	$< 1,5 \text{ m}$	
Permeabilidade do solo	$K <$ ou igual a $10^{-6} \text{ cm/s}$	X
	$10^{-4} < K < 10^{-6} \text{ cm/s}$	
	$K >$ ou igual $10^{-4} \text{ cm/s}$	
Disponibilidade de material de cobertura	Quantidade suficiente ( $Q > 20\%$ do volume de resíduos dispostos)	X
	Quantidade insuficiente ( $Q < 20\%$ do volume de resíduos dispostos)	
	Sem material de cobertura	
Qualidade do material de cobertura	Solo argiloso	X
	Solo siltooso	
	Solo arenoso	
Condições de acesso	Acesso por estrada pavimentada (asfalto ou paralelepípedo)	
	Acesso por estrada com revestimento primário	X
	Acesso por estrada esburacada e sem revestimento primário	

Continuação do Quadro 39 .

<b>INFRA-ESTRUTURA EXISTENTE</b>		
<b>Crítérios</b>	<b>Parâmetros de avaliação</b>	<b>Class.</b>
Isolamento visual da área	Frente de serviço, sistema de tratamento e pátio interno isolados visualmente	X
	Estruturas do aterro visíveis fora da área do aterro, porém com a frente de serviço isolada	
	Frente de serviço visível fora da área do aterro	
Impermeabilização	Impermeabilização com dupla camada (argila compactada ou material sintético e PEAD)	X
	Impermeabilização com camada simples de argila compactada	
	Inexistente	
Drenagem de percolados	Camada drenante de brita ou areia, juntamente com com tubos de PEAD ou de concreto	
	Drenagem com tubos de concreto ou PEAD envolto em brita	X
	Inexistente	
Tratamento de percolados	Tratamento biológico e físico-químico	
	Tratamento biológico	X
	Inexistente	
Drenagem de águas pluviais	Drenagem provisória e definitiva	X
	Drenagem definitiva	
	Inexistente	
Equipamento para compactação dos resíduos	Adequado em porte, quantidade e disponibilidade	X
	Inadequado em porte, quantidade e/ou disponibilidade	
	Inexistente	
Equipamentos para serviços diversos	Caminhão e retroescavadeira	X
	Caminhão ou retroescavadeira	
	Inexistente	
Drenagem de gases	Drenos dispostos com distância de até 50 m	X
	Drenos dispostos com distância superior a 50 m	
	Inexistente	
Controle no recebimento de resíduos	Inspeção e pesagem	X
	Inspeção sem pesagem	
	Nenhum tipo de controle	
Cerca de isolamento	Cerca de isolamento condições adequada	X
	Cerca de isolamento em condições inadequadas	
	Inexistente	



Continuação do Quadro 39 .

<b>CONDIÇÕES OPERACIONAIS</b>		
<b>Crítérios</b>	<b>Parâmetros de avaliação</b>	<b>Class.</b>
Presença de animais	Sem presença de urubus, gaivotas e moscas.	
	Presença de moscas.	
	Presença de urubus, gaivotas e moscas.	X
Estabilidade do maciço de resíduos	Aterro com: patamares < ou igual 5 m; inclinação dos taludes = 2:1; recuo > ou igual 3 m	X
	Aterro com: inclinação dos taludes = 2:1; recuo > ou igual 3 m.	
	Aterro que não atende a nenhuma das especificações acima	
Recobrimento dos resíduos	Recobrimento diário	
	Recobrimento eventual (3 x semana)	X
	Recobrimento inexistente (< 3 x semana)	
Monitoramento	Monitoramento de recursos hídricos, do sist. de tratamento e geotécnico (se necessário)	X
	Monitoramento dos recursos hídricos ou do sistema de tratamento de percolados	
	Sem monitoramento ambiental.	
Eficiência do tratamento de percolados	Efluente atendendo a legislação ambiental	
	Efluente atendendo parcialmente a legislação ambiental	X
	Efluente com padrões de lançamento inadequados	
Local de lançamento do efluente tratado	Lançamento em rios	
	Lançamento em canais de drenagem ou córregos.	X
	Lançamento em valas de drenagem ou talvegues	
Acesso a frente de operação	Livre acesso a frente de serviço	
	Difícil acesso em períodos de chuva	X
	Sem condições de acesso a frente de serviço	

O indicador é dividido em três grupos: características de área, infra-estrutura existente e condições de operação. Cada critério possui três opções de avaliação. Tais critérios abordam os diversos aspectos de um aterro sanitário, como as diferentes medidas de controle ambiental. Através de um método de agregação, foi desenvolvido um ajuste para os aterros, resultando em uma nota, que corresponde ao indicador de desempenho. Ver Quadro 40.

**Quadro 40 - Notas e respectivos enquadramentos da avaliação de aterros**

<b>NOTA</b>	<b>GRUPO</b>	<b>CONDIÇÕES</b>
9,0 < nota ≤ 10,0	ATERRO SANITÁRIO	ÓTIMAS
8,0 < nota ≤ 9,0		ADEQUADAS
6,0 < nota ≤ 8,0	ATERRO CONTROLADO	MÍNIMAS
4,0 < nota ≤ 6,0		PRECÁRIAS
0,0 < nota ≤ 4,0	LIXÃO	-----

Ao aplicar o Indicador no Aterro Sanitário do Consórcio Intermunicipal do Médio Vale do Itajaí – CIMVI em Timbó - SC, o referido local de disposição final obteve uma **nota igual a 8,20**, ficando enquadrado como **“Aterro Sanitário em Condições Adequadas”**.

### 7.7. CARACTERIZAÇÃO DO LIXO PARA FINS DE RECICLAGEM

A produção de resíduos sólidos está condicionada as atividades do homem e dentre outros fatores ao seu poder de consumo. Entretanto, com a introdução de produtos cada vez mais industrializados, esses passam a ser cada vez mais prejudiciais ao meio ambiente e as soluções para os problemas do manejo dos resíduos sólidos urbanos exigem, dentre outros, a adoção de tecnologias adequadas que são definidas por informações técnicas consistentes (DE LUCA & DE GRANDI, 2010).

Para começar a pensar em um serviço de limpeza urbana é preciso identificar as características dos resíduos gerados, pois essas variam conforme a cidade e em função de diversos fatores, como por exemplo: a atividade dominante (industrial, comercial, turística, etc.), os hábitos, os costumes da população (principalmente quanto à alimentação) e o clima (ABES, 2006).

Para tal caracterização é necessária a determinação da composição gravimétrica do lixo, por amostragem, na qual define-se o percentual de cada componente em relação ao peso total da amostra de lixo analisada.

Os componentes mais utilizados na determinação da composição gravimétrica dos resíduos sólidos encontram-se na Figura 19.

Matéria orgânica	Metal ferroso	Borracha
Papel	Metal não-ferroso	Couro
Papelão	Alumínio	Pano/trapos
Plástico rígido	Vidro claro	Ossos
Plástico maleável	Vidro escuro	Cerâmica
PET	Madeira	Agregado fino

Figura 19 – Componentes mais comuns da composição gravimétrica

Para o presente diagnóstico, definiu-se que a composição gravimétrica seria obtida por meio de entrevista com os responsáveis pelo gerenciamento dos resíduos sólidos no município e que seriam considerados somente os

componentes básicos: matéria orgânica, rejeitos, papel, vidro, plástico e metal. Entretanto, tal informação não foi possível ser obtida devido ao desconhecimento dos responsáveis pela gestão no município. Sendo assim, utilizou-se a média nacional do CEMPRE (Compromisso Empresarial para Reciclagem) para caracterizar os resíduos gerados no município, sendo assim distribuídos: 50% matéria orgânica, 30% materiais recicláveis e 20% rejeitos.

Os materiais recicláveis gerados no município compreendem a papéis, plásticos, vidros e metais.

## **7.8. IDENTIFICAÇÃO DA FORMA DA COLETA SELETIVA**

Entre as alternativas para tratamento ou redução dos resíduos sólidos urbanos, a reciclagem é aquela que desperta o maior interesse na população, principalmente por seu forte apelo ambiental (IBAM, 2001).

Os principais benefícios ambientais da reciclagem dos materiais existentes no lixo (plásticos, papéis, metais e vidros) são:

- a economia de matérias-primas não-renováveis;
- a economia de energia nos processos produtivos;
- o aumento da vida útil dos aterros sanitários (IBAM, 2001).

Outro aspecto relevante que deve ser considerado é que a implantação de programas de reciclagem estimula o desenvolvimento de uma maior consciência ambiental e dos princípios de cidadania por parte da população (IBAM, 2001).

O grande desafio para implantação de programas de reciclagem é buscar um modelo que permita a sua auto-sustentabilidade econômica. Os modelos mais tradicionais, implantados em países desenvolvidos, quase sempre são subsidiados pelo poder público e são de difícil aplicação em países em desenvolvimento (IBAM, 2001).

O Município de Rio dos Cedros, atualmente, possui coleta seletiva de materiais recicláveis em toda a área urbana, sendo que estes são coletados com frequência quinzenal, gerando um montante de 6 toneladas por mês. Não há coleta seletiva de orgânicos no município.

A forma de execução da coleta seletiva é conhecida como porta a porta, que consiste na separação, pela população, dos materiais recicláveis existentes nos resíduos domésticos, para que, em seguida, os mesmos possam ser coletados por um veículo específico.

Todos os materiais coletados são transportados até um galpão de triagem localizado no Bairro Santo Antônio, operado pela Empresa Reciclagem Cristelli, que recebe gratuitamente (doação) estes materiais da prefeitura.

Em Rio dos Cedros não existem cooperativas e nem associações que atuam na coleta de materiais recicláveis no município, mas existem catadores que atuam de forma isolada na cidade.



**Figura 20 – Galpão de triagem de materiais recicláveis**



Figura 21 – Sacos com materiais recicláveis

### **7.9. AVALIAÇÃO DA INTERAÇÃO, COMPLEMENTARIDADE OU COMPARTILHAMENTO DE CADA UM DOS SERVIÇOS COM OS SERVIÇOS DOS MUNICÍPIOS VIZINHOS**

Atualmente no Brasil, a questão ambiental voltada para os resíduos sólidos tem sido objeto de reflexão em diferentes áreas do conhecimento, evidenciando-se como interdisciplinar, especialmente no que se refere ao processo de gestão consorciada dos mesmos. Ela está intimamente relacionada com o incremento no processo de desenvolvimento econômico do país, com a dinâmica populacional, com os aspectos culturais e políticos, com as inovações tecnológicas, com o aumento do consumo de produtos cada vez mais descartáveis, com a responsabilidade constitucional e com a situação financeira dos municípios, como também com a questão social dos catadores.

Com relação à interação e ao compartilhamento dos serviços de manejo de resíduos sólidos de Rio dos Cedros com os municípios vizinhos, pode-se citar a criação do Consórcio Intermunicipal do Médio Vale do Itajaí – CIMVI, cujo serviço comum entre os municípios é a disposição final dos resíduos domiciliar, comercial e público em um aterro sanitário localizado no Município de Timbó – SC.

O CIMVI foi fundado em 27 de agosto de 1998, inicialmente com a denominação de Consórcio Intermunicipal da Bacia Hidrográfica do Rio

Benedito, com a participação dos municípios de Benedito Novo, Doutor Pedrinho, Rio dos Cedros, Rodeio e Timbó, todos da Região do Médio Vale do Itajaí, no nordeste do Estado de Santa Catarina.

A partir de janeiro de 2003, passaram a integrar ao consórcio os municípios de Apiúna e de Ascurra. Quando o aterro sanitário de Timbó começou a operar, os municípios de Indaial e de Pomerode também ingressaram, totalizando nove municípios na sua composição, sendo que todos assinaram Termo de Convênio para Tratamento e Destinação Final de Resíduos Sólidos Urbanos, ficando sob responsabilidade do SAMAE de Timbó a operacionalização e as normas de funcionamento do aterro sanitário. Ver Figura 22.



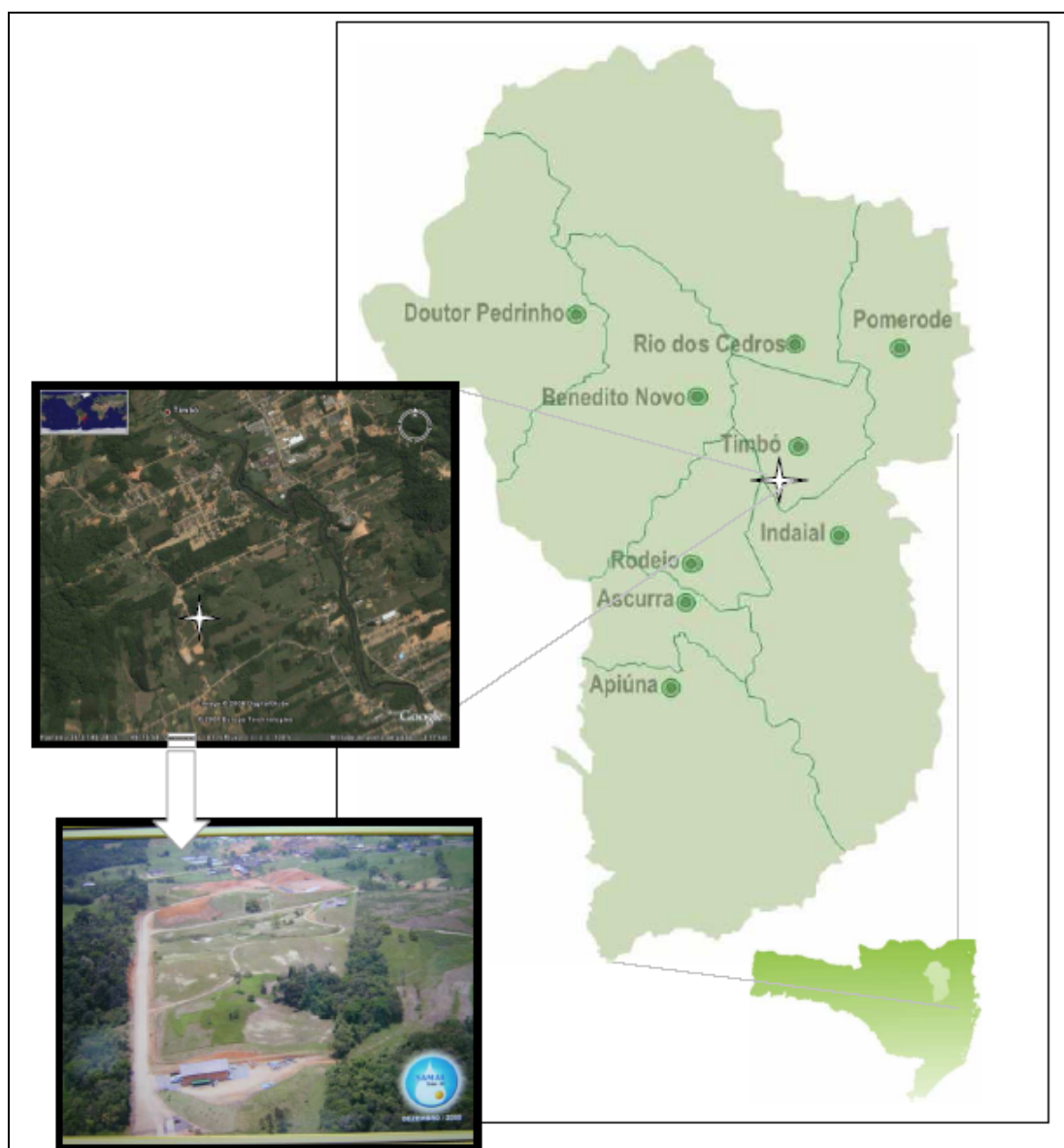
**Figura 22 – Vista geral do aterro sanitário**

Com esses ingressos, a sua denominação foi alterada para Consórcio Intermunicipal do Médio Vale (CIMV), assim como também foi alterado o seu estatuto, pois esses municípios não pertencem à Sub-Bacia Hidrográfica do Rio Benedito, mas à Bacia do Rio Itajaí-Açu.

A sede administrativa do Consórcio localizava-se inicialmente no centro do Município de Timbó e atualmente fica em Blumenau, na sede da Associação de Municípios do Médio Vale do Itajaí – AMMVI. A sede operacional, como já mencionada, está sob a responsabilidade do Serviço Autônomo Municipal de Água e Esgoto – SAMAE de Timbó, na localidade de Araponguinhas, próximo à



divisa com Indaial. Ver Figura 23.



**Figura 23 – Localização e composição do Consórcio Intermunicipal do Médio Vale do Itajaí - CIMVI**

Fonte: Rosí Cristina Espíndola Silveira - Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia Ambiental (PPGEA) do Centro Tecnológico da Universidade Federal de Santa Catarina. Área de Concentração: Engenharia Ambiental. (2008).

No ano de 2007 deu-se início à implementação de um processo de adaptação às exigências da Lei dos Consórcios para transformá-lo em Consórcio Público, com uma nova denominação: Consórcio Intermunicipal do Médio Vale do Itajaí – CIMVI.

## **8. DIAGNÓSTICO DOS SERVIÇOS DE DRENAGEM E MANEJO DE ÁGUAS PLUVIAIS**

### **8.1. ESTUDOS HIDROLÓGICOS PARA ESTIMATIVA DE CHEIAS NOS CORPOS D'ÁGUA PRINCIPAIS NO MUNICÍPIO**

As informações hidrológicas calculadas e estimadas foram processadas baseadas em dados secundários existentes. Não foram processadas informações hidrológicas primárias (dados de precipitações, vazões, curvas-chaves, etc.) pois não fazem parte do escopo deste contrato no que refere-se a este assunto.

#### **8.1.1. Estudos das Características Morfológicas da Bacia Hidrográfica e Determinação de Índices Físicos para a Bacia**

Os estudos relacionados com as drenagens fluviais sempre tiveram função relevante na Geomorfologia (ciência que estuda as formas do relevo) e a análise da rede hidrográfica pode levar à compreensão e elucidação de numerosas questões geomorfológicas, pois os cursos de água constituem processo morfogenético dos mais ativos na esculturação da paisagem terrestre.

A drenagem fluvial é composta por um conjunto de canais inter-relacionados que formam a bacia de drenagem, definida como a área drenada por um determinado rio ou por um sistema fluvial. A quantidade de água que atinge os cursos fluviais está na dependência do tamanho da área ocupada pela bacia da precipitação total e de seu regime, e das perdas devidas a evapotranspiração e à infiltração.

O estudo hidrológico e das características físicas de uma bacia hidrográfica tem aplicação nas diferentes áreas:

- a) escolha de fontes de abastecimento de água para uso doméstico ou industrial;
- b) projeto e construção de obras hidráulicas: para a fixação das dimensões hidráulicas de obras, tais como: pontes, bueiros, etc. Nos projetos de barragens, localização e escolha do tipo de barragem, de fundação e extravasor, dimensionamento e no estabelecimento do método de construção;



- c) drenagem: estudo das características do lençol freático e exame das condições de alimentação e de escoamento natural do lençol, precipitações, bacia de contribuição e nível d'água nos cursos d'água;
- d) irrigação: problema de escolha do manancial e no estudo de evaporação e infiltração;
- e) regularização de cursos d'água e controle de inundações: estudo das variações de vazão, previsão de vazões máximas e no exame das oscilações de nível e das áreas de inundação;
- f) controle da poluição na análise da capacidade de recebimento de corpos receptores dos efluentes de sistemas de esgotos, vazões mínimas de cursos d'água, capacidade de reaeração e velocidade de escoamento;
- g) controle da erosão: análise de intensidade e freqüência das precipitações máximas, determinação do coeficiente de escoamento superficial e no estudo da ação erosiva das águas e da proteção por meio de vegetação e outros recursos;
- h) navegação:- obtenção de dados e estudos sobre construção e manutenção de canais navegáveis;
- i) aproveitamento hidrelétrico: previsão das vazões máximas, mínimas e médias dos cursos d'água para o estudo econômico e o dimensionamento das instalações de aproveitamento. Na verificação da necessidade de reservatório de acumulação, determinação dos elementos necessários ao projeto e construção do mesmo, bacias hidrográficas, volumes armazenáveis, perdas por evaporação e infiltração;
- j) operação de sistemas hidráulicos complexos;
- k) recreação e preservação do meio ambiente;
- l) preservação e desenvolvimento da vida aquática;

Além das bacias, os rios, individualmente, também foram objetos de classificação. William Morris Davis propôs várias designações, considerando a linha geral do escoamento dos cursos d'água em relação à inclinação das

camadas geológicas. Os estudos dos padrões de drenagem foram assunto amplamente debatido na literatura geomorfológica. Os padrões de drenagem referem-se ao arranjo espacial dos cursos fluviais, que podem ser influenciados em sua atividade morfogenética pela natureza e disposição das camadas rochosas, pela resistência variável, pelas diferenças de declividade e pela evolução geomorfológica da região. Uma ou várias bacias de drenagem podem estar englobadas na caracterização de determinado padrão.

A classificação sistemática da configuração da drenagem foi levada a efeito por vários especialistas. O número de unidades discernidas varia de autor para autor, porque uns fixam seu interesse nos tipos fundamentais da drenagem, enquanto outros estendem sua análise aos tipos derivados e até aos mais complexos.

Para este estudo de drenagem urbana, foram selecionadas as bacias hidrográficas que continham a sede e/ou a mancha urbana do município em estudo, sendo que as demais bacias hidrográficas que o município está inserido não foram estudadas no âmbito deste estudo. Todas as informações cartográficas para este estudo foram obtidas a partir das Cartas Cartográficas Básicas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, na escala 1:50.000 e 1:100.000 em meio digital que estão disponíveis no seguinte endereço eletrônico: <ftp://geofp.ibge.gov.br/mapas/topograficos/topo50/vetor/>.

### **Comprimento do rio principal**

É a distância que se estende ao longo do curso de água desde a desembocadura até determinada nascente. O problema reside em se definir qual é o rio principal, podendo-se utilizar os seguintes critérios:

a) aplicar os critérios estabelecidos por Horton, pois o canal de ordem mais elevada corresponde ao rio principal;

b) em cada bifurcação, a partir da desembocadura, optar pelo ligamento de maior magnitude;

c) em cada confluência, a partir da desembocadura, seguir o canal fluvial montante situado em posição altimétrica mais baixa até atingir a nascente do segmento de primeira ordem localizada em posição altimétrica mais baixa, no conjunto da bacia;

d) curso de água mais longo, da desembocadura da bacia até determinada nascente, medido como a soma dos comprimentos dos seus ligamentos (Shreve, 1974).

Neste caso específico determinou-se o comprimento do rio principal através do quarto critério, o do curso de água mais longo, também é prático e se interrelaciona com a análise dos aspectos morfométricos e topológicos das redes de drenagem. Para tanto utilizou-se o sistema de geoprocessamento para determinar este valor através da análise dos dados informados pelas Cartas Cartográficas Básicas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE em meio digital que estão disponíveis no seguinte endereço eletrônico: <ftp://geoftp.ibge.gov.br/mapas/topograficos/topo50/vetor/>.

### **Área da bacia (A)**

É toda a área drenada pelo conjunto do sistema fluvial, projetada em plano horizontal. Determinado o perímetro da bacia, a área pode ser calculada com o auxílio do planímetro, de papel milimetrado, pela pesagem de papel uniforme devidamente recortado ou através de técnicas mais sofisticadas, como o uso de computador.

Para a delimitação da bacia hidrográfica deste estudo obteve-se os dados produzidos pela Shuttle Radar Topography Mission, um projeto conjunto entre a agência espacial americana (NASA) e a agência de inteligência geo-espacial (NGA). São representados em modelos digitais de terreno (MDE) em formato matricial com resolução espacial de 1 arco-segundo (30m) ou 3 arco-segundos (90m) expressos em coordenadas geográficas (latitude / longitude) referenciados em lat-long WGS84. A acurácia absoluta horizontal é de 20 metros (para erro circular com 90% de confiança) e vertical de 16 metros (para erro linear com 90% de confiança).

Utilizando estas informações, a Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (EPAGRI) vem desenvolvendo pesquisas aplicadas com estes dados com o objetivo de utilizá-los em seus projetos, sobretudo o Projeto Microbacias II. Os resultados preliminares indicam que estes podem ser utilizados em trabalhos de zoneamento, gestão de recursos hídricos e bacias hidrográficas e mapeamentos temáticos em escalas menores

que 1:250.000. Pesquisas estão sendo desenvolvidas para avaliar a utilização dos dados em escalas mais detalhadas.

Dentro deste escopo, a EPAGRI disponibilizou o primeiro produto, que é o modelo digital de elevação (MDE) do estado com resolução espacial de 30 metros, em formato Geotif e GRID 16 bits, e que abrange a área entre as coordenadas 54°03'30"W, 29°28'40"S e 48°09'45"W, 25°39'15"S. O MDE está dividido segundo as regiões hidrográficas do estado e apresenta uma sobreposição (buffer) de 2Km entre elas.

Neste caso foi utilizado o MDE de resolução espacial de 3 arco-segundo (90m), que foi interpolado para uma resolução espacial de 1 arco-segundo (30m) com a finalidade de suavizar a representação do terreno e então re-projetado para o sistema de coordenadas UTM datum SAD69, oficial do Brasil. O MDE foi convertido de Geotif 16 bits para o formato padrão do ArcInfo (GRID). Também foi feita uma análise para identificar possíveis imperfeições (valores espúrios), que segundo a SRTM são comuns em áreas com alta declividade, lagos com mais de 600m de comprimento, rios que apresentam mais de 183m de largura e oceanos. Nestas áreas foi feita a correção interpolando-se os dados circunvizinhos.

Após o tratamento das imperfeições o MDE foi georreferenciado com a mapoteca topográfica digital da EPAGRI. As áreas oceânicas e lagunas costeiras foram selecionadas através de uma máscara gerada pelo mosaico das cartas 1:50.000 do litoral e reclassificadas para valor zero.

Neste caso específico, utilizou-se este MDE e aplicou a extensão Arc Hydro GIS do Software Arc GIS para delimitar as bacias hidrográficas a partir do relevo pelos divisores de água. Com estas informações delimitaram-se as microbacias hidrográficas que drenam as áreas que possuem a área urbana do município estudado. O mapeamento MDE e a delimitação das bacias hidrográficas do município encontram-se no Anexo 2 deste documento.

### **Perímetro da Bacia (P)**

É o comprimento linear do contorno da bacia hidrográfica projetada no plano horizontal. Esta determinação na carta topográfica ou mapa da bacia pode ser realizado através do curvímetro ou por outro método que determine

linearmente este comprimento. Neste caso determinou-se o perímetro da bacia em estudo através do sistema de geoprocessamento utilizado no processamento das informações cartográficas utilizando o Software ArcGIS 9.3.

### **Densidade da drenagem**

A densidade da drenagem correlaciona o comprimento total dos canais de escoamento com a área de escoamento com a área da bacia hidrográfica. A densidade de drenagem foi inicialmente definida por R. E. Horton (1945), podendo ser calculada pela equação

$$Dd = \frac{L_t}{A} \quad (01)$$

Onde:

Dd = densidade da drenagem;

L<sub>t</sub> = comprimento total dos canais;

A = é a área da bacia.

Em um mesmo ambiente climático, o comportamento hidrológico das rochas repercute na densidade de drenagem. Nas rochas onde a infiltração encontra maior dificuldade há condições melhores para o escoamento superficial, gerando possibilidades para a esculturação de canais, como entre as rochas clásticas de granulação fina, e, como consequência, densidade de drenagem mais elevada. O contrário ocorre com as rochas de granulometria grossa.

O cálculo da densidade de drenagem é importante na análise das bacias hidrográficas porque apresenta relação inversa com o comprimento dos rios. À medida que aumenta o valor numérico da densidade há diminuição quase proporcional do tamanho dos componentes fluviais das bacias de drenagem. O mapeamento da rede de drenagem do município encontra-se no Anexo 2 deste documento.

### **Relação de relevo (Rr)**

A relação de relevo foi inicialmente apresentada por Schumm (1956: 612), considerando o relacionamento existente entre a amplitude altimétrica máxima de uma bacia e a maior extensão da referida bacia, medida paralelamente à

principal linha de drenagem. A relação de relevo (Rr) pode ser calculada pela expressão:

$$Rr = \frac{H_m}{L_b} \quad (02)$$

Onde:

Rr = Relação de Relevo;

Hm = amplitude topográfica máxima;

Lb = comprimento da bacia.

Em virtude das várias sugestões propostas para estabelecer o comprimento da bacia, o mais aconselhável é utilizar o diâmetro geométrico da bacia, a exemplo do procedimento usado por Maxwell (1960), ou o comprimento do principal curso de água.

Outras alternativas foram propostas sobre a maneira de calcular a relação de relevo. Melton (1957) utilizou como dimensão linear horizontal o perímetro da bacia, propondo a relação de relevo expressa em porcentagem, de modo que

$$Rr = \frac{H_m}{P} \times 100 \quad (03)$$

Onde:

Rr = Relação de Relevo;

Hm = amplitude topográfica máxima;

P = perímetro da bacia.

Posteriormente, o próprio Melton (1965) apresentou nova formulação, procurando relacionar a diferença altimétrica com a raiz quadrada da área da bacia, de modo que:

$$Rr = \frac{H_m}{A^{0.5}} \quad (04)$$

Onde:

Rr = Relação de Relevo;

Hm = amplitude topográfica máxima;

A = área da bacia.

Neste caso específico deste estudo, determinou-se os valores da Relação de Relevo (Rr) através da equação (04) a partir dos dados levantados pelos itens anteriores.

### **Índice de rugosidade (Ir)**

O índice de rugosidade foi inicialmente proposto por Melton (1957) para expressar um dos aspectos da análise dimensional da topografia. O índice de rugosidade combina as qualidades de declividade e comprimento das vertentes com a densidade de drenagem, expressando-se como número adimensional que resulta do produto entre a amplitude altimétrica (Hm) e a densidade de drenagem (Dd).

Desta maneira,

$$Ir = Hm \times Dd \quad (05)$$

Onde:

Ir = índice de rugosidade;

Hm = amplitude topográfica máxima;

Dd = densidade de drenagem.

Strahler (1958: 1964) assinalou os relacionamentos entre as vertentes e a densidade de drenagem. Se a Dd aumenta enquanto o valor de Hm permanece constante, a distância horizontal média entre a divisória e os canais adjacentes será reduzida, acompanhada de aumento na declividade da vertente. Se o valor de Hm aumenta enquanto a Dd permanece constante, também aumentarão as diferenças altimétricas entre o interflúvio e os canais e a declividade das vertentes. Os valores extremamente altos do índice de rugosidade ocorrem quando ambos os valores são elevados, isto é, quando as vertentes são íngremes e longas (Strahler, 1958). No tocante ao índice de rugosidade, pode acontecer que áreas com alta Dd e baixo valor de Hm são tão rugosas quanto áreas com baixa Dd e elevado valor de Hm. Patton e Baker (1976) mostraram que áreas potencialmente assoladas por cheias relâmpago são previstas como possuidoras de índices elevados de rugosidade, incorporando fina textura de drenagem, com comprimento mínimo do escoamento superficial em vertentes íngremes e altos valores dos gradientes dos canais.

### **Coefficiente de compacidade**

O Coeficiente de compacidade, ou índice de Gravelius ( $K_c$ ), é a relação entre o perímetro da bacia e a circunferência de um círculo de área igual à da bacia.

$$K_c = 0,28 \frac{P}{\sqrt{A}} \quad (06)$$

Onde:

$K_c$  = coeficiente de compacidade;

$P$  = perímetro da bacia (km);

$A$  = área da bacia (km<sup>2</sup>).

Um coeficiente mínimo igual à unidade correspondente a uma bacia circular. Segundo VILLELA & MATTOS (1975), se os demais fatores forem iguais, quanto mais próximo da unidade for o valor de  $K_c$ , maior será a tendência para enchentes.

### **Extensão média do escoamento superficial (I)**

O índice da extensão média do escoamento superficial deriva da relação (VILLELA & MATTOS, 1975):

$$I = \frac{A}{4L} \quad (07)$$

Onde:

$I$  = Extensão média do escoamento superficial;

$A$  = área da bacia (km<sup>2</sup>);

$L$  = comprimento do curso de água (km).

### **Tempo de concentração (Tc)**

O tempo de concentração ( $T_c$ ) é o tempo necessário para que toda a área da bacia contribua para o escoamento superficial na seção de saída. Em pequenas bacias, o que é o caso, o tempo de concentração é o tempo após o qual todos os pontos dela estão a contribuir para o escoamento e após o qual este escoamento permanece constante enquanto a chuva for constante. O valor do tempo de concentração varia consoante a fórmula utilizada. Os fatores que influenciam o  $T_c$  de uma dada bacia são:

Forma da bacia



Declividade média da bacia

Tipo de cobertura vegetal

Comprimento e declividade do curso principal e afluentes

Distância horizontal entre o ponto mais afastado bacia e sua saída

Condições do solo em que a bacia se encontra no início da chuva.

Existem várias equações para estimar o tempo de concentração de uma bacia hidrográfica, a seguir são apresentadas estas equações:

Equação de Giandotti, citado em EUCLYDES (1987):

$$T_c = \frac{4\sqrt{A} + 1,5L}{0,8\sqrt{H_m - H_o}} \quad (08)$$

Onde:

T<sub>c</sub> = Tempo de concentração (h);

A = Área da bacia (km<sup>2</sup>);

L = comprimento do talvegue (m);

H<sub>m</sub> = altitude média da bacia (m);

H<sub>o</sub> = altitude final do trecho (m).

Equação de Kirpich:

$$T_c = 0,0196 \left( \frac{L^3}{h} \right)^{0,385} \quad (09)$$

Onde:

T<sub>c</sub> = Tempo de concentração (min);

L = comprimento do talvegue (m);

h = amplitude topográfica máxima

Equação de Dooge:

$$T_c = 70,8 \left( \frac{A^{0,41}}{S^{0,17}} \right) \quad (10)$$

Onde:

T<sub>c</sub> = Tempo de concentração (min);

A = área da bacia (km<sup>2</sup>).

S = declividade média da bacia (m/km);

Neste caso utilizou-se a equação de Kirpich para o cálculo do tempo de concentração da bacia.

A seguir são apresentadas as informações dos Índices Físicos da bacia hidrográfica selecionada:

**Quadro 41 - Índices físicos da Bacia do Ribeirão São Bernardo**

Bacia	1
Área (Km <sup>2</sup> )	18,30784
Perímetro(km)	25,39251
Comprimento do rio principal (km)	6,297899
Comprimento do rio principal (m)	6297,899
Comprimento total dos canais (Km)	23,098
Cota Inicial (m)	674
Cota Final (m)	78
Diferença Cotas (m)	596
Declividade (m/Km)	94,63473
CN	62,35
Densidade de drenagem (Km/Km <sup>2</sup> )	1,262
Tempo de Concentração da Bacia (min)	40,91262
Rr	0,139
Ir	0,205
I	0,726744
Kc	1,661671

No quadro acima são mostrados os resultados da caracterização da Bacia do Ribeirão São Bernardo cujo exutório esta localizado na junção deste com o Rio dos Cedros. A área de drenagem encontrada na bacia foi de 18,307 km<sup>2</sup> e seu perímetro de 25,39 km.

De acordo com os resultados pode-se afirmar que a bacia hidrográfica mostra-se pouco suscetível a enchentes em condições normais de precipitação, ou seja, excluindo-se eventos de intensidades anormais, pelo fato de seu coeficiente de compacidade (Kc) ter apresentado valor afastado da unidade (1,66), indicando que a bacia não possui forma circular possuindo, portanto, uma tendência de forma alongada.

A Densidade de Drenagem encontrada na bacia foi de 1,262 Km/Km<sup>2</sup>. Segundo Villela e Mattos (1975) esse índice pode variar entre 0,5 Km/Km<sup>2</sup> em bacias com drenagem pobre e 3,5 Km/Km<sup>2</sup>, ou mais, em bacias bem drenadas. Assim

de acordo com os autores a bacia se enquadra entre as de moderada capacidade de drenagem.

### **8.1.2. Elaboração de cartas temáticas de cada bacia: hidrografia, topografia, características de solos em termos de permeabilidade, uso atual das terras, índices de impermeabilização, cobertura vegetal e pontos críticos de estabilidade geotécnica**

Para o mapeamento do uso e ocupação do solo, obteve-se junto a Fundação do Meio Ambiente – FATMA o Mapeamento da Cobertura Vegetal de Santa Catarina realizado pelo Projeto de Proteção da Mata Atlântica em Santa Catarina – PPMA/SC da Fundação do Meio Ambiente – FATMA em 2009. Este trabalho utilizou imagens de satélite de 2005 na escala 1:25.000. Neste mapeamento foram classificadas em 11 classes distintas de uso e ocupação do solo, distribuídas da seguinte maneira:

- Agricultura;
- Área de Mineração;
- Área Urbanizada e/ou Construída;
- Corpos d'água;
- Solo exposto;
- Vegetação de várzea e restinga;
- Pastagens e campos naturais;
- Reflorestamentos;
- Mangues (Formação Pioneira Exclusiva);
- Floresta em Estágio Inicial (Pioneiro)
- Floresta em estágio Médio ou Avançado e/ou Primárias

A partir desta informação, obteve-se o mapeamento da cobertura vegetal do município em estudo, destacando somente os usos existentes no município. Estas informações podem ser obtidas através do sistema de geoprocessamento desenvolvido pela FATMA, que se encontra no seguinte endereço eletrônico: <http://sig.fatma.sc.gov.br>. O mapeamento da cobertura vegetal e do uso e ocupação do solo do município encontra-se no Anexo 3 deste documento.

Para o mapeamento do solo do município estudado, utilizou-se o Mapa de Solos do Estado de Santa Catarina na escala de 1:250.000 de autoria da EMBRAPA – Solos (centro de pesquisa da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa), situado na cidade do Rio de Janeiro de 2001. Este Mapa de Solos de Santa Catarina identifica e cartografa os diferentes tipos de solos encontrados no estado. Reúne informações e conhecimentos produzidos ao longo de mais de 50 anos de ciência do solo no Brasil, reflexo do avançado estágio de conhecimento técnico-científico dos solos pela comunidade científica brasileira.

Para sua elaboração, foram utilizados os levantamentos exploratórios de solos produzidos pela Embrapa ao longo dos anos 1970 e 80, complementados por outros estudos mais detalhados de solos. Neste caso, a Embrapa – Solos utilizou o Sistema Brasileiro de Classificação de Solos (1999), sendo que as classes de solos ocorrentes foram adaptadas à nomenclatura adotada pela Sociedade Brasileira de Ciência do Solo - SBCS (1999). Este mapeamento pode ser obtido através do seguinte endereço eletrônico: [http://mapserver.cnps.embrapa.br/website/pub/Santa\\_Catarina/viewer.htm](http://mapserver.cnps.embrapa.br/website/pub/Santa_Catarina/viewer.htm). O mapeamento do solo do município encontra-se no Anexo 3 deste documento.

O mapeamento das Estações Pluviométricas e Fluviométricas (ver Anexo 2) foram elaborados a partir do trabalho técnico nº 123 ISSN 0100-7416, de título "Chuvas intensas e chuva de projeto de drenagem superficial no Estado de Santa Catarina", de autoria de Álvaro Back, 2002; e do mapeamento das estações Fluviométricas da Agência Nacional de Águas (ANA) que pode ser obtido no seguinte endereço eletrônico : <http://hidroweb.ana.gov.br/>.

#### *Mapeamento de estabilidade geotécnica e índice de impermeabilização*

Para a elaboração dos mapas temáticos de índices de impermeabilização e pontos críticos de estabilidade geotécnica não há disponibilidade de dados oficiais. A elaboração desses mapas requer um detalhamento específico e cuidadoso de cada município. Realizar a sobreposição dos dados dos mapas já produzidos não trará o retrato real da situação dos municípios em relação a impermeabilização e estabilidade geotécnica. Corre-se o risco de indicar de maneira equivocada áreas críticas de estabilidade como sendo áreas estáveis e, dessa forma, o planejador público prever evolução urbana para essas áreas.

Com isto, o uso destes produtos será inapropriado em razão da vulnerabilidade e confiabilidade dos resultados.

Além disso, não há referências bibliográficas de autores que tenham produzido algum produto nesse tipo de detalhamento no estado de Santa Catarina. Existem referências bibliográficas que apontam metodologias para a confecção dos mapas, no entanto, requer serviços especializados de análises físicas do solo para determinar coeficiente de atrito, sobreposição de camadas rochosas, identificação de componentes físicos de formação geológica, análise de declividade, dentre outras análises específicas que não estão contempladas no escopo do Edital.

Outra questão relevante, trata-se da escala de apresentação solicitada em termo de referência que solicita a apresentação desse mapeamento nas escalas 1:50.000 e 1:100.000. Por se tratar de um diagnóstico de drenagem pluvial que deve caracterizar os segmentos pertencentes apenas a área urbana, não serão observados detalhamentos específicos nessa área, conferindo difícil visualização dos critérios estipulados.

As cartas temáticas índices de impermeabilização e pontos críticos de estabilidade geotécnica deixarão de ser apresentadas, no entanto, devido a importância para a avaliação de riscos correlacionados a acidentes ou incidentes na área urbana, com relevância sob o ponto de vista da defesa civil, a elaboração destas cartas deverão ser objeto de estudos específicos a serem propostos na fase das ações do Plano Municipal de Saneamento Básico do Município.

#### **8.1.3. Projeção, para vinte e cinco anos, dos coeficientes de escoamento superficial a serem adotados para simulação das cheias para o desenvolvimento urbano e regional**

O quadro que segue apresenta uma estimativa para o coeficiente de escoamento superficial atual e para um futuro de 25 anos. A projeção foi baseada em possíveis variações no uso do solo da região.

**Quadro 42 – Estimativa do CN atual e futuro**

CLASSES DE USO	ATUAL		FUTURO (25 anos)	
	Área (Km²)	CN	Área (Km²)	CN
<b>BACIA DO RIBEIRÃO SÃO BERNARDO</b>				
AGRICULTURA	1,89	70	1,98	70
AREA URBANIZADA E/OU CONSTRUIDA	0,88	90	0,97	90
CORPOS D'ÁGUA	0,04	0	0,04	0
FLORESTAS EM ESTAGIO INICIAL (PIONEIRO)	0,07	60	0,07	60
FLORESTAS EM ESTAGIO MEDIO OU AVANÇADO E/OU PRIMARIAS	12,35	60	12,22	60
PASTAGENS E CAMPOS NATURAIS	2,84	60	2,69	60
REFLORESTAMENTOS	0,25	60	0,33	60
<b>CN Médio</b>	<b>18,32</b>	<b>62,35</b>	<b>18,30</b>	<b>62,55</b>

Conforme exposto no quadro anterior, pode-se constatar que as áreas para cada uso do solo, num horizonte de 25 anos, sofrerão as seguintes variações: a área de agricultura aumentará 5%, a área urbanizada e/ou construída aumentará 10%, as florestas em estágio médio ou avançado e/ou primárias terão um decréscimo de 1%, as pastagens e campos naturais terão decréscimo de 5% e a área para reflorestamentos aumentará 35%. Já os corpos d'água e as florestas em estágio inicial não sofrerão alterações.

#### **8.1.4. Estudo de chuvas intensas para as bacias com a finalidade de determinar as equações de chuvas a serem adotadas nas estimativas dos hidrogramas de cheias**

O estudo das relações Intensidade-Duração-Frequência (IDF) das precipitações extremas é de grande interesse nos trabalhos de hidrologia por sua frequente aplicação na estimativa das vazões de projetos para dimensionamento de obras de engenharia, principalmente na drenagem urbana, como bueiros, bocas de lobo, galerias entre outras.

Essas relações podem ser expressas de forma gráfica nas curvas IDF, ou por meio das equações de chuvas intensas, que tem vantagem de facilitar sua utilização em programas de computador, para estimativa de parâmetros hidrológicos como o tempo de concentração e a distribuição temporal da precipitação. A dificuldade que se apresenta na obtenção das equações de chuvas intensas está na baixa densidade de pluviógrafos, bem como no tamanho das séries desses dados.

Nos locais onde não se dispõem de pluviógrafos, o procedimento adotado normalmente consiste em estabelecer a chuva máxima esperada com duração de um dia, e a partir de relações estabelecidas em outras regiões estimam-se a chuva para uma duração inferior (Tucci, 2003 e Tomaz, 2002).

Eltz et al. (1992) afirmam que a análise de frequência é uma técnica estatística importante no estudo de chuvas, devido a grande variabilidade temporal e espacial da precipitação pluvial, a qual não pode ser prevista com base puramente determinísticas.

Existem diversas teorias de probabilidade empregadas para análise de chuvas extremas, sendo as mais utilizadas a distribuição log-normal com dois parâmetros, distribuição log-normal com três parâmetros, distribuição Pearson tipo III, distribuição log-Pearson tipo III, distribuição de extremos tipo I, também conhecida como distribuição de Gumbel (Kite, 1978).

Back (2002) estudando dados de chuvas máximas diárias de cem estações pluviométricas de Santa Catarina verificou que a distribuição de Gumbel apresentou o melhor ajuste aos dados observado em 60% das estações, e em 93% das estações com menos de vinte anos de dados diários.

Em Santa Catarina existem poucos pluviógrafos em funcionamento e na maioria deles não houve um estudo das relações IDF. Back (2002) apresenta ajuste de equações de chuvas intensas para oito estações com dados de pluviógrafos e 156 estações pluviométricas, baseadas nas relações entre chuvas de diferentes durações recomendadas pela CETESB (1986).

A partir das equações desenvolvidas por Back (2002) determinou-se as relações intensidade - duração - frequência para o município em estudo baseado na seguinte equação:

$$I = K.T^m / (t+b)^n \quad (11)$$

Onde:

I = intensidade da chuva em mm/h;

T = período de retorno em anos;

t = duração da chuva em minutos.

Para o município de Rio dos Cedros, foi utilizada a Estação Meteorológica denominada "Rio dos Cedros", relacionada como "número 14", catalogada, numerada e disponível no trabalho técnico nº 123 ISSN 0100-7416, de título "Chuvas intensas e chuva de projeto de drenagem superficial no Estado de Santa Catarina", de autoria de Álvaro Back, 2002.

Os coeficientes de entrada da equação de relação IDF estão apresentados no quadro abaixo:

**Quadro 43 - Coeficientes de ajustamento específico para a localidade.**

Para $t \leq 120$ min				Para $120 < t \leq 1440$ min			
K	m	b	n	K	m	b	n
662,4	0,1913	8,1	0,6648	1246,9	0,1913	21,7	0,7894

Fonte: BACK (2002)

A seguir estão apresentadas as intensidades de chuva para os diferentes Tempo de Recorrência (anos) e Tempo de concentração (min) para o município.



**Quadro 44 - Intensidades de Chuva para os diferentes Tempo de Recorrência (anos) e Tempo de concentração (min)**

<b>t (min)</b> <b>TR (Anos)</b>	<b>6</b>	<b>12</b>	<b>18</b>	<b>24</b>	<b>30</b>	<b>36</b>	<b>42</b>	<b>48</b>	<b>54</b>	<b>60</b>	
<b>5</b>	155,2	122,6	103,1	89,8	80,1	72,7	66,8	62,0	57,9	54,5	
<b>10</b>	177,2	140,0	117,7	102,5	91,5	83,0	76,3	70,7	66,1	62,2	
<b>15</b>	191,5	151,3	127,2	110,8	98,9	89,7	82,4	76,5	71,5	67,2	
<b>20</b>	202,3	159,8	134,3	117,1	104,5	94,8	87,1	80,8	75,5	71,0	
<b>25</b>	211,1	166,8	140,2	122,2	109,0	98,9	90,9	84,3	78,8	74,1	
<b>50</b>	241,1	190,4	160,1	139,5	124,5	113,0	103,8	96,3	90,0	84,6	
<b>100</b>	275,2	217,4	182,8	159,3	142,1	129,0	118,5	109,9	102,7	96,6	
<b>t (min)</b> <b>TR (Anos)</b>	<b>66</b>	<b>72</b>	<b>78</b>	<b>84</b>	<b>90</b>	<b>96</b>	<b>102</b>	<b>108</b>	<b>114</b>	<b>120</b>	
<b>5</b>	51,5	48,9	46,6	44,6	42,7	41,1	39,6	38,2	36,9	35,8	
<b>10</b>	58,8	55,8	53,2	50,9	48,8	46,9	45,2	43,6	42,2	40,9	
<b>15</b>	63,5	60,3	57,5	55,0	52,7	50,7	48,8	47,1	45,6	44,2	
<b>20</b>	67,1	63,7	60,8	58,1	55,7	53,6	51,6	49,8	48,2	46,7	
<b>25</b>	70,1	66,5	63,4	60,6	58,1	55,9	53,8	52,0	50,3	48,7	
<b>50</b>	80,0	76,0	72,4	69,2	66,4	63,8	61,5	59,4	57,4	55,6	
<b>100</b>	91,3	86,7	82,7	79,0	75,8	72,9	70,2	67,8	65,5	63,5	
<b>t (min)</b> <b>TR (Anos)</b>	<b>180</b>	<b>240</b>	<b>300</b>	<b>360</b>	<b>420</b>	<b>480</b>	<b>540</b>	<b>600</b>	<b>660</b>	<b>720</b>	<b>780</b>
<b>5</b>	25,7	20,9	17,8	15,5	13,9	12,5	11,5	10,6	9,8	9,2	8,7
<b>10</b>	29,4	23,9	20,3	17,7	15,8	14,3	13,1	12,1	11,2	10,5	9,9
<b>15</b>	31,7	25,8	22,0	19,2	17,1	15,5	14,1	13,0	12,1	11,4	10,7
<b>20</b>	33,5	27,3	23,2	20,3	18,1	16,3	14,9	13,8	12,8	12,0	11,3
<b>25</b>	35,0	28,5	24,2	21,1	18,8	17,0	15,6	14,4	13,4	12,5	11,8
<b>50</b>	39,9	32,5	27,6	24,1	21,5	19,5	17,8	16,4	15,3	14,3	13,4
<b>100</b>	45,6	37,1	31,6	27,6	24,6	22,2	20,3	18,8	17,4	16,3	15,3
<b>t (min)</b> <b>TR (Anos)</b>	<b>840</b>	<b>900</b>	<b>960</b>	<b>1020</b>	<b>1080</b>	<b>1140</b>	<b>1200</b>	<b>1260</b>	<b>1320</b>	<b>1380</b>	<b>1440</b>
<b>5</b>	8,2	7,7	7,4	7,0	6,7	6,5	6,2	6,0	5,8	5,6	5,4
<b>10</b>	9,3	8,8	8,4	8,0	7,7	7,4	7,1	6,8	6,6	6,4	6,1
<b>15</b>	10,1	9,6	9,1	8,7	8,3	8,0	7,7	7,4	7,1	6,9	6,6
<b>20</b>	10,7	10,1	9,6	9,2	8,8	8,4	8,1	7,8	7,5	7,3	7,0
<b>25</b>	11,1	10,5	10,0	9,6	9,2	8,8	8,4	8,1	7,8	7,6	7,3
<b>50</b>	12,7	12,0	11,5	10,9	10,5	10,0	9,6	9,3	9,0	8,6	8,4
<b>100</b>	14,5	13,7	13,1	12,5	11,9	11,5	11,0	10,6	10,2	9,9	9,6

## Metodologia para o cálculo da chuva excedente

Para o cálculo da chuva excedente empregou-se o método do departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Método do Soil Conservation Service – SCS, 1975), adaptando-se para as condições de Santa Catarina, propondo a seguinte formulação:

$$Q = (P - 0,2 \times S)^2 / (P + 0,8 \times S); \text{ para } P > 0,2 \times S \quad (12)$$

Onde:

Q = escoamento superficial direto em mm

P = precipitação em mm

S = retenção potencial do solo em mm

Para o presente trabalho apresenta-se a metodologia por uma questão técnica necessária em qualquer projeto de drenagem. Para cálculo da chuva excedente é necessário estipular um valor de CN para encontrar o valor S (retenção potencial no solo). Com o valor de S encontrado, substitui-se esse valor na fórmula da vazão da chuva excedente junto com a determinação da intensidade de chuva. Assim, basta fazer uma operação simples de cálculo para obtenção da chuva excedente. Ou seja, podem ter inúmeras condições de chuvas excedentes se considerarmos, uma variedade de intensidade de chuva escolhidas e de CN encontrados. Por esse motivo não foi apresentado os valores efetivos das chuvas excedentes.

O valor de S depende do tipo de solo e pode ser determinado facilmente por tabelas próprias. A quantidade  $(0,2 \times S)$  é uma estimativa das perdas iniciais ( $A_i$ ) devidas a interceptação e retenção em depressões. Por esta razão, impõe-se a condição  $P > (0,2 \times S)$ . Para facilitar a solução gráfica da equação, faz-se a seguinte mudança de variável:

$$S = \frac{25400}{CN} - 254 \quad (12.a)$$

$$CN = \frac{1000}{10 + \left( \frac{S}{25,4} \right)} \quad (13)$$

Onde:

CN = chamado de "Número da Curva" varia entre 0 e 100. Os valores de CN dependem de três fatores:

- a) umidade antecedente do solo
- b) tipo de solo
- c) ocupação do solo

Este método distingue três condições de umidade de solo, que são descritas a seguir:

**Condição I** - Solos secos: As chuvas nos últimos dias não ultrapassam 1 mm;

**Condição II** - Situação muito freqüente em épocas chuvosas. As chuvas nos últimos 5 dias totalizam entre 1 e 40 mm;

**Condição III** - Solo úmido (próximo da saturação): as chuvas nos últimos dias foram superiores a 40 mm e as condições meteorológicas foram desfavoráveis a altas taxas de evaporação.

O Quadro 46 é utilizado para a obtenção de CN e refere-se sempre a condição II. A transformação de CN para as outras condições de umidade é feita através do Quadro 45.

**Quadro 45 - Valores de CN para diferentes tipos de condições de umidade do solo.**

Condição I	Condição II	Condição III
100	100	100
87	95	99
78	90	98
70	85	97
63	80	94
57	75	91
51	70	87
45	65	83
40	60	79
35	55	75
31	50	70
27	45	65
23	40	60
19	35	55
15	30	50
12	25	45
9	20	39
7	15	33
4	10	26
2	5	17

O Soil Conservation Service (SCS, 1975) distingue em seu método 4 grupos hidrológicos de solos. A adaptação do trabalho daquela entidade para esta região em estudo classificou os diferentes tipos de solos como se segue.

Embora adaptada para as condições da área em comento, a classificação que se segue é bastante geral e pode ser aplicada a outras regiões do Brasil.

- Grupo A - Solos arenosos com baixo teor de argila total inferior a 8%. Não há rocha nem camadas argilosas e nem mesmo densificadas até a profundidade de 1 m. O teor de húmus é muito baixo, não atingindo 1%
- Grupo B - Solos arenosos menos profundos que os do grupo A e com maior teor de argila total, porém ainda inferior a 15%. No caso de terras roxas, este limite pode subir a 20%, graças a maior porosidade. Os dois teores de húmus podem subir respectivamente a 1,2 e 1,5%. Não pode haver pedras e nem camadas argilosas até 1m, mas é quase sempre presente camada mais densificada do que a camada superficial.
- Grupo C - Solos barrentos com teor total de argila de 20 a 30%, mas sem camadas argilosas impermeáveis ou contendo pedras até a profundidade de 1,2m. No caso de terras roxas estes dois limites máximos podem ser 40% e 1m. Nota-se, a cerca de 60 cm de profundidade, camada mais densificada que no grupo B, mas ainda longe das condições de impermeabilidade.
- Grupo D - Solos argilosos (30-40% de argila total) e ainda com camada densificada a uns 50 cm de profundidade ou solos arenosos como B, mas com camada argilosa quase impermeável ou horizonte de seixos rolados.

A ocupação do solo é caracterizada pela sua cobertura vegetal e pelo tipo de defesa contra erosão eventualmente adotada. Os valores de CN podem ser obtidos através das curvas de Escoamento Superficial de Chuvas Intensas, conforme o tipo hidrológico do solo e sua cobertura vegetal. Para auxiliar o usuário na obtenção do valor de CN é fornecido o Quadro 46, lembrando que os valores são para condição de umidade II.

**Quadro 46 - Valores de CN para bacias urbanas e rurais.**

<b>USO DO SOLO</b>	<b>SUPERFÍCIE</b>	<b>A</b>	<b>B</b>	<b>C</b>	<b>D</b>
<b>Solo lavrado</b>	Com sulcos retilíneos	77	86	91	94
	Em fileiras retas	70	80	87	90
<b>Plantações Regulares</b>	Em curvas de nível	67	77	83	87
	Terraceado em nível	64	76	84	88
	Em fileiras retas	64	76	84	88
<b>Plantações de cereais</b>	Em curvas de nível	62	74	82	85
	Terraceado em nível	60	71	79	82
	Em fileiras retas	62	75	83	87
<b>Plantações de legumes ou cultivados</b>	Em curvas de nível	60	72	81	84
	Terraceado em nível	57	70	78	89
	Pobres	68	79	86	89
	Normais	49	69	79	94
	Boas	39	61	74	80
<b>Pastagens</b>	Pobres, em curvas de nível	47	67	81	88
	Normais, em curvas de nível	25	59	75	83
	Boas, em curvas de nível	6	35	70	79
<b>Campos permanentes</b>	Normais	30	58	71	78
	Esparsas, de baixa transpiração	45	66	77	83
	Normais	36	60	73	79
	Densas, de alta transpiração	25	55	70	77
<b>Estradas de Terra</b>	Normais	56	75	86	91
	Más	72	82	87	89
	De superfície dura	74	84	90	92

USO DO SOLO	SUPERFÍCIE	A	B	C	D
Florestas	Muito esparsas, de baixa transpiração	56	75	86	91
	Esparsas	46	68	78	84
	Densas, de alta transpiração	26	52	62	69
	Normais	36	60	70	76
Zonas Residenciais	Lotes (m <sup>2</sup> ) %impermeável				
	<500 65	77	85	90	92
	1000 38	61	75	83	87
	1300 30	57	72	81	86
	2000 25	54	70	80	85
	4000 20	51	68	79	84

Fonte: TUCCI (1993)

### Metodologia para o cálculo do hidrograma unitário adimensional

O hidrograma adimensional do SCS (1975) é um hidrograma unitário sintético, onde a vazão (Q) é expressa como fração da vazão de pico (Q<sub>p</sub>) e o tempo (t) como fração do tempo de ascensão do hidrograma unitário (T<sub>p</sub>). Dadas a vazão de pico e o tempo de resposta (Lag-Time) para a duração da chuva excedente, o hidrograma unitário pode ser estimado a partir do hidrograma adimensional sintético para uma dada bacia.

Os valores de Q<sub>p</sub> e T<sub>p</sub> podem ser estimados, utilizando-se um modelo simplificado de um hidrograma unitário triangular, onde o tempo é dado em horas e as vazões em m<sup>3</sup>/s, cm (ou pes<sup>3</sup>/pol) (SCS, 1975). A partir da observação de um grande número de hidrogramas unitários, o Soil Conservation Service sugere que o tempo de recessão seja aproximadamente 1.67xT<sub>p</sub>.

Como a área sob o hidrograma unitário deve ser igual ao volume de escoamento superficial direto de 1 cm (ou 1 pol.), pode ser visto que:

$$Qp = \frac{C.A}{Tp} \quad (14)$$

Onde:

C = 2,08 (ou 483,4 no sistema inglês);

A = área de drenagem em Km<sup>2</sup> (ou milhas quadradas).

Um estudo posterior de hidrogramas unitários de muitas bacias rurais grandes e pequenas indicou que o tempo de resposta (Lag- Time) é aproximadamente igual a 60% de tc, onde tc é o tempo de concentração da bacia. Assim, o tempo de ascensão Tp pode ser expresso em função do tempo de resposta "tp" e da duração da chuva excedente "tr".

$$Tp = \frac{tr}{2} + tp \quad (15)$$

Para determinar o tp utilizou-se a seguinte equação:

$$t_p = \frac{2,6L^{0,8} (S/25,4 + 1)^{0,7}}{1900y^{0,5}} \quad (16)$$

Onde:

S = é obtido da equação 12.a ;

L = comprimento hidráulico (metro);

y = declividade em percentagem (%).

Para cálculo do tempo de concentração utilizou-se a equação de Kirpich para bacias acima de 8,0 km<sup>2</sup>:

$$t_c = 57 \times \frac{L^{1,155}}{h^{0,385}} \quad (17)$$

Onde:

tc= tempo de concentração (minutos);

L = comprimento hidráulico (quilômetros);

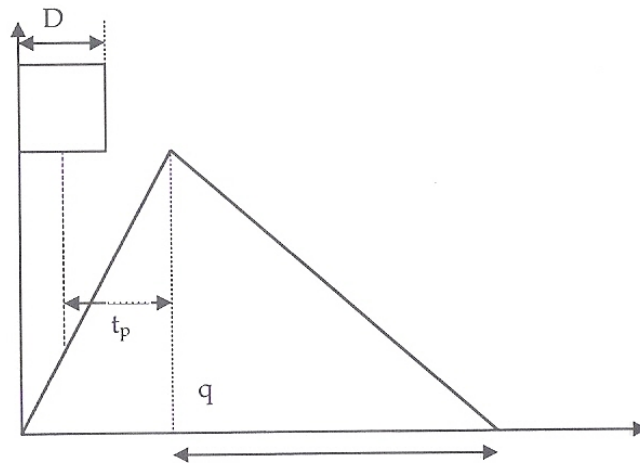
h = diferença entre cotas (metros);



No caso de bacias hidrográficas de até 8,0 km<sup>2</sup> utilizou-se a expressão apresentada pelo SCS (1975) onde considera que:

$$t_p = 0,6t_c \quad (18)$$

Comparando-se bacias hidrográficas menores que 8,0 km<sup>2</sup>, os valores do  $t_p$  sempre serão os mesmos, pois o método realiza a simplificação apresentada na expressão 18. Para representar estes cálculos é apresentado a seguir o hidrograma para uma determinada precipitação com duração “D”:



**Figura 24 - Hidrograma triangular utilizando o Método SCS (1975)**

Para cada intervalo de chuva excedente obtida através da metodologia anteriormente apresentada, determinou-se o hidrograma a partir da metodologia apresentada acima. Para tanto, determinou-se o hidrograma unitário deste baseando-se na equação de convolução nas seguintes condições de contorno:

Para  $0 < t < \Delta t$ , a precipitação  $P(\square) = 1/\Delta t$  e

$$h(\Delta t, t) = 1/\Delta t \int_0^t \mu(t - \tau) d\tau \quad (19)$$

Para  $t > \Delta t$  a expressão fica:

$$h(\Delta t, t) = 1/\Delta t \int_0^{\Delta t} \mu(t - \tau) d\tau \quad (20)$$

O hidrograma unitário é utilizado normalmente com intervalo de tempo igual aos das precipitações. Considerando que os parâmetros do hidrograma unitário instantâneo que têm unidades de tempo, sejam utilizados em unidades de  $\Delta t$  (intervalo de tempo), a vazão após um intervalo de tempo  $\Delta t$  fica:

$$Q(1) = P1 \int_0^1 \mu(1 - \tau) d\tau \quad (21)$$

A vazão após 2 intervalos de tempo fica:

$$Q(2) = P1 \int_0^1 \mu(2 - \tau) d\tau + P2 \int_1^2 \mu(2 - \tau) d\tau \quad (22)$$

Sendo que:

$$h1 = \int_1^2 \mu(2 - \tau) d\tau = \int_0^1 \mu(1 - \tau) d\tau \quad (23)$$

e

$$h2 = \int_0^1 \mu(2 - \tau) d\tau \quad (24)$$

O que resulta

$$Q(2) = P1h2 + P2h1 \quad (25)$$

Considerando que:

$$h1 = \int_0^1 \mu(1 - \tau) d\tau \quad (26)$$

A equação de convolução discreta fica:

$$Qt = \sum_{i=j}^t Pih_{t-i+1} \quad (27)$$

Para  $t \leq n$ ,  $j=1$  e para  $t > n$ ,  $j=t-n+1$ , onde  $n$  é o número de ordenadas do hidrograma unitário.

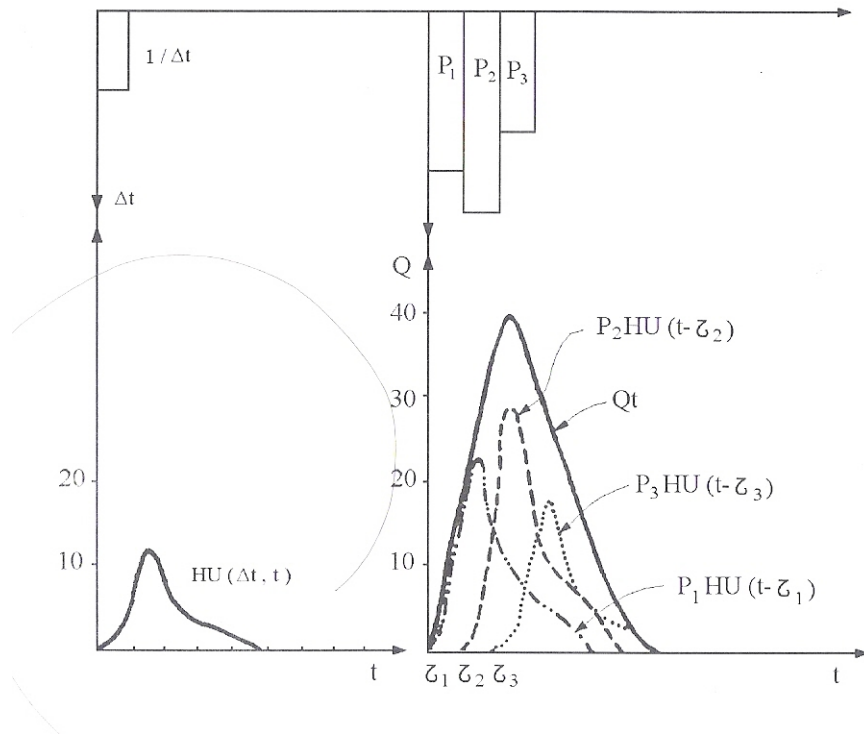
A representação gráfica desta metodologia de cálculo do hidrograma é apresentada na Figura 25. No entanto, esta metodologia adotada para calcular o hidrograma unitário do escoamento superficial de uma bacia hidrográfica, utiliza algumas simplificações relatadas a seguir:

Linearidade: o modelo admite que a transformação de precipitação efetiva em vazão é linear invariante, ou seja, admite a superposição dos efeitos e o hidrograma unitário constante no tempo;

Distribuição espacial uniforme: a precipitação é a mesma em toda a bacia no intervalo de tempo do cálculo;

Distribuição temporal uniforme: a intensidade de precipitação é constante no intervalo de tempo;

Intervalo de tempo  $\Delta t$ : a escolha do intervalo de tempo ou duração  $\Delta t$  da precipitação, depende do tempo de resposta da bacia. O intervalo de tempo deve ser suficientemente pequeno para que a distribuição do volume e dos valores máximos instantâneos não sejam distorcidos. Esse intervalo não deve ser muito pequeno para evitar o processamento de uma quantidade exagerada de informações. O tempo de pico  $t_p$  tem sido utilizado como indicador para obtenção do valor do intervalo de tempo  $\Delta t$ . O método SCS (1975) recomenda utilizar a expressão  $\Delta t = t_p/3$ . Isto indica que teremos 03 pontos para representar a ascensão do hidrograma de escoamento superficial, onde ocorrem os maiores gradientes. Neste caso específico deste estudo utilizou-se o intervalo de tempo de 15 minutos.



**Figura 25- Representação gráfica da metodologia de cálculo do hidrograma unitário por convolução discreta**

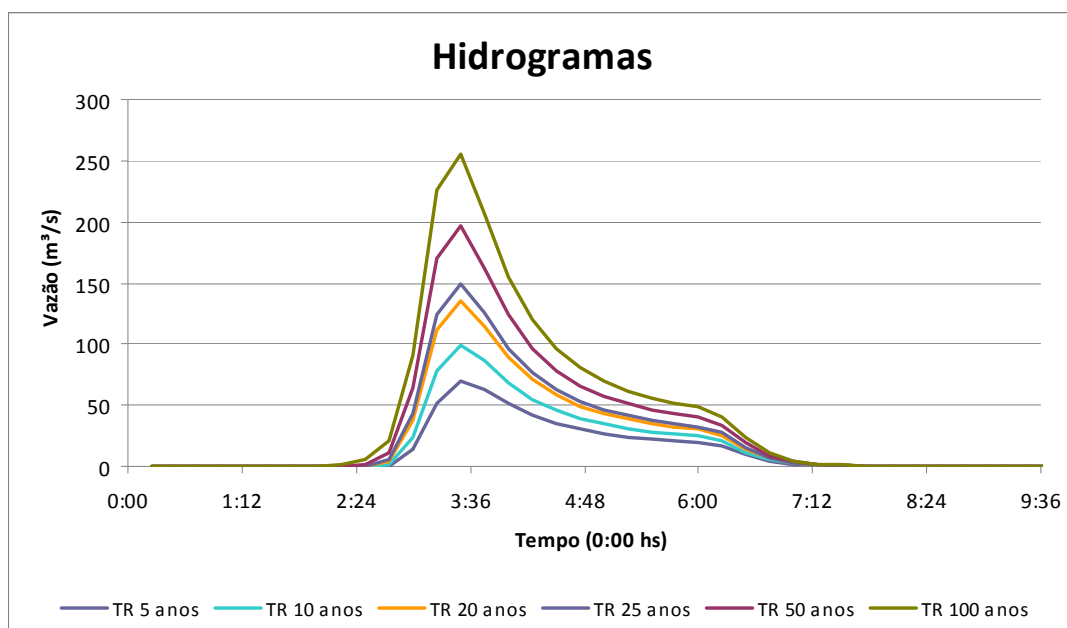
O cálculo da estimativa do hidrograma foi realizado para a exutória da bacia hidrográfica estudada, principalmente à jusante das áreas urbanizadas originárias do mapeamento da cobertura vegetal e de uso e ocupação do solo descrito anteriormente.

**8.1.5. Determinação dos Hidrogramas de Cheias para os Cursos D'Água Principais, em Seções Estratégicas, para Períodos de Retorno de 5, 10, 20, 25, 50 e 100 Anos**

**Quadro 47 - Frações de Vazão de Pico e de Tempo de Ascensão da Bacia do Ribeirão São Bernardo**

	TR 5 anos	TR 10 anos	TR 20 anos	TR 25 anos	TR 50 anos	TR 100 anos
Tempo (h)	Vazão (m³/s)	Vazão (m³/s)	Vazão (m³/s)	Vazão (m³/s)	Vazão (m³/s)	Vazão (m³/s)
2:00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,01
2:15	0,00	0,00	0,00	0,00	0,12	0,88
2:30	0,00	0,00	0,26	0,48	1,98	5,82
2:45	0,25	1,21	3,64	4,97	11,08	20,53
3:00	13,90	23,45	37,39	42,92	63,75	90,50
3:15	51,82	78,01	111,95	124,67	170,45	226,64
3:30	69,64	98,88	135,51	149,04	197,04	255,02
3:45	63,10	86,33	114,92	125,38	162,19	206,18
4:00	51,25	68,45	89,36	96,96	123,55	155,06
4:15	41,87	55,00	70,83	76,55	96,48	119,95
4:30	35,17	45,64	58,18	62,70	78,36	96,71
4:45	30,42	39,14	49,51	53,24	66,12	81,16
5:00	26,96	34,46	43,34	46,52	57,50	70,28
5:15	24,27	30,84	38,61	41,38	50,95	62,06
5:30	22,26	28,19	35,19	37,69	46,29	56,27
5:45	20,71	26,17	32,59	34,88	42,77	51,90
6:00	19,46	24,53	30,49	32,61	39,92	48,38
6:15	16,40	20,64	25,62	27,39	33,49	40,55
6:30	9,35	11,76	14,59	15,60	19,07	23,08
6:45	4,25	5,35	6,64	7,10	8,67	10,50
7:00	1,89	2,37	2,94	3,15	3,84	4,65
7:15	0,85	1,07	1,32	1,41	1,73	2,09
7:30	0,36	0,46	0,57	0,61	0,74	0,90
7:45	0,15	0,18	0,23	0,24	0,30	0,36
8:00	0,04	0,06	0,07	0,07	0,09	0,11

Para a Bacia do Ribeirão São Bernardo, podemos então considerar:  $T_p = 3:30$  h;  $t_p = 4:30$ h



**Figura 26 – Hidrogramas de cheias – Bacia do Ribeirão São Bernardo**

#### **8.1.6. Estimativa de enchentes para diversos períodos de retorno e das áreas afetadas pelas cheias**

As Cartas Planialtimétricas do IBGE na escala de 1:50.000 e 1:100.000 não apresentam precisão suficiente para demarcar as áreas afetadas pelas cheias no município estudado. Este fato ocorre, pois as curvas de nível deste único material planialtimétrico existente neste município, apresenta uma diferença entre curvas de nível de 20 em 20 metros. Desta maneira, a microdrenagem (bueiros, bocas de lobos, etc) e a macrodrenagem (galerias, canais, etc) existentes sob as ruas e avenidas não são retratadas, não podendo ser estimadas as áreas afetadas pelas cheias com precisão para diversos períodos de retorno do evento hidrológico crítico.

#### **8.1.7. Estimativas de Coeficientes de Escoamento Superficial que Possam Ser Adotados para Microdrenagem de Pequenas Áreas**

A adoção do CN a ser utilizado para microdrenagem de pequenas áreas será balizada com o auxílio do Quadro 46 e da classificação dos grupos hidrológicos de solos Soil Conservation Service (SCS, 1975), apresentada no item 8.1.4 deste relatório. Para o município em tela, considerando que os lotes da área urbana enquadram-se na faixa de áreas inferiores a 500 m<sup>2</sup> e a classificação dos solos enquadra-se no grupo hidrológico de solos C, o CN adotado para microdrenagem de pequenas áreas é de 90.

## **8.2. DESCRIÇÃO DOS SISTEMAS DE MACRO E MICRODRENAGEM EXISTENTES NO MUNICÍPIO**

O sistema de drenagem urbana do município é composto por drenagem subterrânea do tipo separadora numa extensão total de 15 km, captados através de bocas de lobo e caixas com grelhas na sarjeta, que encaminham as águas ora para cursos d'água naturais permanentes, ora para cursos d'água intermitentes e ora para áreas livres ou particulares.

O município tem como principal corpo d'água o Rio dos Cedros, que após cortar a área urbana no sentido norte-sul vai desembocar no Rio Benedito, a cerca de 9 km a jusante. O Ribeirão São Bernardo, manancial utilizado para abastecimento público e afluente do Rio dos Cedros, atravessa parte da área urbana do município, logo após cruzar a Rua 7 de Setembro.

No tocante à pavimentação e drenagem subterrânea, o município apresenta cerca de 50% de suas ruas pavimentadas, sendo que 80% destas apresentam drenagem subterrânea.

O sistema de macro-drenagem não conta com nenhum dispositivo de retenção ou amortecimento de vazão das águas pluviais, contando somente com pontes e galerias.

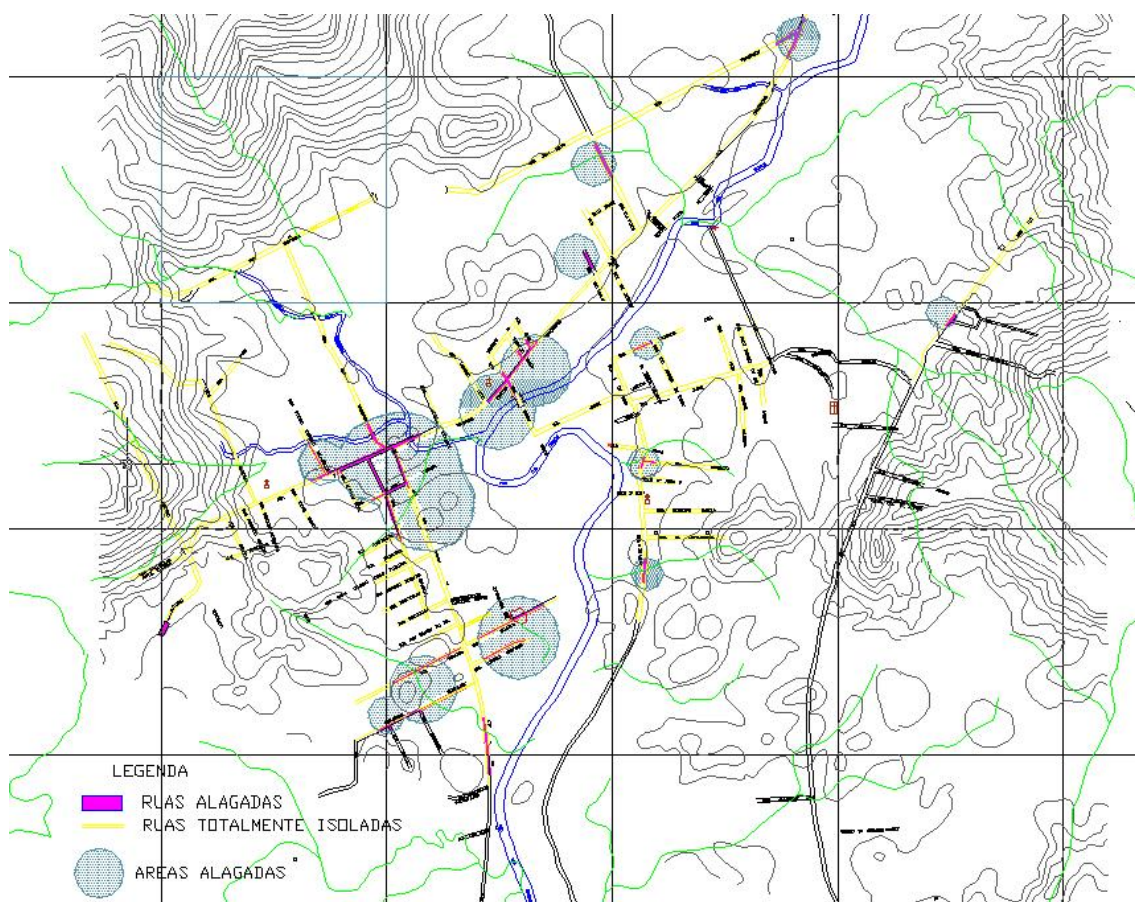
Os serviços de manutenção e conservação do sistema de drenagem são realizados pela Secretaria de Obras do município, onde são realizados os serviços de:

- Limpeza e desobstrução dos dispositivos de captação;
- Dragagem e limpeza de canais.

Verificou-se também que existem pontos de assoreamento da rede de drenagem, assim como pontos de estrangulamento que resultam em alagamentos.

### **8.2.1. Identificação das áreas problemas**

A análise dos principais pontos em que o sistema de drenagem do município de Rio dos Cedros vem apresentando problemas mais significativos para a comunidade foram levantados com o auxílio dos técnicos do município. A figura a seguir apresenta a localização das áreas levantadas com problemas.



**Figura 27 – Localização das áreas problemáticas**

### **8.2.1.1. Área Problema 1: Laço do Rio dos Cedros**

A região localizada na margem direita do Rio dos Cedros, no entorno da junção deste com o Ribeirão São Bernardo. Temos aqui um somatório de fatores que geram constantes alagamentos. Nesta região o Rio dos Cedros apresenta uma grande sinuosidade, com uma curva em forma de laço exatamente no ponto de encontro do Ribeirão São Bernardo. O ribeirão desemboca no Rio num ângulo desfavorável em relação ao fluxo, descarregando em sentido frontal ao fluxo do Rio dos Cedros. Isso em épocas de grandes vazões deve provocar remanso no Ribeirão, assim como o "laço" deve provocar remanso no fluxo do Rio dos Cedros, estes fatores, aliado a baixa declividade do curso d'água, cotas baixas da região atingida e microdrenagens ineficientes geram inundações em toda a região numa área total de 0,637 km<sup>2</sup>. Nota-se também que por conta destes alagamentos grande parte da malha viária do município fica isolada sem condições de tráfego.



Nesta região os alagamentos ocorrem nas ruas 7 de Setembro, Pietro Domenico Dallabrida, início da Rua Alberto Klug, Rua Curt Lueders, Rua Brasília, Rua Don Pedro II, Rua São Bernardo, Ruas Paraíba, Holanda, Ricardo Hoffmann, Guilherme Marquardt, partes da Av. Tiradentes, Sergipe, Nereu Ramos, Tercilio Berri e Acre.

Segundo dados levantados pela defesa civil, no dia 26 de abril deste ano, o município foi atingido por uma enxurrada, afetando 6000 pessoas, deixando 59 pessoas desalojadas, atingindo 56 prédios residenciais, 1 público e 2 comunitários. Também sofreram danos os serviços de energia, água, transporte e comunicação. Em função dos problemas ocorridos o município decretou Situação de Emergência.



**Figura 28 – Residências as margens do Ribeirão São Bernardo**



**Figura 29 – Rua 7 de Setembro**



**Figura 30 – Rua Dom Pedro II**



**Figura 31 – Cruzamento da Av.Tiradentes com Nereu Ramos**

Existem outras áreas de alagamento de menor porte, provenientes de problemas com a microdrenagem subdimensionada, onde citamos dois pontos na 1° de Maio, Ruas Boa Vista, Leoberto Leal, entroncamento da Av. Tiradentes com a Francisco Demarchi.



**Figura 32 – Rua 1° de Maio**





Figura 33 – Rua 1º de Maio próximo a Rua Rondônia

### **8.3. IDENTIFICAÇÃO DE ÁREAS COM RISCO DE POLUIÇÃO E/OU CONTAMINAÇÃO**

O município não possui um sistema único de coleta e tratamento de esgotos que atenda a área urbana. Em função disso observam-se na área urbana lançamentos dos esgotos nas tubulações de drenagem pluvial, ora são esgotos brutos e ora advindos dos sistemas fossa-filtro residenciais. Por consequência estes efluentes seguem a drenagem indo descarregar nos cursos d'água. É importante salientar que devido à falta de cadastro da microdrenagem pluvial e de levantamentos detalhados de quais residências efetuam esta prática, não se tem os locais pontuados, porém fica claro que esta prática acaba gerando poluição ao longo de toda a macrodrenagem.

### **8.4. IDENTIFICAÇÃO DE LACUNAS NO ATENDIMENTO DO SERVIÇO DE DRENAGEM**

Apesar de o município dispor de manual ou código de postura com informações para a drenagem urbana, não possui um Plano Diretor de Drenagem Urbana, assim como não dispõe de plano de recursos hídricos, dificultando as ações reguladoras no setor a nível municipal.

## **8.5. AVALIAÇÃO DOS PROCESSOS EROSIVOS E SEDIMENTOLÓGICOS E SUA INFLUÊNCIA NA DEGRADAÇÃO DAS BACIAS E OCORRÊNCIA DE CHEIAS**

A degradação das bacias esta diretamente associada aos processos erosivos e sedimentológicos na forma de assoreamento, regimes de escoamento, retenção d'água e cheias; fenômenos esses ligados às áreas potenciais de alteração e às áreas fontes de suprimento. A produção, o transporte e a deposição de sedimentos, por sua vez, estão diretamente ligados à: tipos litológicos que emergem ou afloram nas regiões ou nos locais objeto da caracterização. Morfologia e declividade dos terrenos adstritos aos fenômenos envolvidos; cobertura vegetal presente na superfície exposta; grau de permeabilidade e de porosidade dos meios; especificidades e atitudes das estruturas geológicas. Como vemos, todo o processo erosivo e sedimentológico está diretamente envolvido com a dinâmica externa e interna dos maciços terrosos e rochosos (terrenos), influenciando diretamente a degradação das bacias e a ocorrência de cheias.

A bacia hidrográfica analisada na área urbana e pré-rural da cidade sede do município de Rio dos Cedros expõe litologias pertencentes ao Complexo Granulítico de Santa Catarina que se constitui de rochas do embasamento cristalino na forma de gnaisses hiperstênicos quartzo-feldspáticos leuco a melanocráticos, subordinadamente gnaisses calcossilicáticos, quinzigitos, anortozitos, quartzitos fuchsíticos e formações ferríferas. Apresentam estruturas gnáissicas foliadas, bandadas, migmatíticas, raramente isótropas.

Do ponto de vista morfológico a região que abrange a cidade de Rio dos Cedros acha-se incluída no Domínio Geomorfológico do Embasamento em Estilos Complexos, na Região Geomorfológica das Serras do Leste Catarinense, nas Unidades Geomorfológicas da Serra do Tabuleiro/Itajaí. O relevo característico desse tipo de região é o relevo ondulado a montanhoso entremeados com planícies colúvio-aluvionares, por vezes desenvolvidas lateralmente, por vezes não, encaixadas estruturalmente, com rios de forte gradiente – ao longo das encostas em seus cursos superiores e de baixo gradiente ao longo das planícies entremeadas, que apresentam em pontos específicos pequenas corredeiras.

As rochas que dominam a região—os granulitos, do ponto de vista de intemperismo dão lugar, normalmente, da superfície do terreno até se alcançar a rocha “sã”, a um perfil vertical constituído de um solo maduro com uma espessura de 1,0m a 1,5m, argiloso, plástico, coesivo, impermeável, de cor marrom a marrom avermelhado, sobreposto a um horizonte de solo saprolítico com uma espessura da ordem de dezena de metros, silto argiloso, pouco plástico, pouco coesivo, incoerente, friável, medianamente poroso e medianamente permeável, de cor marrom avermelhado, sobreposto a um horizonte de saprólito, igualmente síltico argiloso, pouco plástico, pouco coesivo, medianamente coerente, pouco poroso e pouco permeável, com a espessura também da ordem de dezena de metros, também de cor avermelhada, que se segue a horizontes de rocha altamente intemperizada-RAi, a horizontes de rocha medianamente intemperizada-RMi, a horizontes de rocha levemente intemperizada-RLi e a rocha “sã”.

Em termos de vegetação a área que inclui a cidade de Rio dos Cedros acha-se hoje destituída da sua vegetação natural original que outrora se constituía de Floresta Ombrófila Mista no seu estrato de Floresta Montana, que dá lugar a vegetação antrópica do tipo secundário sem palmeiras.

Do ponto de vista de trabalhamento os solos maduros são muito poucos susceptíveis a erosão superficial mesmo quando destituídos de vegetação, os solos saprolíticos são facilmente atacáveis pela erosão superficial, quando desvegetados e expostos aos agentes intempéricos e os saprólitos são pouco susceptíveis a erosão mesmo sem vegetação de cobertura. Os tipos de “erosão” mais freqüentes nos solos saprolíticos e saprólitos são a erosão linear e as rupturas do tipo queda de material na vertical e rupturas do tipo rotacional e translacional.

Dessa forma os terrenos que compõe a superfície de Rio dos Cedros e suas cercanias são pouco susceptíveis a erosão pluvial no que tange a ação dos agentes intempéricos sobre os solos maduros, a superfície é fragilizada quando a ação dos agentes intempéricos atua sobre os solos saprolíticos desvegetados e atenuada quando esses processos atuam sobre os saprólitos. O transporte e a deposição de material particulado fino em suspensão é quase nulo quando a ação do intemperismo se dá sobre os solos maduros, é razoável

quando a ação dos agentes intempéricos atuam sobre os solos saprolíticos e insipiente quando se dá sobre os saprólitos. Nos três tipos de solos o transporte e a deposição de sedimentos finos é grande nos casos e nos locais onde os terrenos expostos sofrem rupturas do tipo que dá de material, ou rotacional ou translacional, o que leva a degradação do meio físico na área de influência do fenômeno. As áreas críticas vão se resumir a eventuais pontos onde as ações antrópicas ensejarem a possibilidade de ruptura dos terrenos e esses locais estiverem próximos de eventuais cursos d'água e/ ou das drenagens associadas. Como a morfologia mostra normalmente um certo gradiente de escoamento mesmo nas áreas mais planas não são divisados pontos de ocorrência de cheias.

#### **8.6. ANÁLISE CRÍTICA DOS SISTEMAS DE MANEJO DE ÁGUAS PLUVIAIS**

O centro urbano de Rio dos Cedros se desenvolveu às margens do Rio dos Cedros, os terrenos adjacentes são geralmente planos nas proximidades desses elementos hidráulicos, onde desenvolve-se a gleba urbana e as plantações de arroz, principal cultura da região.

Os terrenos, à medida que se afastam das proximidades dos rios, apresentam declividade de média a alta, fato este que tem consequência direta sobre a disponibilidade de energia para o transporte das águas sobre a superfície dos terrenos. Os solos da região são de predominância argilo-siltosas dificultando a infiltração da chuva nos locais onde se conservam sem cobertura impermeabilizante. Por outro lado as arrozeiras que se desenvolvem ao longo das margens dos rios, funcionam como bacias de acumulação.

O Município de Rio dos Cedros tem como característica importante o fato de sua infra-estrutura de drenagem ter sido implantada ao longo dos anos sem maiores critérios técnicos. Desta forma nunca houve uma preocupação por parte da administração pública em compatibilizar um sistema de drenagem com o contexto global de bacias de contribuição. Isto resultou em um sistema subdimensionado, onde as soluções pontuais prevaleceram, além de uma utilização inadequada e má conservação.

Fatores relacionados ao crescimento urbano como o aumento do grau de impermeabilização do solo, dos desmatamentos para usos urbanos, da erosão,

das ocupações indevidas de locais sob a influência das águas (fundos de vales, leitos secundários de rios e encostas de morros), entre outros, contribuem para o agravamento do mau funcionamento do sistema.

### **8.7. AVALIAÇÃO DA INTERAÇÃO, COMPLEMENTARIEDADE OU COMPARTILHAMENTO DE CADA UM DOS SERVIÇOS DOS MUNICÍPIOS VIZINHOS**

O município integra o Comitê de Gerenciamento da Bacia Hidrográfica do Rio Itajaí, que tem como objetivo promover a articulação de ações de defesa contra secas e inundações e de garantia de fornecimento de água adequada para todos os usos, mediante o combate e a prevenção da poluição, da erosão do solo e do assoreamento dos cursos de água, bem como da proteção de ambientes fluviais.

### **8.8. EVOLUÇÃO DA DENSIDADE DEMOGRÁFICA NA ÁREA URBANA**

O quadro a seguir apresenta a evolução populacional da área atual do Município de Rio dos Cedros (áreas urbana e rural) de 1970 a 2007, de acordo com os censos e contagens populacionais efetuados pelo IBGE.

**Quadro 48– População urbana, rural e total**

ANO	POPULAÇÃO (HABITANTES)		
	URBANA	RURAL	TOTAL
1970	1.544	8.174	9.718
1980	1.869	6.597	8.466
1991	2.504	6.138	8.642
1996	3.615	5.197	8.812
2000	3.758	5.181	8.939
2007	4.536	5.149	9.685

Fonte: BRASIL / IBGE.

A evolução das taxas de crescimento anual da população urbana, rural e total do Município de Rio dos Cedros entre os anos de 1970 e 2007 é mostrada no Quadro 49, com base nos dados do IBGE.

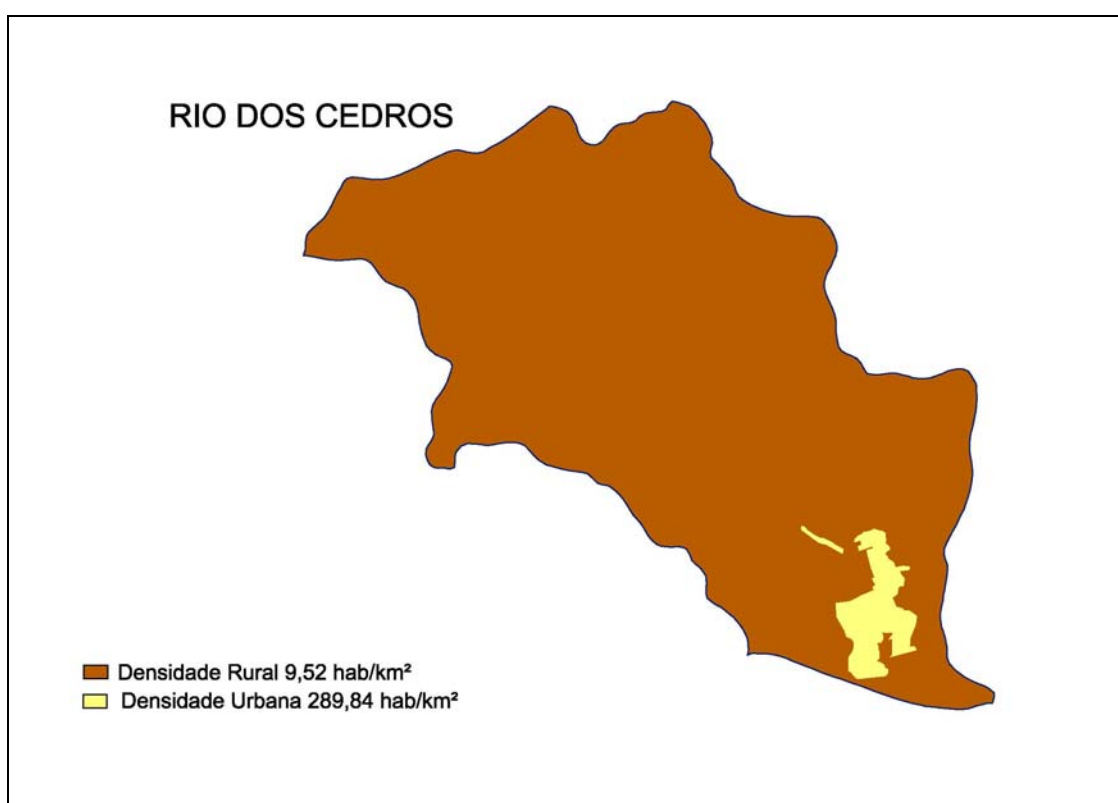


**Quadro 49- Taxa geométrica de crescimento anual da população urbana, rural e total**

PERÍODO	TAXA DE CRESCIMENTO ANUAL DA POPULAÇÃO (%)		
	URBANA	RURAL	TOTAL
1970 / 1980	1,93	-2,12	-1,37
1980 / 1991	2,69	-0,65	0,19
1991 / 1996	7,62	-3,27	0,39
1996 / 2000	0,97	-0,08	0,36
2000 / 2007	2,72	-0,09	1,15

Fonte: BRASIL / IBGE.

As densidades demográficas na área urbana atual e na área rural atual podem ser observadas na Figura 34.



**Figura 34 – Densidades demográficas atuais do município**

Considerando a projeção populacional adotada em reunião com o Grupo Executivo de Saneamento (GES), para o final de plano (2030), a população total do município será em torno de 13.742 habitantes, sendo que deste total 6.436 habitarão a área urbana e 7.306 a área rural.

Considerando a média de crescimento adotada para a área urbanizada e/ou construída na Bacia do Ribeirão São Bernardo (10%), estima-se que a

densidade demográfica para a área urbana será de 373,86 hab/km<sup>2</sup> e para a área rural de 13,55 hab/km<sup>2</sup>.

O mapeamento da densidade demográfica para o final de plano não será apresentado, uma vez que o município não possui Plano Diretor, por consequência não são definidos os critérios de evolução das áreas de expansão territorial.

#### **8.9. AVALIAÇÃO DE PLANOS E PROJETOS EXISTENTES OU EM EXECUÇÃO**

Especificamente no município não existem projetos voltados para a área de drenagem urbana. Os programas mais abrangentes estão sendo desenvolvidos pelo Comitê de Gerenciamento da Bacia Hidrográfica do Rio Itajaí (Comitê Itajaí), destacando-se:

Plano de Recursos Hídricos: Plano de Recursos Hídricos da Bacia do Itajaí, denominado PLANO DA BACIA, foi desenvolvido de 2005 a 2010, num amplo processo participativo de estudo, discussão e deliberação. Estabelece a política de água na bacia, orientando os usos da água elencando as prioridades de ação do Comitê de Bacia.

Projeto Piava: Desenvolveu ações educativas, de recuperação da mata ciliar e de apoio à gestão ambiental nos municípios, entre 2005 e 2007, com o objetivo de implementar uma política de proteção da água nos municípios da bacia do Itajaí.

Maiores detalhes podem ser acessados no site do comitê [www.comiteitajai.org.br](http://www.comiteitajai.org.br).

## 9. APLICAÇÃO DO MÉTODO CONDICIONANTES, DEFICIÊNCIAS E POTENCIALIDADES (CDP)

### 9.1. CONCEITUAÇÃO

Para a análise e sistematização das informações, de forma a auxiliar na elaboração dos diagnósticos setoriais, adotou-se a Sistemática CDP – Condicionantes, Deficiências e Potencialidades, constituindo-se em uma ferramenta importante na definição de estratégias de planejamento. Através da referida metodologia, os dados levantados nessa fase serão classificados em três categorias:

**CONDICIONANTES** - Figuras como restrições, impedimentos e obrigações, devendo ser consideradas, para o planejamento, aspectos de preservação, manutenção e conservação, dependendo das peculiaridades das diferentes condicionantes e das diferentes exigências locais.

**DEFICIÊNCIAS** - Elementos que são caracterizados como problemas que devem ser solucionados através de ações e/ou políticas que provoquem as mudanças desejadas.

**POTENCIALIDADES** - Elementos que podem ser utilizados para melhorar a qualidade de vida da população.

A **Sistemática CDP** aplicada na elaboração do Plano Municipal de Saneamento Básico apresenta basicamente um método de ordenação criteriosa e operacional dos problemas e fatos, resultantes das pesquisas e dos levantamentos, proporcionando uma apresentação compreensível, facilmente visualizável e compatível com a situação atual da cidade.

A classificação, segundo Condicionantes - Deficiências - Potencialidades, atribui funções dentro do processo do saneamento básico, significando que as tendências desse processo podem ser percebidas com maior facilidade.

Após a classificação dos elementos nos segmentos do saneamento básico, a Sistemática CDP definirá as áreas prioritárias de ação com a sistematização destas informações. A prioridade para ação municipal será definida de acordo com a seqüência abaixo:

- 1º - Áreas que possuem CDP;

- 2º - Áreas que possuem CD;
- 3º - Áreas que possuem CP;
- 4º - Áreas que possuem DP;
- 5º - Áreas que possuem apenas D;
- 6º - Áreas que possuem apenas P;
- 7º - Áreas que possuem apenas C.

## **9.2. PLANILHA CDP**

No Anexo 4 serão apresentadas as planilhas da metodologia CDP para os sistemas de abastecimento de água, esgotamento sanitário, resíduos sólidos e drenagem. Versão atualizada na última reunião com a contribuição de todos técnicos.

## **9.3. REPRESENTAÇÃO TEMÁTICA**

No Anexo 5 serão apresentadas as figuras da metodologia CDP para os sistemas de abastecimento de água, esgotamento sanitário, resíduos sólidos e drenagem.

## 10. INDICADORES DE SANEAMENTO BÁSICO

O desenvolvimento de indicadores está ligado ao planejamento e à gestão pública e ganhou corpo científico a partir dos anos 60 do século XX. Um indicador permite a obtenção de informações sobre uma dada realidade (MITCHELL, 1997), podendo sintetizar um conjunto complexo de informações e servir como um instrumento de previsão.

Na busca por informações que possam retratar a realidade local do saneamento básico em Rio dos Cedros, o campo de indicadores torna-se de fundamental importância na identificação das peculiaridades no setor e na busca de soluções para os problemas diagnosticados.

Para o presente Plano de Saneamento, definiram-se alguns indicadores de saneamento básico, tendo como base os aspectos técnicos e institucionais relativos ao sistema de abastecimento de água, ao sistema de esgotamento sanitário, ao manejo de resíduos sólidos e ao manejo de águas pluviais. Ver Quadro 50 a Quadro 56.

Observa-se que os dados básicos para a elaboração dos indicadores foram informados pela CASAN.

**Quadro 50 – Indicadores de Água**

INDICADOR	VALOR	EXPRESSO EM
Densidade de Economias de Água por Ligação	1,09	Economias / Ligação
Índice de Hidrometração	100	%
Índice de Macromedicação	100	%
Extensão de Rede de Água por Ligação	33,45	m/ligação
Consumo Médio Per Capita	154,35	l/hab.dia
Volume de Água Disponibilizado por Economia	12,46	(m <sup>3</sup> /mês)/economia
Índice de Perdas na Distribuição	22,80	%
Índice Bruto de Perdas Lineares	0,59	m <sup>3</sup> /dia.km
Índice de Consumo de Água	95,70	%
Consumo Médio de Água por Economia	11,98	(m <sup>3</sup> /mês)/economia
Índice de Atendimento Total de Água	51,83	%

Fonte: Elaboração MPB Engenharia

**Quadro 51 – Indicadores de Resíduos Sólidos Urbanos – Gerais**

INDICADORES GERAIS	VALOR	EXPRESSO EM
Taxa de Empregados em Relação à População Urbana	3,09	empregados/1.000 hab.
Incidência de empregados próprios no total de empregados no manejo de Resíduos Urbanos	100,00	%
Incidência de empregados de empresas contratadas no total de empregados no manejo de RSU	0,00	%
Incidência de empregados gerenciais e administrativos no total de empregados no manejo de RSU	7,14	%

Fonte: Elaboração MPB Engenharia

**Quadro 52 – Indicadores sobre Coleta de Resíduos Sólidos Domiciliares e Públicos**

INDICADORES SOBRE COLETA DE RESÍDUOS SÓLIDOS DOMICILIARES E PÚBLICOS	VALOR	EXPRESSO EM
Taxa de cobertura do serviço de coleta de Resíduos Domiciliares em relação à população total	100,00	%
Produtividade média dos empregados na coleta (coletores + motoristas) na coleta (RDO + RPU) em relação a massa coletada	419,38	kg/empregados/dia
Taxa de empregados (coletores + motoristas) na coleta (RDO + RPU) em relação a população urbana	1,76	empregados/1.000 hab.
Massa (RSU) coletada <i>per capita</i> em relação à população atendida	0,37	kg/habitante/dia
Incidência de (coletores + motoristas) na quantidade total de empregados no manejo de RSU	57,14	%

Fonte: Elaboração MPB Engenharia

**Quadro 53 – Indicadores sobre Coleta Seletiva e Triagem**

INDICADORES SOBRE COLETA SELETIVA E TRIAGEM	VALOR	EXPRESSO EM
Taxa de recuperação de materiais recicláveis em relação à quantidade total coletada	5,96	%
Massa recuperada per capita de materiais recicláveis em relação à população urbana	0,04	kg/habitantes/dia

Fonte: Elaboração MPB Engenharia

**Quadro 54 – Indicadores sobre Coleta de Resíduos Sólidos de Serviços de Saúde**

<b>INDICADORES SOBRE COLETA DE RESÍDUOS SÓLIDOS DE SERVIÇOS DE SAÚDE</b>	<b>VALOR</b>	<b>EXPRESSO EM</b>
Taxa de RSS coletada em relação à quantidade total coletada:	0,12	%

Fonte: Elaboração MPB Engenharia

**Quadro 55 – Indicadores sobre Serviços de Varrição**

<b>INDICADORES SOBRE SERVIÇOS DE VARRIÇÃO</b>	<b>VALOR</b>	<b>EXPRESSO EM</b>
Taxa de terceirização dos varredores	0,00	%
Taxa de varredores em relação à população urbana	1,10	empregado/1.000 habitantes
Incidência de varredores no total de empregados no manejo de RSU	35,71	%

Fonte: Elaboração MPB Engenharia

**Quadro 56 – Indicadores sobre Serviços de Capina**

<b>INDICADORES SOBRE SERVIÇOS DE CAPINA</b>	<b>VALOR</b>	<b>EXPRESSO EM</b>
Taxa de capinadores em relação à população urbana	1,10	empregado/1.000 habitantes
Incidência de Capinadores no total de empregados no manejo de RSU	35,71	%

Fonte: Elaboração MPB Engenharia

## 11. CONCLUSÃO

A ausência de sistema de coleta e tratamento do esgoto constitui-se, atualmente, no maior problema de saneamento no município. Soluções individuais hoje existentes devem ser fiscalizadas com maior rigor pela municipalidade, na intenção de minimizar a carga poluidora lançada hoje nos mananciais superficiais e lençol freático, até que soluções coletivas sejam implantadas nas regiões de maior concentração populacional do município.

Como ponto crítico no serviço de abastecimento de água no município, pode-se citar a inexistência de tratamento do lodo gerado na estação de tratamento de água. No entanto, relata-se como positivo a disponibilidade de água bruta para tratamento.

Em relação ao sistema de manejo de resíduos sólidos, pode-se constatar que a maior deficiência é a ausência de coleta seletiva de materiais recicláveis na área rural do município. Em compensação, o adequado destino final dado aos resíduos sólidos gerados no município vem a ratificar todo o esforço feito pelo Ministério Público de Santa Catarina, o qual vem desenvolvendo excelente monitoramento no tocante ao gerenciamento dos resíduos produzidos nos municípios catarinenses.

Por fim, no que diz respeito ao sistema de drenagem de águas pluviais, pôde-se perceber que o município tem como característica importante o fato de sua infra-estrutura de drenagem ter sido implantada ao longo dos anos sem maiores critérios técnicos, ou seja, sem qualquer planejamento. Nunca houve, por parte da administração pública, uma preocupação em compatibilizar um sistema de drenagem com o contexto global de bacias de contribuição, fator que resultou em um sistema onde predominam sempre as soluções pontuais.



## 12. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABES. Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental. **Apostila do Curso Plano de Gerenciamento Integrado de Resíduos Sólidos Urbanos**. Florianópolis, SC, 2006.

AUMOND, Juarês José. Geologia e Paleoambiente. In: **Bacia do Itajaí: Formação, recursos naturais e ecossistemas**. EDIFURB: 2005. p. 20-44.

BACK, A. J. **Chuvas intensas e chuva de projeto de drenagem superficial no Estado de Santa Catarina**. Florianópolis: Epagri, 2002. 65p. (Epagri. Boletim Técnico, 123).

BRASIL / ANA. Agência Nacional de Águas. Ministério do Meio Ambiente (MMA). **Implementar e Coordenar a Gestão compartilhada e integrada dos Recursos Hídricos e Regular o acesso à Água, promovendo o seu uso sustentável em benefício da atual e das futuras gerações (Lei das Águas)**. Brasília, DF, 2000. Disponível em: <<http://www.ana.gov.br/Missao/default.asp>>. Acesso em: 12 mar. 2010.

BRASIL / ANEEL. Agência Nacional de Energia Elétrica. **Proporcionar condições favoráveis para que o mercado de energia elétrica se desenvolva com equilíbrio entre os agentes e em benefício da sociedade**. Brasília, DF, 1996. Disponível em: <<http://www.aneel.gov.br>>. Acesso em: 12 mar. 2010.

BRASIL / ANVISA. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Resolução RDC ANVISA nº 306, de 07 de dezembro de 2004**. Dispõe sobre o Regulamento Técnico para o gerenciamento de resíduos de serviços de saúde. Brasília, DF, 2004.

BRASIL / CONAMA. Conselho Nacional do Meio Ambiente. **Resolução CONAMA nº308, de 21 de março de 2002**. Licenciamento Ambiental de sistemas de disposição final dos resíduos sólidos urbanos gerados em municípios de pequeno porte. Brasília, DF, 2002.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL / CPRM. Serviço Geológico do Brasil. **Gerar e difundir o conhecimento geológico e hidrológico básico necessário para o desenvolvimento sustentável do Brasil**. Brasília, DF, 1970. Disponível em: <<http://www.cprm.gov.br>>. Acesso em 16 mar. 2010.

BRASIL / DNPM. **Departamento Nacional de Produção Mineral**. Criado pelo Decreto Nº 23.979, de 08/03/34 – Autarquia Federal, criada pela Lei no 8.876, de 2 de maio de 1994, vinculada ao Ministério de Minas e Energia. Brasília, DF, 1994. Disponível em: <<http://www.dnpm.gov.br>>. Acesso em: 18 mar. 2010.

BRASIL / EMBRAPA. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Propor, Coordenar e Executar, em benefício da sociedade, soluções para a Gestão e a Difusão de Informações**. Brasília, DF, 1972. Disponível em: <[http://www.embrapa.br/kw\\_storage/keyword.2007-06-04.5707907136](http://www.embrapa.br/kw_storage/keyword.2007-06-04.5707907136)>. Acesso em 17 mar. 2010.

BRASIL / IBAMA. **Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis**. Brasília, DF, 1989. Disponível em: <<http://www.ibama.gov.br/institucional/historico>>. Acesso em: 11 mar. 2010.

BRASIL / IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 1970**. 1973. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 18 jan. 2010.

BRASIL / IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 1980**. 1982. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 18 jan. 2010.

BRASIL / IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 1991**. 1991. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 18 jan. 2010.

BRASIL / IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censos Demográficos**. 2000. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/default\\_censo\\_2000.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/default_censo_2000.shtm)>. Acesso em: 18 jan. 2010.

BRASIL / IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades**. 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 18 jan. 2010.

BRASIL / IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Contagem da População 2007**. 2007. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/contagem2007/default.shtm>>. Acesso em: 18 jan. 2010.

BRASIL / IBGE / SIDRA. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA). **Contagem da População 1996**. 1996. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/cd/defaultcp1996.asp?o=14&i=P>>. Acesso em: 18 jan. 2010.

BRASIL / IBGE / SIDRA. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA). **Agricultura**. 2008. Disponível em <<http://www.sidra.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 19 jan. 2010.

BRASIL / IBGE / SIDRA. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA). **Cadastro de Empresas**. 2006. Disponível em <<http://www.sidra.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 21 jan. 2010.

BRASIL / IBGE / SIDRA. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA). **Pecuária**. 2008. Disponível em <<http://www.sidra.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 20 jan. 2010.

BRASIL / IBGE / SIDRA. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA). **Silvicultura**. 2008. Disponível em <<http://www.sidra.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 20 jan. 2010.

BRASIL / FUNASA. Fundação Nacional de Saúde. **Manual de Saneamento**. 3ª ed. rev. – Brasília: Fundação Nacional de Saúde, 2006. 408p.

BRASIL / MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO / INEP. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Indicadores do Censo Demográfico de 2000 e do Censo Escolar de 2000**.

2000. Brasília, DF: Ministério da Educação. Disponível em <<http://www.inep.gov.br/>>. Acesso em: 19 fev. 2010.

BRASIL / MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO / INEP. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **IDEB: Índice de Desenvolvimento da Educação Básica**. 2007. Brasília, DF: Ministério da Educação. Disponível em <<http://ideb.inep.gov.br/Site//>>. Acesso em: 19 fev. 2010.

BRASIL / MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Portaria MS nº518, de 25 de março de 2004**. Estabelece os procedimentos e responsabilidades relativos ao controle e vigilância da qualidade da água para consumo humano e seu padrão de potabilidade, e dá outras providências. Brasília, DF, 2004.

BRASIL / MINISTÉRIO DA SAÚDE / CNES. Ministério da Saúde. Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde. **CNESNet. DATASUS**. 2009. Brasília, DF: Ministério da Saúde. Disponível em <<http://cnes.datasus.gov.br>>. Acesso em: 18 fev. 2010.

BRASIL / MINISTÉRIO DA SAÚDE / DATASUS. Ministério da Saúde. Tecnologia da Informação a Serviço do SUS. **Morbidade Hospitalar do SUS por local de internação**: Notas Técnicas. 2005. Brasília, DF: Ministério da Saúde. Disponível em: <<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/sih/midescr.htm>>. Acesso em: 18 fev. 2010.

BRASIL / MINISTÉRIO DA SAÚDE / RIPSAs. Ministério da Saúde. Rede Interagencial de Informações para a Saúde. **Biblioteca Virtual em Saúde**: IDB, 2008. Brasília, DF: Ministério da Saúde. Disponível em: <<http://www.datasus.gov.br/idb>>. Acesso em: 18 fev. 2010.

BRASIL / MINISTÉRIO DA SAÚDE / SINAN. – **Sistema de Agravos de Notificações Compulsórias (SINAN)**. Disponível em: <http://dtr2004.saude.gov.br/sinanweb/index.php>. Acesso em 09/09/2010.

BRASIL / MINISTÉRIO DAS CIDADES / SNIS. Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento. **Diagnósticos: Água e Esgotos**. Brasília, DF: Ministério das Cidades. Disponível em: <<http://www.snis.gov.br>>. Acesso em: 15. jun. 2010.

BRASIL / MMA. Ministério do Meio Ambiente. **Promover a Adoção de Princípios e Estratégias para o Conhecimento, a Proteção e a Recuperação do Meio Ambiente**. Brasília, DF, 1992. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/sitio/index.php?ido=conteudo.monta&idEstrutura=88>>. Acesso em: 15 mar. 2010.

BRASIL / MMA. Ministério do Meio Ambiente. **Cadastro Nacional de Unidades de Conservação**. Brasília, DF, 2010. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/sitio/index.php?ido=conteudo.monta&idEstrutura=119>>. Acesso em: 28 abr. 2010.

CEMPRE. Compromisso Empresarial para Reciclagem. **Publicações**. São Paulo, SP, 2010. Disponível em: <<http://www.cempre.org.br>>. Acesso em 27 abr. 2010.

CETESB. **Drenagem urbana: Manual de projeto**. 3. ed. – São Paulo: CETESB/ASCETESB. 1986.

CRBio. **Conselho Regional de Biologia**. Terceira Região / Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Porto Alegre, RS, 1987. Disponível em: <<http://www.crbio03.gov.br/home/index.php>> . Acesso em: 08 mar. 2010.

CREA. **Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia de Santa Catarina**. Atuar com eficácia na orientação, fiscalização, valorização e aperfeiçoamento do exercício profissional, promovendo a melhoria da segurança e da qualidade de vida da sociedade. Florianópolis, SC, 1958. Disponível em: <<http://www.crea-sc.org.br/noticias>>. Acesso em: 15 mar. 2010.

CRQ. Conselho Regional de Química da 13a Região. **Instrumento da Sociedade para Fiscalizar e Incentivar a qualidade na área de Química**. Florianópolis, SC, 2001. Disponível em: <<http://www.cfq.org.br/historico.htm>>. Acesso em 04 mar. 2010.

CRUZ, Maria do Carmo M. T. **Consórcios Intermunicipais: uma alternativa de integração regional ascendente**. São Paulo: Polis; Programa Gestão Pública e Cidadania/EAESP/FGV, 2001, 96p.

DE LUCA E DE GRANDI. **Composição gravimétrica dos resíduos sólidos gerados no Bairro Bragantina e Centro do Município de Braganey –PR**. Curitiba, 2010.

ELTZ, F.L. et al. **Período de retorno de chuvas em Santa Maria, RS**. Rev. Bras. Cienc. Solo, Campinas, v. 16, p. 265- 269, 1992.

EMBRAPA. **Mapa de Solos de Santa Catarina**. CNPS, Embrapa. Rio de Janeiro, RJ. 2001.

EUCLYDES, H. P. **Saneamento Agrícola: atenuação das cheias; metodologia e projeto**. Belo Horizonte: Ruralminas, 1987. 320p.

FAESC. Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Santa Catarina. **Coordenar, promover, defender e representar os interesses dos produtores rurais integrantes da categoria econômica rural**. Florianópolis, SC, 1968. Disponível em: <<http://www.senar.com.br/portal/faesc/conteudo.php?sec=69>>. Acesso em: 04 mar. 2010.

FETAESC. Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Santa Catarina. **Representar, defender, organizar e integrar os trabalhadores rurais do Estado de Santa Catarina**. São José, SC, 1968. Disponível em: <<http://www.fetaesc.org.br/gtb2/plano.php>>. Acesso em: 04 mar. 2010.

FURB. Fundação Universidade Regional de Blumenau. **Observatório do Desenvolvimento Regional: A Região**. Disponível em <<http://www.furb.br/especiais/interna.php?secao=381>>. Acesso em: 18 fev. 2010.

FURB. Fundação Universidade Regional de Blumenau. **Plano de Recursos Hídricos da Bacia Hidrográfica do Rio Itajaí: Fase A – Diagnóstico e Prognóstico**. Comitê do Itajaí, Blumenau, SC, 2006. 496p. Disponível em: <<http://www.aguas.sc.gov.br/> (item: comitês de bacias: comitê do Itajaí)>. Acesso em 17 mar. 2010.

IBAM. Instituto Brasileiro de Administração Municipal. **Manual Gerenciamento Integrado de Resíduos Sólidos**. Patrocínio: Secretaria Especial de

Desenvolvimento Urbano da Presidência da República – SEDU/PR. Rio de Janeiro, 2001. 200 p.

JARDIM, Nilza Silva. **O lixo municipal: manual de gerenciamento integrado**. Instituto de pesquisas tecnológicas do estado de São Paulo. São Paulo, 1995. 275p.

KITE, G.W. **Frequency and risk analyses in hydrology**. Colorado: Water Resources publications, 1978.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE E ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENGENHARIA SANITÁRIA E AMBIENTAL – ABES/SC. Projeto de Cooperação Técnico-Científica. **Verificação da Sustentabilidade das Ações do Programa “LIXO NOSSO DE CADA DIA”, realizado pelo Ministério Público do Estado de Santa Catarina**. Florianópolis, 2006.

MITCHELL, G. **Problems and fundamentals of sustainable development indicators**, 1997. Disponível em: <<http://www.lexleeds.ax.uk/people/Gordon.html>>. acesso em 06 junho de 2010.

MOÇAMBIQUE / INE. Instituto Nacional de Estatística. **Mortalidade**. 2010. Disponível em <<http://www.ine.gov.mz>>. Acesso em: 18 fev. 2010.

PEREIRA, A. V. R. P. **Desenvolvimento de um Indicador para Avaliação de Desempenho de Aterros de Resíduos Sólidos Urbanos**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2005.

PEREIRA, S. D. **Conceitos e Definições da Saúde e Epidemiologia usados na Vigilância Sanitária**. 2004. Disponível em: <[http://www.cvs.saude.sp.gov.br/pdf/epid\\_visu\\_visu.pdf](http://www.cvs.saude.sp.gov.br/pdf/epid_visu_visu.pdf)>. Acesso em: 18 fev 2010.

PREFEITURA MUNICIPAL DE RIO DOS CEDROS. **Município**. Rio dos Cedros, SC, 2010. Disponível em: <<http://www2.riodoscedros.sc.gov.br/home/#>>. Acesso em: 06 abr. 2010.

RODRIGUEZ, Fernando L. D. **Explicando os consórcios intermunicipais**. 2005. Disponível em <<http://www.observatoriodabaixada.com.br/regional/0094.shtml>> Acessado em 25 de março de 2010.

SANTA CATARINA (Estado). **Decreto n ° 4.778**, de 11 de outubro de 2006. Regulamenta a outorga de direito de uso de recursos hídricos, de domínio do Estado, de que trata a Lei Estadual n ° 9.748, de 30 de novembro de 1994 e da outras providências. Disponível em: <[http://www.aguas.sc.gov.br/sirhsc/conteudo\\_visualizar\\_dinamico.jsp?idEmpresa=29&idMenu=499&idMenuPai=496](http://www.aguas.sc.gov.br/sirhsc/conteudo_visualizar_dinamico.jsp?idEmpresa=29&idMenu=499&idMenuPai=496)>. Acesso em: 31 ago. 2010.

SANTA CATARINA (Estado). **Decreto Nº 2109/97, de 05 de agosto de 1997**. Cria o Comitê de Gerenciamento da Bacia Hidrográfica do Rio Itajaí. Florianópolis, SC, 05 ago 1997.

SANTA CATARINA (Estado). **Portaria n° 36**, de 29 de julho de 2008. Estabelece os critérios de natureza técnica para outorga de direito de uso de recursos hídricos para captação de água superficial, em rios de domínio do Estado de Santa Catarina e dá outras providências. Disponível em:

[http://www.aguas.sc.gov.br/sirhsc/conteudo\\_visualizar\\_dinamico.jsp?idEmpresa=29&idMenu=718&idMenuPai=501](http://www.aguas.sc.gov.br/sirhsc/conteudo_visualizar_dinamico.jsp?idEmpresa=29&idMenu=718&idMenuPai=501). Acesso em: 08/09/2010.

SANTA CATARINA (Estado). Portaria n° 058/09, de 4 de setembro de 2009. Outorga para Abastecimento Público (SAMAE, CASAN). Disponível em: <http://www.aguas.sc.gov.br>. Acesso em 08/10/2010

SANTA CATARINA / CASAN. **Companhia Catarinense de Águas e Saneamento**. Coordenar o Planejamento e Executar, Operar e Explorar os Serviços Públicos de Esgotos e Abastecimento de Água Potável: realizar Obras de Saneamento Básico, em convênio com municípios do Estado; fornecer água tratada, coletar e tratar esgotos sanitários, promovendo saúde, conforto, qualidade de vida e desenvolvimento sustentável para toda Santa Catarina. Florianópolis, SC, 1970. Disponível em: <<http://www.casan.com.br/index.php?sys=2>>. Acesso em: 15 mar. 2010.

SANTA CATARINA / CASAN. Companhia Catarinense de Águas e Saneamento. **Preços e Tarifas**. 2010a. Disponível em: <http://www.casan.com.br/index.php?sys=56>. Acesso em: 10 dez. 2010.

SANTA CATARINA / CASAN. Companhia Catarinense de Águas e Saneamento. **Relatório Operacional Mensal – Sistema BADOP – Período: janeiro de 2009 a fevereiro 2010**. 2010b.

SANTA CATARINA / CELESC. Centrais Elétricas de Santa Catarina SA. **Energia Elétrica**. 2008. Disponível em: <[http://www.spg.sc.gov.br/dados\\_munic.php#energiaeletrica](http://www.spg.sc.gov.br/dados_munic.php#energiaeletrica)>. Acesso em: 15 mar. 2010.

SANTA CATARINA / CIASC. Centro de Informática e Automação de Santa Catarina. **Mapa Interativo**. Disponível em: <<http://www.mapainterativo.ciasc.gov.br/>>. Acesso em: 18 fev. 2010.

SANTA CATARINA / CIDASC. Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina. **Institucional**. Florianópolis, SC, 2010. Disponível em: <<http://www.cidasc.sc.gov.br/html/institucional/empresa.htm>>. Acesso em: 16 mar. 2010.

SANTA CATARINA / EPAGRI. Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina S/A, vinculada à Secretaria de Estado da Agricultura e Desenvolvimento Rural do Estado de Santa Catarina. **Conhecimento, Tecnologia e Extensão para o Desenvolvimento Sustentável do Meio Rural, em benefício da sociedade**: promover a preservação, recuperação, conservação e utilização sustentável dos Recursos Naturais. Florianópolis, SC, 1991. Disponível em: <<http://www.epagri.sc.gov.br>>. Acesso em 16 mar. 2010.

SANTA CATARINA / FATMA. Fundação do Meio Ambiente. **Mapa de Uso e Ocupação do Solo**. PPMA/SC. FATMA, Florianópolis, SC. 2008.

SANTA CATARINA / FATMA. Fundação do Meio Ambiente. **Órgão Ambiental da Esfera Estadual do Governo do Estado de Santa Catarina**. Florianópolis, SC, 1975. Disponível em: <<http://www.fatma.sc.gov.br/fatma/fatma.htm>>. Acesso em: 17 mar. 2010.

SANTA CATARINA / GAPLAN. Gabinete de Planejamento e Coordenação Geral. **Atlas de Santa Catarina**. 173p. 1986.

SANTA CATARINA / SDM. Secretaria de Estado do Desenvolvimento Social, Urbano e Meio Ambiente. **Diagnóstico da Exclusão Social em SC – “Mapa da Fome”**. 2003. Florianópolis, SC. Julho de 2003. 235p.

SANTA CATARINA / SDM. Secretaria de Estado do Desenvolvimento Social, Urbano e Meio Ambiente. **Diagnóstico Geral: Bacias Hidrográficas do Estado de Santa Catarina**. Florianópolis, SC, 1997.

SANTA CATARINA / SDR. Secretaria de Estado do Desenvolvimento Regional de Blumenau (SDR Blumenau). **Caracterização Regional**. 2003. Blumenau, Santa Catarina, 2003.

SANTA CATARINA / SDR. Secretaria de Estado do Desenvolvimento Regional de Timbó (SDR Timbó). Disponível em <[www.tio.sdr.sc.gov.br](http://www.tio.sdr.sc.gov.br)>. Acesso em 18 mar 2010.

SANTA CATARINA / SDS. Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico Sustentável. Conselho Estadual de Recursos Hídricos - CERH. **Conselho Estadual de Recursos Hídricos**. Órgão encarregado de estabelecer as diretrizes da política de recursos hídricos com vistas ao planejamento das atividades de aproveitamento e controle dos recursos hídricos no território do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, SC, 1991. Disponível em: <[http://www.aguas.sc.gov.br/sirhsc/conteudo\\_visualizar\\_dinamico.jsp?idEmpresa=6&idMenu=33](http://www.aguas.sc.gov.br/sirhsc/conteudo_visualizar_dinamico.jsp?idEmpresa=6&idMenu=33)>. Acesso em: 17 mar. 2010.

SANTA CATARINA / SDS. Secretaria de Estado do Desenvolvimento Sustentável. **Panorama dos Recursos Hídricos de Santa Catarina**. Florianópolis, SC, março de 2007. CR-ROM.

SANTA CATARINA / SDS. Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico Sustentável. **Sistema de Informações sobre Recursos Hídricos do Estado de Santa Catarina (SIRHESC)**. Florianópolis, SC, 2006. Disponível em: <<http://www.aguas.sc.gov.br/sirhsc>>. Acesso em: 17 mar. 2010.

SANTA CATARINA / SPG. Secretaria do Planejamento. **Dados Estatísticos Municipais**. 2010. Disponível em: <[http://www.spg.sc.gov.br/dados\\_munic.php](http://www.spg.sc.gov.br/dados_munic.php)>. Acesso em: 11 jan. 2010.

SANTA CATARINA / VISA. Vigilância Sanitária. Secretaria de Estado da Saúde. **Conjunto de ações capazes de eliminar, diminuir ou prevenir riscos à saúde e de intervir nos problemas decorrentes do meio ambiente e prestação de serviços de interesse da saúde**. Disponível em: <[www.vigilanciasanitaria.sc.gov.br](http://www.vigilanciasanitaria.sc.gov.br)>. Acesso em: 10 mar. 2010.

SCS, 1975. **Urban hydrology for small watersheds**. Washington. U.S. Dept. Agr. Technical Release n. 55.

SILVEIRA, R. C. E. **Gestão Consorciada de Resíduos Sólidos Urbanos em Municípios de Pequeno Porte: Uma Contribuição para a Sustentabilidade nas Relações Socioambientais**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia Ambiental, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

TOMAZ, P. **Cálculos Hidrológicos e Hidráulicos para Obras Municipais**. São Paulo: Navegar, 2002. p. 17- 32.

TUCCI, C . E. M. **Hidrologia: ciência e aplicação**. Porto Alegre, ABRH: EDUSP, 1993.

TUCCI, C.E.M. 2003. Inundações e Drenagem Urbana. In: Tucci, C.E.M. & Bertoni, J.C. **Inundações urbanas na América do Sul**. Porto Alegre: Associação Brasileira de Recursos Hídricos, 2003. 1ª edição. p. 45-150.

VILLELA, S. M.; MATTOS, **A. Hidrologia aplicada**. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil. 1975, 245 p.

VON SPERLING, Marcos. **Introdução à Qualidade das Águas e ao Tratamento de Esgotos (Princípios do Tratamento Biológico de Águas Residuárias; vol. 1)**. Belo Horizonte: DESA-UFMG, 452p. 1996.



## 13. ANEXOS

## **ANEXO 1**

### **ATORES SOCIAIS ATUANTES NO MUNICÍPIO**

Sindicato dos Trabalhadores Rurais	Endereço	Telefone	E-mail
STR de Rio dos Cedros	Av. Tiradentes, 253 - Centro - Rio dos Cedros	(47) 3386-1286	

Sindicato Rural	Endereço	Telefone	E-mail
Sindicato Rural de Rio dos Cedros	Av. Tiradentes, 253	(47) 3386-1286	sriodoscedros@faesc.com.br

Cooperativa	Endereço	Telefone	E-mail
CRAVIL-Cooperativa Regional Agropecuária Alto Vale do Itajaí Ltda	Rua Celso Ramos, 986 - Centro - Benedito Novo	(47) 3385-0141	

<b>Município</b>	<b>Prefeito (2009-2012)</b>	<b>Endereço Prefeitura</b>	<b>Contato</b>	<b>Telefone Prefeitura</b>	<b>E-mail Prefeitura</b>
Rio dos Cedros	Fernando Tomaselli	Rua Nereu Ramos, 205 - Centro - Doutor Pedrinho CEP 89121-000	(47) 3386 1050 (Ana)	(47) 3386 1050	prefeito@riodoscedros.sc.gov.br / gabinete.ana@riodoscedros.sc.gov.br
Rio dos Cedros	Fernando Tomaselli	Rua Nereu Ramos, 205 - Centro - Doutor Pedrinho CEP 89121-000	Pedro C dos Santos Jr		amapc@riodoscedros.sc.gov.br

<b>Associação de Municípios</b>	<b>Endereço</b>	<b>Telefone</b>	<b>E-mail</b>	<b>Contatos</b>	<b>Função</b>
AMMVI - Associação dos Municípios do Médio Vale do Itajaí	Rua Alberto Stein n° 466 Bairro: Velha Blumenau - SC CEP: 89036-200	(47) 3331-5800	ammvi@ammvi.org.br	Jamir Marcelo Schmidt	Presidente

<b>Consórcio</b>	<b>Endereço</b>	<b>Telefone</b>	<b>E-mail</b>	<b>Contatos</b>	<b>Função</b>
Consórcio Intermunicipal do Medio Vale do Itajaí - CIMVI	Rua Alberto Stein, 466 Bairro Velha Blumenau - SC.	(47) 3329-1592	consorcio@cimvi.sc.gov.br	Carlos Alberto Pegoretti	Presidente



<b>Secretaria</b>	<b>Endereço</b>	<b>Telefone</b>	<b>E-mail</b>	<b>Contatos</b>	<b>Função</b>
Timbó	Avenida Nereu Ramos, 913 - Centro - Timbó	47 3382-0700	secretaria@tio.sdr.sc.gov.br	Luiz Polidoro Rodrigues Jardim      Marli	Secretário Regional      Assessora de Comunicação

<b>Gerência Regional</b>	<b>Endereço</b>	<b>Telefone</b>	<b>E-mail</b>	<b>Contatos</b>	<b>Função</b>
Escritório Municipal Rio dos Cedros	Rua Nereu Ramos, 205 CEP 89121-000 - Rio dos Cedros	(047) 3386-1582	emriodoscedros@epagri.sc.gov.br		
EPAGRI Regional Blumenau	Rua Engenheiro Udo Deeke, 1650, Bairro Salto do Norte CEP 89138-000	(047) 3338-4710	grb@epagri.sc.gov.br		

<b>Administração Regional</b>	<b>Endereço</b>	<b>Telefone</b>	<b>E-mail</b>	<b>Contatos</b>	<b>Função</b>
Administração Regional Blumenau	Rua Eng.º Udo Deeke, 1.650- Salto do Norte - Caixa Postal 1.203- BLUMENAU - SC	047- 3334-1002	blumenau@cidasc.sc.gov.br	Luiz Carlos Moreira da Maia	Gerente Regional

Casan	Endereço	Telefone	E-mail
SRN - Superintendência Regional de Negócios Norte/Vale do Rio Itajaí	Br 470 - Km 14, Canta Galo, Rio do Sul/SC. CEP 89.160.000	(47) 3531-1600	
ARIDL (Agência Regional Indaial)	Comendador Henrique Wanke - 131, Centro, Indaial - SC, CEP: 89.500.000	(47) 3333-1913 / (47) 3333-0366	
ARCS (Agência Rio dos Cedros)	Rua Leandro Longo, s/n - Centro - Rio dos Cedros CEP 89121-000	(47) 3386-1500	

CODAM - Coodenadoria de Desenvolvimento Ambiental	Endereço	Telefone	E-mail	Contatos	Função
Blumenau	Rua Braz Wanka, nº 238 - Bairro Vila Nova. CEP: 89035-160	(047) 3231-7500	blumenau@fatma.sc.gov.br	Julio Cezar Coelho	Gerente de Desenvolvimento Ambiental

Regional	Endereço	Telefone	E-mail	Contatos	Função
35ª Regional - Município Rio dos Cedros	Av. Tiradentes, 700 Centro - Cep:89121-000	(47) 3386-0043	visa@riodoscedros.sc.gov.br	Rudimar Busarello	
35ª Regional -Timbó	Rua Nereu Ramos, 913 - Centro CEP 89.120-000	(47) 3382-0700	regtimbo@saude.sc.gov.br	Flavio Betti da Cruz	Gerente de Saúde

<b>Escritório Regional</b>	<b>Endereço</b>	<b>Telefone</b>	<b>E-mail</b>	<b>Contato</b>
Rio do Sul	Rua Ademar Hoss, 38 Progresso - Rio do Sul	(47) 3521-0015 3522-6192		Apoena Calixto Figueiroa

Instituição	Endereço	Telefone	E-mail
ANA - Agência Nacional de Águas	Setor Policial, Área 5, Quadra 3, Blocos "B", "L" e "M". CEP 70610-200 Brasília/DF	(61) 2109-5400 (61) 2109-5252	
ANEEL - Agência Nacional de Energia Elétrica	SGAN 603, módulo J, Brasília/DF. CEP 70830-030	(61) 2192-8600	
CPRM - Companhia de Pesquisa e Recursos Minerais- Superintendência POA	Rua Banco da Província, 105 - Santa Teresa Porto Alegre/RS CEP 90840-030	(51) 3233-7311	sureg@pa.cprm.gov.br
MMA - Ministério do Meio Ambiente	Esplanada dos ministérios, Bloco B do 5º ao 9º andar, CEP 70068-900, Brasília/DF	(61) 3317-1000	srhu@mma.gov.br
Embrapa Suínos e Aves	Caixa Postal 21 CEP: 89700-000 Concórdia-SC	(49) 3441-0400	sac@cnpsa.embrapa.br



Conselho Profissional	Endereço	Telefone	E-mail
CREA (Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia do Estado de Santa Catarina) - Inspetoria Regional de Blumenau	Rua Timbó, 84 - Bairro Victor Konder CEP: 89012-180 - Blumenau/SC	(47) 3340- 2943	blumenau@crea-sc.org.br
CRQ (Conselho Regional de Química) - Delegacia Regional Norte	Rua Juscelino Kubitschek, 410, sala 501 e 502, Centro Comercial Cidade de Joinville, Centro, CEP 89201-100 - Joinville		
CRB (Conselho Regional de Biologia) - Delegacia SC de Florianópolis	Rua Tenente Silveira, 482 – Centro – Florianópolis/SC – CEP 88010-301		

<b>Comitê</b>	<b>Endereço</b>	<b>Telefone</b>	<b>E-mail</b>	<b>Contatos</b>	<b>Função</b>
Comitê Itajaí	Rua São Paulo , 3366 Bairro Itoupava Seca, Blumenau - SC	(47) 3221-6204		Tercílio Bonessi	Presidente

<b>Usuário</b>	<b>Finalidade</b>	<b>Endereço</b>	<b>Telefone</b>	<b>E-mail</b>
Companhia Catarinense de Águas e Saneamento - CASAN	Abastecimento Público	Rua Emilio Blum, 83, Centro, Florianópolis-SC	(48) 3221-5160	sma@casan.com.br
Paulo Paternolli	Outros Usos	Cedro Central, 00	(47) 3386-1308	emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Osmar Bona	Irrigação	Estrada Geral São José, 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Moacir Luiz	Irrigação	Rua Pomeranos, 1200		contabil@fakini.com.br
Almira Maria Stinghen	Outros Usos	Pomeranos Central, 00	(47) 3386-1049	emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Getulio Tomsini	Outros Usos	Alto Pomeranos - Rio Assis, 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Honorio Bortolotti	Outros Usos	Pomeranos Central, 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Eloacir Miguel Zaboli	Outros Usos	Rua Paraíba, 276		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Ademar Beyer	Aquicultura	Estrada Geral Cedro Alto	(47) 3386-1041	emriodoscedros@epagri.sc.gov.br

Usuário	Finalidade	Endereço	Telefone	E-mail
Monica Dalcanale	Aquicultura	Alto Cedros, 00	(47) 3386-1169	emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Werno Kleinschmidt	Outros Usos	Estrada Geral Rio Ada, 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Osnir Gaulke	Outros Usos	Cedro Alto - 15 de setembro, 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Orlando Campestrini	Aquicultura	Estrada Geral Rio Milanés, 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Orlando Campestrini	Outros Usos	Estrada Geral Rio Milanés, 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Sabino Dalcanale	Aquicultura	Estrada Geral Rio Cunha, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Amado Menestrina	Aquicultura	São Bernardo, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Cidi Adelor Giovannella	Irrigação	Estrada Geral Alto Pomeranos, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Dalmesi Bonette	Outros Usos	Pedra Preta, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br

<b>Usuário</b>	<b>Finalidade</b>	<b>Endereço</b>	<b>Telefone</b>	<b>E-mail</b>
Vilmar Mengarda	Outros Usos	Estrada Geral Caravagio, 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Vilmar Mengarda	Aquicultura	Estrada Geral Caravagio, 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Vilmar Mengarda	Irrigação	Estrada Geral Caravagio, 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Vilmar Mengarda	Criação Animal	Estrada Geral Caravagio, 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Valdi Pedron	Irrigação	Caravagio, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Inacio Piuntkoski	Outros Usos	Estrada Geral Rio Milanes, 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Liana Lach Pinotti	Outros Usos	Rua Dom Pedro II, 1154		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Alido Lenzi	Irrigação	Pomeranos Central, 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Alido Lenzi	Outros Usos	Pomeranos Central, 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br

Usuário	Finalidade	Endereço	Telefone	E-mail
Alido Lenzi	Criação Animal	Pomeranos Central, 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Alido Lenzi	Aquicultura	Pomeranos Central, 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Erich Zumachi	Aquicultura	Estrada Geral Rio Ada, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Aleixo Lorenz	Outros Usos	Estrada Geral Rio Milanes, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Lorides Cattoni	Irrigação	Estrada Geral Alto Pomeranos, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Egon Teske	Aquicultura	Estrada Geral Rio Ada, 6580		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Raimundo Kohlbeck	Aquicultura	Rua 7 de setembro, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Venicio Vanio Demarchi	Outros Usos	Cedro Central, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Udo Mayer	Outros Usos	Av. Tiradentes, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br

Usuário	Finalidade	Endereço	Telefone	E-mail
Nilda Brizola Cardoso	Outros Usos	Assentamento Rio Norte		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Odete Menestrina Gonçalves da Cruz	Outros Usos	Estrada Geral Cedro Alto, 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Odete Menestrina Gonçalves da Cruz	Aquicultura	Estrada Geral Cedro Alto, 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Odete Menestrina Gonçalves da Cruz	Criação Animal	Estrada Geral Cedro Alto, 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Edson Trindade	Outros Usos	Rua Guilherme Marquardt, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Rudi Bert Mett	Outros Usos	Estrada Geral Cedro Alto, 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Harold Frtiz	Outros Usos	Estrada Geral Rio Ada, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Valdino Fachini	Irrigação	Alto Pomeranos , 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Nelson Klitzke	Outros Usos	Palmeiras, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br

Usuário	Finalidade	Endereço	Telefone	E-mail
Jair Jose Mengarda	Outros Usos	Alto Pomeranos, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Valerio Kulpak	Aquicultura	Estrada Geral Rio Milanes, 00	(47) 3391-3810	emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Antonio Wantowski	Aquicultura	Rua Martin Zipperer		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Pedro Piontkowski	Outros Usos	Estrada Geral Rio Milanes, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Hari Butzke	Outros Usos	Estrada Geral Cedro Alto, 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Alcides Stein	Outros Usos	Estrada Geral Rio Ada, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Leandro Lazzarini	Outros Usos	Rio Esperança, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Luiz Carlos Busarello	Aquicultura	Estrada Geral Rio Esperança, 00	(47) 3386-1436	emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
José Osnir Kohlbech	Outros Usos	Estrada Geral Alto Pedra Preta		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br



Usuário	Finalidade	Endereço	Telefone	E-mail
José Osnir Kohlbech	Aquicultura	Estrada Geral Alto Pedra Preta		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Nelson Leitempergher	Criação Animal	Estrada Geral Cedro Alto, 00	(47) 8822-4857	agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Evaldino Anesi	Aquicultura	Estrada Geral Rio Milanes, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Juvito Menestrina	Irrigação	Alto Pomeranos, 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Calisto José Menestrina	Irrigação	Estrada Geral Alto Pomeranos, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Jair Ambrosio Lorenz	Outros Usos	Estrada Geral Rio Milanes, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Leandro Floriani	Outros Usos	Rio Rosina		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Lirio Perini	Irrigação	Pomeranos Santo Antonio, 341		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Josefina Casagrande	Aquicultura	Palmeiras, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br

Usuário	Finalidade	Endereço	Telefone	E-mail
Cecilia Prusseck	Outros Usos	Rio Herta, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Amelio Dalcastagne	Aquicultura	Estrada Geral Rio Esperança, 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Vilma Gonçalves de Jesus	Aquicultura	Alto Cedros, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Vilma Gonçalves de Jesus	Criação Animal	Alto Cedros, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Vilma Gonçalves de Jesus	Outros Usos	Alto Cedros, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Bonifácio Bagatolli	Irrigação	Alto Pomeranos, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Genor Dimas Carlini	Outros Usos	Pomeranos Santo Antonio, 927	(47) 3386-1522	agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Genor Dimas Carlini	Criação Animal	Pomeranos Santo Antonio, 927	(47) 3386-1522	agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Otoni Medeiros Vianna	Aquicultura	Pomeranos Central, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br

Usuário	Finalidade	Endereço	Telefone	E-mail
Otoni Medeiros Vianna	Outros Usos	Pomeranos Central, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Lucinei Cleder Chiarelli Giacomozzi	Criação Animal	Rio Cunha s/n	(47) 3339-5822	lucineiccg@hotmail.com
Luzia Demarchi Stein	Outros Usos	Estrada Geral Rio Ada, 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Dornelio Mengarda	Irrigação	Pomeranos Caravagio, 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Dornelio Mengarda	Criação Animal	Pomeranos Caravagio, 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Dornelio Mengarda	Outros Usos	Pomeranos Caravagio, 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Emistica Cattoni	Outros Usos	Estrada Geral Cedro Alto, 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Emistica Cattoni	Criação Animal	Estrada Geral Cedro Alto, 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Josefina Casagrande	Criação Animal	Palmeiras, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br

<b>Usuário</b>	<b>Finalidade</b>	<b>Endereço</b>	<b>Telefone</b>	<b>E-mail</b>
Gilberto Busarello	Outros Usos	Av. Tiradentes, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Gilberto Busarello	Criação Animal	Av. Tiradentes, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Gilberto Busarello	Irrigação	Av. Tiradentes, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Jaime Krevonis	Outros Usos	Rio Herta, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Jaime Krevonis	Criação Animal	Rio Herta, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Adelino Krevonis	Outros Usos	Rio Herta, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Licerio Agostini	Outros Usos	Tirolese, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Licerio Agostini	Criação Animal	Tirolese, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Licerio Agostini	Aquicultura	Tirolese, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br

<b>Usuário</b>	<b>Finalidade</b>	<b>Endereço</b>	<b>Telefone</b>	<b>E-mail</b>
Vilmar José Stingham	Outros Usos	Pomeranos Caravagio, 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Vilmar José Stingham	Criação Animal	Pomeranos Caravagio, 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Vilmar José Stingham	Irrigação	Pomeranos Caravagio, 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Oswaldo Shuster	Irrigação	Rua Boa Vista, 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Aleixo Tomaselli	Outros Usos	Estrada Geral Rio Milanes, 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Laurita Viebrantz	Outros Usos	Estrada Geral Rio Ada, 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Laurita Viebrantz	Criação Animal	Estrada Geral Rio Ada, 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Verno Erdramann	Outros Usos	Rua Dom Pedro II, 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Verno Erdramann	Criação Animal	Rua Dom Pedro II, 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br

<b>Usuário</b>	<b>Finalidade</b>	<b>Endereço</b>	<b>Telefone</b>	<b>E-mail</b>
Verno Erdrmann	Aquicultura	Rua Dom Pedro II, 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Ivo Antonio Dallabrida	Outros Usos	Rio Cunha , 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Ivo Antonio Dallabrida	Criação Animal	Rio Cunha , 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Marcia Cipriani	Outros Usos	São Bernardo, 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Edvino Kopsch	Outros Usos	Rua Dom Pedro II, 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Edvino Kopsch	Aquicultura	Rua Dom Pedro II, 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Helena Zoboli	Outros Usos	Rua Boa Vista, 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Helena Zoboli	Criação Animal	Rua Boa Vista, 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Helena Zoboli	Irrigação	Rua Boa Vista, 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br

Usuário	Finalidade	Endereço	Telefone	E-mail
Ulisses Nunes de Barros	Outros Usos	Rio Herta, 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Wilson Luiz Nunes de Barros	Outros Usos	Rio Herta, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Emanuella Volani	Outros Usos	Rua Sete de Setembro, 518		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Agro Pastoril e Participações RK Ltda	Aquicultura	Alto Palmeiras, 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Agro Pastoril e Participações RK Ltda	Criação Animal	Alto Palmeiras, 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Agro Pastoril e Participações RK Ltda	Outros Usos	Alto Palmeiras, 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Olga Lazzarini	Outros Usos	Estrada Geral Rio Esperança, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Benicio Dallagnolo	Irrigação	Pomeranos Central, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Maria Emilia Patricio	Criação Animal	Estrada Geral Alto Cedros, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br

<b>Usuário</b>	<b>Finalidade</b>	<b>Endereço</b>	<b>Telefone</b>	<b>E-mail</b>
Maria Emilia Patricio	Aquicultura	Estrada Geral Alto Cedros, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Maria Emilia Patricio	Outros Usos	Estrada Geral Alto Cedros, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
José Manuel da Cunha	Criação Animal	Rio Cunha, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
José Manuel da Cunha	Outros Usos	Rio Cunha, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Posto Rio Cedrense Ltda	Outros Usos	Av. Tiradentes, 15		amiltonpiske@terra.com.br
Arlei David's Menezes de Souza	Outros Usos	Estrada Geral Rio Cunha, 00	(47) 3391-3881	agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Irones Roberto Carlini	Outros Usos	Pomeranos Santo Antonio, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Candido Carlini	Outros Usos	Pomeranos Santo Antonio, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Ingomar Stein	Criação Animal	Estrada Geral Cedro Alto, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br



Usuário	Finalidade	Endereço	Telefone	E-mail
Ingomar Stein	Outros Usos	Estrada Geral Cedro Alto, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Harold Viebrantz	Outros Usos	Rio Ada, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Harold Viebrantz	Aquicultura	Rio Ada, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Harold Viebrantz	Criação Animal	Rio Ada, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Flademir Sandres	Outros Usos	Rio Milanes, 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Ulisses Andreazza	Aquicultura	Alto São Bernardo, 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Ulisses Andreazza	Criação Animal	Alto São Bernardo, 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Ulisses Andreazza	Outros Usos	Alto São Bernardo, 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Adelor Artur Panini	Aquicultura	Palmeiras, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br

Usuário	Finalidade	Endereço	Telefone	E-mail
Anesio Giovannella	Outros Usos	Pomeranos Central, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Arnildo Formigari	Outros Usos	Estrada Geral Rio Ada, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Juraci Lenzi	Criação Animal	Estrada Geral Rio Bonito		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Juraci Lenzi	Outros Usos	Estrada Geral Rio Bonito		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Dirceu Campestrini	Criação Animal	Estrada Geral Rio Bonito, 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Leonido Zanghelini	Outros Usos	Pomeranos Santo Antonio, 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Leonido Zanghelini	Criação Animal	Pomeranos Santo Antonio, 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Leonido Zanghelini	Irrigação	Pomeranos Santo Antonio, 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Idino Campestrini	Aquicultura	Rio Cunha, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br

Usuário	Finalidade	Endereço	Telefone	E-mail
Idino Campestrini	Criação Animal	Rio Cunha, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Idino Campestrini	Outros Usos	Rio Cunha, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Dedirgo Maas	Criação Animal	Estrada Geral Rio Ada		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Dedirgo Maas	Outros Usos	Estrada Geral Rio Ada		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Juvenal Fernandes Cordeiro	Outros Usos	Rio Potinga, 0		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Paulo Guilherme da Silva	Criação Animal	Estrada Geral Rio Rosina, 00		emriodoscedros@epagri.sc.gov.br
Volrad Kamke	Outros Usos	Rua Cedro Central, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Ind. De Madeira Mengarda Ltda ME	Industrial	Estrada Rio Ada		comax@contabilidadecomax.com.br
Armandio Valandro	Outros Usos	Rua Cedro Central, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br

Usuário	Finalidade	Endereço	Telefone	E-mail
Mengalvio Demonti	Outros Usos	Rio Ada, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Mengalvio Demonti	Aquicultura	Rio Ada, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Laertes Luiz Floriani	Aquicultura	Estrada Geral Rio Rosina, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Laertes Luiz Floriani	Criação Animal	Estrada Geral Rio Rosina, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Laertes Luiz Floriani	Outros Usos	Estrada Geral Rio Rosina, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Vilson Krieser	Aquicultura	Estrada Geral Rio Rosina, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Vilson Krieser	Criação Animal	Estrada Geral Rio Rosina, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Vilson Krieser	Outros Usos	Estrada Geral Rio Rosina, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Evald Teske	Criação Animal	Estrada Geral Rio Ada, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br

<b>Usuário</b>	<b>Finalidade</b>	<b>Endereço</b>	<b>Telefone</b>	<b>E-mail</b>
Evald Teske	Outros Usos	Estrada Geral Rio Ada, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Sergio Luis Bertoldi	Aquicultura	Rua Ribeirão do Ouro, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Sergio Luis Bertoldi	Outros Usos	Rua Ribeirão do Ouro, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Gelasio Benitto Lazzarin	Irrigação	Estrada Alto dos Cedros, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Nelson Prusseck	Outros Usos	Rua Ribeirão do Ouro, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Artur Schultz	Outros Usos	Palmeiras Central, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Reinaldo Gruetzmacher	Aquicultura	Alto Cedros, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Reinaldo Gruetzmacher	Outros Usos	Alto Cedros, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Claudio Miro Medeiros	Criação Animal	Assentamento Rio Norte		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br

<b>Usuário</b>	<b>Finalidade</b>	<b>Endereço</b>	<b>Telefone</b>	<b>E-mail</b>
Claudio Miro Medeiros	Outros Usos	Assentamento Rio Norte		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Ademir Cristelli	Criação Animal	Pomeranos Central, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Ademir Cristelli	Irrigação	Pomeranos Central, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Ademir Cristelli	Outros Usos	Pomeranos Central, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Alcides Afonso Campestrini	Outros Usos	Estrada Geral Rio Ada, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Inezio Uller	Outros Usos	Rua Ribeirão do Ouro, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Rivelino Antonio Cristofoletti	Outros Usos	Estrada Geral Cedro Alto,00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Metaflora	Industrial	Estrada Geral Rio Cunha, 00	(47) 3391-3881	esconrio@terra.com.br
Wigand Baier	Outros Usos	Rua Ribeirão do Ouro, 00	(47) 9144-5580	agricultura@riodoscedros.sc.gov.br

<b>Usuário</b>	<b>Finalidade</b>	<b>Endereço</b>	<b>Telefone</b>	<b>E-mail</b>
Estevão Campestrini	Outros Usos	Estrada Geral Rio Esperança, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Jadir Perin	Outros Usos	Rio Ada, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Jadir Perin	Aquicultura	Rio Ada, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br
Jadir Perin	Criação Animal	Rio Ada, 00		agricultura@riodoscedros.sc.gov.br

**ANEXO 2**

**MODELO DIGITAL DO TERRENO E REDE DE**

**DRENAGEM**



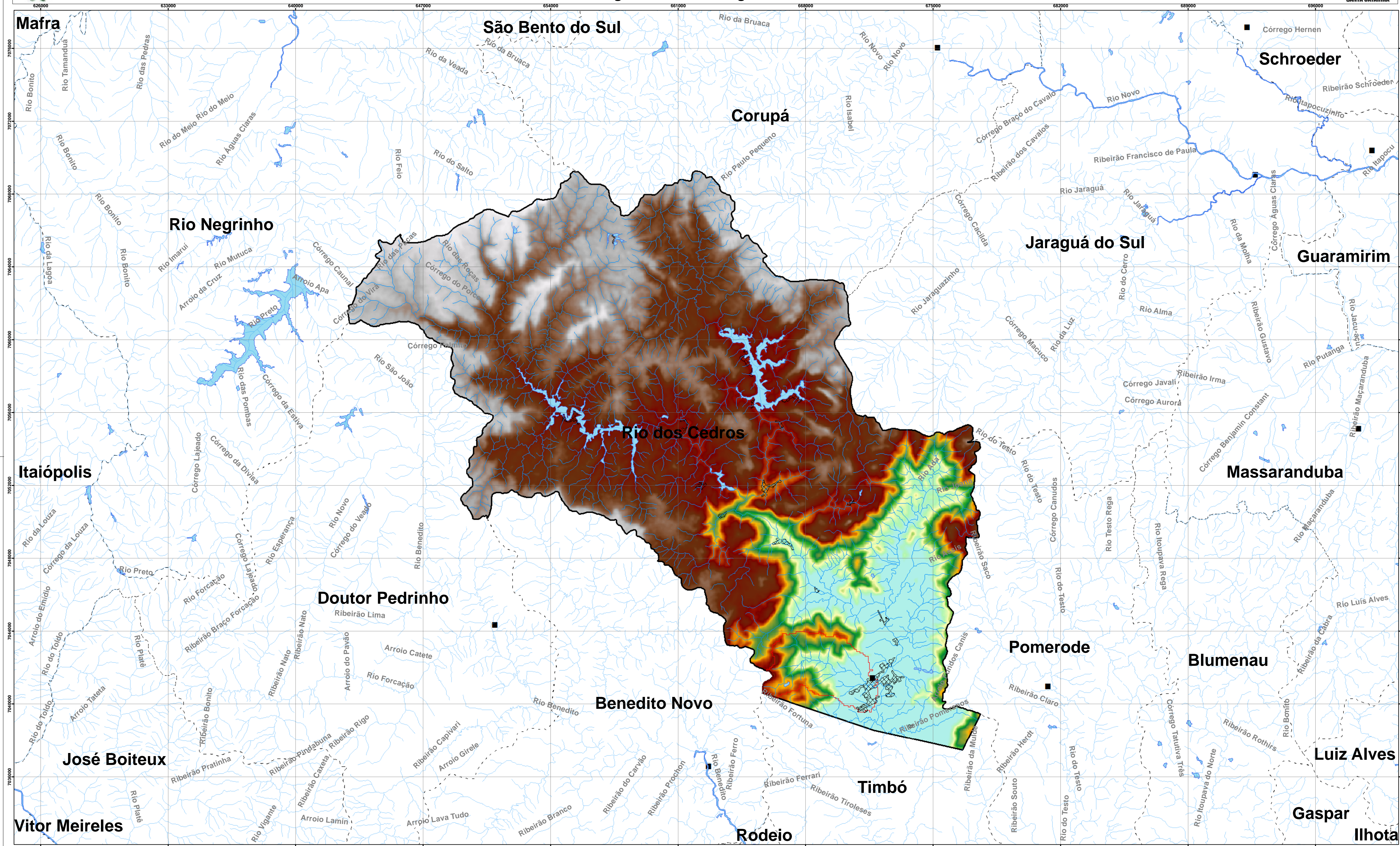


SDS

# Plano de Saneamento do Município de Rio dos Cedros Diagnóstico da Drenagem Urbana



SANTA CATARINA



- Convenções:**
- Sede Municipal
  - Curso d' Água
  - ▭ Compos d' Água
  - ▨ Área Urbana de Rio dos Cedros
  - ▭ Bacia Estudada
  - ▭ Limite do Município de Rio dos Cedros
  - - - Divisão Intermunicipal

**Hipsometria**  
**Altimetria (metros)**

1045  
68

**Fonte:**

- Hidrografia e Sede Municipal (1:50.000 e 1:100.000), Cartas IBGE, <http://geotip.ibge.gov.br/mapas/topograficos/topo50/vetor/>;
- Divisão Intermunicipal (1:250.000), Cartas IBGE, <http://geotip.ibge.gov.br/mapas/topograficos/topo50/vetor/>;
- Modelo Numérico de Elevação (MDE)-SRTM-NASA-EPAGRI (2008) <http://ciram.epagri.sc.gov.br/mapoteca/>.

1:100.000

0,6 1,2 1,8 km

Projeção Universal Transversa de Mercator

Origem da quilometragem: Equador e Meridiano 51° W. Gr.; acrescidas as constantes 10.000 km e 500 km, respectivamente



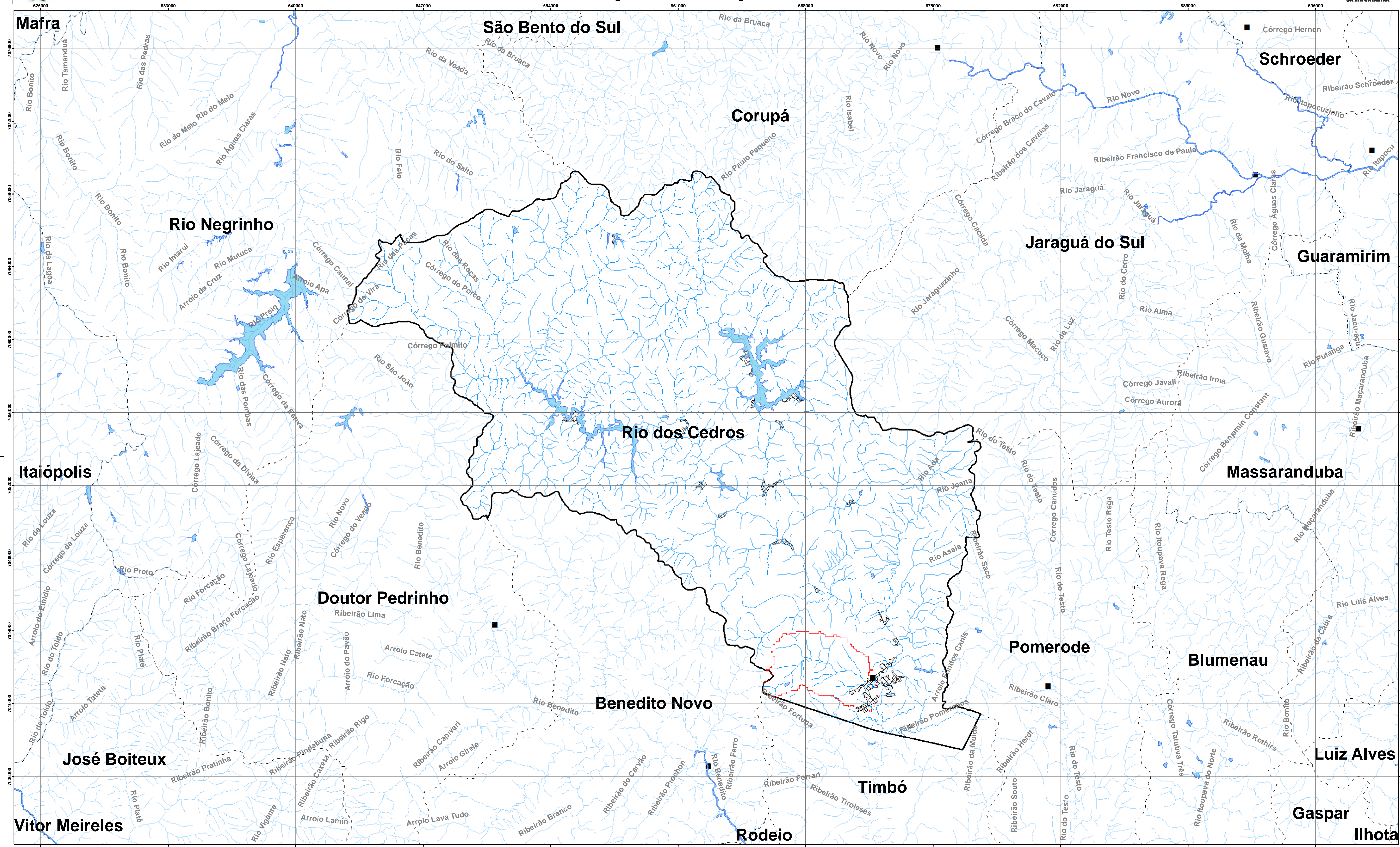
	<b>SDS</b>		Governador do Estado de Santa Catarina Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico Sustentável Diretoria de Saneamento e Meio Ambiente
	<b>Plano de Saneamento do Município de Rio dos Cedros</b>		
	<b>Hipsometria do Município de Rio dos Cedros</b>		
<b>Planos de Saneamento Municipais</b>			
Data:	Responsável Técnico:	Articulação:	
novembro/2010	MP/ESSE/SANETAL	Única	





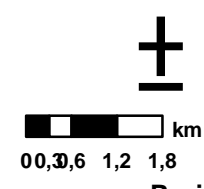
SDS

# Plano de Saneamento do Município de Rio dos Cedros Diagnóstico da Drenagem Urbana



- Convenções:**
- Sede Municipal
  - Curso d' Água
  - ▭ Compos d' Água
  - ▭ Área Urbana de Rio dos Cedros
  - ▭ Bacia Estudada
  - ▭ Limite do Município de Rio dos Cedros
  - - - Divisão Intermunicipal

**Fonte:**  
 - Hidrografia e Sede Municipal (1:50.000 e 1:100.000), Cartas IBGE, <http://geotip.ibge.gov.br/mapas/topograficos/topo50/vetor/>;  
 - Divisão Intermunicipal (1:250.000), Cartas IBGE, <http://geotip.ibge.gov.br/mapas/topograficos/topo50/vetor/>.



1:100.000

Projeção Universal Transversa de Mercator  
 Origem da quilometragem: Equador e Meridiano 51° W. Gr.; acrescidas as constantes 10.000 km e 500 km, respectivamente



SDS

Governo do Estado de Santa Catarina  
 Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico Sustentável  
 Diretoria de Saneamento e Meio Ambiente

Plano de Saneamento do Município de Rio dos Cedros

Rede Hidrográfica do Município de Rio dos Cedros

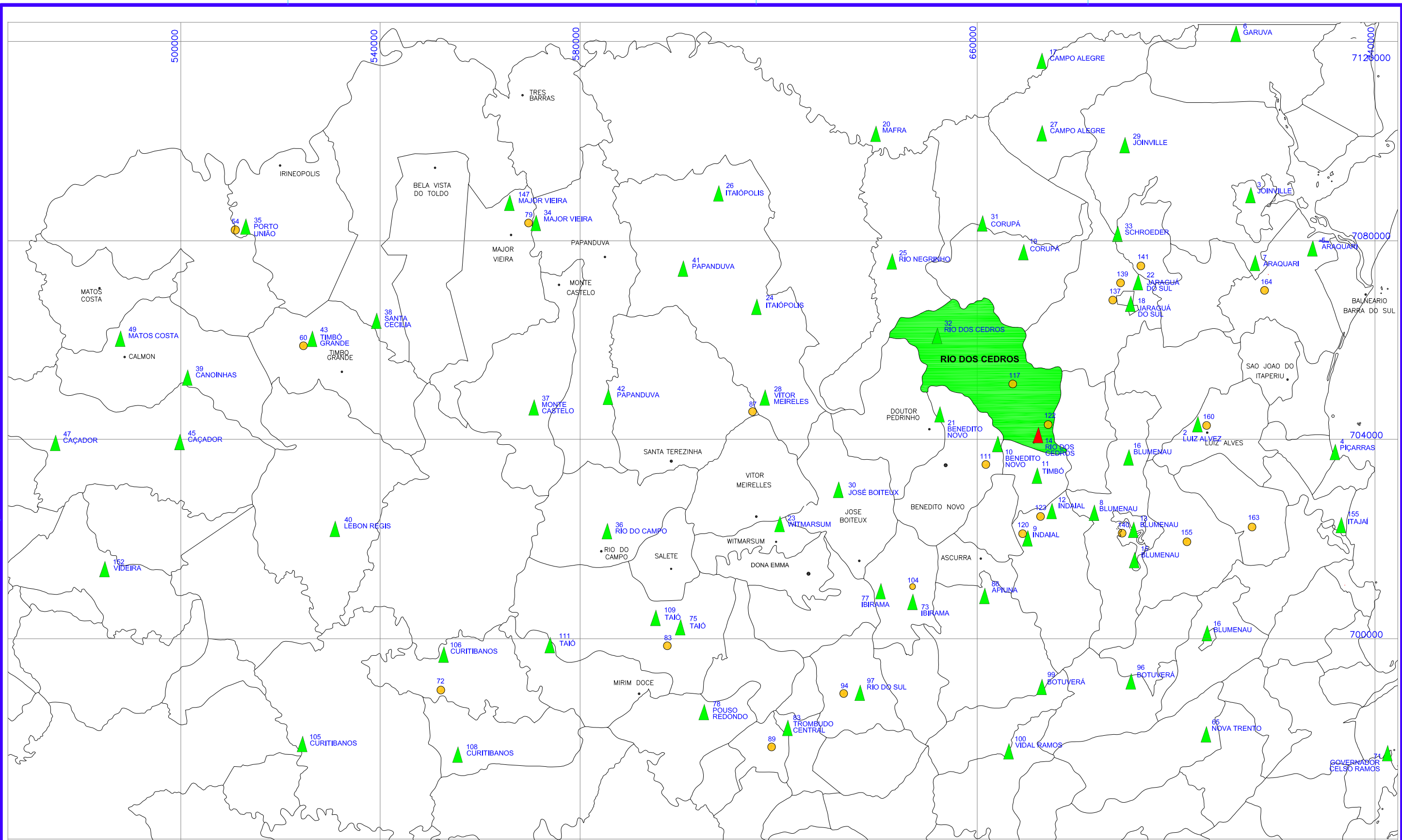
Planos de Saneamento Municipais

Data: novembro/2010

Responsável Técnico: MPBESSE/SANETAL

Articulação: Única





**LEGENDA:**

- ▲ ESTAÇÃO PLUVIOMÉTRICA ADOTADA (ÁLVARO BACK, 2002)
- ▲ ESTAÇÃO PLUVIOMÉTRICA (ÁLVARO BACK, 2002)
- ESTAÇÃO PLUVIOMÉTRICA (ANA)

NORTE



N°	REVISÃO	DATA
REV	Emissão original	FEV/2011
A		
B		
C		
D		
E		
F		
G		

MPB ENGENHARIA  
 RUA FELIPE SCHMIDT, 648, 9164-204  
 CENTRO - FLORENÓPOLIS - SC  
 CEP: 81161-000  
 FONE: (51) 3633-1111  
 WWW.MPBENGENHARIA.COM.BR

PROJETO	MPB/ESSE/SANETAL	DATA	FEV/2011
DESENHO	MPB/ESSE/SANETAL	DATA	FEV/2011
CONFERIDO			
APROVADO			
A. E. S. F.			

DE-2009-800-942-MPB-001

SECRETARIA DE ESTADO DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO SUSTENTÁVEL - SDS  
 SECRETARIA DE ESTADO DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO SUSTENTÁVEL - SDS  
 PLANO MUNICIPAL DE SANEAMENTO BÁSICO - PMSB

**PREFEITURA MUNICIPAL DE RIO DOS CEDROS**

**LOCALIZAÇÃO DAS ESTAÇÕES FLUVIOMÉTRICAS E PLUVIOMÉTRICAS**

PROJETO	MPB	VISTOS	DESENHO	DATA	FOLHA N°
ESCALA	1:750.000		TOPOGRAFIA	FEV/2011	01

## **ANEXO 3**

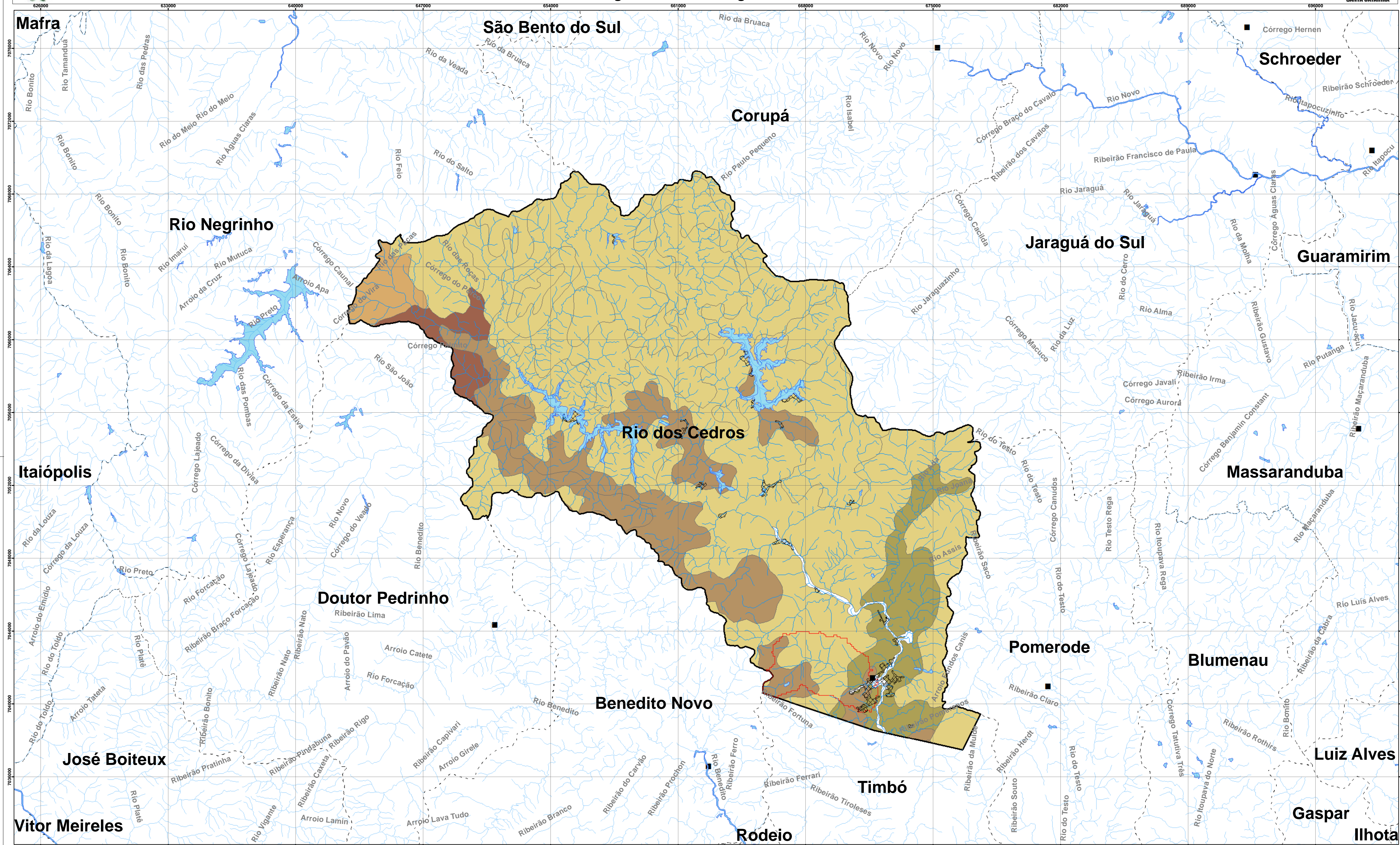
# **CLASSIFICAÇÃO, PERMEABILIDADE E USO DO SOLO**





SDS

# Plano de Saneamento do Município de Rio dos Cedros Diagnóstico da Drenagem Urbana



- Convenções:**
- Sede Municipal
  - Curso d' Água
  - Compos d' Água
  - Área Urbana de Rio dos Cedros
  - Bacia Estudada
  - Limite do Município de Rio dos Cedros
  - Divisão Intermunicipal

- Classificação do Solo**
- CORPO HÍDRICO
  - ARGISSOLO VERMELHO-AMARELO
  - CAMBISSOLO HÁPLICO
  - CAMBISSOLO HUMICO
  - GLEISSOLO HÁPLICO
  - NITOSSOLO HÁPLICO

**Fonte:**

- Hidrografia e Sede Municipal (1:50.000 e 1:100.000), Cartas IBGE, <http://geotop.ibge.gov.br/mapas/topograficos/topo50/vetor/>;
- Divisão Intermunicipal (1:250.000), Cartas IBGE, <http://geotop.ibge.gov.br/mapas/topograficos/topo50/vetor/>;
- Mapa de Solos do Estado de Santa Catarina (1:250.000), EMBRAPA (2001).

**1:100.000**

Projeção Universal Transversa de Mercator

Origem da quilometragem: Equador e Meridiano 51° W. Gr.; acrescidas as constantes 10.000 km e 500 km, respectivamente



Governo do Estado de Santa Catarina Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico Sustentável Diretoria de Saneamento e Meio Ambiente		
<b>Plano de Saneamento do Município de Rio dos Cedros</b>		
<b>Solos do Município de Rio dos Cedros</b>		
<b>Planos de Saneamento Municipais</b>		
Data: novembro/2010	Responsável Técnico: MPB/IESSE/ISANETAL	Articulação: Única



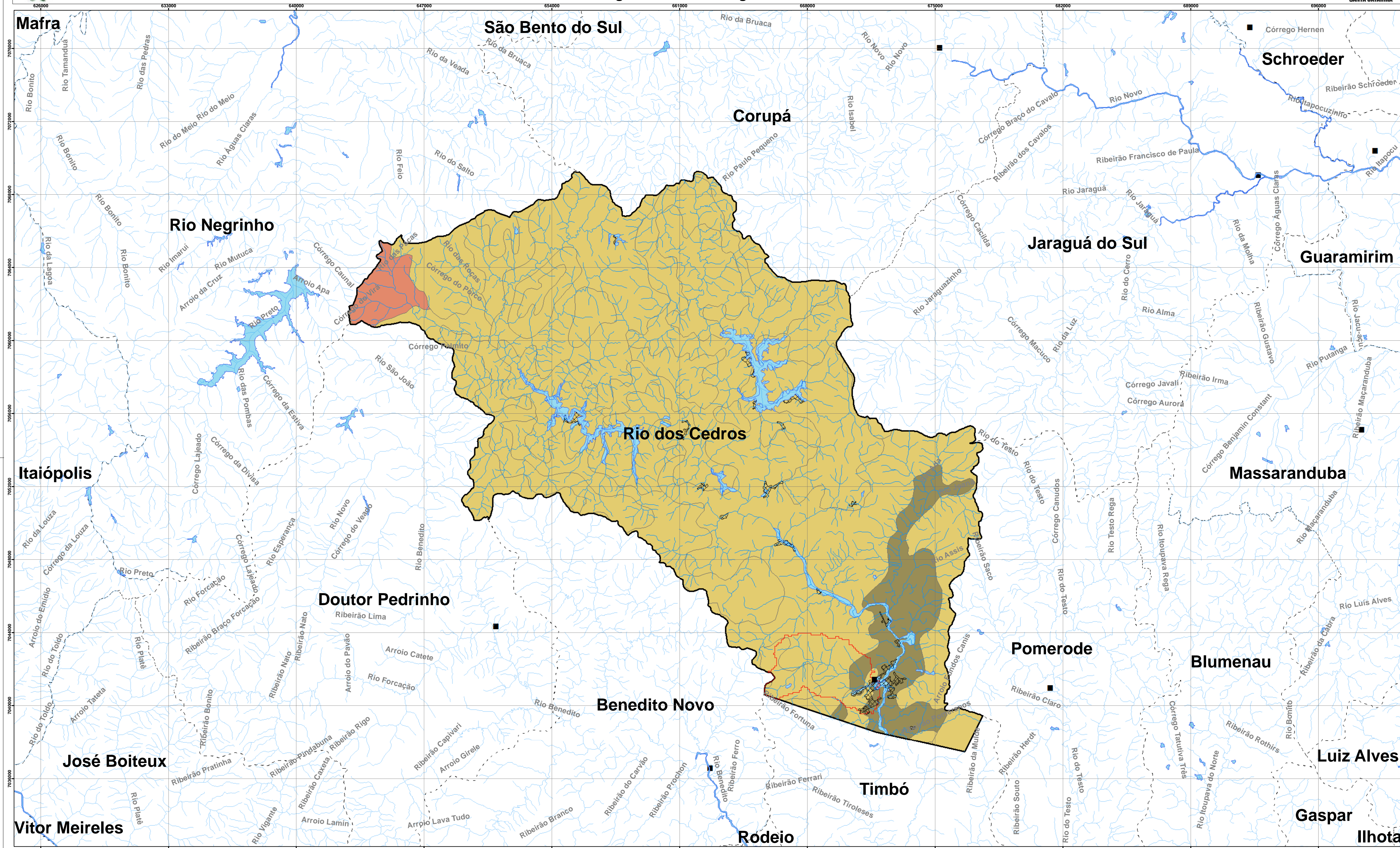


SDS

# Plano de Saneamento do Município de Rio dos Cedros Diagnóstico da Drenagem Urbana



SANTA CATARINA

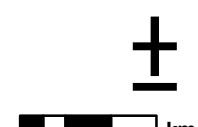


- Convenções:**
- Sede Municipal
  - Curso d' Água
  - ▭ Compos d' Água
  - ▭ Área Urbana de Rio dos Cedros
  - ▭ Bacia Estudada
  - ▭ Limite do Município de Rio dos Cedros
  - - - Divisão Intermunicipal

- PERMEABILIDADE DOS SOLOS**
- CORPO HIDRICO
  - BEM DRENADO
  - MUITO MAL DRENADO
  - MODERADAMENTE DRENADO

**Fonte:**

- Hidrografia e Sede Municipal (1:50.000 e 1:100.000), Cartas IBGE, <ftp://geotop.ibge.gov.br/mapas/topograficos/topo50/vetor/>;
- Divisão Intermunicipal (1:250.000), Cartas IBGE, <ftp://geotop.ibge.gov.br/mapas/topograficos/topo50/vetor/>;
- Mapa de Solos do Estado de Santa Catarina (1:250.000), EMBRAPA (2001).



1:100.000

Projeção Universal Transversa de Mercator  
Origem da quilometragem: Equador e Meridiano 51° W. Gr.; acrescidas as constantes 10.000 km e 500 km, respectivamente



SDS

Governo do Estado de Santa Catarina  
Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico Sustentável  
Diretoria de Saneamento e Meio Ambiente



Plano de Saneamento do Município de Rio dos Cedros

Permeabilidade dos Solos do Município de Rio dos Cedros

Planos de Saneamento Municipais

Data: novembro/2010

Responsável Técnico: MPBIESSE/SANETAL

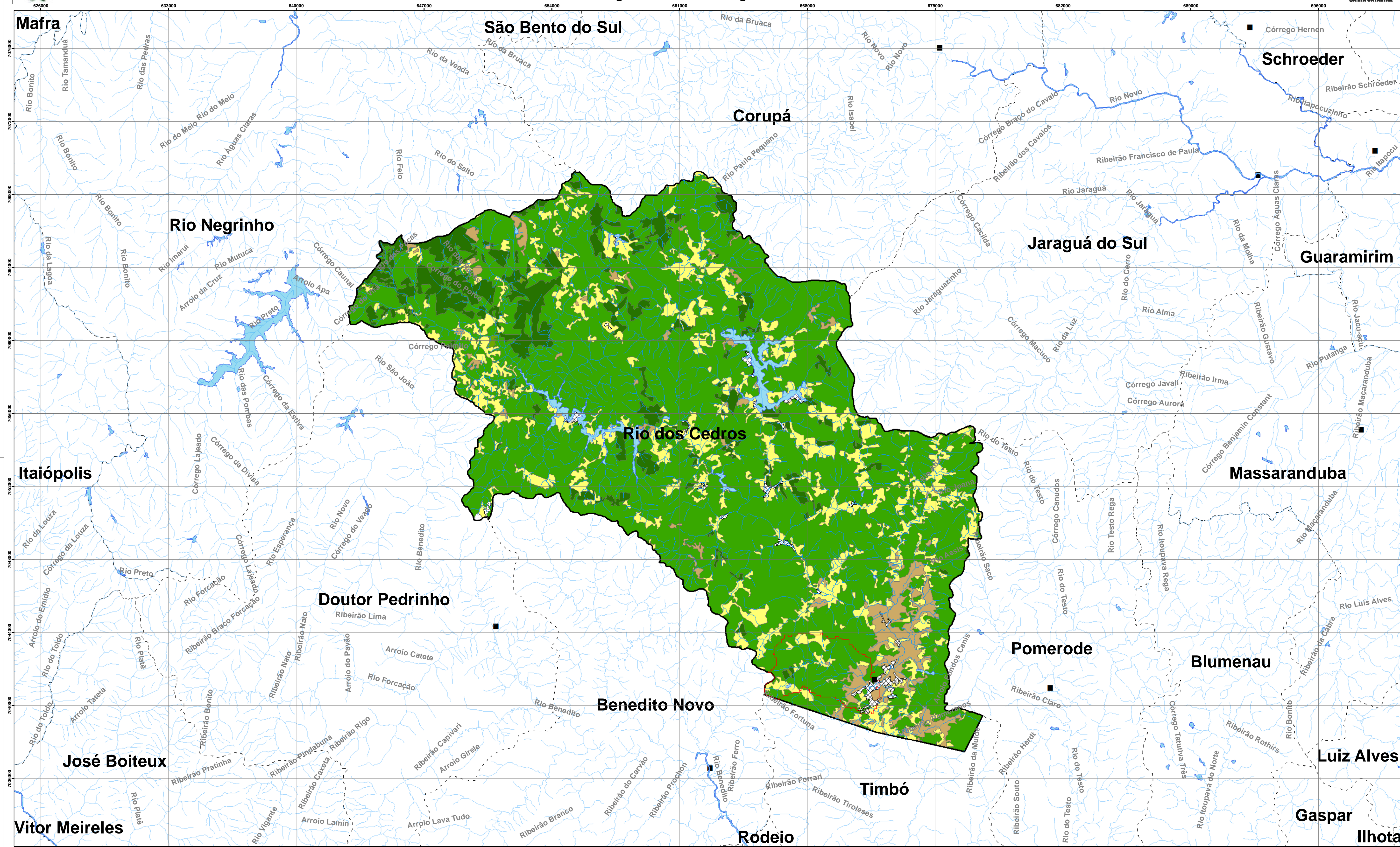
Articulação: Única





SDS

# Plano de Saneamento do Município de Rio dos Cedros Diagnóstico da Drenagem Urbana



- Convenções:**
- Sede Municipal
  - Curso d' Água
  - Compost d' Água
  - Área Urbana de Rio dos Cedros
  - Bacia Estudada
  - Limite do Município de Rio dos Cedros
  - Divisão Intermunicipal

- Classificação do Uso do Solo**
- CLASSE**
- CORPOS D'AGUA
  - AREA DE MINERACAO
  - AGRICULTURA
  - PASTAGENS E CAMPOS NATURAIS
  - FLORESTAS EM ESTAGIO INICIAL (PIONEIRO)
  - FLORESTAS EM ESTAGIO MEDIO OU AVANÇADO E/OU PRIMARIAS
  - REFORESTAMENTOS

**Fonte:**

- Hidrografia e Sede Municipal (1:50.000 e 1:100.000), Cartas IBGE, <ftp://geotop.ibge.gov.br/mapas/topograficos/topo50/vetor/>;
- Divisão Intermunicipal (1:250.000), Cartas IBGE, <ftp://geotop.ibge.gov.br/mapas/topograficos/topo50/vetor/>;
- Mapeamento da Cobertura Vegetal de Santa Catarina (1:50.000) - Projeto PPMA - FATMA - KFW (2008).

1:100.000

0,0 0,6 1,2 1,8 km

Projeção Universal Transversa de Mercator

Origem da quilometragem: Equador e Meridiano 51° W. Gr.; acrescidas as constantes 10.000 km e 500 km, respectivamente



<b>SDS</b>		
Governo do Estado de Santa Catarina Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico Sustentável Diretoria de Saneamento e Meio Ambiente		
<b>Plano de Saneamento do Município de Rio dos Cedros</b>		
<b>Classificação do Uso e Ocupação do Solo no Município de Rio dos Cedros</b>		
<b>Planos de Saneamento Municipais</b>		
Data:	Responsável Técnico:	Articulação:
novembro/2010	MPBIESSE/SANETAL	Única



## **ANEXO 4**

### **PLANILHA – METODOLOGIA CDP**



Município - Rio dos Cedros

Sistema	Aspectos	Elemento	Condicionante	Informações	Deficiência	Informações	Potencialidades	Informações	
Abastecimento Água	Técnicos	Manancial - Sistema Rio dos Cedros - Rio São Bernardo	Disponibilidade do Manancial	Vazão Outorgável do Rio São Bernardo = 40% da Q98 = 81,72 l/s			Implantação, conservação e recuperação das áreas de proteção dos mananciais	Preservação e ou recuperação da mata ciliar do manancial	
			Qualidade da água				Disponibilidade de água maior que a demanda		
		Manancial - Sistema Alto Rio dos Cedros - Aquífero Guaraní	Disponibilidade do Manancial					Grande disponibilidade de Água	
			Qualidade da água	Água de ótima qualidade				Água de Excelente Qualidade	
		Captação Sistema Rio dos Cedros - Rio São Bernardo	Vazão Captada	Vazão Captada = 10,41l/s				Aumento da captação caso haja mananciais superficiais satisfatórios	Capacidade de ampliação da captação / Novos pontos de captação
			Tipo de Captação	Barragem de Nível	Falta de manutenção	Lago da barragem açoriado	Implantação de um programa de manutenção periódica	Dragagem do fundo da barragem	
		Captação - Sistema Alto Rio dos Cedros	Vazão Captada	Vazão Captada = 2,31l/s				Aumento da captação	Capacidade de ampliação da captação / Novos pontos de captação
			Tipo de Captação	Poço Profundo				Implantação de um programa de manutenção periódica	
		Estação Elevatória de Água - Sistema Alto Rio dos Cedros	Nº de Bombas	1					
			Tempo de Operação	6 h/dia					
			Potência instalada	3,5 CV					Possibilidade de Ampliação
		Adutora de Água Bruta - Sistema Rio dos Cedros (Captação Principal)	Diâmetro	100mm					
			Extensão	3.800m					
			Material	Ferro Fundido (250m iniciais) e PVC Fofo					
		Adutora de Água Bruta - Sistema Rio dos Cedros (Captação Nascente)	Diâmetro	150mm					
			Extensão	4.000m					
			Material	Ferro Fundido (250m iniciais) e PVC Fofo					
		Adutora de Água Bruta - Sistema Rio dos Cedros (Paliativa)	Diâmetro	100mm					
			Extensão	1700m					
			Material	PVC					
		Adutora de Água Bruta - Sistema Alto Rio dos Cedros	Diâmetro	40mm					
			Extensão	1000m					
			Material	PVC					
		ETA - Sistema Rio dos Cedros	Capacidade de tratamento (m³/dia)	9,02l/s	Atualmente está operando com uma vazão acima da de projeto			Capacidade de ampliação	Área / Recursos Financeiros
			Tipo de tratamento	Tratamento do tipo convencional	Geração de lodo sem tratamento	Atualmente não há nenhum tratamento do lodo, o lodo é descartado diretamente no rio	Implantação de um sistema de tratamento do lodo		
					Falta de manutenção	Manutenção precária ou inexistente podendo ocasionar uma parada no tratamento	Implantação de um programa de manutenção periódica na ETA		
		ETA - Sistema Alto Rio dos Cedros	Capacidade de tratamento (m³/dia)	2,31 l/s					
			Tipo de tratamento	Tratamento do tipo simples desinfecção					
		Adutora de Água Tratada - Sistema Rio dos Cedros	Diâmetro	150mm					
			Extensão	320m					
	Material		PVC Fofo						
	Reservatório Sistema Rio dos Cedros	Volume de Reservação	Dois Reservatório um de 250m³ e outro de 500m³ ambos apoiados e de concreto				Capacidade de reservação superior a 1/3 da vazão máxima diária	Possibilidade de ampliar a capacidade de reservação sem a necessidade de aumentar a reservação	
							Implantação de um programa de manutenção periódica	Realizar a limpeza interna do reservatório periodicamente, pintura externa, troca e ou manutenção dos registros, verificar a ocorrência de vazamentos	
	Reservatório Sistema Alto Rio dos Cedros	Volume de Reservação	Dois Reservatório de 20m³ cada ambos de fibra de vidro e elevados				Capacidade de reservação superior a 1/3 da vazão máxima diária	Possibilidade de ampliar a capacidade de reservação sem a necessidade de aumentar a reservação	
							Implantação de um programa de manutenção periódica	Realizar a limpeza interna do reservatório periodicamente, pintura externa, troca e ou manutenção dos registros, verificar a ocorrência de vazamentos	
	Rede de Distribuição - Sistema Rio dos Cedros	Extensão total da rede	54.000m	Ausência de cadastro			Ampliação da rede de distribuição		
		Atendimento Municipal	Atendimento de 100% da população urbana no município Atendimento de 9,47% da população rural no município	Existência de áreas não atendidas	90,53% da área Rural não atendida	Estudo de viabilidade para implantação de sistemas para pequenas comunidades			
		Nº de ligações	1720 ligações, sendo todas hidrômetradas			Melhoria na micromedição	Manutenção periódica e ou troca dos hidrômetros com mais de 10 anos de uso		
		Perdas	Índice de perdas de distribuição 22,80%			Controle de pressões	Válvulas reductoras de pressão/ Sobreprensoras/ Sectorização/ Reservatórios e instalações elevatórias		
						Programa de controle e redução de perdas			
	Rede de Distribuição - Sistema Alto Rio dos Cedros	Extensão total da rede	2.800m	Ausência de cadastro / Rede com diâmetro inadequado (menor que 50 mm)			Ampliação da rede de distribuição		
		Atendimento Municipal	Atendimento de 100% da população urbana no município Atendimento de 9,47% da população rural no município	Existência de áreas não atendidas	90,53% da área Rural não atendida	Estudo de viabilidade para implantação de sistemas para pequenas comunidades			
		Nº de ligações	40 ligações	100% das ligações hidrômetradas		Melhoria na micromedição	Manutenção periódica e ou troca dos hidrômetros com mais de 10 anos de uso		
		Perdas	Índice de perdas de distribuição 22,80%			Controle de pressões	Válvulas reductoras de pressão/ Sobreprensoras/ Sectorização/ Reservatórios e instalações elevatórias		
						Programa de controle e redução de perdas			
Gestão	Institucional	Licença Ambiental para Captação	A companhia informou que possui licença Ambiental						
		Outorga de captação de água	Outorga (Rio São Bernardo) para captar 9,34 l/s	Atualmente está captando uma vazão maior que a outorgada					
		Licença de Operação da ETA	A companhia informou que possui licença Ambiental						
		Contrato de Concessão com o Município	Contrato de concessão com validade até 2012						
		Atendimento ao Público		Inexistência de um banco de dados com informações sobre as reclamações e solicitações de serviços		Implantação de um banco de dados com informações sobre as reclamações e solicitações de serviços			
		Campanha, Programa e ou Atividade				Elaboração de campanhas periódicas, programas ou atividades com a participação da comunidade			
		Cobrança/ Tarifas	A companhia possui uma política tarifária uniforme para todo Estado						
	Legal e Normativo	Lei 6938/81; Lei 7347/85; Lei 9.605/98; Lei Estadual Nº 9.748/94; Lei Estadual 5.793/80; CONAMA 357/05; Portaria MS 518/04; Lei 9.433/97; Lei 9795/99; Instrução normativa MMA nº 04/00; Resolução CONAMA 396/08							

Município - Rio dos Cedros

Sistema	Aspectos	Elemento	Condicionante	Informações	Deficiência	Informações	Potencialidades	Informações
Esgotamento Sanitário	Técnicos	Rede Coletora			Área não atendida	100% da População	Implantação da rede coletora	Área / Recursos Financeiros
					Ligações clandestinas de esgoto na rede de drenagem pluvial		Implantação da rede coletora	Área / Recursos Financeiros
							Fiscalização	
							Campanha de conscientização	
		Estação elevatória de esgoto					Implantação da estação elevatória de esgoto	Área / Recursos Financeiros
		ETE					Implantação da ETE	Área / Recursos Financeiros
		Emissário					Implantação do Emissário	Área / Recursos Financeiros
	Corpo Receptor					Adotar o Rio dos Cedros e do Rio São Bernardo como corpo receptor após implantação de tratamento adequado		
	Sistemas (soluções) Alternativos	Fossa Séptica/ Sumidouro			Sistema inadequado	Fossa séptica fora da norma / Sumidouro em dimensões inadequadas	Sistemas adequados de acordo com a norma	
	Gestão	Institucional	Campanha/ Programa/ Atividade			Não houve campanha, programa ou atividade com a participação da comunidade		Elaboração de campanha, programa ou atividade com a participação da comunidade
Legal e Normativo		Lei 6938/81; Lei 7347/85; CONAMA Nº 357/05; CONAMA Nº 274/00; Lei 9.605/98; Lei Estadual 5.793/80; Portaria MS 518/04; Lei 9.433/97; Lei 9795/99; CONAMA Nº 397/08; NBR 13969; NBR 7229						

Município - Rio dos Cedros

Sistema	Aspectos	Elemento	Condicionante	Informações	Deficiência	Informações	Potencialidades	Informações	
Resíduos Sólidos	Técnicos	Geração	Massa coletada per capita em relação à população atendida com serviço de coleta (Resíduos sólidos urbanos + resíduos de serviços de saúde sépticos)	A geração per capita de resíduos em Rio dos Cedros é de aproximadamente 0,35 Kg/hab.dia. A geração média per capita de resíduos sólidos nos municípios brasileiros de até 30.000 habitantes é de aproximadamente 0,5 Kg/hab.dia.					
		Segregação	Separação ou seleção apropriada dos resíduos sólidos no momento e local de sua geração	Atualmente, somente os resíduos sólidos urbanos gerados na área urbana de Rio dos Cedros estão sendo separados na fonte. Todo o material reciclável está sendo acondicionado separadamente dos resíduos orgânicos e dos rejeitos. Todos os resíduos de serviços de saúde sépticos gerados nos estabelecimentos de saúde do município também estão sendo segregados na fonte.	Ausência de separação dos materiais recicláveis na área rural, devido a ausência de coleta seletiva.		Campanha de conscientização para separação dos materiais recicláveis, mediante implantação de coleta seletiva.		
		Acondicionamento	Acondicionamento dos resíduos sólidos em recipientes compatíveis com o tipo e a quantidade de resíduos.	Os resíduos sólidos urbanos gerados no Município de Rio dos Cedros são acondicionados em sacos plásticos de supermercados ou especiais para lixo.					
				Os resíduos de serviços de saúde sépticos gerados nos estabelecimentos de responsabilidade da Prefeitura de Rio dos Cedros estão sendo acondicionados diretamente em sacos plásticos (infecantes) e em recipientes de material rígido (perfurcortantes).					
		Armazenamento	Guarda dos sacos/recipientes de resíduos até a realização da coleta	Os sacos dos resíduos sólidos urbanos são colocados, de forma geral, sobre o passeio ou armazenados em lixeiras. Os resíduos de serviços sépticos são armazenados em contentores específicos.	Armazenamento dos sacos dos resíduos sólidos urbanos sobre o passeio.		Campanha de conscientização para o armazenamento correto dos resíduos sólidos urbanos.		
		Coleta	Remoção regular do lixo gerado no município	Abrangência da coleta convencional de resíduos sólidos urbanos : população urbana (100%), população rural (100%), população total (100%). A coleta do resíduo público e a coleta do resíduo domiciliar efetuada nos bairros (fora do Centro) ocorrem com frequência semanal. Já a coleta do resíduo domiciliar gerado no Centro e a dos resíduos comerciais, industriais comuns e de serviços de saúde assépticos ocorrem com frequência de 2 vezes por semana.		Ausência de itinerário de coleta.		Elaboração de um itinerário de coleta com um roteiro gráfico de área, em mapa ou croqui.	
				A prefeitura realiza a coleta seletiva de materiais recicláveis em toda a área urbana, sendo esta de frequência quinzenal.		Ausência de coleta seletiva de recicláveis na área rural.		Implantação da coleta de recicláveis na área rural.	
				A coleta dos resíduos de serviços de saúde sépticos é realizada, atualmente, pela Empresa Getal, para prestação de serviço de coleta nos estabelecimentos administrados pela municipalidade. A coleta é realizada com frequência mensal.		Ausência de itinerário de coleta seletiva de recicláveis .		Elaboração de um itinerário de coleta seletiva de recicláveis com um roteiro gráfico de área, em mapa ou croqui.	
						Inexistência da coleta seletiva de resíduos orgânicos em todo o município.		Implantação da coleta seletiva de orgânicos em todo o município.	
		Transporte	Veículos	A frota disponível para a coleta convencional dos resíduos sólidos urbanos constitui-se de um caminhão coletor com caçamba compactadora com capacidade para armazenar 7 m³ e para coleta seletiva um caminhão caçamba. O transporte dos resíduos de serviços de saúde sépticos é realizado em veículo destinado a coletar exclusivamente esse tipo de resíduo (Empresa Getal).					
			Vias de acesso (estado de conservação)	As vias de acesso para o transporte dos resíduos sólidos urbanos e dos resíduos de serviços de saúde sépticos estão em bom estado de conservação.				Melhoria contínua das vias de acesso.	
		Limpeza Urbana	Capina, varrição e roçada	Os serviços de varrição, capina e roçada de Rio dos Cedros são realizados pela prefeitura conjuntamente, ou seja, com a mesma equipe para o desenvolvimento de todas as atividades (05 funcionários). A varrição é realizada, de forma manual, com frequência diária no Centro e mensal no restante da cidade. Já os serviços de capina e roçada são realizados em toda a cidade, de forma manual e química (capina), a cada 45 dias.					
	Tratamento e Disposição Final	Técnica de tratamento/ Local de disposição final	A disposição final dos resíduos sólidos urbanos coletados em Rio dos Cedros ocorre no Aterro Sanitário de Timbó - SC, através do Consórcio Intermunicipal do Médio Vale do Itajaí - CIMVI.		Ausência de tratamento físico-químico para o chorume produzido no aterro sanitário.		Implantação de tratamento físico-químico aliado ao tratamento biológico já existente.		
			Os resíduos de serviços de saúde sépticos têm destinação final no Aterro Sanitário da RECICLE, localizado em Brusque-SC, onde são dispostos em valas sépticas com adição de cal virgem.						
		Antigo depósito de lixo	Atualmente, a área (Localidade 1ª de Maio) encontra-se coberta com vegetação nativa.		Nenhum programa de recuperação ambiental foi realizado para amenizar o impacto causado pela disposição dos resíduos ao longo dos anos.		Realização de programa de recuperação ambiental da área.		
	Gestão	Licença Ambiental de Operação (coleta, transporte e disposição final)	O serviço de destinação final dos resíduos sólidos urbanos e dos resíduos de serviços de saúde sépticos possuem licença ambiental de operação junto à FATMA.						
		Campanhas / Programas			Não realização, por parte da municipalidade, de campanhas de sensibilização/mobilização social e de programas de educação ambiental e/ou sanitária para o manejo de resíduos sólidos domiciliares, visando à redução da geração dos mesmos.		Implantação de campanhas e programas de educação para o manejo de resíduos sólidos no município.		
		Treinamentos			Inexistência de treinamentos e capacitação do pessoal administrativo e de operação/manutenção da prefeitura no que se refere ao manejo dos resíduos sólidos.		Realização, com frequência regular, de treinamentos e capacitação do pessoal administrativo e de operação/manutenção.		
		Planejamento		Ausência de um serviço organizado de atendimento ao público para solicitações e reclamações referentes à coleta de lixo e limpeza urbana.				Implantação de um serviço de atendimento ao cidadão.	
				Ausência de um Plano de Gerenciamento de Resíduos Sólidos no âmbito municipal.				Elaboração de um Plano de Gerenciamento de Resíduos Sólidos.	
	Legal e Normativo	Lei 6938/81; Lei 7347/85; Lei 9.605/98; Resolução CONAMA 005/93; Resolução CONAMA 275/01; RDC ANVISA 217/01; Lei Estadual 5.793/80; NBR 10004 / NBR 10005; NBR 10006; NBR 10007; NBR 7500; NBR 9191; Decreto 96.044; Lei 9795/99; Decreto nº 5940/06; NBR 13221; NBR 12235; Resolução CONAMA 401/08; Resolução CONAMA 358/05							

**Município : RIO DOS CEDROS**

Sistema	Aspectos	Elemento	Condicionante	Informações	Deficiência	Informações	Potencialidades	Informações
Drenagem Urbana	Técnicos	Microdrenagem	Rede de drenagem subterrânea	A rede de drenagem subterrânea conta com 15 km de rede implantada	Vias urbanas sem pavimentação	O município conta com aproximadamente 18,75 km (50%) de ruas sem pavimentação	Pavimentação das vias urbanas	
					Ruas pavimentadas sem atendimento	O município conta com aproximadamente 3,75 km (20%) de ruas pavimentadas sem drenagem subterrânea	Implantação de drenagem	Elaboração de projetos e execução das obras de micro-drenagem
					Despejos clandestinos de esgoto ou lixo na rede de galerias de águas pluviais	São lançados clandestinamente na rede de drenagem urbana: Esgotos sanitários, resíduos sólidos.	Adequação das ligações indevidas de esgoto na rede de galerias de águas pluviais / Fiscalização	Campanha educacional com objetivo de informar a população dos problemas oriundos das práticas utilizadas em jogar lixo na drenagem, além de ligações clandestinas de esgotos sanitários na rede de drenagem pluvial
					Obras inadequadas	Não foram identificados cadastro e projetos de obras existentes	Projeto de adequação e melhoramentos das obras de microdrenagem existentes	
		Macrodrenagem	Elementos Hidráulicos	Corpos hídricos principais : Rio dos Cedros, Ribeirão São Bernardo	Conservação e manutenção inadequadas	Falta de limpeza e desobstrução periódica das galerias	Manutenção e conservação periódica das galerias de drenagem	Readequar a frequência das limpezas
					Ocorrência de inundações e/ou alagamentos	Registram-se alagamentos no centro da cidade numa área estimada de 0,64 km²	Identificação e controle de causas e fatores agravantes das inundações e/ou alagamentos	
					Assoreamento de rios, córregos ou cursos d'água		Desassoreamento e revitalização das margens de rios, córregos ou cursos d'água	
					Obras inadequadas	Não foram identificados cadastro e projetos de obras existentes	Projeto de adequação e melhoramentos de obras	
					Inexistência de cartografia para estudos de índice de impermeabilização e pontos críticos de estabilidade geotécnica na área urbana		Estabelecer ações adequadas para execução da cartografia em escalas compatíveis para os estudos de impermeabilização e pontos de estabilidade geotécnica	
	Gestão	Institucional	Secretaria de Obras	Pessoal ocupado : 1 operacional, 2 administrativos	Falta de capacitação e treinamento	Do pessoal envolvido 1 administrativo atua com dedicação parcial nos serviços. O pessoal não teve treinamento e capacitação	Execução de programa de capacitação para o pessoal envolvido	
					Comitê de Gerenciamento da Bacia do Rio Itajai	O município interaje com o Comitê Itajai		
		Legal e Normativo	Lei 6938/81; Lei 7347/85; Lei 9.605/98; Lei Estadual 5.793/80; NBR-15.527					

## **ANEXO 5**

### **FIGURA – METODOLOGIA CDP**



# SISTEMA RIO DOS CEDROS

Manancial - Nascente

Captação superficial - Nascente

Manancial - Nascente

Captação superficial - Nascente

Manancial - Ribeirão São Bernardo

Captação Principal - Ribeirão São Bernardo

Reservatórios
















ETA - CENTRO

Rio dos Cedros

Lançamento do Lodo da ETA

Descrição dos Pontos (Sist. Rio dos Cedros)	Coordenadas UTM (SAD - 69)	
	UTM N	UTM E
Captação superficial: Rio São Bernardo	7.042.113,67	669.378,87
Captação superficial: Nascente	7.042.210,77	669.149,94
Captação superficial: Nascente	7.042.554,72	668.240,26
ETA	7.041.491,00	671.478,28
Reservatórios R1 e R2	7.041.465,13	671.479,61

## CONVENÇÕES

 - E.T.A	 - MANANCIAL (superficial/poço)	 - CONDICIONANTES	 - CONDICIONANTES + POTENCIALIDADES
 - CAPTAÇÃO	 - RESERVATÓRIO	 - DEFICIÊNCIAS	 - DEFICIÊNCIAS + POTENCIALIDADES
 - ÁREA ATENDIDA POR ABASTECIMENTO DE ÁGUA	 - ADUTORA DE ÁGUA BRUTA	 - POTENCIALIDADES	 - CONDICIONANTES + DEFICIÊNCIAS + POTENCIALIDADES
 - BOOSTER	 - ADUTORA DE ÁGUA TRATADA	 - CONDICIONANTES + DEFICIÊNCIAS	

NORTE



Nº	REVISÃO	DATA
REV	Elaboração original	JUNHO/2010
A	Confirmação Análise da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico Sustentável - SDS	OUTUBRO/2010
B		
C		
D		
E		
F		
G		

PROJETO	MPB	DATA
DESENHO	MPB	06/06/2010
CONFERIDO		
APROVADO		
A. E. S. N.		
A.E.S.N.		

MPB ENGENHARIA  
 RUA FELIPE SCHMITZ, 646 - PÁRA 204  
 CENTRO - FLORENÓPOLIS - RJ  
 CEP: 13.161-000 - FONE: (24) 30233882  
 www.mpb.com.br

Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico Sustentável  
 SECRETARIA DE ESTADO DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO SUSTENTÁVEL - SDS  
 PLANO MUNICIPAL DE SANEAMENTO BÁSICO - PMSB

PREFEITURA MUNICIPAL DE RIO DOS CEDROS

**FIGURA CDP - SISTEMA DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA**

PROJETO: MPB  
 ESCALA: 1:50.000  
 DATA: 08/06/2010  
 DATA TOP: 08/06/2010

FOLHA Nº: 01A/04

DE-2009-800-942-MPB-001



# SISTEMA ALTO RIO DOS CEDROS



● Reservatório / Tanque de Contato

■ Ponto de captação

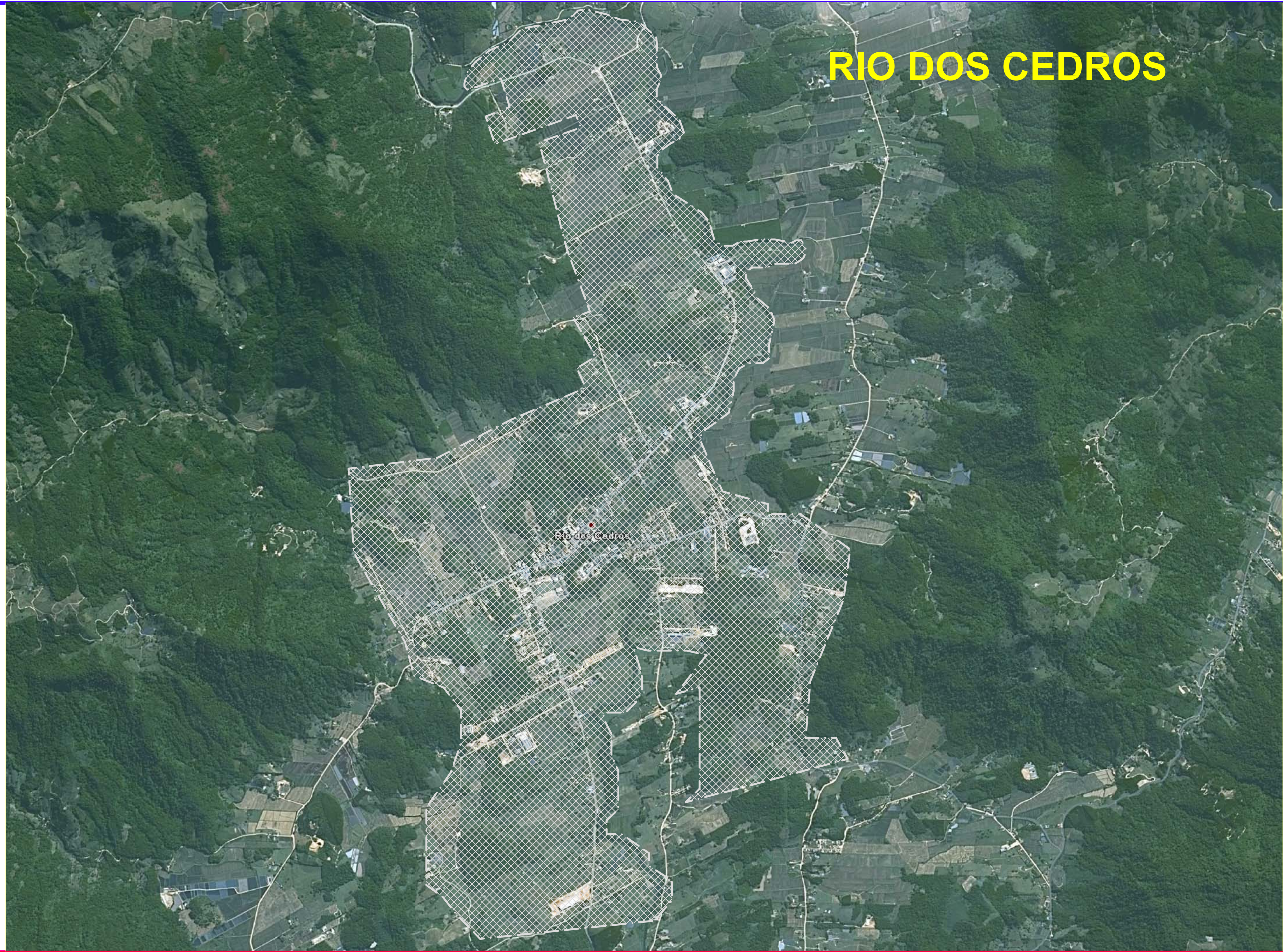
Manancial - Poço profundo

Descrição dos Pontos (Sist. Alto Rio dos Cedros)	Coordenadas UTM (SAD - 69)	
	UTM N	UTM E
Reservatórios / Tanque de contato	7.055.563,85	655.232,63
Poço profundo	7.055.501,67	655.105,81

<p><b>CONVENÇÕES</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- E.T.A</li> <li>- CAPTAÇÃO</li> <li>- ÁREA ATENDIDA POR ABASTECIMENTO DE ÁGUA</li> <li>- BOOSTER</li> <li>- MANANCIAL (superficial poço)</li> <li>- RESERVATÓRIO</li> <li>- ADUTORA DE ÁGUA BRUTA</li> <li>- ADUTORA DE ÁGUA TRATADA</li> <li>- CONDICIONANTES</li> <li>- DEFICIÊNCIAS</li> <li>- POTENCIALIDADES</li> <li>- CONDICIONANTES + DEFICIÊNCIAS</li> <li>- CONDICIONANTES + POTENCIALIDADES</li> <li>- DEFICIÊNCIAS + POTENCIALIDADES</li> <li>- CONDICIONANTES + DEFICIÊNCIAS + POTENCIALIDADES</li> </ul>				<p>MPB ENGENHARIA</p> <p>AV. FELIPE SCHMITZ, 646, 9164-204</p> <p>CENTRO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO SUSTENTÁVEL - SDS</p> <p>CENTRO - FLORENÓPOLIS - SC</p> <p>CEP: 89.191-000</p> <p>www.mpb.eng.br</p>	<p>SECRETARIA DE ESTADO DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO SUSTENTÁVEL - SDS</p> <p>SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO SUSTENTÁVEL - SDS</p> <p>PLANO MUNICIPAL DE SANEAMENTO BÁSICO - PMSB</p>	<p>PREFEITURA MUNICIPAL DE RIO DOS CEDROS</p> <p>FIGURA CDP - SISTEMA DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA</p>
<p>DE-2009-800-942-MPB-001</p>		<p>PROJETO: MPB</p> <p>ESCALA: 1:50.000</p> <p>DATA: 08/06/2010</p> <p>FOLHA Nº: 01B/04</p>	<p>PROJETO: MPB</p> <p>ESCALA: 1:50.000</p> <p>DATA: 08/06/2010</p> <p>FOLHA Nº: 01B/04</p>			



# RIO DOS CEDROS



## CONVENÇÕES



- ÁREA NÃO ATENDIDA POR ESGOTAMENTO SANITÁRIO, 100% DA POPULAÇÃO.

- |   |   |
|---|---|
|  - CONDICIONANTES                |  - CONDICIONANTES + POTENCIALIDADES                |
|  - DEFICIÊNCIAS                  |  - DEFICIÊNCIAS + POTENCIALIDADES                  |
|  - POTENCIALIDADES               |  - CONDICIONANTES + DEFICIÊNCIAS + POTENCIALIDADES |
|  - CONDICIONANTES + DEFICIÊNCIAS |   |

NORTE



Nº	REVISÃO	DATA
1	Elaboração original	JUNHO/2010
2	Confirmação Análise da Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico Sustentável - SDS	OUTUBRO/2010
3		
4		
5		
6		

PROJETO	MPB	DATA
DESENHO	MPB	11/06/2010
CONFERIDO		
APROVADO		
A. E. S. N.		
A.E.S.N.		

DE-2009-800-942-MPB-001

MPB ENGENHARIA  
 RUA FELIPE SCHMIDT, 646, PAÇA 204  
 CENTRO - FLORENÓPOLIS - SC  
 CEP: 89.181-000 - FONE: (51) 3223.3882  
 www.mpb.eng.br

Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico Sustentável - SDS  
 SECRETARIA DE ESTADO DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO SUSTENTÁVEL - SDS  
 PLANO MUNICIPAL DE SANEAMENTO BÁSICO - PMSB

PREFEITURA MUNICIPAL DE RIO DOS CEDROS

### FIGURA CDP - SISTEMA DE ESGOTAMENTO SANITÁRIO

PROJETO: MPB  
 ESCALA: S/ESCALA  
 DATA: 11/06/2010  
 DATA TOP:   
 FOLHA Nº: 02B/04



# DISTRITO CEDRO ALTO RIO DOS CEDROS



## CONVENÇÕES



- ÁREA NÃO ATENDIDA POR ESGOTAMENTO SANITÁRIO

- CONDICIONANTES

- DEFICIÊNCIAS

- POTENCIALIDADES

- CONDICIONANTES + DEFICIÊNCIAS

- CONDICIONANTES + POTENCIALIDADES

- DEFICIÊNCIAS + POTENCIALIDADES

- CONDICIONANTES + DEFICIÊNCIAS + POTENCIALIDADES

NORTE



Nº	REVISÃO	DATA
REV	Então original	10/03/2010
A	Conforme Análise da Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico Sustentável - SES	OUTUBRO/2010
B		
C		
D		
E		
F		
G		

PROJETO	MPB	DATA
DESENHO	MPB	06/06/2010
CONFERIDO		
APROVADO		
A. E. S. N.		APROVAÇÃO
A.E.S.N.		ASSINATURA

DE-2009-800-942-MPB-001

MPB ENGENHARIA  
SUA POLUIÇÃO, S.A. S/A 204  
CENTRO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO SUSTENTÁVEL - SES  
CIVIL - FLORENÓPOLIS - SC  
CNPJ: 07.917.111/0001-00

Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico Sustentável  
SECRETARIA DE ESTADO DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO SUSTENTÁVEL - SDS  
PLANO MUNICIPAL DE SANEAMENTO BÁSICO - PMSB

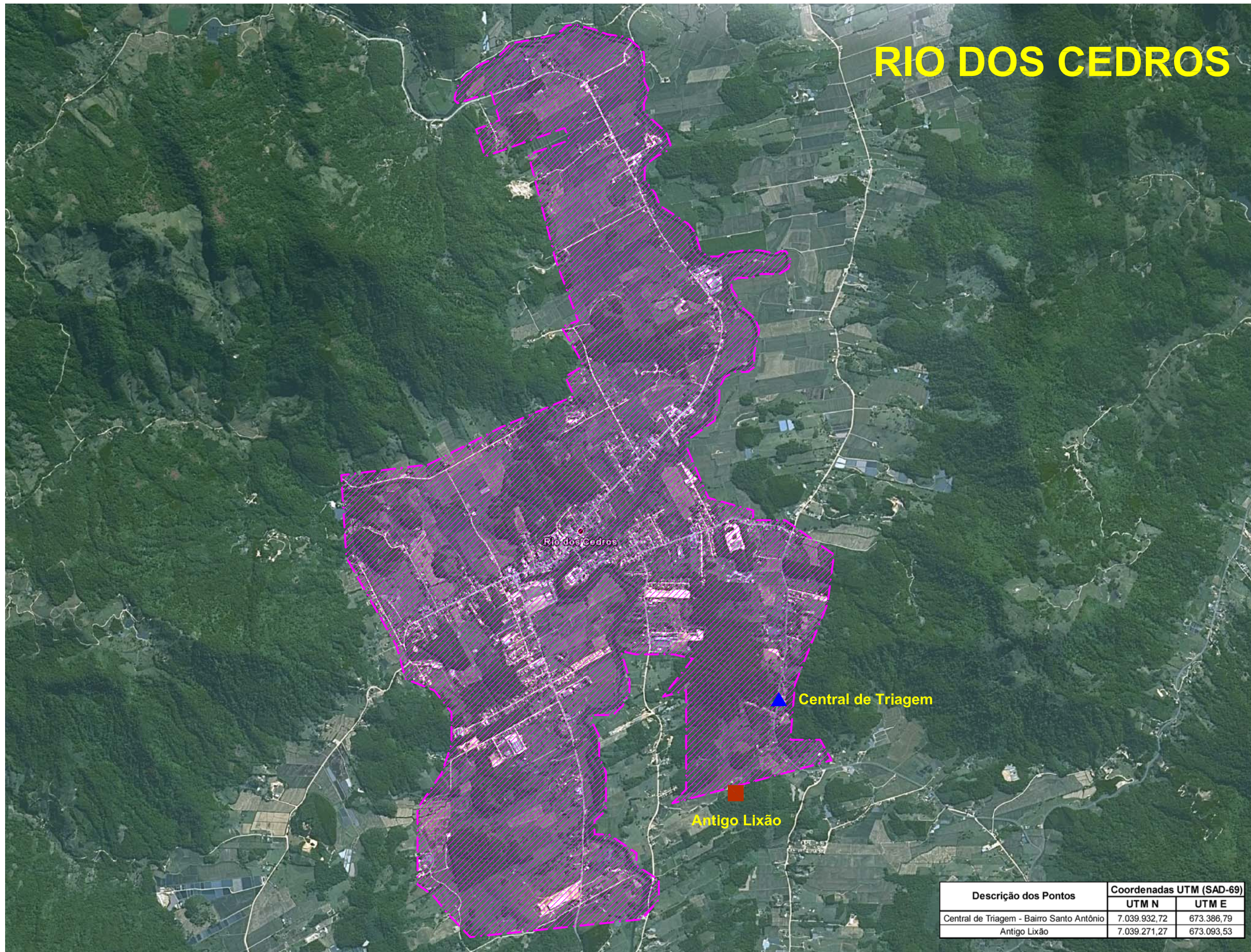
PREFEITURA MUNICIPAL DE RIO DOS CEDROS  
SECRETARIA DE ESTADO DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO SUSTENTÁVEL - SDS  
PLANO MUNICIPAL DE SANEAMENTO BÁSICO - PMSB

### FIGURA CDP - SISTEMA DE ESGOTAMENTO SANITÁRIO

PROJETO	MPB	DATA	FOLHA Nº
MPB	MPB	06/06/2010	02A/04
ESCALA	TOPOGRAFIA	DATA TOP.	



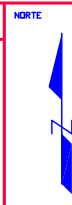
# RIO DOS CEDROS



Descrição dos Pontos	Coordenadas UTM (SAD-69)	
	UTM N	UTM E
Central de Triagem - Bairro Santo Antônio	7.039.932,72	673.386,79
Antigo Lixão	7.039.271,27	673.093,53

### CONVENÇÕES

- CENTRAL DE TRIAGEM
- ANTIGO LIXÃO
- UNIDADE DE COMPOSTAGEM
- ESTAÇÃO DE TRANSBORDO
- ÁREA ATENDIDA PELA COLETA DE RESÍDUOS
- CONDICIONANTES
- DEFICIÊNCIAS
- POTENCIALIDADES
- CONDICIONANTES + DEFICIÊNCIAS
- CONDICIONANTES + POTENCIALIDADES
- DEFICIÊNCIAS + POTENCIALIDADES
- CONDICIONANTES + DEFICIÊNCIAS + POTENCIALIDADES



Nº	REVISÃO	DATA
1	Elaboração original	10/03/2010
2	Confirmação Análise da Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico Sustentável - SDS	OUTUBRO/2010

PROJETO	MPB	DATA
DESENHO	MPB	06/06/2010
CONFERIDO		
APROVADO		

A. E. S. N. DATA APROVAÇÃO  
A.E.S.N. ASSINATURA

MPB ENGENHARIA  
RUA FELIPE SCHWAB, 646, PAISA 204  
CENTRO - FLORESTA - FORTALEZA - CE  
CNPJ: 13.181.288/0001-00 - www.mpb.com.br

Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico Sustentável  
SECRETARIA DE ESTADO DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO SUSTENTÁVEL - SDS  
PLANO MUNICIPAL DE SANEAMENTO BÁSICO - PMSB

PREFEITURA MUNICIPAL DE RIO DOS CEDROS

## FIGURA CDP - MANEJO DE RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS

PROJETO: MPB  
ESCALA: 1:5000  
DATA: 08/06/2010  
FOLHA Nº: 03A/04

DE-2009-800-942-MPB-001

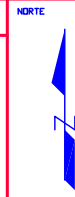


# DISTRITO CEDRO ALTO RIO DOS CEDROS



### CONVENÇÕES

- |                          |   |                                 |   |
|--------------------------|---|---------------------------------|---|
| - CENTRAL DE TRIAGEM     | - ÁREA ATENDIDA PELA COLETA DE RESÍDUOS | - CONDICIONANTES                | - CONDICIONANTES + POTENCIALIDADES                |
| - ANTIGO LIXÃO           |   | - DEFICIÊNCIAS                  | - DEFICIÊNCIAS + POTENCIALIDADES                  |
| - UNIDADE DE COMPOSTAGEM |   | - POTENCIALIDADES               | - CONDICIONANTES + DEFICIÊNCIAS + POTENCIALIDADES |
| - ESTAÇÃO DE TRANSBORDO  |   | - CONDICIONANTES + DEFICIÊNCIAS |   |



Nº	REVISÃO	DATA
REV	Então original	08/06/2010
A	Conforme Análise da Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico Sustentável - SES	OUTUBRO/2010
B		
C		
D		
E		
F		
G		

PROJETO	MPB
DESENHO	MPB
CONFERIDO	
APROVADO	
A. E. S. N.	
A.E.S.N.	
DATA	
ASSINATURA	
DE-2009-800-942-MPB-001	

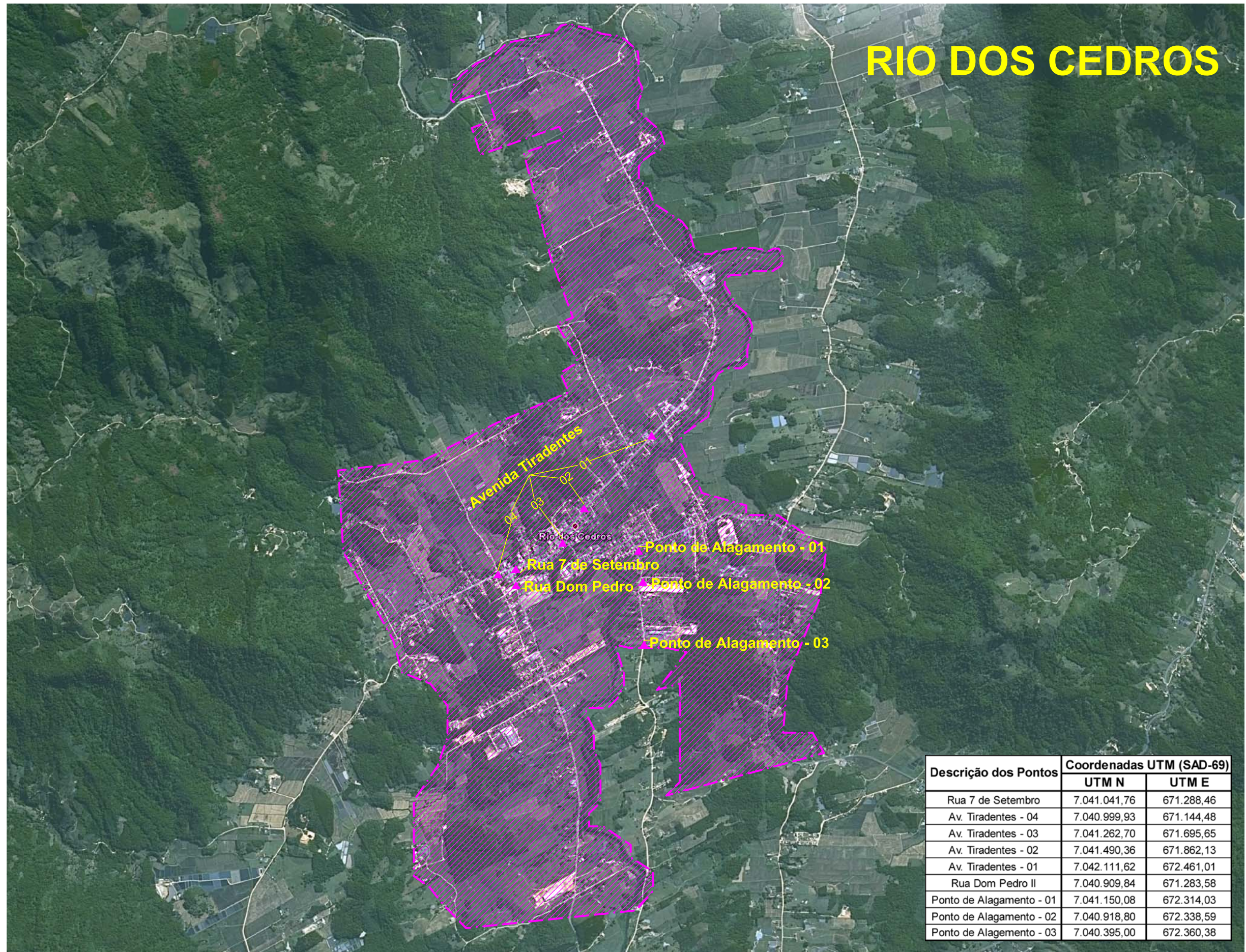
**SECRETARIA DE ESTADO DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO SUSTENTÁVEL - SDS**  
**SECRETARIA MUNICIPAL DE SANEAMENTO BÁSICO - PMSB**

## FIGURA CDP - MANEJO DE RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS

PROJETO	MPB	DATA	08/06/2010	FOLHA Nº	03B/04
ESCALA	S/ESCALA	DATA TOP.			



# RIO DOS CEDROS

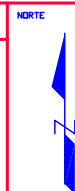


Descrição dos Pontos	Coordenadas UTM (SAD-69)	
	UTM N	UTM E
Rua 7 de Setembro	7.041.041,76	671.288,46
Av. Tiradentes - 04	7.040.999,93	671.144,48
Av. Tiradentes - 03	7.041.262,70	671.695,65
Av. Tiradentes - 02	7.041.490,36	671.862,13
Av. Tiradentes - 01	7.042.111,62	672.461,01
Rua Dom Pedro II	7.040.909,84	671.283,58
Ponto de Alagamento - 01	7.041.150,08	672.314,03
Ponto de Alagamento - 02	7.040.918,80	672.338,59
Ponto de Alagamento - 03	7.040.395,00	672.360,38

## CONVENÇÕES

- PONTO DE ALAGAMENTO
- ÁREA URBANA

- CONDICIONANTES
- DEFICIÊNCIAS
- POTENCIALIDADES
- CONDICIONANTES + DEFICIÊNCIAS
- CONDICIONANTES + POTENCIALIDADES
- DEFICIÊNCIAS + POTENCIALIDADES
- CONDICIONANTES + DEFICIÊNCIAS + POTENCIALIDADES



Nº	REVISÃO	DATA
REV	Então original	10/03/2010
A	Confirma Análise da Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico Sustentável - SDS	OUTUBRO/2010
B		
C		
D		
E		
F		
G		

PROJETO	MPB	DATA
DESENHO	MPB	06/06/2010
CONFERIDO		
APROVADO		
A. E. S. N.		
A.E.S.N.		

**MPB ENGENHARIA**  
 RUA FELIPE SCHMIDT, 646 - PAZA 204  
 CENTRO - DISTRITO JARDIM DA COLINA - CEP: 48.30233-002  
 CND - FLOWHOPEL - SC  
 0800.119111 - www.mpb.com.br

**SECRETARIA DE ESTADO do Desenvolvimento Econômico Sustentável**
**SECRETARIA DE ESTADO DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO SUSTENTÁVEL - SDS**  
**PLANO MUNICIPAL DE SANEAMENTO BÁSICO - PMSB**

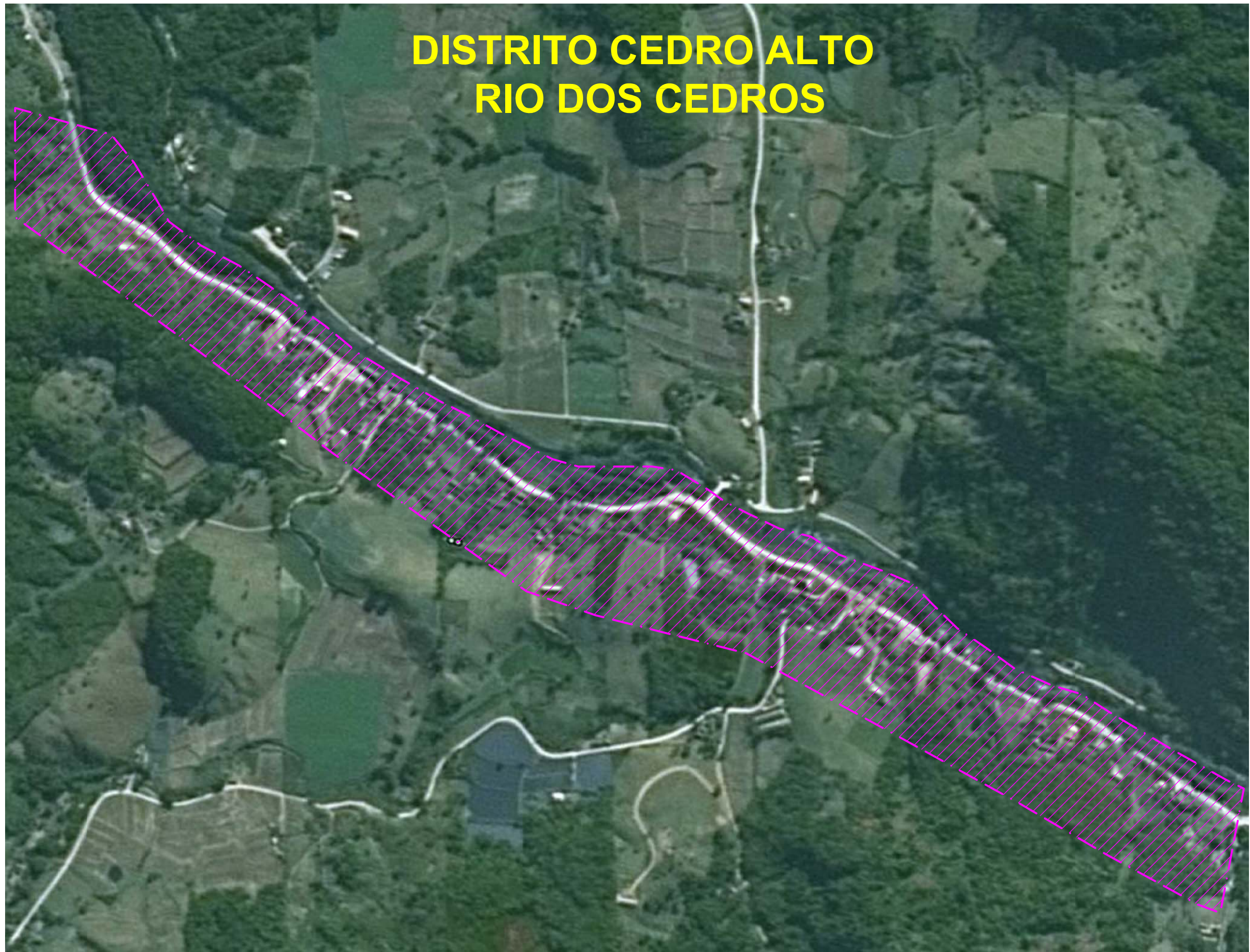
**PREFEITURA MUNICIPAL DE RIO DOS CEDROS**  
**FIGURA CDP - DRENAGEM URBANA**

PROJETO: MPB  
 ESCALA: S/ESCALA  
 HISTÓRICO:  
 DESENHO: MPB  
 TOPOGRAFIA:  
 DATA: 06/06/2010  
 DATA TOP:  
 FOLHA Nº: 04A/04

DE-2009-800-942-MPB-001

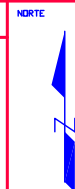


# DISTRITO CEDRO ALTO RIO DOS CEDROS



### CONVENÇÕES

- PONTO DE ALAGAMENTO
- CONDICIONANTES
- CONDICIONANTES + POTENCIALIDADES
- DEFICIÊNCIAS
- DEFICIÊNCIAS + POTENCIALIDADES
- POTENCIALIDADES
- CONDICIONANTES + DEFICIÊNCIAS + POTENCIALIDADES
- CONDICIONANTES + DEFICIÊNCIAS
- ÁREA URBANA



Nº	REVISÃO	DATA
REV	Elaboração original	10/03/2010
A	Conforme Análise da Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico Sustentável - SDS	OUTUBRO/2010
B		
C		
D		
E		
F		
G		

PROJETO	MPB	DATA
DESENHO	MPB	06/06/2010
CONFERIDO		
APROVADO		
A. E. S. N.		
A.E.S.N.		

MPB ENGENHARIA  
RUA FELIPE SCHMIDT, 646 - PAÇA 204  
CENTRO - FLORENÓPOLIS - SC  
CNPJ: 13.987.828/0001-00

**PREFEITURA MUNICIPAL DE RIO DOS CEDROS**  
SECRETARIA DE ESTADO DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO SUSTENTÁVEL - SDS  
PLANO MUNICIPAL DE SANEAMENTO BÁSICO - PMSB

## FIGURA CDP - DRENAGEM URBANA

PROJETO MPB	HISTÓRICO	DESENHO MPB	DATA 06/06/2010	FOLHA Nº	04B/04
ESCALA 1:5000		TOPOGRAFIA	DATA TOP.		

DE-2009-800-942-MPB-001